

FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

# O LIVRO DOS ESPÍRITOS

CONTENDO

## OS PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA, A NATUREZA DOS ESPÍRITOS E SUAS RELAÇÕES  
COM OS HOMENS, AS LEIS MORAIS, A VIDA PRESENTE, A VIDA FUTURA E O PORVIR  
DA HUMANIDADE,

*segundo o ensinamento oferecido pelos Espíritos  
superiores, com o auxílio de diversos médiuns,*

REUNIDOS E ORDENADOS

POR

**ALLAN KARDEC.**

Tradução de  
**WLADIMIR OLIVIER**

## Ficha Catalográfica

Kardec, Allan (1804–1869).

O Livro dos Espíritos: Filosofia Espiritualista.

Allan Kardec: Tradução de Wladimir Olivier.

“Contendo os princípios da doutrina espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade.”

1.– Espiritismo. 2. – Espiritismo – Filosofia – I. Olivier, Wladimir, 1937 – II.

Título

82-0865

CDD 133.901.

133.9

# INTRODUÇÃO

## AO ESTUDO

### DA DOCTRINA ESPÍRITA

---

Resposta a várias objeções.

I

Para as coisas novas, necessita-se de palavras novas: é o que prescreve a clareza da linguagem para se evitar a confusão peculiar ao sentido múltiplo dos mesmos termos. As palavras *espírita*, *espírita*, *espírita* têm uma aceção bem definida; atribuir-lhes uma nova para aplicá-las à doutrina dos Espíritos seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritismo é o oposto do materialismo; qualquer um que creia ter em si algo mais que matéria é espírita; mas não se segue que ele creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras *espírita*, *espírita*, nós empregamos, para designar esta última crença, *espírita* e *espírita*, cuja forma lembra o étimo e o sentido do radical, e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando à palavra *espírita* sua aceção própria. Nós diremos, então, que a doutrina *espírita*, ou o *espírita*, tem por princípios as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do espiritismo serão *os espíritos*, ou, se se preferir, *os espíritos*.

Como especialidade *O Livro dos Espíritos* contém a doutrina *espírita*; como generalidade, prende-se à doutrina *espírita*, da qual representa uma das fases. Tal é a razão pela qual ele traz, acima de seu título, as palavras: *Filosofia espírita*.

## II

Existe uma outra palavra sobre a qual importa igualmente estar de acordo, porque é uma das peças de sustentação de toda doutrina moral e que constitui motivo de numerosas controvérsias, por falta de uma aceção bem determinada; é a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma está na aplicação particular que cada um faz dessa palavra. Uma língua perfeita, onde cada ideia tivesse sua representação através de um termo próprio, evitaria muitas discussões; com uma palavra para cada coisa, todo o mundo se entenderia.

Segundo uns, a alma é o princípio da vida material orgânica; ela não tem existência própria e cessa com a vida: é o materialismo puro. Nesse sentido, e por comparação, diz-se, de um instrumento rachado que não produz mais som, que ele não tem alma. De acordo com tal opinião, a alma seria um efeito e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal de que cada ser absorve uma porção. Segundo eles, existiria para todo o universo apenas uma só alma, que distribui centelhas entre os diversos seres inteligentes, durante sua vida; após a morte, cada centelha retorna à fonte comum, onde ela se confunde no todo, como os córregos e os rios retornam ao mar de onde saíram. Esta opinião difere da precedente quanto ao fato de que, segundo esta hipótese, existe em nós mais do que matéria, e que resta algo após a morte; mas está perto de ser como se não restasse nada, porquanto, não existindo mais a individualidade, nós não teríamos mais consciência de nós mesmos. Nesta opinião, a alma universal seria Deus e cada ser uma porção da Divindade; é esta uma variedade do *panteísmo*.

Segundo outros, enfim, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Esta aceção é, sem controvérsia, a mais geral, porque, sob um nome ou sob um outro, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo se acha em estado de crença instintiva e independente de todo ensinamento, em todos os povos, qualquer que seja o nível de sua civilização. Esta doutrina, segundo a qual a alma é *a causa e não o efeito*, é a dos *espiritualistas*.

Sem discutir o mérito dessas opiniões e só considerando o lado linguístico da coisa, nós diremos que essas três aplicações da palavra *alma* constituem três ideias distintas, que demandariam cada uma um termo diferente. Essa palavra tem, pois, uma tripla aceção, e cada qual está correta em seu ponto de vista quanto à definição que lhe oferece: o engano se acha na língua, por não possuir senão uma palavra para três ideias. Para evitar todo equívoco, a gente precisaria restringir a aceção da palavra *alma* a uma de suas três ideias; a escolha é indiferente; o objetivo é o de entender-se; trata-se de um problema de convenção. Nós julgamos mais lógico tomá-la em sua aceção mais comum; eis porque chamamos de *ALMA o ser imaterial e individual que reside em nós e que sobrevive ao corpo*. Não existisse tal ser e fosse tão só um produto da imaginação, ainda seria preciso um termo para designá-lo.

Na falta de uma palavra especial para cada um dos dois outros sentidos, nós chamamos de:

*Princípio vital* o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte, o qual é comum a todos os seres vivos, desde as plantas até ao homem. Podendo existir a vida, feita a abstração da faculdade de pensar, o princípio vital é uma coisa distinta e independente. A palavra *vitalidade* não traria a mesma ideia. Para uns, o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se acha em certas circunstâncias determinadas; segundo

outros, e tal ideia é a mais comum, ele se encontra em um fluido especial, espalhado pelo universo e do qual cada ser absorve e assimila uma parte durante a vida, como nós vemos os corpos inertes absorverem a luz; este seria, então, o *fluido vital*, que, de acordo com certas opiniões, não seria outro senão o fluido elétrico animalizado, designado também sob os nomes de fluido magnético, fluido nervoso etc.

Seja o que for, trata-se de um fato que não se poderia contestar, pois é resultante de observação; ocorre que os seres orgânicos têm uma força íntima que produz o fenômeno da vida, durante a existência dessa força; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos, e que é independente da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; enfim, que, entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento, existe uma dotada de um senso moral especial que lhe propicia incontestável superioridade em comparação com as outras; trata-se da espécie humana.

Concebe-se que, com uma acepção múltipla, a alma não exclui nem o materialismo, nem o panteísmo. O espiritualista mesmo consegue muito bem entender a alma conforme uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do ser imaterial distinto, ao qual ele atribuirá, então, um nome qualquer. Assim, essa palavra não está em absoluto representando uma opinião: é um proteu que cada qual acomoda à sua vontade; daqui a fonte de tantas intermináveis disputas.

A gente evitaria igualmente a confusão, servindo-se da palavra alma nos três casos, ao juntar um qualificativo que especificaria o ponto de vista sob o qual ela é encarada ou a aplicação que se lhe dá. Seria, então, uma palavra genérica, representando, a um só tempo, o princípio da vida material, da inteligência e do senso moral, e que se distinguiriam através de um atributo, como os *gases* por exemplo, que se distinguem ao se lhes juntarem as palavras *hidrogênio*, *oxigênio* ou *azoto*. A gente poderia dizer, e isto talvez fosse o melhor, *a alma vital*, para o princípio da vida material; *a alma intelectual*, para o princípio da inteligência; e *a alma espírita* para o princípio de nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo é uma questão de palavras, mas uma questão muito importante para se entender. Sendo assim, *a alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; *a alma intelectual* seria a dos animais e dos homens, e *a alma espírita* pertenceria ao homem tão somente.

Nós julgamos dever insistir tanto mais sobre estas explicações, quanto a doutrina espírita repousa naturalmente sobre a existência em nós de um ser independente da matéria e sobrevivente ao corpo. Tendo que se repetir amiúde a palavra *alma* no curso desta obra, importava que ela ficasse fixada no significado em que a tomamos, a fim de evitar todo engano.

Chegamos, agora, ao objetivo principal desta explicação preliminar.

### III

A doutrina espírita, como tudo o que é novo, possui seus adeptos e seus contraditores. Nós iremos tentar responder a algumas das objeções destes últimos, examinando o valor dos argumentos sobre os quais eles se apoiam, sem ter, porém, a pretensão de convencer a todo o mundo, pois existem pessoas que julgam que a luz foi feita para elas apenas. Nós nos endereçamos às pessoas de boa-fé, sem ideias preconcebidas ou, ao menos, cristalizadas, mas sinceramente desejosas de se instruírem, e nós lhes demonstraremos que a maioria das objeções que se opõem à doutrina provêm de uma observação incompleta dos fatos e de um julgamento estabelecido com muita leviandade e precipitação.

Lembremos, de início, em poucas palavras, a série progressiva dos fenômenos que deram nascimento a esta doutrina.

O primeiro fato observado foi o dos diversos objetos postos em movimento; a gente o designou vulgarmente com o nome de *mesas girantes* ou *dança das mesas*. Tal fenômeno, que parece ter sido observado primeiro na América, ou antes, que se repetiu nesse país, pois a história comprova que ele remonta à mais alta antiguidade, se produziu acompanhado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem causa aparente conhecida. De lá, ele rapidamente se propagou pela Europa e por outras partes do mundo; de início, suscitou muita incredulidade, mas a multiplicidade das experiências, em pouco tempo, não mais permitiu duvidar da realidade.

Se esse fenômeno se houvesse limitado ao movimento de objetos materiais, teria como explicar-se através de uma causa puramente física. Nós estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da natureza e todas as propriedades dos agentes que conhecemos: a eletricidade, de resto, multiplica a cada dia ao infinito os recursos que ela propicia ao homem e parece poder esclarecer a ciência com uma luminosidade nova. Não havia, pois, nada de impossível em que a eletricidade, modificada por certas circunstâncias, ou um outro agente qualquer desconhecido, fosse a causa desse movimento. A reunião de muitas pessoas, aumentando a força de ação, parecia amparar essa teoria, pois se podia considerar essa assembleia como uma pilha múltipla, cuja força está na razão do número de elementos.

O movimento circular não tinha nada de extraordinário: ele existe na natureza; todos os astros se movem circularmente; nós poderíamos, portanto, obter, em miniatura, um reflexo do movimento geral do universo, ou melhor, uma causa até então desconhecida podia produzir acidentalmente, em relação aos pequenos objetos e em circunstâncias determinadas, uma corrente análoga à que desloca os mundos.

Mas o movimento nem sempre era circular; ele era amiúde brusco, desordenado, o objeto violentamente agitado, derrubado, levado em uma direção qualquer e, contrariando todas as leis da estática, suspenso do solo e mantido no espaço. Nada existia ainda nesses fatos que não se pudesse explicar através da força de um agente físico invisível. Não vemos nós a eletricidade derrubar os edifícios, desenraizar as árvores, lançar ao longe os corpos mais pesados, atraí-los ou repeli-los?

Os ruídos insólitos e as pancadas, caso se suponha que não fossem um dos efeitos ordinários da dilatação da madeira ou de qualquer outra causa acidental, podiam ainda muito bem ser produzidos através do acúmulo do fluido oculto: a eletricidade não produz os ruídos mais violentos?

Até aí, como se vê, tudo pode pertencer ao domínio dos fatos puramente físicos e fisiológicos. Sem sair desse círculo de ideias, existia naquilo matéria para estudos sérios e dignos de concentrar a atenção dos sábios. Por que não sucedeu assim? É penoso dizê-lo, mas isso se prende a causas que comprovam, entre mil fatos semelhantes, a leviandade do espírito humano. Inicialmente, a vulgaridade do objeto principal que serviu de base aos primeiros experimentos talvez não lhe seja estranha. Que influência uma palavra não exerceu, muitas vezes, sobre as coisas mais graves! Sem considerar que o movimento podia ser comunicado a um objeto qualquer, a ideia das mesas prevaleceu, sem dúvida, porque era o objeto mais cômodo e porque a gente se senta mais naturalmente em torno de u'a mesa que em torno de outro móvel qualquer. Ora, os homens superiores são, às vezes, tão pueris que não existiria nada de impossível em que certos espíritos de eleição tivessem julgado abaixo deles ocupar-se do que se convencionava chamar de *a dança das mesas*. É mesmo provável que, se o fenômeno observado por Galvani o houvesse sido por homens comuns e ficasse caracterizado por um nome burlesco, estaria ainda abandonado ao lado da

varinha de condão. Qual é, com efeito, o sábio que não se teria suposto rebaixado por se ocupar da *dança das rãs*?

Alguns, no entanto, assaz modestos para convir em que a natureza bem poderia não ter dito sua última palavra para eles, desejaram ver, para aquietar sua consciência; mas sucedeu que o fenômeno nem sempre correspondeu à sua expectativa, e do fato de não se ter constantemente produzido à sua vontade, e conforme seu modo de experimentação, eles concluíram pela negativa; malgrado sua sentença, as mesas, pois mesas existem, continuam a girar, e nós podemos dizer com Galileu: *e contudo, elas se movem!* Nós diremos mais: “acontece que os fatos de tal modo se multiplicaram que eles possuem hoje direito de cidadania, e que se trata somente de achar uma explicação racional.” Pode-se inserir algo contra a realidade do fenômeno pelo fato de nem sempre se produzir de maneira idêntica, conforme a vontade e as exigências do observador? Do fato de os fenômenos da eletricidade e da química estarem subordinados a certas condições, a gente tem que negá-los, porque eles não se produzem fora dessas condições? Que há, então, de espantoso em que o fenômeno do movimento de objetos através do fluido humano possua também suas condições para existir e pare de se produzir quando o observador, colocando-se em seu próprio ponto de vista, pretende fazê-lo andar ao arbítrio de seu capricho, ou sujeitá-lo à leis dos fenômenos corriqueiros, sem considerar que, para fatos novos, pode e deve haver novas leis? Ora, para conhecer essas leis, é preciso estudar as circunstâncias nas quais os fatos se produzem e esse estudo não pode ser senão o fruto de uma observação segura, atenta e frequentemente muitíssimo demorada.

Todavia, objetam certas pessoas, existe, muitas vezes, impostura evidente. Nós lhes perguntaremos, primeiro, se elas estão bem certas de que exista impostura, e se não foram tomados como tais uns efeitos que não tiveram como compreender, mais ou menos como o campônio que considerava um sábio professor de física que fazia experiências como um esperto escamoteador. Supondo-se mesmo que isso tenha acontecido às vezes, seria um motivo para negar o fato? Deve-se negar a Física, porque existem prestidigitadores que se adornam com o título de físicos? É preciso, de resto, levar em conta o caráter das pessoas e o interesse que poderiam ter em enganar. Seria isso, pois, uma brincadeira? A gente pode bem divertir-se um instante, mas uma brincadeira indefinidamente prolongada seria tão fastidiosa para o mistificador quanto para o mistificado. Existiria, aliás, em uma mistificação que se propaga de um extremo do mundo ao outro e entre as pessoas mais gradas, mais honradas e mais esclarecidas, algo ao menos tão extraordinário quanto o fenômeno em si.

#### IV

Se os fenômenos que nos ocupam se limitassem ao movimento dos objetos, teriam ficado, como nós o dissemos, no domínio das ciências físicas; mas não foi absolutamente assim: competia-lhes colocar-nos na trilha de fatos de uma ordem estranha. Alguém acreditou ter descoberto, nós não sabemos através de qual iniciativa, que o impulso dado aos objetos não era somente o produto de uma força mecânica cega, mas que existia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Uma vez aberta essa trilha, era um campo todo novo para observações; era o véu levantado sobre muitos mistérios. Existe, com efeito, uma força inteligente? Tal é a questão. Se essa força existe, o que é ela, qual é sua natureza, sua origem? Está acima da humanidade? Tais são as outras questões que decorrem da primeira.

As primeiras manifestações inteligentes ocorreram através de mesas levantando-se e batendo, com um pé, um número determinado de pancadas e respondendo desse modo por um *sim* ou por *não*, conforme a convenção, a uma questão proposta. Até agora, nada de convincente com certeza para o céticos, pois era possível acreditar-se em um efeito do acaso. Obtiveram-se, em seguida, respostas mais desenvolvidas através das letras do alfabeto: batendo o móvel um número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava-se assim a se formularem palavras e frases em resposta às questões propostas. A precisão das respostas, sua correlação com a questão excitaram o espanto. O ser misterioso que respondia desse modo, interrogado sobre sua natureza, declarou-se *Espírito* ou *gênio*, deu-se um nome e forneceu vários esclarecimentos por conta própria. Esta é uma circunstância muito importante a se observar. Ninguém havia imaginado os Espíritos como um meio de explicar o fenômeno; é o fenômeno mesmo que revela a palavra. Elaboram-se amiúde, nas ciências exatas, hipóteses para obter uma base para o raciocínio; contudo, não é esse o caso aqui, absolutamente.

Tal meio de correspondência era moroso e incômodo. O Espírito, e esta é ainda uma circunstância digna de observação, indicou um outro. Foi um desses seres invisíveis que aconselhou adaptar um lápis a uma cesta ou a um outro objeto. Esta cesta, colocada sobre uma folha de papel, é posta em movimento pela mesma força oculta que faz mover as mesas; mas, em lugar de um simples movimento regular, o lápis traça por si mesmo as letras, formando palavras, frases e textos inteiros de várias páginas, tratando das mais altas questões de filosofia, de moral, de metafísica, de psicologia etc., e isso com tanta rapidez como se se escrevesse à mão.

Esse conselho foi dado simultaneamente na América, na França e em diversos países. Eis em que termos foi transmitido em Paris, no dia 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da doutrina, que há muitos anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos Espíritos: "Vá pegar, no quarto ao lado, a cestinha; prenda um lápis; coloque-a sobre um papel; ponha os dedos na borda." Depois de alguns instantes, a cesta se pôs em movimento e o lápis escreveu bem legivelmente esta frase: "Isto que eu acabo de lhes dizer, eu os proíbo expressamente de dizê-lo a alguém; na primeira vez que for escrever, eu escreverei melhor."

Sendo o objeto ao qual se adapta o lápis apenas um instrumento, sua natureza e sua forma são completamente indiferentes; a gente procurou sua disposição mais cômoda; é por isso que muitas pessoas utilizam uma prancheta.

A cesta (ou a prancheta) somente pode ser posta em movimento sob a influência de certas pessoas dotadas, quanto a isso, de uma força especial e que se designam pelo nome de *médiuns*, quer dizer de permeio, ou intermediárias entre os Espíritos e os homens. As condições que propiciam essa força especial se atêm a causas a um tempo físicas e morais ainda imperfeitamente conhecidas, pois se encontram médiuns de qualquer idade, sexo e nível de desenvolvimento intelectual. Essa faculdade, aliás, se desenvolve através de exercício.

## V

Mais tarde, a gente reconheceu que a cesta e a prancheta não constituíam, na realidade, senão um apêndice da mão, e o médium, pegando diretamente o lápis, se pôs a escrever através de uma impulsão involuntária e quase febril. Por esse meio, as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas; é hoje em dia o mais difundido, e cada vez mais, tanto que o número de pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável, e se multiplica todos os dias. A experiência, enfim, deu a conhecer muitas outras variedades dentro da faculdade medianeira, e a

gente soube que as comunicações alcançavam igualmente efetuar-se através da fala, do ouvido, da vista, do toque etc., e mesmo da escrita direta dos Espíritos, quer dizer, sem o concurso da mão do médium ou do lápis.

Obtido o fato, um ponto essencial restava a verificar: o papel do médium nas respostas e sua participação mecânica e moral. Duas circunstâncias capitais, que não poderiam escapar a um observador atento, têm como resolver a questão. A primeira é o modo pelo qual a cesta se move sob sua influência, através da mera colocação dos dedos sobre a borda; o exame demonstra a impossibilidade de um direcionamento qualquer. Tal impossibilidade se torna patente sobretudo quando duas ou três pessoas se colocam, ao mesmo tempo, em torno da mesma cesta; seria preciso entre elas um ajuste de movimentos verdadeiramente fenomenal; seria, além disso, preciso um ajuste de pensamentos, para que conseguissem entender-se sobre a resposta a fornecer para a questão proposta. Um outro fato, não menos singular, vem ainda juntar-se à dificuldade: a mudança radical da escrita, de acordo com o Espírito que se manifesta, sendo que, cada vez que o mesmo Espírito retorna, sua escrita se reproduz. Precisaria, portanto, que o médium se tivesse aplicado em mudar sua própria escrita de vinte modos diferentes, e sobretudo que ele fosse capaz de se recordar da que pertence a este ou àquele Espírito.

A segunda circunstância resulta da natureza mesma das respostas, que se situam, na maior parte do tempo, sobretudo quando se trata de questões abstratas ou científicas, visivelmente além dos conhecimentos e, às vezes, do alcance intelectual do médium, que, aliás, quase sempre, não tem consciência do que escreve sob a influência nele exercida; e que, muito constantemente, não discerne ou não compreende a questão proposta, uma vez que pode ser formulada em uma língua que lhe é estranha, ou mesmo mentalmente, e cuja resposta pode ser fornecida nessa língua. É muito frequente, enfim, que a cesta escreva espontaneamente, sem questão prévia, sobre um assunto qualquer e totalmente inesperado.

Essas respostas, em certos casos, possuem um cunho real de sabedoria, de profundidade e de justeza; elas revelam pensamentos tão elevados e tão sublimes, que só podem emanar de uma inteligência superior, incutida da moralidade mais pura; outras vezes, elas são tão levianas, tão frívolas e tão triviais mesmo que a razão se recusa a crer que possam provir da mesma fonte. Essa diversidade de linguagem só se pode explicar através da diversidade das inteligências que se manifestam. Essas inteligências se acham dentro da humanidade ou fora da humanidade? Tal é o ponto a se esclarecer e cuja explicação completa se encontrará nesta obra, tal qual foi fornecida pelos próprios Espíritos.

Eis efeitos patentes que se produzem além do círculo habitual de nossas observações, que não se passam nunca misteriosamente, mas em pleno dia, que todo o mundo é capaz de ver e comprovar, que não constituem privilégio de um único indivíduo, mas que milhares de pessoas repetem todos os dias à vontade. Tais efeitos têm necessariamente uma causa e, desde o momento em que revelam a ação de uma inteligência e de uma vontade, saem do domínio meramente físico.

Muitas teorias foram emitidas sobre este assunto: nós as examinaremos em breve e veremos se conseguem interpretar todos os fatos que se produzem. Admitamos, por ora, a existência de seres distintos da humanidade, porquanto é essa a explicação proporcionada pelas inteligências que se revelam, e vejamos o que eles nos dizem.

Os seres que se comunicam assim se designam a si mesmos, como dissemos, pelo nome de Espíritos ou de gênios, e como havendo pertencido, ao menos quanto a alguns, aos homens que viveram na Terra. Eles constituem o mundo espiritual, como nós constituímos, durante nossa vida, o mundo corpóreo.

Nós resumimos aqui, em poucas palavras, os pontos mais destacados da doutrina que eles nos transmitiram, a fim de responder mais facilmente a certas objeções.

“Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.

“Ele criou o universo, que compreende todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais.

“Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, quer dizer, dos Espíritos.

“O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.

“O mundo corpóreo é apenas secundário; ele poderia cessar de existir ou não ter jamais existido, sem alterar a essência do mundo espírita.

“Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição, através da morte, os devolve à liberdade.

“Entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a um certo nível de desenvolvimento; eis o que lhe fornece a superioridade moral e intelectual sobre as outras.

“A alma é um Espírito encarnado, cujo corpo não é mais que seu invólucro.

“Existem no homem três coisas: 1.<sup>a</sup>) o corpo ou ser material, análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2.<sup>a</sup>) a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3.<sup>a</sup>) o liame que une a alma e o corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.

“O homem tem, assim, duas naturezas: através de seu corpo, ele participa da natureza dos animais, cujos instintos possui; através de sua, ele participa da natureza dos Espíritos.

“O liame ou *perispírito* que une o corpo e o Espírito é um tipo de invólucro semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós em seu estado normal, mas que ele consegue tornar ocasionalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições.

“O Espírito não é absolutamente um ser abstrato, indefinido, que somente o pensamento alcança conceber; é um ser real, circunscrito, que, em certos casos, é apreciável através dos sentidos *da visão, da audição e do tato*.

“Os Espíritos pertencem a diferentes classes, e não são iguais nem em força, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros através de sua perfeição, de seus conhecimentos e de sua proximidade de Deus, da pureza de seus sentimentos e do amor ao bem: são os anjos ou puros Espíritos. As outras classes se afastam mais e mais dessa perfeição; os das fileiras inferiores são inclinados à maior parte de nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho etc.; eles se comprazem no mal. Nesse número, existem os que não são nem muito bons, nem muito maus, mais trapalhões e mexeriqueiros do que maldosos; a malícia e as inconseqüências parecem ser sua peculiaridade: são os Espíritos destrambelhados ou levianos.

“Os Espíritos não pertencem perpetuamente à mesma ordem. Todos se melhoram, ao passarem pelos diferentes níveis da hierarquia espírita. Esse melhoramento ocorre através da encarnação, que é imposta a uns como uma expiação e a outros como missão. A vida material é uma provação que têm que sofrer repetidamente até que tenham atingido a perfeição absoluta; é uma espécie de filtro ou de depurador de que saem mais ou menos purificados.

“Ao deixar o corpo, a alma retorna ao mundo dos Espíritos, de onde havia saído para volver a uma nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece no estado de Espírito errante.

“Devendo o Espírito passar por diversas encarnações, resulta que todos nós tivemos diversas existências, e que nós ainda teremos outras, mais ou menos aperfeiçoadas, seja na Terra, seja em outros mundos.

“A encarnação dos Espíritos sempre sucede dentro da espécie humana; seria um erro crer em que a alma (ou Espírito) possa encarnar no corpo de um animal<sup>1</sup>.

“As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e jamais retrógradas; mas a rapidez do progresso depende dos esforços que façamos para chegar à perfeição.

“As qualidades da alma são as do Espírito que se encarnou em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito e o homem perverso, a de um Espírito impuro.

“A alma tinha sua individualidade antes de sua encarnação; ela a conserva após sua separação do corpo.

“No seu regresso ao mundo dos Espíritos, a alma ali reencontra todos os que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores se retraçam em sua memória, com a lembrança de todo o bem e todo o mal que ela praticou.

“O Espírito encarnado se acha sob a influência da matéria; o homem que vence essa influência através da elevação e da purificação de sua alma se aproxima dos bons Espíritos, com os quais estará um dia. Quem se deixa dominar pelas más paixões e coloca todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros se aproxima dos Espíritos impuros, ao dar preponderância à natureza animal.

“Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do universo.

“Os Espíritos não encarnados ou errantes não ocupam em absoluto uma região determinada e circunscrita; eles se acham em toda a parte no espaço e aos nossos flancos, observando-nos e acotovelando-nos sem parar; é toda uma população invisível que se agita em torno de nós.

“Os Espíritos exercem sobre o mundo moral, e mesmo sobre o mundo físico, uma ação incessante; eles atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das forças da natureza, causa eficiente de uma grande quantidade de fenômenos até agora inexplicados ou mal explicados, que só encontram uma solução racional no espiritismo.

“As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos incitam para o bem, nos sustentam nas provações da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação; os maus nos incitam para o mal: é para eles uma diversão ver-nos sucumbir e equiparar-nos a eles.

“As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As comunicações ocultas se dão através da influência boa ou ruim que eles exercem sobre nós, à revelia; cabe a nosso julgamento discernir as boas e as más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da fala ou de outras manifestações materiais, o mais das vezes por intermediação dos médiuns que lhes servem de instrumentos.

“Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou por evocação. A gente pode evocar todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os dos personagens mais ilustres, de qualquer época em que hajam vivido; os de nossos parentes, de nossos amigos ou de nossos inimigos, e obter, através de comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre sua

---

<sup>1</sup> Existe, entre a doutrina da reencarnação e a da metempsicose, tal como a admitem algumas seitas, uma diferença característica que se acha explicada no decurso da obra.

situação de além-túmulo, sobre seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos.

“Os Espíritos são atraídos de conformidade com sua inclinação pela natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se comprazem nas reuniões sérias onde prevalecem o amor do bem e o desejo sincero de aprender e de melhorar. Sua presença afasta dali os Espíritos inferiores, que encontram, ao contrário, um livre acesso e podem atuar com total liberdade entre as pessoas frívolas ou guiadas unicamente pela curiosidade, e por toda a parte onde se encontrem maus instintos. Longe de se alcançarem deles bons conselhos e informações úteis, só se devem esperar futilidades, mentiras, brincadeiras perversas ou mistificações, pois tomam de empréstimo muitas vezes nomes venerados para melhor induzir a erro.

“A distinção entre bons e maus Espíritos é extremamente fácil; a linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna, nobre, impregnada da mais alta moralidade, destituída de toda paixão inferior; seus conselhos respiram a sabedoria mais pura, e têm sempre por objetivo nossa melhoria e o bem da humanidade. A linguagem dos Espíritos inferiores, ao contrário, é inconsequente, amiúde trivial e mesmo grosseira; se eles dizem, às vezes, algo bom e verdadeiro, dizem muito mais falsidades e absurdos, por malícia ou por ignorância; eles brincam com a credulidade e se divertem às custas dos que os interrogam, incensando sua vaidade, embalando seus desejos com falsas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, em toda a acepção da palavra, somente se dão nos centros sérios, naqueles cujos membros se unem através de uma comunhão íntima de pensamentos na intenção do bem.

“A moral dos Espíritos superiores se resume, como aquela do Cristo, nesta máxima evangélica: ‘Agir em relação aos outros como nós desejaríamos que os outros agissem em relação a nós mesmos’; quer dizer, praticar o bem e nunca praticar o mal. O homem encontra nesse princípio a regra universal de conduta para suas menores ações.

“Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, ligando-nos à matéria; que o homem que, desde este mundo, se desliga da matéria por meio do menosprezo às futilidades mundanas e o amor do próximo, se aproxima da natureza espiritual; que cada um de nós pode tornar-se útil conforme as faculdades e os meios que Deus colocou em nossas mãos para nos pôr à prova; que o FORTE e o PODEROSO têm de oferecer apoio e proteção ao FRACO, pois quem abusa de sua força e de seu poder para oprimir seu semelhante transgride a lei de Deus. Eles ensinam, enfim, que, no mundo dos Espíritos, não podendo nada ficar escondido, o hipócrita será desmascarado e todas as suas torpezas serão desveladas; que a presença inevitável e a toda hora daqueles contra quem tivermos agido mal é um dos castigos que nos estão reservados; que, ao estado de inferioridade e de superioridade dos Espíritos, estão vinculadas penas e alegrias desconhecidas para nós na Terra.

“Mas eles nos ensinam também que não existem faltas irremissíveis, faltas que não possam ser extintas através da expiação. O homem encontra recurso para isso nas diferentes existências que lhe permitem adiantar-se, conforme sua disposição e seus esforços, na trilha do progresso e na direção da perfeição que é seu alvo final.”

Tal é o resumo da doutrina espírita, do jeito que ressalta do ensinamento fornecido pelos Espíritos superiores. Vejamos agora as objeções que se lhe opõem.

Para muitas pessoas, a oposição das corporações eruditas é, senão uma prova, ao menos uma forte presunção contrária. Nós não somos dos que se voltam com indignação contra os eruditos, pois não desejamos que se diga de nós que saímos dando coices por aí; nós os temos, ao contrário, em grande estima, e ficaríamos muitíssimo honrado de estar entre eles; mas sua opinião não poderia constituir, em todas as circunstâncias, um julgamento irrevogável.

Uma vez que a ciência ressalta da observação material dos fatos e que se ocupa em apreciar e explicar esses fatos, o campo se abre às conjeturas: cada um elabora seu pequeno sistema, que deseja fazer prevalecer, defendendo-o com obstinação. Não vemos nós, todos os dias, as opiniões mais divergentes alternadamente preconizadas e rejeitadas, desde logo repelidas como erros absurdos, depois proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério de nossos julgamentos, o argumento sem réplica; na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do sábio.

Quanto às coisas de domínio público, a opinião dos homens cultos é digna de fé a justo título, porque eles sabem mais e melhor que o vulgo; mas em face de princípios novos, de coisas desconhecidas, seu modo de ver é sempre apenas hipotético, porquanto eles não estão mais que os outros isentos de preconceitos; eu direi mesmo que o erudito talvez possua mais preconceitos que um outro qualquer, porque uma propensão natural o leva a tudo subordinar ao ponto de vista que ele aprofundou: o matemático não vê prova alguma senão em uma demonstração algébrica; o químico correlaciona tudo à ação dos elementos; etc. Todo homem que se dedica a uma especialização nela engancha todas as suas ideias; tirem-no dali, e ele amiúde se embarça, porque deseja tudo submeter ao mesmo crisol: eis uma consequência da fraqueza humana. Eu consultarei, portanto, de boa vontade e com toda a confiança, um químico, sobre uma questão de análise, um físico, sobre uma força elétrica, um mecânico, sobre uma força motriz; mas eles me permitirão, e sem que isso comprometa o respeito a que me obriga seu saber especial, que eu não atribua a mesma importância à sua opinião negativa em face do espiritismo, não mais que o parecer de um arquiteto sobre uma questão de música.

As ciências comuns repousam nas propriedades da matéria, as quais a gente consegue submeter a experiências e manipular à vontade; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências que possuem sua vontade e nos comprovam a cada instante que não se sujeitam ao nosso capricho. As observações não têm, pois, como realizar-se do mesmo modo; elas requerem condições especiais e um outro ponto de partida; desejar submetê-las a nossos processos ordinários de investigação será estabelecer analogias que não existem. A ciência propriamente dita, como ciência, é, portanto, incompetente para se pronunciar sobre a questão do espiritismo: ela não tem que se ocupar dele e seu parecer, seja qual for, favorável ou não, não poderia ter nenhum peso. O espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os homens instruídos podem possuir como indivíduos, abstração feita quanto à sua qualidade de eruditos; mas desejar conferir a questão à ciência equivaleria a oferecer a decisão sobre a existência da alma a uma assembleia de físicos ou de astrônomos; com efeito, o espiritismo se baseia por inteiro na existência da alma e em seu estado após a morte; ora, é extremamente ilógico pensar que um homem deva ser um grande psicologista, porque é um grande matemático ou um grande anatomista. O anatomista, ao dissecar o corpo humano, procura a alma, e, como não a encontra sob seu bisturi, como encontra um nervo, ou como não a vê evolir-se como um gás, conclui daí que ela não existe, porquanto se coloca sob o ponto de vista exclusivamente material; infere-se que ele tenha razão, contrariando a opinião universal? Não. Logo, o espiritismo não é da alçada da ciência.

Quando as crenças espíritas se vulgarizarem, quando forem aceitas pelas massas, e, a julgar pela rapidez com que se propagam, esse tempo não poderia estar muito longe, sucederá com elas como com todas as ideias novas que encontraram oposição: os homens instruídos capitularão à evidência; eles chegarão a isso individualmente, pela força dos fatos; até então é intempestivo

retirá-los de seus trabalhos específicos para constrangê-los a se ocuparem de algo estranho, que não se acha nem dentro de suas atribuições nem de seu programa. Entrementes, os que, sem um estudo prévio e aprofundado da matéria, se pronunciam pela negativa e ridicularizam quem quer que não seja de sua opinião, esquecem que se passou o mesmo com a maioria das grandes descobertas que honram a humanidade; eles se expõem a ver seus nomes aumentarem a lista dos ilustres proscritores das ideias novas, e serem inscritos ao lado daqueles membros da douta assembleia que, em 1752, acolheu com uma imensa gargalhada a memória de Franklin sobre os para-raios, julgando-a indigna de figurar no número das comunicações que lhe eram endereçadas; e daquela outra que fez que a França perdesse o benefício da iniciativa da navegação a vapor, ao declarar o sistema de Fulton um sonho impraticável; contudo, tratava-se de questões de sua competência. Portanto, se essas assembleias, que contavam em seu seio com a elite dos eruditos do mundo, não tiveram senão a zombaria e o sarcasmo para as ideias que não compreendiam, ideias que, alguns anos mais tarde, iriam revolucionar a ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão estranha a seus trabalhos obtenha melhor sorte?

Esses erros de alguns, lastimáveis para sua memória, não poderiam retirar-lhes os títulos que, por outros aspectos, adquiriram para estima nossa; mas é preciso de um diploma oficial para possuir bom senso, e a gente só conta, fora das cátedras acadêmicas, com tolos e imbecis? Que se queira lançar os olhos aos adeptos da doutrina espírita, e a gente verá se aí se encontram apenas ignorantes, e se o número imenso de homens de mérito que a abraçaram permite relegá-la à categoria das crenças das velhinhas carolas. Seu caráter e seu saber permitem que se diga: desde que tais homens afirmam, é forçoso, ao menos, que haja aí qualquer coisa.

Nós repetimos ainda que, se os fatos que nos ocupam estivessem vinculados ao movimento mecânico dos corpos, a pesquisa da causa física desse fenômeno pertenceria ao domínio da ciência; mas, desde que se trata de u'a manifestação fora das leis da humanidade, ela sai da competência da ciência material, pois não tem como expressar-se nem através de números, nem da força mecânica. Assim que surge um fato novo, que não ressalta de nenhuma ciência conhecida, o cientista, para estudá-lo, tem que se abstrair de sua ciência e convir que se trata para ele de um estudo novo, que não se pode realizar com ideias preconcebidas.

O homem que julga sua razão infalível está bem perto do erro; mesmo os que têm as ideias mais erradas se amparam em sua razão, e é em virtude disso que eles rejeitam tudo quanto lhes pareça impossível. Os que outrora rechaçaram as admiráveis descobertas com que a humanidade se dignifica, todos recorreram a tal juiz para rejeitá-las; o que a gente chama de razão não passa, muitas vezes, de orgulho disfarçado, e quem quer que se julgue infalível se põe de igual para igual perante Deus. Nós nos endereçamos, pois, aos que são assaz circunspectos para duvidar do que não viram e que, julgando o futuro pelo passado, não pensem que o homem tenha chegado a seu apogeu, nem que a natureza tenha virado para ele a derradeira página de seu livro.

## VIII

Vamos acrescentar que o estudo de uma doutrina, tal como a doutrina espírita, que nos lança de repente em uma ordem de coisas tão nova e tão grande, apenas pode ser realizado com proveito por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenções e animados de uma firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Nós não poderíamos atribuir tal classificação aos que julgam *a priori*, levemente e sem terem tudo observado; que não dão a seus estudos nem a constância, nem a regularidade, nem a concentração necessárias; menos ainda poderíamos dá-la a

certos indivíduos que, para não perderem sua reputação de pessoas cultas, se empenham em encontrar um lado burlesco nas coisas mais verdadeiras ou julgadas tais por pessoas cujo saber, cujo caráter e cujas convicções têm direito à consideração dos que se vangloriam de civilidade. Logo, os que não julgam os fatos dignos deles nem de sua atenção que se abstenham; ninguém pensa em violentar sua crença, mas que eles concordem em respeitar as crenças alheias.

O que caracteriza um estudo sério é a constância que a gente lhe dita. É de se admirar que não se obtenha nenhuma resposta sensata a perguntas sérias por si mesmas, quando são feitas ao acaso e à queima-roupa, no meio de uma profusão de questões absurdas? Uma questão, de resto, sói ser complexa e demanda, para ser esclarecida, questões preliminares ou complementares. Qualquer um que deseje adquirir uma ciência tem que proceder a um estudo metódico, começar do começo e seguir o encadeamento e o desenvolvimento das ideias. Quem endereça, ao acaso, a um cientista uma questão sobre uma ciência de que não possua nenhuma noção, ficará mais sabido? Será o cientista mesmo capaz, com a melhor das vontades, de lhe fornecer uma resposta satisfatória? Tal resposta isolada ficará forçosamente incompleta e, amiúde, por isso mesmo, ininteligível, ou poderá parecer absurda e contraditória. É o que sucede exatamente nas relações que nós estabelecemos com os Espíritos. Caso se deseje aprender em sua escola, é um curso que se precisa realizar com eles; mas, como entre nós, é preciso escolher seus professores e trabalhar com assiduidade.

Nós dissemos que os Espíritos superiores vão apenas às reuniões sérias e àquelas, sobretudo, onde reina perfeita comunhão de pensamentos e de sentimentos voltados para o bem. A leviandade e as questões ociosas os afastam, como, junto aos homens, afastam as pessoas sensatas; o campo fica então livre para a turba dos Espíritos mentirosos e frívolos, sempre à espera das oportunidades para escarnecerem de nós e se divertirem às nossas custas. Em que se transforma, em uma tal reunião, uma questão séria? Ela será respondida: mas por quem? É como se, em meio a uma chusma de brincalhões, vocês soltassem questões que tais: O que é a alma? O que é a morte? E outras do mesmo modo recreativas. Caso queiram respostas sérias, sejam sérios vocês mesmos, em toda a acepção da palavra, e ponham-se totalmente de acordo com as condições prescritas: somente então vocês obterão grandes coisas; sejam, além disso, laboriosos e perseverantes em seus estudos, para que os Espíritos superiores não os abandonem, como faz um professor quanto a seus alunos negligentes.

## IX

O movimento de objetos é um fato confirmado; a questão é saber se, nesse movimento, existe ou não manifestação inteligente e, em caso afirmativo, qual é a fonte dessa manifestação.

Nós não falamos do movimento inteligente de certos objetos, nem das comunicações verbais, nem mesmo das que são escritas diretamente através do médium; esse tipo de manifestação, evidente para os que viram e aprofundaram a coisa, em absoluto não é, à primeira vista, assaz independente da vontade para assentar a convicção de um observador noviço. Nós só falaremos, pois, da escrita obtida com a ajuda de um objeto qualquer munido de um lápis, tal como a cesta, a prancheta etc.; o modo pelo qual os dedos do médium são dispostos sobre o objeto desafia, como nós dissemos, a habilidade mais consumada em conseguir participar, seja como for, do traçado dos caracteres. Mas admitamos ainda que, através de uma destreza maravilhosa, se consiga enganar a vista mais acurada; como explicar a natureza das respostas, quando elas vão além de todas as ideias e de todos os conhecimentos do médium? E aceitemos a observação de que

não se trata de respostas monossilábicas, mas, com frequência, de muitas páginas escritas com a mais espantosa rapidez, seja espontaneamente, seja sobre um tema determinado; pela mão do médium mais alheio à literatura, nascem, às vezes, poesias de uma sublimidade e de uma pureza irrepreensíveis, que não desabonariam os melhores poetas humanos; o que aumenta ainda mais a estranheza desses fatos é que eles se produzem por toda a parte e que os médiuns se multiplicam ao infinito. Tais fatos são reais ou não? A isto nós só temos uma coisa que responder: vejam e observem; não lhes faltarão as oportunidades; mas, sobretudo, observem frequentemente, por muito tempo e segundo as condições prescritas.

Diante da evidência, o que respondem os antagonistas? Vocês estão sendo, dizem eles, vítimas de charlatanismo ou o juguete de uma ilusão. Nós diremos, desde logo, que é preciso pôr de lado o termo *charlatanismo* onde não há ganhos; os charlatães não trabalham de graça. Logo, seria mais o caso de u'a mistificação. Mas por qual estranha coincidência tais mistificadores se teriam ajustado, de um extremo ao outro do mundo, para atuar do mesmo jeito, produzir os mesmos efeitos e oferecer, sobre os mesmos temas e em diversos idiomas, respostas idênticas, senão quanto às palavras, ao menos quanto ao sentido? Como pessoas importantes, sérias, honradas, instruídas, se prestariam a tais manobras, e com que fim? Como se achariam nas crianças a paciência e a habilidade necessárias? Pois, caso os médiuns não sejam instrumentos passivos, lhes são necessários uma habilidade e uns conhecimentos incompatíveis com uma certa idade e certas situações sociais.

Então, os antagonistas acrescentam que, se não existe engodo, os dois lados podem ser vítimas de uma ilusão. Em boa lógica, a qualidade das testemunhas possui um certo peso; ora, eis o caso de perguntar se a doutrina espírita, que conta hoje em dia seus adeptos aos milhões, não os recruta senão entre os ignorantes. Os fenômenos sobre os quais ela se fundamenta são tão extraordinários que nós concebemos a dúvida; mas o que não se pode admitir é a pretensão de certos incrédulos ao monopólio do bom senso, e que, sem respeito às conveniências e ao valor moral de seus adversários, tachem de inépcia, sem cerimônia, a todos os que não são de seu parecer. Aos olhos de toda pessoa judiciosa, a opinião da gente esclarecida que, por muito tempo, observou, estudou e meditou sobre uma coisa, será sempre, senão uma prova, ao menos, uma presunção a seu favor, já que tal opinião foi capaz de prender a atenção de homens sérios, sem nenhum interesse em propagar um erro e sem tempo para perder com futilidades.

## X

Entre as objeções, existem algumas mais verossímeis, ao menos em aparência, porque são derivadas da observação e são exaradas por pessoas importantes.

Uma dessas objeções se baseia na linguagem de certos Espíritos, a qual não parece digna da elevação que se presume possuir a dos seres sobrenaturais. Caso se prefira reportar-se ao resumo da doutrina que apresentamos acima, a gente verá que os próprios Espíritos nos ensinam que eles não são iguais nem em conhecimentos, nem em qualidades morais, e que não se pode tomar ao pé da letra tudo o que dizem. Compete às pessoas sensatas separar o que é bom do que é mau. Seguramente, os que extraem desse fato a consequência de que nós lidamos somente com seres maléficos, cuja única ocupação é a de nos mistificar, não têm conhecimento das comunicações que ocorrem nas reuniões onde só se manifestam Espíritos superiores, caso contrário, não pensariam assim. É triste que o azar lhes tenha muito mal servido, ao lhes mostrar apenas o mau lado do mundo espírita, pois nós não gostaríamos de imaginar que uma tendência

simpática atraia para elas os maus Espíritos de preferência aos bons, os Espíritos mentirosos ou aqueles cuja linguagem é revoltante pela grosseria. A gente poderia concluir disso, quando muito, que a solidez de seus princípios não seja assaz poderosa para descartar o mal, e que, encontrando um certo prazer em satisfazer sua curiosidade neste aspecto, os maus Espíritos aproveitam para se misturar a elas, ao passo que os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos por esses fatos seria tão pouco lógico quanto julgar o caráter de um povo através do que se diz e se faz em uma assembleia de alguns destrambelhados ou de gente mal afamada, a qual nem os sábios, nem a gente sensata frequentam. Essas pessoas se acham na situação de um estrangeiro que, chegando a uma grande capital através de seu subúrbio mais ignóbil, julgasse todos os habitantes através dos costumes e da linguagem desse bairro insignificante. No mundo dos Espíritos, existem também uma sociedade boa e uma ruim; caso aquelas pessoas prefiram estudar o que se passa entre os Espíritos de eleição, ficarão convencidas de que a cidade celeste agasalha algo mais que a escória do povo. Mas, perguntam elas: Os Espíritos de eleição se aproximam de nós? A isso nós lhes responderemos: Não fiquem no subúrbio; vejam, observem e, então, julguem; os fatos estão aqui para todo o mundo, a menos que não seja a elas que se apliquem estas palavras de Jesus: *Eles têm olhos, mas não veem; e ouvidos, mas não ouvem.*

Uma variante dessa opinião consiste em somente ver nas comunicações espíritas e em todos os fatos materiais de que são causa a intervenção de uma força diabólica, novo Proteu que revestiria todas as formas para melhor enganar-nos. Nós não nos julgamos suscetível de um exame sério; eis porque não nos deteremos nela, pois se acha refutada pelo que acabamos de dizer; nós acrescentaremos somente que, se fosse assim, seria preciso convir que o diabo é, às vezes, muito prudente, muito razoável e, sobretudo, muito moral, ou melhor, que existem também bons diabos.

Como crer, com efeito, que Deus só permita ao Espírito do mal manifestar-se para nos perder, sem nos oferecer, em contrapartida, os conselhos dos bons Espíritos? Se ele não pode, trata-se de impotência; se ele pode e não faz, isso é incompatível com sua bondade; e uma e outra suposições seriam uma blasfêmia. Observem que admitir a comunicação dos maus Espíritos é reconhecer o princípio das manifestações; ora, dado que elas existem, isso só pode ocorrer com a permissão de Deus; como crer, sem impiedade, que ele não permita senão o mal, com a exclusão do bem? Um tal doutrina contraria as mais simples noções do bom senso e da religião.

## XI

Uma coisa esquisita, acrescentam, é que se fale apenas de Espíritos de personagens conhecidas, e se perguntam por que eles são os únicos que se manifestam. Eis aí um erro proveniente, como muitos outros, de uma observação superficial. Entre os Espíritos que vêm espontaneamente, existem ainda mais desconhecidos para nós do que nomes ilustres, os quais se designam por um nome qualquer e, com frequência, através de um nome alegórico ou característico. Quanto aos que são evocados, a menos que não seja um parente ou um amigo, é bastante natural que a gente se enderece aos que são conhecidos de preferência aos que não se conheçam; o nome de personagens ilustres chocam mais; eis porque eles são mais notados.

Acham ainda singular que os Espíritos de homens eminentes venham familiarmente ao nosso chamado, e se ocupem, às vezes, de coisas diminutas em comparação com as que eles realizaram durante sua vida. Não existe nisso nada de espantoso para os que sabem que o poder ou a consideração que esses homens desfrutaram no mundo não lhes proporcionam nenhuma

supremacia no mundo espírita; os Espíritos confirmam com isso estas palavras do Evangelho: “Os grandes serão humilhados e os pequenos, exaltados”, o que se deve entender quanto à categoria que cada um de nós ocupará entre eles; eis como quem foi o primeiro na Terra pode achar-se ali um dos últimos; quem diante do qual nós curvávamos a cabeça durante sua vida pode voltar entre nós como o mais humilde operário, pois, ao largar a vida, ele deixou toda a sua grandeza, e o mais poderoso monarca talvez se situe abaixo do derradeiro de seus soldados.

## XII

Um fato demonstrado através da observação e confirmado pelos próprios Espíritos é que os Espíritos inferiores tomam amiúde emprestados nomes conhecidos e reverenciados. Quem é capaz, assim, de nos assegurar que os que dizem haver sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington etc. tenham verdadeiramente animado essas personagens? Essa dúvida existe entre alguns adeptos muito fervorosos da doutrina espírita; eles admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas se perguntam qual controle se pode ter de sua identidade. Esse controle é, com efeito, muito difícil de estabelecer; se não se tem como fazer-se de um modo tão autêntico quanto através de uma certidão de estado civil, pode-se por presunção, por meio de certos indícios.

Quando o Espírito de qualquer um que pessoalmente nos é conhecido se manifesta, um parente ou um amigo, por exemplo, sobretudo se morreu há pouco tempo, sucede, em geral, que sua linguagem se mantém em relação perfeita com a característica que nós lhe conhecíamos; já é um indício de identidade; mas nenhuma dúvida mais se permite quando esse Espírito fala de coisas privadas, recorda circunstâncias de família que são conhecidas apenas do interlocutor. Um filho não se enganará, certamente, com a linguagem de seu pai e de sua mãe, nem os pais, com a linguagem de seu filho. Passam-se, às vezes, nesses casos de evocações íntimas, coisas impressionantes, de natureza a convencer o mais incrédulo. O cético mais insensível fica muitas vezes terrificado com as revelações inesperadas que lhe são feitas.

Uma outra circunstância muito característica vem em apoio da identificação. Nós dissemos que a escrita do médium muda geralmente com o Espírito evocado, e que essa escrita se reproduz exatamente a mesma, cada vez que o mesmo Espírito se apresenta; foi constatado a miúdo que, para as pessoas mortas há pouco, essa escrita possui uma semelhança chocante com a que a pessoa tinha quando viva; viram-se assinaturas de uma exatidão perfeita. Nós estamos, de resto, longe de oferecer tal fato como uma regra e, sobretudo, como frequente; nós o mencionamos como uma coisa digna de nota.

Os Espíritos que chegaram a um certo nível de purificação são os únicos isentos de toda influência corpórea; mas, quando não estão completamente desmaterializados (eis a expressão de que eles se servem), conservam a maior parte das ideias, dos pendores e mesmo das *manias* que tinham na Terra e é esse também um meio de reconhecimento; mas esse reconhecimento se encontra, sobretudo, em uma infinidade de pormenores que apenas é capaz de revelar uma observação atenta e perseverante. A gente vê escritores discutirem suas próprias obras ou suas doutrinas, aprovar-lhes ou condenar certas partes; outros Espíritos recordarem circunstâncias ignoradas ou pouco conhecidas de sua vida ou de sua morte, todas as coisas, enfim, que são, no mínimo, provas morais de identidade, as únicas que se podem invocar no caso de coisas abstratas.

Logo, se a identidade do Espírito evocado pode ser, até um certo ponto, estabelecida em alguns casos, não existe razão para que ela não seja nos outros, e, caso a gente não tenha, quanto

às pessoas cuja morte é mais antiga, os mesmos meios de controle, tem sempre os da linguagem e do caráter; pois, com certeza, o Espírito de um homem de bem não falará como o de um homem perverso ou de um debochado. Quanto aos Espíritos que se utilizam de nomes respeitáveis, cedo eles se traem por sua linguagem e suas máximas; quem se disser Fénelon, por exemplo, e ferir, embora acidentalmente, o bom senso e a moral, mostrará através disso mesmo sua fraude. Caso, ao contrário, os pensamentos que exprima são sempre puros, sem contradições e continuamente à altura do caráter de Fénelon, não existem motivos para duvidar de sua identidade; caso contrário, seria preciso supor que um Espírito que não prega senão o bem é bastante capaz de refletidamente empregar a mentira, e isso sem utilidade. A experiência nos ensina que os Espíritos do mesmo nível, do mesmo caráter e animados dos mesmos sentimentos, se reúnem em grupos e em famílias; ora, o número dos Espíritos é incalculável e nós estamos longe de conhecê-los a todos; a maioria mesmo nem têm nomes para nós. Um Espírito da categoria de Fénelon pode, pois, vir substituí-lo, muitas vezes mesmo enviado por ele na qualidade de mandatário; ele se apresenta com seu nome, porque lhe é idêntico e é capaz de fazer as vezes dele, e porque nos é preciso um nome para firmar nossas ideias; mas que importância tem, em definitivo, que um Espírito seja verdadeiramente ou não o de Fénelon?! Desde que ele diga apenas boas coisas e fale comoalaria o próprio Fénelon, trata-se de um bom Espírito; o nome sob o qual ele se dá a conhecer é indiferente e não passa, o mais das vezes, de um meio para firmar nossas ideias. Não é possível suceder o mesmo nas evocações íntimas; mas nestas, como dissemos, a identidade pode ser estabelecida através de provas de algum modo patentes.

Quanto ao mais, é certo que a substituição dos Espíritos é capaz de promover uma infinidade de enganos e de terminar em erros e, amiúde, em mistificações; eis aí uma dificuldade do *spiritismo prático*; mas nós não dissemos jamais que esta ciência seja uma coisa fácil, nem que se possa aprendê-la brincando, não mais do que qualquer outra ciência. Nós nunca conseguiríamos repetir de sobejo que ela demanda um estudo assíduo e, com frequência, muitíssimo longo; não se tendo como provocar os fatos, é preciso aguardar que se apresentem por si mesmos, advindo amiúde através das circunstâncias em que menos se cogita. Para o observador atento e paciente, os fatos são numerosos, porque descobre milhares de nuances características que são para ele raios de luz. É assim que se passa nas ciências em geral: ao passo que o homem superficial não vê em uma flor senão uma forma elegante, o cientista nela descobre tesouros para seu pensamento.

### XIII

As observações acima nos levam a dizer algumas palavras sobre uma outra dificuldade, a da divergência existente na linguagem dos Espíritos.

Sendo os Espíritos muito diferentes uns dos outros do ponto de vista dos conhecimentos e da moralidade, é evidente que a mesma questão pode ser resolvida em um sentido oposto, segundo a posição que ocupam, exatamente como se ela tivesse sido colocada para os homens, consecutivamente, a um cientista, a um ignorante ou a um sujeito mal-intencionado. O ponto essencial, nós o temos dito, é saber a quem a gente se endereça.

Mas a gente acrescenta: como se dá que os Espíritos reconhecidos como sendo superiores não estejam sempre de acordo? Nós diremos, de início, que, independentemente da causa que acabamos de assinalar, existem outras que são capazes de exercer uma certa influência sobre a natureza das respostas, abstração feita à qualidade dos Espíritos; este é um ponto capital, cuja estudo proporcionará sua explicação; eis porque nós dizemos que tais estudos requerem uma

atenção contínua, uma observação profunda e sobretudo, como todas as ciências humanas de resto, constância e perseverança. São necessários anos para formar um médico medíocre e três quartas partes da vida para formar um cientista; e se desejaria em algumas horas adquirir a ciência do infinito! Que ninguém se engane, portanto: o estudo do espiritismo é imenso; é uma ciência que se vincula a todas as questões da metafísica e da ordem social; é todo um mundo que se abre diante de nós; é de se espantar que exija tempo, e muito tempo, para sua aquisição?

A contradição, aliás, nem sempre é tão verdadeira quanto possa parecer. Não vemos nós, todos os dias, homens que abraçam a mesma ciência divergir quanto à definição que oferecem de uma coisa, seja porque empregam termos diferentes, seja porque encaram sob um outro ponto de vista, conquanto a ideia fundamental seja sempre a mesma? Que se conte, caso se consiga, o número de definições que foram formuladas sobre a gramática! Digamos ainda que o teor da resposta depende muitas vezes do teor da questão. Não passaria, pois, de puerilidade buscar uma contradição lá onde só há uma diferença de palavras. Os Espíritos superiores não se prendem em absoluto à forma; para eles, o fundo do pensamento é tudo.

Tomemos, como exemplo, a definição de alma. Não tendo esta palavra uma definição fixa, os Espíritos podem, portanto, assim como nós, diferir na definição que nos passam: um poderá dizer que ela é o princípio da vida; um outro nomeá-la de centelha anímica; um terceiro dizer que ela é interna; um quarto, que é externa etc., e todos terão razão de seu ponto de vista. A gente poderia mesmo crer que alguns dentre eles abracem teorias materialistas e, portanto, essa palavra não representar nada. Passa-se o mesmo com o termo *Deus*; ele será: o princípio de todas as coisas, o Criador do universo, a suprema inteligência, o infinito, o grande Espírito etc. etc., e, em definitivo, ele será sempre Deus. Citemos, enfim, a classificação dos Espíritos. Eles formam uma sequência ininterrupta desde o nível inferior até o nível superior; a classificação é, pois, arbitrária; um poderá organizar três classes, um outro cinco, dez ou vinte, à vontade, sem estar por isso errado; todas as ciências humanas nos dão o exemplo: cada cientista possui seu sistema; os sistemas mudam, mas a ciência não muda. Que se aprenda a botânica através do sistema de Lineu, de Jussieu ou de Tournefort, não se saberá menos botânica. Paremos, pois, de atribuir às coisas de pura convenção mais importância do que merecem, para nos prendermos a somente o que é verdadeiramente sério, e muitas vezes a reflexão nos possibilitará descobrir, no que parece o mais disparatado, uma similitude que nos havia escapado no primeiro exame.

#### XIV

Nós passaríamos rapidamente pela objeção de certos cétricos a respeito das falhas ortográficas cometidas por alguns Espíritos, se ela não nos levasse a uma observação essencial. Sua ortografia, é necessário que se diga, nem sempre é irrepreensível; mas é preciso estar pouco provido de razões para fazer disso objeto de uma crítica séria, afirmando que, como os Espíritos sabem tudo, têm que saber a ortografia. Nós alcançaríamos opor-lhes os numerosos pecados desse tipo cometidos por mais de um cientista da Terra, o que nada lhes tira de seu mérito; mas existe, neste caso, uma questão mais importante. Para os Espíritos, e sobretudo para os Espíritos superiores, a ideia é tudo, a forma não é nada. Desligados da matéria, sua linguagem entre eles é rápida como o pensamento, porquanto é o pensamento mesmo que se comunica sem intermediação; eles têm, portanto, que se sentir muito mal à vontade quando são obrigados, para se comunicarem conosco, de se servirem das fórmulas compridas e complicadas da linguagem humana e, sobretudo, da insuficiência e da imperfeição desta linguagem para expressar todas as

ideias; é o que eles mesmos dizem; por isso é curioso observar os meios que eles empregam amiúde para atenuar esse inconveniente. Ocorreria o mesmo conosco, se precisássemos exprimir-nos em uma língua mais profusa em suas palavras e em seus torneios, e mais pobre em suas expressões do que aquela que utilizamos. É o embaraço que experimenta o homem de gênio, impacientando-se com a lentidão de sua pena, que se acha sempre atrás de seu pensamento. Concebe-se, a partir daí, que os Espíritos deem pouca importância à puerilidade da ortografia, quando se trata sobretudo de um ensinamento importante e sério; não é já maravilhoso, aliás, que eles se expressem, indiferentemente, em todas as línguas, e que eles compreendam a todas? Não obstante, não se deve concluir daí que a correção convencional da linguagem lhes seja desconhecida; eles a observam, quando isso é necessário; eis como, por exemplo, a poesia ditada por eles desafia frequentemente a crítica do mais metucioso purista, e isso *malgrado a ignorância do médium*.

## XV

Vêm, a seguir, as pessoas que acham tudo perigoso, principalmente o que não conhecem; por isso, não deixam de tirar uma consequência desfavorável do fato de que certas pessoas, dando-se a estes estudos, perderam a razão. Como homens sensatos conseguem ver nesse fato uma objeção séria? Não é o que se passa com todas as preocupações intelectuais sobre um cérebro frágil? Sabe-se o número de loucos e de maníacos produzidos pelos estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? Será preciso, por causa disso, banir esses estudos? O que é que isso prova? Através dos labores físicos, a gente estropia os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; através dos labores da inteligência, a gente estropia o cérebro, que é o instrumento do pensamento. Mas, se o instrumento quebra, a mente não sofre: ela permanece intacta e, quando se separar da matéria, nem por isso gozará menos da plenitude de suas faculdades. Trata-se, no seu gênero, como homem, de um mártir do trabalho.

Todas as grandes preocupações da mente podem ocasionar a loucura; as ciências, as artes e a própria religião fornecem seu contingente. A loucura tem como causa primária uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Existindo uma predisposição para a loucura, esta tomará o caráter da preocupação principal, que se transformará então em uma ideia fixa. Essa ideia fixa poderá ser a dos Espíritos para quem se ocupou deles, como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político-social. É provável que o louco religioso se torne um louco espírita, se o espiritismo tiver sido sua preocupação dominante, como o louco espírita assumiria uma outra forma conforme as circunstâncias.

Eu digo, pois, que o espiritismo não tem nenhum privilégio neste aspecto; mas eu vou mais longe: eu digo que, bem compreendido, se trata de um preservativo contra a loucura.

Entre as causas mais comuns de superexcitação cerebral, é preciso relacionar as decepções, as desgraças, as afeições não correspondidas, que são também as causas mais constantes do suicídio. Por isso, o verdadeiro espírita observa as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado; elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas, ao pé do futuro que espera por ele; a vida é para ele tão curta, tão fugidia que as tribulações são, a seus olhos, apenas os incidentes desagradáveis de uma viagem. O que, junto a um outro, produziria uma violenta emoção o afeta bem pouco; ele sabe, de resto, que as tristezas da vida são provações úteis para seu adiantamento, caso as sofra sem murmúrio, porque ele será recompensado conforme a coragem

com que as houver suportado. Suas convicções lhe propiciam, assim, uma resignação que o preserva do desespero e, por conseguinte, de uma causa contínua de loucura e de suicídio. Ele sabe, por outro lado, através da descrição que lhe fornecem as comunicações com os Espíritos, a sorte dos que abreviam voluntariamente seus dias, e tal quadro é bem delineado para fazê-lo refletir; por isso, o número dos que pararam diante desse penhasco funesto é considerável. Eis aqui um dos resultados do espiritismo. Que os incrédulos riem dele tanto quanto quiserem; eu lhes desejo as consolações que ele oferece a todos os que se dão ao sacrifício de lhe sondar as misteriosas profundezas.

No número das causas da loucura, é preciso ainda colocar o pavor, e aquele do diabo desarranjou mais de um cérebro. Sabe-se o número das vítimas que se fizeram com chocarem-se as frágeis imaginações através desse quadro que se cria por meio de detalhes hediondos, para torná-lo mais pavoroso? O diabo, dizem, apavora apenas as criancinhas; é um freio para torná-las prudentes; sim, como o bicho-papão e o lobisomem; e, quando elas não têm mais medo, ficam piores que antes; e para esse belo resultado não se conta o número das epilepsias causadas pelo abalo de um cérebro delicado. A religião seria bem fraca, caso, por falta do temor, sua força pudesse ficar comprometida; felizmente, não é assim; ela possui outros meios de agir sobre as almas; o espiritismo lhe fornece os mais eficazes e os mais sérios, caso ela lhes possa tirar proveito; ele mostra a realidade das coisas, e, através disso, neutraliza os funestos efeitos de um medo exagerado.

## XVI

Resta-nos examinar duas objeções: as únicas que merecem verdadeiramente esse nome, porque se baseiam em teorias racionais. Uma e outra admitem a realidade de todos os fenômenos materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos.

Conforme a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos nada mais seriam do que efeitos magnéticos. Os médiuns entrariam em um estado que se poderia chamar sonambulismo desperto, fenômeno de que toda pessoa que estudou o magnetismo pôde dar testemunho. Nesse estado, as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal; o círculo das percepções intuitivas se estende para fora dos limites de nossa concepção ordinária. Nesse ponto, o médium colheria em si mesmo e por causa de sua lucidez tudo o que diz e todas as noções que transmite, mesmo a respeito das coisas que lhe são o mais estranhas em seu estado habitual.

Não seremos nós que haveremos de contestar o poder do sonambulismo, cujos prodígios observamos e cujas fases todas estudamos durante mais de trinta e cinco anos; nós convimos que, com efeito, muitas manifestações espíritas se podem explicar por esse meio; mas uma observação contínua e atenta mostra uma infinidade de fatos em que a intervenção do médium, a não ser como instrumento passivo, é materialmente impossível. Aos que partilham dessa opinião, nós diremos como aos outros: “Vejam e observem, pois certamente vocês não viram tudo.” Nós lhes oporemos, em seguida, duas considerações retiradas de sua própria doutrina. Onde proveio a teoria espírita? É um sistema imaginado por alguns homens para explicar os fatos? Absolutamente, não. Então, quem a revelou? Precisamente esses médiuns cuja lucidez vocês estão exaltando. Caso, pois, tal lucidez se dê como vocês a supõem, por que teriam eles atribuído aos Espíritos o que teriam colhido em si mesmos? Como teriam fornecido essas informações tão precisas, tão lógicas, tão sublimes sobre a natureza dessas inteligências extra-humanas? De duas, uma: ou eles são

lúcidos ou não são; “caso eles sejam e caso tenhamos confiança em sua veracidade, não se poderia, sem contradição, admitir que não estejam com a verdade.” Em segundo lugar, caso todos os fenômenos tenham sua origem no médium, seriam idênticos para o mesmo indivíduo e não se veria a mesma pessoa exibir uma linguagem disparatada, nem expressar alternadamente as coisas mais contraditórias. Essa falta de unidade nas manifestações obtidas pelo médium comprova a diversidade das origens; portanto, se não se consegue encontrá-las todas no médium, é bem preciso buscá-las fora dele.

De acordo com uma outra teoria, é bem o médium a fonte das manifestações, mas, em lugar de colhê-las em si mesmo, conforme pretendem os artífices da teoria sonambúlica, ele as colhe no meio ambiente. O médium seria, assim, uma espécie de espelho a refletir todas as ideias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o rodeiam; ele não diria nada que não fosse conhecido ao menos por algumas. Não se poderia negar, e reside mesmo aí um princípio da doutrina, a influência exercida pelos assistentes sobre a natureza das manifestações; mas essa influência é inteiramente outra da que supõem existir e, daqui a concluir que o médium seja o eco de seus pensamentos, está muitíssimo longe, pois milhares de fatos dispõem peremptoriamente o contrário. Trata-se, pois, de um erro grave, que comprova uma vez mais o perigo das conclusões prematuras. Não tendo essas pessoas como negar a existência de um fenômeno a que a ciência vulgar não alcança dar conta, e não querendo admitir a presença de Espíritos, elas o explicam de seu jeito. Sua teoria seria atraente, se pudesse abarcar todos os fatos, mas não é isso o que acontece. Quando a gente lhes demonstra até à evidência que certas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos, às próprias opiniões de todos os assistentes, que tais comunicações são amiúde espontâneas e contradizem todas as ideias preconcebidas, elas não se contentam com tão pouco. A irradiação, dizem elas, se estende bem além do círculo imediato que nos contorna; o médium é o reflexo da humanidade inteira, de sorte que, caso não haura suas inspirações ali mesmo, ele vai procurá-las fora, na cidade, no país, em todo o globo e mesmo nas outras esferas.

Eu não penso que se ache nesta teoria uma explicação mais simples e mais provável que a do espiritismo, pois ela pressupõe uma causa maravilhosa em outro sentido. A ideia de que os seres povoam os espaços e de que, estando em contato permanente conosco, nos transmitem seus pensamentos, não tem nada que choque mais a razão que a suposição dessa radiação universal vindo de todos os pontos do universo para se concentrar no cérebro de um indivíduo.

Ainda uma vez, e este é um ponto básico sobre o qual nós nunca poderíamos insistir demasiado, a teoria sonambúlica e a que se poderia chamar de *refletiva* foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais criadas para explicar um fato, ao passo que a doutrina dos Espíritos não é em absoluto uma concepção humana; ela foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestam, quando ninguém pensava nisso, quando a própria opinião geral a repudiava; ora, nós perguntamos onde os médiuns foram colher uma doutrina que não existia no pensamento de ninguém sobre a Terra; nós perguntamos, por outro lado, por qual estranha coincidência milhares de médiuns disseminados por todos os pontos do globo, que jamais se viram, concordam em dizer a mesma coisa. Se o primeiro médium que apareceu na França sofreu a influência de opiniões já acatadas na América, por qual bizarria foi ele procurar suas ideias a duas mil léguas além-mar, junto a um povo estranho quanto aos costumes e à língua, em lugar de pegá-las em torno de si?

Mas existe uma outra circunstância sobre que absolutamente não se pensou o bastante. As primeiras manifestações, na França como na América, não se verificaram nem através da escrita, nem da fala, mas de batidas de acordo com as letras do alfabeto, formando palavras e frases. Foi por esse meio que as inteligências que se desvendaram declararam ser Espíritos. Logo, se a gente podia imaginar a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais ou escritas,

não poderia ser o mesmo quanto às batidas, cuja significação não tinha como ser conhecida antecipadamente.

Nós seríamos capazes de citar numerosos fatos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma independência absoluta de vontade. Nós encaminhamos, pois, os dissidentes para uma observação mais atenta, pois, caso prefiram estudar sem prevenções e sem concluir antes de terem tudo visto, reconhecerão a impotência de suas teorias em tudo justificar. Nós nos limitaremos a levantar as questões seguintes: Por que a inteligência que se manifesta, seja qual for, se recusa a responder a certas questões sobre assuntos perfeitamente conhecidos, como, por exemplo, sobre o nome ou a idade do interrogador, sobre o que ele tem na mão, sobre o que fez na véspera, sobre seu projeto para o dia seguinte etc.? Caso o médium seja o espelho do pensamento dos assistentes, nada lhe seria mais fácil que responder.

Os adversários retrucam ao argumento perguntando, por sua vez, por que os Espíritos, que devem tudo saber, não podem dizer coisas tão simples, conforme o axioma: *Quem pode o mais, pode o menos*; donde concluem que não são Espíritos. Se um ignorante ou um fanfarrão, apresentando-se diante de uma douta assembleia, perguntasse, por exemplo, por que está claro em pleno meio-dia, a gente acreditaria que ela se desse ao trabalho de responder seriamente e seria lógico concluir de seu silêncio ou dos escárnios com que agraciaria o interpelador, que seus membros não passam de asnos? Ora, é precisamente porque os Espíritos são superiores que não respondem a questões ociosas ou ridículas, e não desejam ficar na berlinda; eis porque se calam ou dizem ocupar-se de coisas mais sérias.

Nós perguntaremos, finalmente, por que os Espíritos vêm e vão, muitas vezes, em um determinado momento, e por que, transcorrido esse momento, não existem nem preces nem súplicas que consigam trazê-los de volta. Se o médium só agisse através da impulsão mental dos assistentes, é evidente que, nessa circunstância, o confluência de todas as vontades reunidas deveria estimular sua clarividência. Logo, se ele não cede ao desejo da assembleia, corroborado por sua própria vontade, é porque obedece a uma influência estranha a si mesmo e aos que o cercam, e porque essa influência denuncia com isso sua independência e sua individualidade.

## XVII

O ceticismo no que respeita à doutrina espírita, quando não é o resultado de uma oposição sistemática, interessada, tem quase sempre sua origem em um conhecimento incompleto dos fatos, o que não impede certas pessoas de encerrar a questão como se a conhecessem perfeitamente. A gente pode possuir muito espírito e muita instrução mesmo, e não ter discernimento; ora, o primeiro indício de uma falha no discernimento é o de acreditar em que o seu é infalível. Muitas pessoas também só veem nas manifestações espíritas um objeto de curiosidade; nós esperamos que, através da leitura deste livro, elas venham a encontrar nesses fenômenos estranhos algo mais que um simples passatempo.

A ciência espírita compreende duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral; outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes. Qualquer um que apenas haja observado a primeira está na situação de quem conhece a física tão só através das experiências recreativas, sem ter penetrado no fundo da ciência. A verdadeira doutrina espírita se acha no ensino fornecido pelos Espíritos, e os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais importantes para poderem ser adquiridos por outra via senão por um estudo profundo e contínuo,

realizado no silêncio e no recolhimento; pois somente nessa condição a gente consegue observar um número infinito de fatos e de nuances que escapam ao observador superficial e permitem assentar uma opinião. Não tivesse este livro como resultado senão mostrar o lado sério da questão e provocar estudos nesse sentido, isto seria já muito e nos aplaudiríamos por havermos sido escolhido para elaborar uma obra em relação à qual nós não pretendemos, de resto, atribuir-nos nenhum mérito pessoal, porque os princípios que ele encerra não são criação nossa; o mérito pertence, pois, totalmente aos Espíritos que o ditaram. Nós esperamos que alcance outro resultado, ou seja, guiar os homens desejosos de se esclarecer, ao lhes mostrar, nestes estudos, um alvo grande e sublime: o do progresso individual e social, e indicar-lhes a rota a seguir para atingi-lo.

Terminaremos com uma última consideração. Os astrônomos, ao sondarem os espaços, encontraram, na repartição dos corpos celestes, lacunas não justificadas e em desacordo com as leis do conjunto; eles supuseram que tais lacunas podiam estar repletas de globos despercebidos de sua visão; por outro lado, observaram certos efeitos cuja causa lhes era desconhecida e refletiram: Lá pode haver um mundo, pois esta lacuna não tem como existir, e estes efeitos têm que possuir uma causa. Julgando, então, a causa pelo efeito, eles conseguiram calcular os elementos, e, mais tarde, os fatos acabaram justificando suas previsões. Apliquemos este raciocínio a uma outra ordem de ideias. Se a gente observar a série dos seres, vai notar que eles formam uma cadeia sem solução de continuidade, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Mas, entre o homem e Deus, o qual é o alfa e o ômega de todas as coisas, que imensa lacuna! É racional concluir que nele terminem os anéis dessa cadeia? Que ele ultrapasse, sem transição, a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que, entre o homem e Deus, podem existir outros elos, como disse aos astrônomos que, entre os mundos conhecidos, podiam existir mundos desconhecidos. Qual é a filosofia que preencheu esta lacuna? O espiritismo nos mostra que ela se acha preenchida pelos seres de todas as categorias do mundo invisível, e tais seres outros não são que os Espíritos dos homens chegados aos diferentes níveis que conduzem à perfeição: então, tudo se liga, tudo se encadeia, do princípio ao fim. Vocês que negam a existência dos Espíritos, preenchem o vazio que eles ocupam; e vocês que riem disto, ousem rir das obras de Deus e de sua onipotência!

ALLAN KARDEC.

# PROLEGÔMENOS



Fenômenos que fogem às leis da ciência vulgar se manifestam por todas as partes e revelam em sua causa a ação de uma vontade livre e inteligente.

A razão afirma que um efeito inteligente tem que ter por causa uma força inteligente, e os fatos provaram que essa força é capaz de entrar em comunicação com os homens através de sinais materiais.

Essa força, interrogada sobre sua natureza, declarou pertencer ao mundo dos seres espirituais que se despiram do invólucro corpóreo do homem. Eis como foi revelada a doutrina dos Espíritos.

As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo concernem à natureza das coisas e não constituem nenhum fato sobrenatural; eis porque encontramos vestígio delas junto a todos os povos e em todas as épocas; hoje em dia elas são gerais e franqueadas para todo o mundo.

Os Espíritos anunciam que os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal chegaram e que, por serem os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, sua missão é de instruir e de esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da humanidade.

Este livro constitui a coletânea de seus ensinamentos; ele foi escrito por ordem e sob ditado dos Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, liberta dos preconceitos da mentalidade sistemática; ele não encerra nada que não seja a expressão de seu pensamento e que não tenha passado por seu controle. A ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as observações e a forma de alguns trechos da redação, constituem a única contribuição de quem recebeu a missão de publicá-lo.

Entre os Espíritos que concorreram para a confecção desta obra, muitos viveram em várias épocas na Terra, onde pregaram e praticaram a virtude e a sabedoria; outros não pertencem, tendo em vista seu nome, a nenhuma personagem cuja memória a história haja guardado, mas sua elevação se atesta através da pureza de sua doutrina e através de sua união com os que trazem nomes venerandos.

Eis aqui os termos com que nos atribuíram, por escrito e por intermédio de muitos médiuns, a missão de escrever este livro:

“Ocupe-se, com zelo e perseverança, do trabalho que você empreendeu com o nosso concurso, pois esse trabalho é o nosso. Nós aí colocamos as bases do novo edifício que se eleva e deverá um dia reunir todos os homens em um mesmo sentimento de amor e de caridade; mas, antes de publicá-lo, nós o revisaremos juntos, a fim de controlar-lhe todos os pormenores.

“Nós estaremos com você todas as vezes que precisar, para ajudá-lo em seus outros trabalhos, pois esta é apenas uma parte da missão que lhe está sendo confiada e que já lhe foi revelada por um de nós.

“Dentre os ensinamentos que lhe são fornecidos, existem os que você tem de guardar para você somente, até nova ordem; nós lhe indicaremos quando o momento de publicá-los houver chegado; entretantes, medite sobre eles, a fim de estar preparado quando for a hora.

“Você colocará no frontispício do livro a vide que nós lhe desenhamos<sup>2</sup>, porque é o símbolo do trabalho do Criador; todos os princípios materiais que podem representar melhor o corpo e o espírito se acham ali reunidos: o corpo é a cepa; o espírito é a seiva; a alma ou o espírito unidos à matéria é o bago. O homem quintessencia o espírito através do trabalho e você sabe que não é senão através do trabalho do corpo que o espírito adquire conhecimentos.

“Não se deixe desencorajar pela crítica. Você encontrará contraditores encarniçados, sobretudo entre as pessoas interessadas em injustiças. Você os encontrará mesmo entre os Espíritos, pois os que não estão completamente desmaterializados buscam com frequência semear a dúvida por malícia ou por ignorância; mas avance sempre; creia em Deus e caminhe com confiança: nós estaremos aqui para ampará-lo, pois está próximo o tempo em que a verdade brilhará por todas as partes.

“A vaidade de certos homens que creem tudo saber e desejam tudo explicar à sua maneira fará que nasçam opiniões dissidentes; mas todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão no mesmo sentimento de amor ao bem e se unirão através de um liame fraternal que abarcará o mundo inteiro; eles deixarão de lado as miseráveis disputas de palavras, para só se ocuparem das coisas essenciais, e a doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem as comunicações dos Espíritos superiores.

“É com a perseverança que você irá colher o fruto de seus trabalhos. O prazer que você experimentar ao ver a doutrina propagar-se, e bem entendida, lhe será uma recompensa cujo valor você há de reconhecer por inteiro, talvez mais no futuro que no presente. Não se inquiete, portanto, com as urzes e com as pedras que os incrédulos ou os maus semearão em sua estrada; conserve a confiança: com a confiança você atingirá o alvo e merecerá ser sempre auxiliado.

“Lembre-se de que os Bons Espíritos assistem tão só aos que servem a Deus com humildade e desinteressadamente e repudiam qualquer um que busque, na estrada do céu, um trampolim para as coisas da Terra; eles guardam distância dos orgulhosos e dos ambiciosos. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira entre o homem e Deus; constituem um véu arremessado sobre as celestes claridades e Deus não tem como servir-se do cego para fazer compreender a luz.”

SÃO JOÃO EVANGELISTA, SANTO AGOSTINHO, SÃO VICENTE DE PAULO, SÃO LUÍS, O ESPÍRITO DE VERDADE, SÓCRATES, PLATÃO, FÉNELON, FRANKLIN, SWEDENBORG ETC. ETC.

---

<sup>2</sup> A cepa acima é o fac-símile da que foi desenhada pelos Espíritos.

# O LIVRO DOS ESPÍRITOS

---

LIVRO PRIMEIRO

AS CAUSAS PRIMÁRIAS

---

## CAPÍTULO PRIMEIRO

# DEUS

1. Deus e o infinito. — 2. Provas da existência de Deus. — 3. Atributos da Divindade. — 4. Panteísmo.

### Deus e o infinito.

1. Que é Deus?

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”<sup>3</sup>

2. Que se deve entender por infinito?

“O que não tem começo nem fim; o desconhecido; tudo o que é desconhecido é infinito.”

3. Pode-se dizer que Deus é o infinito?

“Definição incompleta. Pobreza da linguagem dos homens, que é insuficiente para definir as coisas que estão acima de sua inteligência.”

Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração; dizer que Deus é o *infinito* é tomar o atributo pela própria coisa, e definir uma coisa que não é conhecida através de uma coisa que não o é também.

### Provas da existência de Deus.

4. Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?

“Em um axioma que vocês aplicam às suas ciências: não existe efeito sem causa. Procurem a causa de tudo o que não é obra do homem, e sua razão lhes responderá.”

---

<sup>3</sup> O texto colocado entre aspas em seguida às questões constitui a própria resposta oferecidas pelos Espíritos. Fez-se a distinção, através de outro tipo de letra, das observações e desenvolvimentos acrescentados pelo autor, quando haveria a possibilidade de confundi-los com o texto da resposta. Quando eles formam capítulos inteiros, não sendo possível nenhuma confusão, conservou-se a letra normal.

Para crer em Deus, é suficiente lançar os olhos sobre as obras da criação. O universo existe: ele possui, pois, uma causa. Duvidar da existência de Deus seria negar que todo efeito possui uma causa, e aventar que o nada pôde criar alguma coisa.

5. Que consequência se pode tirar do sentimento intuitivo que todos os homens carregam consigo da existência de Deus?

“Que Deus existe; pois donde lhe viria esse sentimento, se ele não repousasse sobre nada? É ainda uma consequência do princípio de que não existe efeito sem causa.”

6. O sentimento íntimo que possuímos em nós mesmos da existência de Deus não seria o efeito da educação e o produto de ideias adquiridas?

“Se assim fosse, por que seus selvagens teriam esse sentimento?”

Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse apenas o produto de um ensinamento, não seria universal e só existiria, como as noções das ciências, para os que tivessem alcançado receber esse ensinamento.

7. A gente poderia encontrar a causa primária da formação das coisas nas propriedades íntimas da matéria?

“Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades? Precisa-se sempre de uma causa primária.”

Atribuir a formação primária das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, pois essas propriedades são em si mesmas um efeito que deve ter uma causa.

8. Que pensar do parecer que atribui a formação primária a uma combinação fortuita da matéria, quer dizer, ao acaso?

“Outro absurdo! Que homem de bom senso pode conceber o acaso como um ser inteligente? E, depois, que é o acaso? Nada.”

A harmonia que regula as ações do universo denota combinações e intentos determinados e, por isso mesmo, revela o poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso seria insensato, pois o acaso é cego e não pode produzir os efeitos da inteligência. Um acaso inteligente não seria mais acaso.

9. Onde é que a gente vê, na causa primária, uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?

“Vocês têm um provérbio que diz assim: ‘Pela obra se conhece o autor.’ Muito bem! Observem a obra e procurem o autor. É o orgulho que engendra a incredulidade. O homem orgulhoso não enxerga nada acima de si; eis porque ele se julga um espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus é capaz de abater!”

Julga-se a força de uma inteligência através de suas obras; não sendo capaz nenhum ser humano de criar o que produz a natureza, a causa primária é, portanto, uma inteligência superior à humanidade.

Quaisquer que sejam os prodígios realizados pela inteligência humana, esta inteligência tem, ela mesma, uma causa e, quanto maior é o que realiza, maior tem que ser a causa primária. É esta inteligência a causa primária de todas as coisas, qualquer que seja o nome pelo qual o homem a tenha designado.

## Atributos da Divindade

10. O homem consegue compreender a natureza íntima de Deus?

“Não; é que lhe falta-lhe um sentido.”

11. Será um dia dado ao homem compreender o mistério de Deus?

“Quando sua mente não estiver mais obscurecida pela matéria e quando, através de sua perfeição, ele se houver aproximado dele; então, ele o verá e o compreenderá.”

A inferioridade das faculdades do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da humanidade, o homem o confunde amiúde com a criatura, cujas imperfeições lhe atribui; mas, à medida que o senso moral se vai desenvolvendo nele, seu pensamento vai penetrando melhor o fundo das coisas e, então, ele fará a respeito uma ideia mais justa e mais conforme à verdade, conquanto sempre incompleta.

12. Se nós não conseguimos compreender a natureza íntima de Deus, podemos fazer uma ideia de algumas de suas perfeições?

“Sim, de algumas. O homem as compreende melhor, à medida que se eleva acima da matéria; ele as entrevê através do pensamento.”

13. Quando nós dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, não fazemos uma ideia completa de seus atributos?

“Do seu ponto de vista, sim, porque vocês acreditam tudo abarcar; porém, compenetrem-se de que existem coisas acima da inteligência do homem mais inteligente, e para as quais sua linguagem, limitada às suas ideias e às suas sensações, não tem nenhuma expressão. A razão lhes diz, com efeito, que Deus tem que possuir essas perfeições em supremo grau, pois, caso tivesse uma só a menos, ou então que não fosse em grau infinito, ele não seria superior a tudo, e, por conseguinte, não seria Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus não pode sofrer nenhuma vicissitude nem possuir nenhuma das imperfeições que a imaginação alcança conceber.”

Deus é *eterno*; se ele houvesse tido um começo, teria surgido do nada, ou bem teria sido criado por um ser anterior. Eis como, a pouco e pouco, nós remontamos ao infinito e à eternidade.

Ele é *imutável*; se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o universo não teriam nenhuma estabilidade.

Ele é *imaterial*; quer dizer que sua natureza difere de tudo o que nós chamamos de matéria, caso contrário, ele não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

Ele é *único*; se houvesse diversos deuses, não haveria unidade de metas nem unidade de poder na ordenação do universo.

Ele é *onipotente*, porque é único. Caso não tivesse o supremo poder, existiria algo mais poderoso ou tão poderoso quanto ele; ele não teria feito todas as coisas, e as que não tivesse feito seriam obra de um outro deus.

Ele é *soberanamente justo e bom*. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores coisas como nas maiores, e esta sabedoria não permite duvidar nem de sua justiça, nem de sua bondade.

## Panteísmo.

14. É Deus um ser distinto ou bem seria, segundo a opinião de alguns, a resultante de todas as forças e de todas as inteligências do universo reunidas?

“Se fosse assim, Deus não existiria, pois ele seria o efeito e não a causa; ele não tem como ser, concomitantemente, um e outra.”

“Deus existe, vocês não podem duvidar disso: eis o essencial; creiam em mim: não vão além disso; não se percam em um labirinto donde não conseguiriam sair; isso não iria torná-los melhores, mas talvez um pouco mais orgulhosos, porque vocês julgariam estar sabendo, quando, na verdade, vocês não saberiam nada. Deixem, pois, de lado todos esses sistemas; vocês possuem muitas coisas que lhes interessam mais diretamente, a começar por vocês mesmos; estudem suas próprias imperfeições a fim de se libertarem delas; isto lhes será mais útil que pretender penetrar o que é impenetrável.”

15. Que pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da natureza, todos os seres, todos os globos do universo seriam partes da Divindade e constituiriam, através de seu conjunto, a Divindade mesma: quer dizer, que pensar da doutrina panteísta?

“Não podendo o homem fazer-se Deus, deseja ao menos ser uma parte de Deus.”

16. Os que professam essa doutrina pretendem encontrar aí a demonstração de alguns dos atributos de Deus. Sendo os mundos infinitos, Deus é, por isso mesmo, infinito; não existindo em nenhuma parte o vácuo ou o nada, Deus está em todo lugar; Deus estando em todo lugar, porquanto tudo é parte integrante de Deus, ele oferece a todos os fenômenos da natureza uma razão de ser inteligente. Que se pode opor a este raciocínio?

“A razão; reflitam maduramente e não lhes será difícil reconhecer nisso o absurdo.”

Esta doutrina faz de Deus um ser material o qual, se bem que dotado de uma inteligência suprema, seria em ponto grande o que somos em ponto pequeno. Ora, transformando-se a matéria sem cessar, se fosse assim, Deus não teria nenhuma estabilidade; ele estaria sujeito a todas as vicissitudes, a todas as necessidades mesmo da humanidade; e lhe faltaria um dos atributos essenciais da Divindade: a imutabilidade. As propriedades da matéria não podem aliar-se à ideia de Deus, sem rebaixá-lo em nosso pensamento, nem todas as sutilezas do sofisma alcançarão resolver o problema de sua natureza íntima. Nós não sabemos tudo o que ele é, mas nós sabemos o que não pode ser, e este sistema está em contradição com suas propriedades essenciais; ele confunde o criador com a criatura, exatamente como se a gente desejasse que u’a máquina engenhosa fosse uma parte integrante do mecânico que a concebeu.

A inteligência de Deus se revela em suas obras, como a de um pintor em seu quadro; mas as obras de Deus não são Deus, ele mesmo, nem mais nem menos do que o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.

## CAPÍTULO II

# ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO

1. Conhecimento do princípio das coisas. — 2. Espírito e matéria. — 3. Propriedades da matéria. — 4. Espaço universal.

### Conhecimento do princípio das coisas.

17. É dado ao homem conhecer o princípio das coisas?

“Não. Deus não permite que tudo seja revelado ao homem, no mundo.”

18. Penetrará o homem um dia o mistério das coisas que lhe estão ocultas?

“O véu se levanta para ele à medida que vai purificando-se; mas, para compreender certas coisas, ele precisa de faculdades que não possui ainda.”

19. Não é capaz o homem, através das investigações científicas, de penetrar alguns dos segredos da natureza?

“A ciência lhe foi fornecida para seu adiantamento em todas as coisas, mas ele não tem como ultrapassar os limites fixados por Deus.”

Quanto mais é dado ao homem penetrar o interior desses mistérios, maior tem que ser sua admiração pelo poder e pela sabedoria do Criador; porém, seja por orgulho, seja por fraqueza, sua inteligência mesma o torna com frequência um juguete da ilusão; ele empilha sistema sobre sistema, e cada dia lhe demonstra quantos erros ele tomou por verdades e quantas verdades ele rejeitou como erros. Eis aí outras tantas decepções para seu orgulho.

20. Fora das investigações da ciência, é dado ao homem receber comunicações de uma ordem mais elevada a respeito do que escapa ao testemunho de seus sentidos?

“Sim; caso Deus o julgue útil, ele pode revelar o que a ciência não é capaz de apreender.”

É através dessas comunicações que o homem haure, dentro de certos limites, o conhecimento de seu passado e de sua destinação futura.

## Espírito e matéria.

21. Existe a matéria desde toda a eternidade como Deus, ou bem foi criada por ele em um tempo qualquer?

“Tão somente Deus o sabe. Contudo, existe uma coisa que sua razão lhes pode indicar: é que Deus, modelo de amor e de caridade, não esteve jamais inativo. Por mais afastado que vocês alcançam representar o começo de sua ação, conseguem vocês imaginá-lo um segundo na ociosidade?”

22. Define-se geralmente a matéria: o que possui extensão; o que pode causar impressão em nossos sentidos; o que é impenetrável; essas definições são exatas?

“Do seu ponto de vista, isso é exato, porque vocês falam apenas do que vocês conhecem; a matéria, porém, existe em estados que lhes são desconhecidos; ela pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que não cause nenhuma impressão em seus sentidos; no entanto, é sempre matéria, mas para vocês não seria.”

— Que definição podem vocês dar da matéria?

“A matéria é o laço que amarra o espírito; é o instrumento que o serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, ele exerce sua ação.”

Deste ponto de vista, pode-se dizer que a matéria é o agente, o intermediário com a ajuda do qual e sobre o qual atua o espírito.

23. Que é o espírito?

“O princípio inteligente do universo.”

— Qual é a natureza íntima do espírito?

“Não é fácil analisar o espírito em sua linguagem. Para vocês, não é nada, porque o espírito não é uma coisa palpável; mas, para nós, é alguma coisa. Compenetrem-se de que coisa alguma é o nada, e de que o nada não existe.”

24. Espírito é sinônimo de inteligência?

“A inteligência é um atributo essencial do espírito; mas ambos se confundem em um princípio comum, de sorte que, para vocês, constituem u’a mesma coisa.”

25. É o espírito independente da matéria ou não passa de uma propriedade desta, como as cores são propriedades da luz e o som, uma propriedade do ar?

“Ambos são distintos; porém, precisa que haja a união do espírito e da matéria para tornar a matéria inteligente.”

— É essa união igualmente necessária para a manifestação do espírito? (Nós entendemos aqui por espírito o princípio da inteligência, abstração feita das individualidades designadas por esse nome.)

“Ela é necessária para vocês, porque vocês não têm um organismo apto para perceber o espírito sem a matéria; seus sentidos não foram criados para isso.”

26. É possível conceber o espírito sem a matéria, e a matéria sem o espírito?

“É possível, sem dúvida, através do pensamento.”

27. Existiriam, assim, dois elementos gerais do universo: a matéria e o espírito?

“Sim, e acima de tudo isso Deus, o criador, o pai de todas as coisas; essas três coisas são o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Contudo, ao elemento material é preciso juntar o fluido universal, que representa o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, esta por demais grosseira para que o espírito possa levar a efeito uma ação sobre ela. Conquanto, de um certo ponto de vista, se pudesse situá-lo no elemento material, o fluido se distingue através de propriedades especiais; caso fosse positivamente matéria, não haveria razão para que o espírito não fosse também. Ele está colocado entre o espírito e a matéria; ele é fluido, como a matéria é matéria; e é suscetível, através de suas inúmeras combinações com esta, e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade de coisas, das quais vocês só conhecem uma diminuta parte. Esse fluido universal ou primitivo ou elementar, sendo o agente que o espírito utiliza, é o princípio sem o qual a matéria ficaria em estado perpétuo de divisão e não adquiriria jamais as propriedades que lhe propicia a gravidade.”

— Seria esse fluido o que nós designamos com o nome de eletricidade?

“Nós dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações; o que vocês chamam de fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, a falar propriamente, senão u’á matéria mais perfeita, mais sutil, que se pode olhar como independente.”

28. Desde que o espírito é, ele mesmo, alguma coisa, não seria mais exato e menos sujeito a confusão designar esses dois elementos gerais através das palavras: *matéria inerte e matéria inteligente*?

“As palavras nos importam pouco; compete a vocês formular sua linguagem de modo a se entenderem. Suas disputas procedem, quase sempre, do fato de não se entenderem quanto às palavras, porque sua linguagem é incompleta para as coisas que não lhes chocam os sentidos.”

Um fato manifesto domina todas as hipóteses: nós vemos u’á matéria que não é inteligente; nós vemos um princípio inteligente independente da matéria. A origem e a conexão dessas duas coisas nos são conhecidas. Que elas tenham ou não uma fonte comum e os pontos de contato necessários; que a inteligência tenha sua existência própria, ou que seja uma propriedade, um efeito; que seja mesmo, segundo a opinião de alguns, uma emanção da Divindade: eis o que nós ignoramos; elas nos aparecem distintas: eis porque as aceitamos como se formassem dois princípios constituintes do universo. Nós vemos, acima de tudo isso, uma inteligência que domina todas as outras, que as governa a todas, que se distingue delas através de atributos essenciais: é a esta inteligência suprema que a gente chama de Deus.

## Propriedades da matéria.

29. É a ponderabilidade um atributo essencial da matéria?

“Da matéria tal qual vocês a entendem, sim; mas não da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que forma esse fluido é imponderável para vocês, mas nem por isso deixa de ser o princípio da sua matéria densa.”

A gravidade é uma propriedade relativa; fora das esferas de atração dos mundos, não existe peso, da mesma forma que não existem nem alto nem baixo.

30. É a matéria formada de um só ou de vários elementos?

“Um só elemento primitivo. Os corpos que vocês veem como corpos simples não são verdadeiros elementos, mas transformações da matéria primitiva.”

31. Onde vêm as diferentes propriedades da matéria?

“São modificações que as moléculas elementares sofrem através de sua união e em certas circunstâncias.”

32. Sendo assim, os sabores, os cheiros, as cores, o som, as qualidades tóxicas ou salutareias dos corpos seriam apenas modificações de uma única e mesma substância primitiva?

“Sim, sem dúvida, e só existem pela disposição dos órgãos destinados a percebê-las.”

Esse princípio é demonstrado pelo fato de que nem todo o mundo percebe as qualidades dos corpos do mesmo modo: um acha uma coisa agradável ao gosto, um outro a acha ruim; uns veem azul o que outros veem vermelho; o que é um veneno para uns é inofensivo ou salutar para outros.

33. É a mesma matéria elementar suscetível de sofrer todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?

“Sim, e é isso que vocês têm que entender, quando nós dizemos que *tudo está em tudo*<sup>4</sup>.”

O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que nós achamos simples são apenas modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que nos achamos até esta data de remontar de outro modo, que não seja através do pensamento, a essa matéria primária, esses corpos são para nós verdadeiros elementos, e nós podemos, sem maiores consequências, considerá-los como tais até nova ordem.

— Essa teoria parece dar razão à opinião dos que só admitem, na matéria, dois elementos essenciais: a força e o movimento, os quais pensam que todas as outras propriedades são apenas efeitos secundários variando segundo a intensidade da força e a direção do movimento.

“Essa opinião é exata. É preciso acrescentar também: segundo a disposição das moléculas, como você pode observar, por exemplo, em um corpo opaco que é capaz de se tornar transparente, e vice-versa.”

34. Têm as moléculas uma forma determinada?

“Sem dúvida, as moléculas têm uma forma que não é, porém, perceptível para vocês.”

— Essa forma é constante ou variável?

---

<sup>4</sup> Este princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores e que consiste em atribuir, por meio da vontade, a uma substância qualquer, à água, por exemplo, propriedades muito diversas: um gosto determinado, e mesmo as qualidades ativas de outras substâncias. Desde que não haja senão um elemento primitivo, e que as propriedades dos diferentes corpos não constituam senão modificações desse elemento, resulta que a substância mais inofensiva possui o mesmo princípio que a mais deletéria. Assim, a água, que é formada de uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, se torna corrosiva, se a gente dobrar a proporção de oxigênio. Uma modificação análoga pode produzir-se através da ação magnética dirigida pela vontade.

“Constante para as moléculas elementares primitivas, mas variável para as moléculas secundárias, que são apenas aglomerações das primeiras; pois o que vocês chamam de molécula está ainda longe da molécula elementar.”

### **Espaço universal.**

35. É infinito ou limitado o espaço universal?

“Infinito. Suponha-lhe limites: o que haveria além? Isto confunde sua razão, eu bem o sei, entretanto, sua razão lhe diz que não pode ser diferente. Passa-se o mesmo com o infinito em todas as coisas; não é em sua pequena esfera que vocês conseguem compreendê-lo.”

Caso a gente suponha um limite para o espaço, por mais longe que o pensamento possa concebê-lo, a razão diz que além desse limite existe qualquer coisa, e assim de espaço a espaço até o infinito; pois essa qualquer coisa, fosse ela o vazio absoluto, ficaria ainda no espaço.

36. Existe o vazio absoluto em alguma parte no espaço universal?

“Não, nada está vazio; o que é vazio para você, está ocupado por u’a matéria que escapa a seus sentidos e a seus instrumentos.”

## CAPÍTULO III

# CRIAÇÃO

1. Formação dos mundos. — 2. Formação dos seres vivos. — 3. Povoamento da Terra. Adão. — 4. Diversidade das raças humanas. — 5. Pluralidade dos mundos. — 6. Considerações e concordâncias bíblicas tocantes à criação.

### Formação dos mundos.

O universo compreende a infinidade dos mundos que nós vemos e os que nós não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço como ainda os fluidos que o preenchem.

37. Foi o universo criado ou bem é de toda a eternidade como Deus?

“Sem dúvida, ele não conseguiu criar-se sozinho, e, se ele fosse de toda a eternidade como Deus, não poderia ser uma obra de Deus.”

A razão nos diz que o universo não foi capaz de criar-se a si mesmo e que, não tendo como ser uma obra do acaso, tem que ser uma obra de Deus.

38. Como Deus criou o universo?

“Para me servir de uma frase: sua VONTADE. Nada descreve melhor essa vontade onipotente que estas belas palavras do *Gênesis*: Deus disse: Que a luz exista: e a luz existiu.”

39. Podemos conhecer o processo de formação dos mundos?

“Tudo o que se pode dizer, e que vocês podem compreender é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no espaço.”

40. Seriam os cometas seriam, como se pensa atualmente, um começo de condensação da matéria, e mundos em via de formação?

“Isso é exato; mas o que é absurdo é crer em sua influência. Eu desejo dizer essa influência que lhes atribuem comumente; pois todos os corpos celestes têm sua quota de influência em certos fenômenos físicos.”

41. Pode um mundo completamente formado desaparecer, e a matéria que o compõe disseminar de novo no espaço?

“Sim, Deus renova os mundos, como ele renova os seres vivos.”

42. Podemos conhecer a duração da formação dos mundos: da Terra, por exemplo?

“Eu não lhe posso dizer, pois só o Criador o sabe, e seria bem louco quem pretendesse sabê-lo, ou conhecer o número de séculos dessa formação.”

### Formação dos seres vivos.

43. Quando a Terra começou a ser povoada?

“No início, tudo era o caos; os elementos estavam misturados. Pouco a pouco, cada coisa tomou seu lugar; então, apareceram os seres vivos, adaptados ao estado do globo.”

44. Onde vieram os seres vivos para a Terra?

“A Terra encerrava os germes, que esperavam o momento favorável para desenvolver-se. Os princípios orgânicos se juntaram desde que cessou a força que os mantinha dispersos, e formaram os germes de todos os seres vivos. Os germes permaneceram em estado latente e inerte, como a crisálida e os grãos das plantas, até o momento propício para a eclosão de cada espécie; então, os seres de cada espécie se juntaram e se multiplicaram.”

45. Onde estavam os elementos orgânicos antes da formação da Terra?

“Eles se achavam, por assim dizer, em estado de fluido no espaço, em meio aos Espíritos, ou em outros planetas, esperando a criação da Terra para começar uma nova existência sobre um globo novo.”

A química nos mostra as moléculas dos corpos inorgânicos unindo-se para formar cristais com uma regularidade constante, conforme cada espécie, desde que estejam nas condições adequadas. A menor perturbação dessas condições basta para impedir a reunião dos elementos ou, ao menos, a disposição regular que constitui o cristal. Por que não sucederia o mesmo aos elementos orgânicos? Nós conservamos, durante anos, sementes de plantas e de animais que não se desenvolvem senão em uma determinada temperatura e em um meio propício; a gente viu grãos de trigo germinarem após vários séculos. Existe, pois, nessas sementes, um princípio *latente* de vitalidade, o qual espera apenas uma circunstância favorável para se desenvolver. O que se passa diariamente sob nossos olhos não pode haver existido desde a origem do globo? A formação dos seres vivos surgindo do caos através da própria força da natureza retira algo à grandiosidade de Deus? Longe disso; ela se ajusta melhor à ideia que temos de seu poder exercendo-se sobre os mundos infinitos através de leis eternas. Esta teoria não resolve, é verdade, a questão da origem dos elementos vitais; mas Deus possui seus mistérios e impôs limites às nossas investigações.

46. Existem ainda seres que nascem espontaneamente?

“Sim, mas o germe primitivo existia já em estado latente. Vocês, todos os dias, testemunham esse fenômeno. Os tecidos dos homens e dos animais não encerram os

germes de uma multidão de vermes que aguardam, para eclodir, a fermentação pútrida necessária para sua existência? É um pequeno mundo que cochila e que acorda.”

47. Achava-se a espécie humana entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre?

“Sim, e ela chegou a seu tempo; eis o que motivou o dito de que o homem havia sido formado do limo da terra.”

48. Podemos saber a época do aparecimento do homem e de outros seres vivos na Terra?

“Não; todos os seus cálculos são quiméricos.”

49. Se o germe da espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo, por que não se formam espontaneamente mais homens como em sua origem?

“O princípio das coisas está nos segredos de Deus; no entanto, a gente pode dizer que os homens, uma vez espalhados pela Terra, absorveram em si os elementos necessários à sua formação, para transmitir conforme as leis da reprodução. Isto serve para as diferentes espécies de seres vivos.”

### **Povoamento da Terra. Adão.**

50. Começou a espécie humana com um único homem?

“Não; quem vocês chamam de Adão não foi nem o primeiro nem o único que povoou a Terra.”

51. Podemos saber em qual época viveu Adão?

“Em torno da que vocês assinalam para ele; por volta de quatro mil anos antes do Cristo.”

O homem cuja tradição se conserva sob o nome de Adão foi um dos que sobreviveram, em alguma região, após os grandes cataclismos que, em diferentes épocas, agitaram a superfície do globo, e se tornou a estirpe de uma das raças que o povoam hoje em dia. As leis da natureza se opõem a que os progressos da humanidade, verificados muito tempo antes do Cristo, hajam podido efetuar-se em alguns séculos, se o homem só estivesse na Terra após a época assinalada para a existência de Adão. Alguns consideram, e isto com o maior sentido, ser Adão um mito ou uma alegoria personificando as primeiras idades do mundo.

### **Diversidade das raças humanas.**

52. Donde provêm as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas na Terra?

“Do clima, da vida e dos costumes. Sucede o mesmo com duas crianças da mesma mãe que, educadas longe uma da outra e diferentemente, não se pareceriam em nada quanto ao moral.”

53. Teve origem o homem em vários pontos do globo?

“Sim, e em diversas épocas; eis uma das causas da diversidade de raças; dispersando-se os homens depois pelos diferentes climas e aliando-se a outras raças, formaram novos tipos.”

— Constituem essas diferenças espécies distintas?

“Certamente não; todos são da mesma família: as diversas variedades do mesmo fruto impedem que pertençam à mesma espécie?”

54. Se a espécie humana não tem procedência única, devem os homens parar, por causa disso, de se olharem como irmãos?

“Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e porque tendem para o mesmo fim. Vocês querem sempre pegar as palavras ao pé da letra.”

## Pluralidade dos mundos.

55. Todos os globos que circulam no espaço são habitados?

“Sim, e o homem da Terra está bem longe de ser, como ele o crê, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. Existem, não obstante, homens que se creem muito fortes, que imaginam que apenas este pequeno globo tem o privilégio de possuir seres racionais. Orgulho e vaidade! Eles creem que Deus criou o universo unicamente para eles.”

Deus povoou os mundos com seres vivos, todos os quais concorrem para o objetivo final da Providência. Crer os seres vivos limitados somente ao lugar que nós habitamos no universo seria colocar em dúvida a sabedoria de Deus, que não fez nada inútil; ele deve ter designado para esses mundos um objetivo mais sério que o de recrear a nossa vista. Nada, aliás, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra, é capaz racionalmente de nos fazer supor que somente ela tenha o privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes.

56. A constituição física dos diferentes globos é a mesma?

“Não; eles não se parecem de maneira alguma.”

57. Não sendo a constituição física dos mundos a mesma para todos, resulta que os seres que os habitam tenham uma organização diferente?

“Sem dúvida, como junto a vocês os peixes se criaram para viver na água e os pássaros, no ar.”

58. Os mundos que se acham mais distantes do Sol estão privados de luz e de calor, já que o Sol não lhes aparece senão com a aparência de uma estrela?

“Creem vocês, assim, que não existem outras fontes de luz e de calor além do Sol? E vocês contam como nada sendo a eletricidade que, em certos mundos, representa um

papel que lhes é desconhecido e mais importante que na Terra? De resto, ninguém disse que todos os seres sejam da mesma matéria que vocês, com órgãos formados como os seus.”

As condições de subsistência dos seres que habitam os diferentes mundos têm que ser apropriadas ao meio no qual são chamados a viver. Se nós não houvésemos jamais visto peixes, não compreenderíamos que seres pudessem viver dentro d'água. É o que sucede em outros mundos que encerram, sem dúvida, elementos que nos são desconhecidos. Não vemos nós na Terra as longas noites polares iluminadas pela eletricidade das auroras boreais? Por que seria impossível que, em certos mundos, a eletricidade seja mais abundante do que na Terra, e ali represente um papel geral cujos efeitos nós não somos capazes de compreender? Esses mundos podem, pois, encerrar em si mesmos as fontes de calor e de luz necessárias a seus habitantes.

## Considerações e concordâncias bíblicas tocantes à criação.

59. Os povos formularam ideias muito divergentes sobre a criação, conforme o nível de suas luzes. A razão apoiada na ciência reconheceu a inverossimilhança de certas teorias. A que é fornecida pelos Espíritos confirma a opinião desde há muito aceita pelos homens mais esclarecidos.

A objeção que se pode fazer a essa teoria é que ela entra em contradição com o texto dos livros sagrados; mas um exame sério faz reconhecer que essa contradição é mais aparente que real, e que resulta da interpretação dada a um sentido com frequência alegórico.

A questão do primeiro homem, na pessoa de Adão, como única estirpe da humanidade, não é a única sobre que as crenças religiosas precisam modificar-se. O movimento da Terra pareceu, em uma certa época, tão oposto ao texto sagrado que não existe modo de perseguições de que essa teoria não tenha sido pretexto, entretanto, a Terra gira, malgrado os anátemas, e ninguém hoje conseguiria contestá-lo sem depreciar sua própria razão.

A Bíblia afirma igualmente que o mundo foi criado em seis dias, e fixa a época em torno de quatro mil anos antes da era cristã. Antes disso, a Terra não existia; ela foi tirada do nada; o texto é formal; e eis que a ciência positiva, a ciência inexorável vem comprovar o contrário. A formação do globo está escrita com caracteres imprescritíveis no mundo fóssil, e está comprovado que os seis dias da criação são outros tantos períodos, cada um, talvez, de muitas centenas de milhares de anos. Isto não constitui em absoluto um sistema, uma doutrina, uma opinião isolada; é um fato tão inalterável quanto o do movimento da Terra, e que a teologia não tem como recusar-se a admitir, prova evidente do erro em que se pode cair, tomando-se à letra as expressões de uma linguagem com frequência figurada. É forçoso concluir que a Bíblia esteja errada? Não; mas que os homens se enganam ao interpretá-la.

A ciência, ao escavar os arquivos da Terra, reconheceu a ordem na qual os diferentes seres vivos apareceram em sua superfície, e tal ordem está de acordo com a que se acha indicada no *Gênesis*, com a diferença de que essa obra, em lugar de ter surgido miraculosamente da mãos de Deus em algumas horas, se realizou, sempre através de sua vontade, mas conforme a lei das forças da natureza, em alguns milhões de anos. Deus por isso é menos importante e menos poderoso? É sua obra menos sublime, por não possuir o prestígio da instantaneidade? Evidentemente, não; seria preciso fazer da Divindade uma ideia bem mesquinha para não reconhecer sua onipotência nas leis eternas que estabeleceu para reger os mundos. A ciência, longe de diminuir a obra divina, mostra-a para nós sob um aspecto mais grandioso e mais conforme às noções que possuímos do poder e da majestade de Deus, pela razão mesma de que ela se efetiva sem derogar as leis da natureza.

A ciência, de acordo neste caso com Moisés, coloca o homem por último na ordem da criação dos seres vivos; contudo, Moisés coloca o dilúvio universal no ano mil e seiscentos e cinquenta e quatro do mundo, ao passo que a geologia nos demonstra o grande cataclismo anterior à aparição do homem, porquanto, até hoje, não se encontra nas camadas primitivas nenhum traço de sua presença, nem dos animais da mesma categoria do ponto de vista físico; mas nada prova que isso seja impossível; muitas descobertas já lançaram dúvidas a esse respeito; é possível, pois, que, de um momento para outro, se adquira a certeza material dessa anterioridade da raça humana, e, então, se reconhecerá que, nesse ponto, como em outros, o texto bíblico constitui uma figura. A questão é de saber se o cataclismo geológico é o mesmo de Noé; ora, o tempo necessário para a formação de camadas fósseis não permite confundi-las, e, a partir do momento em que se tiverem achado os vestígios da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará comprovado ou que Adão não foi o primeiro homem, ou que sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência, não existem raciocínios possíveis, e será preciso aceitar o fato, como se aceitaram os do movimento da Terra e dos seis períodos da criação.

A existência do homem antes do dilúvio geológico é, na verdade, ainda hipotética, mas isso é o de menos. Ao admitir-se que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra quatro mil anos antes do Cristo, se mil e seiscentos e cinquenta anos mais tarde toda a raça humana foi destruída, com exceção de uma só família, resulta que o povoamento da Terra não data senão de Noé, quer dizer, de dois mil e trezentos e cinquenta anos antes de nossa era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no décimo oitavo século, encontraram esse país muito povoado e já adiantadíssimo em civilização. A história comprova que, nessa época, as Índias e outras regiões eram igualmente florescentes, sem mesmo levar em conta a cronologia de certos povos que remonta a uma época bem mais recuada. Logo, teria sido preciso que do vigésimo quarto ao décimo oitavo século, quer dizer, no espaço de seiscentos anos, não somente a posteridade de um só homem tivesse conseguido povoar todas as imensas regiões então conhecidas, supondo-se que as outras não tivessem sido, mas que, nesse curto intervalo, a espécie humana tivesse sido capaz de se elevar da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto nível de desenvolvimento intelectual, o que contraria todas as leis antropológicas.

A diversidade das raças vem ainda em apoio desta opinião. O clima e os costumes produzem, sem dúvida, modificações na característica física, mas a gente sabe até onde consegue ir a influência dessas causas, e o exame fisiológico comprova que existem, entre certas raças, diferenças de constituição mais profundas do que pode produzir o clima. O cruzamento de raças produz os tipos intermediários; ele tende a apagar os caracteres extremos, mas não os produz: ele cria tão só variedades; ora, para que tivesse existido cruzamento de raças, era preciso haver raças distintas, e como explicar sua existência fornecendo-lhes uma estirpe comum e, sobretudo, tão próxima? Como admitir que, em alguns séculos, certos descendentes de Noé se transformaram a ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo? Uma tal metamorfose não é mais admissível do que a hipótese de uma estirpe comum entre o lobo e a ovelha, o elefante e o pulgão, o pássaro e o peixe. Ainda uma vez, nada poderia prevalecer contra a evidência dos fatos. Tudo se explica, ao contrário, ao se admitir a existência do homem antes da época que lhe é vulgarmente assinalada; a diversidade das estirpes; Adão, que vivia há seis mil anos, como tendo povoado uma região ainda desabitada; o dilúvio de Noé como uma catástrofe parcial confundida com o cataclismo geológico; ao se levar em conta, enfim, a forma alegórica particular do estilo oriental, e que se acha nos livros sagrados de todos os povos. Eis porque é prudente não investir muito afoitamente em falso contra doutrinas que são capazes, cedo ou tarde, como tantas outras, de apresentar um desmentido aos que as combatem. As ideias religiosas, longe de perder, ganham ao avançar com a ciência; é o único meio de não oferecerem ao ceticismo um lado vulnerável.

## CAPÍTULO IV

# PRINCÍPIO VITAL

1. Seres orgânicos e inorgânicos. — 2. A vida e a morte. — 3. Inteligência e instinto.

### Seres orgânicos e inorgânicos.

Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes fornece a vida; eles nascem, crescem, se reproduzem por si mesmos e morrem; são providos de órgãos especiais para a efetivação dos diferentes atos da vida, e que são adequados às suas necessidades para sua conservação. Compreendem os homens, os animais e as plantas. Os seres inorgânicos são os que não têm nem vitalidade nem movimentos próprios, e não são formados senão através da agregação da matéria; são os minerais, a água, o ar etc.

60. É a mesma força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos corpos inorgânicos?

“Sim, a lei de atração é a mesma para todos.”

61. Existe uma diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos corpos inorgânicos?

“É sempre a mesma matéria, mas, nos corpos orgânicos, ela está animada.”

62. Qual a causa da animação da matéria?

“Sua união com o princípio vital.”

63. Reside o princípio vital em um agente particular ou é tão somente uma propriedade da matéria organizada; em suma, é um efeito ou uma causa?

“É ambos. A vida é um efeito produzido pela ação de um agente sobre a matéria; esse agente, sem a matéria, não é a vida, tal como a matéria não consegue viver sem esse agente. Ele propicia a vida a todos os seres que o absorvem e o assimilam.”

64. Nós vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constituintes do universo; o princípio vital constitui um terceiro?

“É, sem dúvida, um dos elementos necessários à constituição do universo, mas possui ele mesmo sua fonte na matéria universal transformada; é um elemento para

vocês, como o oxigênio e o hidrogênio, os quais, todavia, não são elementos primitivos, pois tudo isso deriva de um mesmo princípio.”

— Parece resultar daí que a vitalidade não tem seu princípio em um agente primitivo distinto, mas em uma propriedade especial da matéria universal resultante de certas modificações.

“Essa é a consequência do que nós dissemos.”

65. Reside o princípio vital em um dos corpos que nós conhecemos?

“Sua origem se acha no fluido universal; é o que vocês denominam de fluido magnético ou fluido elétrico animado. Ele é o intermédio, a ligação entre o espírito e a matéria.”

66. É o princípio vital o mesmo para todos os seres orgânicos?

“Sim, modificado conforme as espécies. É ele que lhes fornece o movimento e a atividade, e os distingue da matéria inerte; pois o movimento da matéria não é a vida; ela recebe esse movimento ela não o promove.”

67. A vitalidade é um atributo permanente do agente vital, ou bem essa vitalidade só se desenvolve através do funcionamento dos órgãos?

“Ela não se desenvolve senão com o corpo. Não dissemos nós que esse agente sem a matéria não constitui a vida? Precisa da união de ambos para produzir a vida.”

— Podemos dizer que a vitalidade fica em estado latente, quando o agente vital não está unido ao corpo?

“Sim, é isso.”

O conjunto dos órgãos constitui um tipo de mecanismo que recebe sua impulsão da atividade íntima ou princípio vital que existe neles. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital promove a impulsão dos órgãos, a ação dos órgãos mantém e desenvolve a atividade do agente vital, mais ou menos como o atrito desenvolve o calor.

## A vida e a morte.

68. Qual é a causa da morte entre os seres orgânicos?

“Esgotamento dos órgãos.”

— A gente poderia comparar a morte à cessação do movimento em u’a máquina desarranjada?

“Sim; caso a máquina esteja mal montada, sua mola se quebra; caso o corpo esteja doente, a vida se vai.”

69. Por que uma lesão do coração, mais que a de outros órgãos, causa a morte?

“O coração é u’a máquina para a vida; mas o coração não é o único órgão cuja lesão ocasiona a morte; ele não passa de uma das engrenagens essenciais.”

70. Em que se transformam a matéria e o princípio vital dos seres orgânicos quando de sua morte?

“A matéria inerte se decompõe e se reintegra de novo; o princípio vital retorna à massa.”

Estando morto o ser orgânico, os elementos de que se formou experimentam novas combinações que constituem novos seres; estes sorvem da fonte universal o princípio da vida e da atividade, o absorvem e o assimilam, para o devolverem a essa fonte, assim que cessarem de existir.

Os órgãos ficam, por assim dizer, impregnados de fluido vital. Esse fluido fornece a todas as partes do organismo uma atividade que realiza neles o religamento, em certas lesões, e reabilita as funções temporariamente suspensas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos ficam destruídos ou profundamente danificados, o fluido vital é impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre.

Os órgãos reagem mais ou menos obrigatoriamente uns sobre os outros; é da harmonia de seu conjunto que resulta sua ação recíproca. Quando uma causa qualquer destrói essa harmonia, suas funções param, como o movimento de um mecanismo cujas engrenagens essenciais se desarranjaram; tal como um relógio que se desgasta com o tempo ou se arruína por acidente, o qual é incapaz a força motriz de pôr em movimento.

Nós temos uma imagem mais exata da vida e da morte em um aparelho elétrico. Esse aparelho guarda consigo a eletricidade, como todos os corpos da natureza em estado latente. Os fenômenos elétricos só se manifestam quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial: então seria possível dizer que o aparelho está vivo. Vindo a findar a causa da atividade, o fenômeno cessa: o aparelho retorna ao estado de inércia. Os corpos orgânicos seriam, assim, espécies de pilhas ou aparelhos elétricos nos quais a atividade do fluido produz o fenômeno da vida: a cessação dessa atividade produz a morte.

A quantidade de fluido vital não é irrestrita junto a todos os seres orgânicos; ela varia conforme as espécies, e nunca é constante seja no mesmo indivíduo, seja nos indivíduos da mesma espécie. Existem os que ficam, por assim dizer, saturados, ao passo que outros mal possuem uma quantidade mínima; por isso, para alguns a vida é mais ativa, mais tenaz e, sob certo aspecto, superabundante.

A quantidade de fluido vital se esgota; ela pode vir a ser insuficiente para manter a vida, se não for renovada através da absorção e assimilação de substâncias que o retêm.

O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Quem o possui a mais pode fornecê-lo a quem tem menos e, em certos casos, recobrar a vida prestes a desaparecer.

## Inteligência e instinto.

71. É a inteligência um atributo do princípio vital?

“Não, porquanto as plantas vivem e não pensam: elas possuem apenas a vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, porquanto um corpo pode viver sem inteligência; mas a inteligência só tem como manifestar-se por meio dos órgãos materiais; é preciso que haja a união do espírito para atribuir inteligência à matéria animada.”

A inteligência é uma faculdade especial, própria de certas classes de seres orgânicos, e que lhes fornece, com o pensamento, a vontade de agir, a consciência de sua existência e de sua individualidade, bem assim os meios de estabelecer relações com o mundo exterior e de atender às suas necessidades.

É possível, assim, distinguir: 1.º) os seres inanimados, formados só de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2.º) os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, mas desprovidos de inteligência; 3.º) os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e possuindo a mais um princípio inteligente que lhes fornece a faculdade de pensar.

72. Qual é a fonte da inteligência?

“Como nós dissemos: a inteligência universal.”

— Seria possível dizer que cada ser extrai uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como extrai e assimila o princípio da vida material?

“Isto é apenas uma comparação, mas que não é exata, porque a inteligência é uma faculdade adequada a cada ser e constitui sua individualidade moral. Aliás, vocês bem sabem, existem coisas que ao homem não se faculta penetrar, e esta pertence a esse número, por enquanto.”

73. É o instinto independente da inteligência?

“Não, não precisamente, pois é um tipo de inteligência. O instinto é uma inteligência irracional; é através dele que todos os seres atendem às suas necessidades.”

74. É possível assinalar um limite entre o instinto e a inteligência, quer dizer, precisar onde finda um e onde começa o outro?

“Não, pois eles se confundem com frequência; mas é possível distinguir muito bem os atos que pertencem ao instinto e os que pertencem à inteligência.”

75. É exato dizer que as faculdades instintivas vão diminuindo, à medida que vão crescendo as faculdades intelectuais?

“Não; o instinto existe sempre, mas o homem o negligencia. O instinto é capaz também de levar ao bem; ele nos guia quase sempre e, às vezes, com mais segurança que a razão; ele não se engana jamais.”

— Por que a razão não é sempre um guia infalível?

“Ela seria infalível se não fosse desvirtuada através da má educação, do orgulho e do egoísmo. O instinto não raciocina; a razão deixa a escolha ao homem e lhe concede o livre-arbítrio.”

O instinto é uma inteligência rudimentar que difere da inteligência propriamente dita pelo fato de que suas manifestações são quase sempre espontâneas, ao passo que as da inteligência constituem o resultado de uma combinação e de um ato deliberado.

O instinto varia em suas manifestações conforme as espécies e suas necessidades. Nos seres que possuem a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, quer dizer, à vontade e à liberdade.

LIVRO SEGUNDO

## MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

---

## CAPÍTULO PRIMEIRO

# DOS ESPÍRITOS

1. Origem e natureza dos Espíritos. — 2. Mundo normal primitivo. — 3. Forma e ubiquidade dos Espíritos. — 4. Perispírito. — 5. Diferentes ordens de Espíritos. — 6. Escala espírita. — 7. Progressão dos Espíritos. — 8. Anjos e demônios.

### Origem e natureza dos Espíritos.

76. Qual definição se pode oferecer para os Espíritos?

“Pode-se dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Eles povoam o universo, fora do mundo material.”

Nota. — A palavra *Espírito* é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente universal.

77. São os Espíritos seres distintos da Divindade, ou bem seriam apenas emanções ou porções da Divindade e chamados, por essa razão, de filhos ou crianças de Deus?

“Meu Deus, é obra dele, exatamente como um homem que fabrica u’a máquina; tal máquina é obra do homem e não ele próprio. Você sabe que, quando o homem faz uma coisa bela, útil, ele a chama de sua filha, de sua criação. Muito bem! Sucede o mesmo com Deus: nós somos seus filhos, porque somos obra dele.”

78. Tiveram os Espíritos um começo ou bem são, como Deus, de toda a eternidade?

“Se os Espíritos não houvessem tido começo, eles seriam iguais a Deus, ao passo que são criação dele e estão submetidos à vontade dele. Deus existe de toda a eternidade, o que é incontestável; mas saber quando e como ele nos criou, nós nada sabemos. Você pode dizer que não tivemos começo, se você entende com isso que, sendo Deus eterno, ele venha criando sem interrupção; mas quando e como cada um de nós foi criado, eu lhe digo de novo, ninguém sabe; é aí que está o mistério.”

79. Desde que existem dois elementos gerais no universo: o elemento inteligente e o elemento material, seria possível dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes são formados do elemento material?

“É evidente; os Espíritos constituem a individualização do princípio inteligente, como os corpos constituem a individualização do princípio material; é a época e o modo dessa formação que são desconhecidos.”

80. É permanente a criação dos Espíritos ou bem tão só se deu na origem dos tempos?

“Ela é permanente; quer dizer que Deus jamais cessou de criar.”

81. Formam-se os Espíritos espontaneamente ou bem procedem uns dos outros?

“Deus os cria, como a todas as outras criaturas, através de sua vontade; mas, ainda uma vez, sua origem é um mistério.”

82. É correto dizer que os Espíritos são imateriais?

“Como é possível definir uma coisa, quando faltam termos de comparação e com uma linguagem insuficiente? Consegue um cego de nascença definir a luz? Imaterial não é a palavra; incorpóreo seria mais correto, pois você deve compreender perfeitamente que, sendo o Espírito uma criação, tem que ser alguma coisa; é u’á matéria quintessenciada, mas sem nada análogo para vocês, e tão etérea que não tem como cair sob seus sentidos.”

Nós dizemos que os Espíritos são imateriais, porque a sua essência difere de tudo o que nós conhecemos sob o nome de matéria. Um povo de cegos não teria nunca palavras para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença crê possuir todas as percepções através do ouvido, do olfato, do paladar e do tato; ele não compreende as ideias que lhe propiciaria o sentido que lhe falta. De igual modo, quanto à essência dos seres sobre-humanos, nós somos verdadeiros cegos. Nós não somos capazes de defini-los senão através de comparações sempre imperfeitas ou de um esforço de nossa imaginação.

83. Têm os Espíritos um fim? A gente compreende que o princípio donde emanam seja eterno, mas o que nós perguntamos é se sua individualidade tem um término e se, em um tempo determinado, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se espalha e não retorna à massa, como sucede em relação aos corpos materiais. É difícil compreender que uma coisa que começou não finde.

“Existem muitas coisas que vocês não compreendem, porque sua inteligência é limitada, e isso não constitui uma razão para as repelirem. O filho não compreende tudo o que compreende seu pai, nem o ignorante, tudo o que compreende o sábio. Nós lhe afirmamos que a existência dos Espíritos não finda em absoluto; eis tudo o que podemos dizer agora.”

### **Mundo normal primitivo.**

84. Constituem os Espíritos um mundo à parte, fora daquele que nós percebemos?

“Sim, o mundo dos Espíritos ou das inteligências incorpóreas.”

85. Qual é destes dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, o principal na ordem das coisas?

“O mundo espírita; ele preexiste e sobrevive a tudo.”

86. Poderia o mundo corpóreo parar de existir, ou não ter jamais existido, sem alterar a essência do mundo espírita?

“Sim; eles são independentes, entretanto, sua correlação é incessante, pois eles atuam incessantemente um sobre o outro.”

87. Ocupam os Espíritos uma região determinada e circunscrita no espaço?

“Os Espíritos estão por toda parte; os espaços infinitos são povoados até o infinito. Existem sem cessar a seu lado os que os observam e atuam sobre vocês, à revelia, pois os Espíritos são uma das forças da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para o cumprimento de seus desígnios providenciais; mas nem todos vão a toda parte, pois existem regiões interditadas aos menos adiantados.”

### Forma e ubiquidade dos Espíritos.

88. Têm os Espíritos uma forma determinada, limitada e constante?

“A seus olhos, não; aos nossos, sim; trata-se, se assim quiserem, de uma flama, de um clarão ou de uma centelha etérea.”

— Essa flama ou centelha possui uma cor qualquer?

“Para vocês, ela varia de um tom escuro ao brilho do rubi, conforme o Espírito seja mais ou menos puro.”

A gente representa de ordinário os gênios com uma flama ou uma estrela sobre a fronte; é uma alegoria que lembra a natureza essencial dos Espíritos. A gente a coloca no alto da cabeça, porque é ali a sede da inteligência.

89. Gastam os Espíritos um tempo qualquer para franquearem o espaço?

“Sim; mas tão rápido como o pensamento.”

— Não é o pensamento a própria alma que se transporta?

“Quando o pensamento se acha em alguma parte, a alma aí está também, porquanto é a alma que pensa. O pensamento é um atributo.”

90. O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa; ou bem é transportado de súbito para o local aonde deseja ir?

“Um e outro; o Espírito pode muito bem, caso deseje, compenetrar-se da distância que transpõe, mas essa distância também pode desaparecer completamente; isso depende de sua vontade e também de sua natureza mais ou menos purificada.”

91. Oferece a matéria obstáculo aos Espíritos?

“Não; eles penetram tudo: o ar, a terra, as águas, o próprio fogo lhes são igualmente acessíveis.”

92. Possuem os Espíritos o dom da ubiquidade; em outros termos, o mesmo Espírito é capaz de se dividir ou de existir em vários pontos de uma só vez?

“Não pode existir divisão do mesmo Espírito; mas cada um é um centro que irradia para diferentes lados; eis porque parece estar em muitos locais de uma só vez. Você vê o Sol, que não é mais que um, contudo ele irradia por toda a volta e leva seus raios muitíssimo longe; apesar disso, ele não se divide.”

— Todos os Espíritos irradiam com a mesma força?

“Falta muito ainda; isso depende do nível de sua pureza.”

Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um deles é capaz de enviar seu pensamento para diferentes lados, sem por isso se dividir. É nesse sentido apenas que se deve entender o dom de ubiquidade atribuído aos Espíritos. É como uma centelha que projeta ao longe sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte. É como, ainda, um homem que, sem sair do lugar e sem se repartir, consegue transmitir ordens, sinais e movimento para diferentes pontos.

## Perispírito.

93. O Espírito, propriamente dito, permanece descoberto ou se envolve, como pretendem alguns, de uma substância qualquer?

“O Espírito se envolve de uma substância que é vaporosa para você, mas ainda bem grosseira para nós; assaz vaporosa, contudo, para conseguir elevar-se na atmosfera e transportar-se para onde desejar.”

Como a semente de um fruto é revestida pelo perisperma, igualmente o Espírito propriamente dito é cercado de um invólucro que, por comparação, se pode chamar de *perispírito*.

94. Onde o Espírito haure seu invólucro semimaterial?

“No fluido universal de cada globo. Eis porque ele não é o mesmo em todos os mundos; ao passar de um mundo para outro, o Espírito muda de invólucro, como vocês mudam de roupa.”

— Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm a nós, tomam um perispírito mais grosseiro?

“É preciso que eles se revistam de sua matéria; nós já o dissemos.”

95. O invólucro semimaterial do Espírito assume formas determinadas e pode ser perceptível?

“Sim, uma forma à vontade do Espírito, e é assim que ele lhes aparece às vezes, seja nos sonhos, seja na vigília, além de ser capaz de tomar uma forma visível e mesmo palpável.”

## Diferentes ordens de Espíritos.

96. São os Espíritos iguais ou bem existe entre eles uma hierarquia qualquer?

“Eles são de diferentes ordens, conforme o nível de perfeição ao qual hajam chegado.”

97. Existe um número determinado de ordens ou de níveis de perfeição entre os Espíritos?

“O número delas é ilimitado, porque não existe entre essas ordens uma linha de demarcação traçada como uma barreira, e porque, assim, a gente consegue multiplicar ou restringir as divisões, à vontade; todavia, caso se considerem as características gerais, a gente tem como reduzi-las a três principais.

“Pode-se colocar na primeira classe os que atingiram a perfeição: os puros Espíritos; os da segunda ordem atingiram o meio da escala: o desejo do bem é sua preocupação. Os do último nível estão ainda na base da escala: os Espíritos imperfeitos. Eles se caracterizam através da ignorância, o do desejo do mal e de todas as más paixões que retardam seu adiantamento.”

98. Os Espíritos da segunda ordem têm apenas o desejo do bem; têm também o poder de praticá-lo?

“Eles têm esse poder, conforme o nível de sua perfeição: uns possuem a ciência, outros, a sabedoria e a bondade, mas todos têm ainda provações que sofrer.”

99. São os Espíritos da terceira ordem, todos, essencialmente maus?

“Não; uns não fazem nem bem nem mal; outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-lo. E depois existem os Espíritos levianos ou *estabanados*, mais bagunceiros que maldosos, que se divertem antes por malícia que por maldade, e que encontram seu prazer em mistificar e causar contrariedadezinhas de que se riem.”

### Escala espírita.

100. *Observações preliminares.* — A classificação dos Espíritos se baseia em seu nível de adiantamento, nas qualidades que adquiriram e nas imperfeições de que têm ainda de se despojar. Tal classificação, aliás, não tem nada de absoluto: cada categoria apresenta uma característica talhada apenas em seu conjunto; mas de um nível a outro, a transição é imperceptível, e, nos limites, a nuance desaparece como nos reinos da natureza, como nas cores do arco-íris, ou bem ainda como nos diferentes períodos da vida do homem. É possível, pois, formar um maior ou menor número de classes, segundo o ponto de vista com que se considera a coisa. Sucede aqui como em todos os sistemas das classificações científicas: os sistemas podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência; mas, quaisquer que sejam, eles não mudam nada quanto ao conteúdo da ciência. Os Espíritos interrogados sobre tal ponto,

portanto, puderam variar no número das categorias sem nenhum problema. Houve quem se armou com essa contradição aparente, sem refletir que os Espíritos não ligam nenhuma importância ao que é meramente convencional; para eles, o pensamento é tudo: eles relegam a forma para nós, a escolha dos termos, as classificações, em suma, os sistemas.

Acrescentemos ainda esta consideração que não se pode jamais perder de vista: sucede que, entre os Espíritos, tanto quanto entre os homens, existem os muitíssimo ignorantes, e que não seria nunca demais se pôr em guarda contra a tendência para crer que todos têm de saber tudo, porque são Espíritos. Toda classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do tema. Ora, no mundo dos Espíritos, os que possuem conhecimentos limitados são, como os ignorantes neste mundo, incapazes de abranger um conjunto, de formular um sistema; eles só conhecem ou só compreendem de maneira imperfeita toda e qualquer classificação; para eles, todos os Espíritos que lhes são superiores pertencem à primeira ordem, sem que alcancem avaliar as nuances de saber, de capacidade e de moralidade que os distinguem, como entre nós um homem inculto agiria à vista dos homens cultos. Mesmo os que são capazes podem divergir nas escalas, conforme seu ponto de vista, sobretudo quando uma divisão não tem nada de absoluto. Lineu, Jussieu, Tournefort tiveram cada um seu método, e nem por isso a botânica mudou; é que eles não inventaram nem as plantas nem suas características; eles observaram as analogias com as quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que nós procedemos; nós não inventamos nem os Espíritos nem suas características; nós vimos e observamos, nós os julgamos por suas palavras e por seus atos, depois classificamos através das similitudes, baseando-nos nos dados que eles nos forneceram.

Os Espíritos admitem em geral três categorias principais ou três grandes divisões. Na última, a que se acha em baixo da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados através da predominância da matéria sobre o espírito e da propensão ao mal. Os da segunda são caracterizados através da predominância do espírito sobre a matéria e do desejo do bem: estes são os bons Espíritos. A primeira, enfim, compreende os puros Espíritos, os que alcançaram o supremo grau de perfeição.

Esta divisão parece-nos perfeitamente racional e apresenta as características bem definidas; só nos restava ressaltar, através de um número conveniente de subdivisões, as nuances principais do conjunto; eis o que fizemos, com o concurso dos Espíritos, cujas instruções benevolentes não nos faltaram jamais.

Com a ajuda desse quadro, será fácil de determinar a ordem e o nível de superioridade ou inferioridade dos Espíritos com os quais conseguimos entrar em contato, e, por conseguinte, o nível de confiança e de estima que merecem; eis, de alguma forma, a chave da ciência espírita, pois somente é possível compreender as anomalias que apresentam as comunicações, esclarecendo-nos a respeito das desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos. Nós demonstraremos, além do mais, que os Espíritos não pertencem sempre exclusivamente a tal ou qual classe; realizando-se seu progresso tão só gradualmente e muitas vezes mais em um sentido que em um outro, eles podem reunir as características de diversas categorias, o que é fácil de avaliar por sua linguagem e por seus atos.

### TERCEIRA ORDEM. — ESPÍRITOS IMPERFEITOS.

101. *Características gerais.* — Predominância da matéria sobre o espírito. Propensão para o mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões deles consequentes.

Eles têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus; em alguns, existe mais leviandade, inconsequência e malícia do que verdadeira maldade. Uns não praticam nem o bem nem o mal; mas só pelo fato de não praticarem nunca o bem, eles denotam sua inferioridade. Outros, ao contrário, se divertem com o mal e ficam satisfeitos quando encontram a ocasião de praticá-lo.

Eles podem aliar a inteligência à maldade ou à malícia; mas, seja qual for seu desenvolvimento intelectual, suas ideias são pouco elevadas e seus sentimentos mais ou menos abjetos.

Seus conhecimentos sobre as coisas do mundo espírita são limitados, e o pouco que sabem se confunde com as ideias e os preconceitos da vida corpórea. Eles tão só nos conseguem dar noções enganosas e incompletas; mas o observador atento encontra amiúde em suas comunicações, mesmo imperfeitas, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelo Espíritos superiores.

Seu caráter se revela através de sua linguagem. Todo Espírito que, em suas comunicações, trai um mau pensamento, pode ser alinhado na terceira ordem; por consequência, todo mau pensamento que nos é sugerido nos vem de um Espírito desta ordem.

Eles observam a felicidade dos bons, e tal visão é para eles um tormento constante, pois eles experimentam todas as angústias que podem produzir a inveja e o ciúme.

Eles conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea, e tal sensação é, com frequência, mais penosa que a realidade. Eles sofrem, assim, verdadeiramente, não só pelos males que padeceram, como pelos que fizeram padecer os outros; e como eles sofrem por muito tempo, creem sofrer sempre; Deus, para puni-los, deseja que eles assim o creiam.

É possível dividi-los em cinco classes principais.

102. *Décima classe.* ESPÍRITOS IMPUROS. — São inclinados ao mal e fazem dele o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão pérfidos conselhos, inflam a discórdia e a desconfiança e colocam todas as máscaras para enganar melhor. Eles se agarram às personalidades muito fracas para ceder às suas sugestões, a fim de as arrastar à sua perda, satisfeitos por conseguir retardar adiantamento delas, ao fazê-las sucumbir nas provações que sofrem.

Nas manifestações, a gente os reconhece por sua linguagem; a trivialidade e a grosseria das expressões, entre os Espíritos como entre os homens, é sempre um índice de inferioridade moral, senão intelectual. Suas comunicações descobrem a vileza de suas

inclinações e, caso desejem lograr falando de um modo sensato, não são capazes de sustentar por muito tempo seu papel e terminam sempre por trair sua origem.

Alguns povos fizeram deles divindades maléficas; outros os designam com os nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do mal.

Os seres vivos que animam, quando estão encarnados, se acham inclinados a todos os vícios que as paixões vis e degradantes engendram: a sensualidade, a crueldade, a perfídia, a hipocrisia, a cupidez, a sórdida avareza. Eles praticam o mal pelo prazer de praticá-lo, o mais frequentemente sem motivos, sendo que, por ódio ao bem, eles escolhem quase sempre suas vítimas entre as pessoas honestas. São os flagelos da humanidade, qualquer que seja o nível social a que pertençam, e o verniz da civilização não os preserva do opróbrio e da ignomínia.

103. *Nona classe*. ESPÍRITOS LEVIANOS. — São ignorantes, malignos, inconsequentes e zombadores. Eles se intrometem em tudo, respondem a tudo, sem se importarem com a verdade. Eles se divertem com causar pequenos aborrecimentos e pequenas contrariedades, com intrigar, com induzir maliciosamente a erro, através de mistificações e de travessuras. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados pelos nomes de *duendes*, *diabretes*, *gnomos*, *trascos*. Eles ficam subordinados aos Espíritos superiores, que se utilizam deles amiúde, como nós o fazemos com os serviçais.

Em suas comunicações com os homens, sua linguagem às vezes é espirituosa e faceira, mas quase sempre sem profundidade; eles captam os caprichos e as ridicularias, que reproduzem com trejeitos mordazes e satíricos. Caso se deem nomes supostos, é muito mais por malícia que por maldade.

104. *Oitava classe*. ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS. — Seus conhecimentos são assaz extensos, mas eles creem saber mais do que sabem na realidade. Tendo conquistado alguns progressos sob diversos pontos de vista, sua linguagem possui um caráter sério, que é capaz de enganar quanto a seus talentos e a suas luzes; mas isso o mais das vezes não passa de um reflexo dos preconceitos e das ideias sistemáticas da vida terrestre; trata-se de uma confusão de algumas verdades ao lado dos erros mais absurdos, no meio dos quais avultam a presunção, o orgulho, a inveja e a obstinação de que não conseguiram despojar-se.

105. *Sétima classe*. ESPÍRITOS NEUTROS. — Não são nem assaz bons para praticar o bem, nem assaz ruins para praticar o mal; eles pendem tanto para um quanto para o outro, e não se elevam acima da condição comum da humanidade, não só quanto ao moral como quanto à inteligência. Eles se dão às coisas deste mundo, de cujas grosseiras alegrias sentem saudade.

106. *Sexta classe*. ESPÍRITOS BATEDORES E PERTURBADORES. — Estes Espíritos não formam em absoluto, propriamente falando, uma classe distinta, no que concerne às suas qualidades pessoais; eles podem pertencer a todas as classes da terceira ordem. Eles manifestam com frequência sua presença através de efeitos sensórios e físicos, tais como as pancadas, o movimento e o deslocamento anormal de corpos sólidos, a agitação do ar etc.; eles parecem, mais que os outros, presos à matéria; eles parecem ser os agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, seja porque atuem sobre o ar, a água, o

fogo, os corpos sólidos, seja nas entranhas da terra. A gente reconhece que esses fenômenos não são absolutamente devidos a uma causa fortuita e física, quando possuem um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos têm como produzir esses fenômenos, mas os Espíritos elevados os deixam, em geral, como atribuições dos Espíritos subalternos, mais aptos para as coisas materiais que para as coisas inteligentes. Quando eles julgam que as manifestações deste tipo são úteis, eles se servem destes Espíritos como auxiliares.

## SEGUNDA ORDEM. — BONS ESPÍRITOS.

107. *Características gerais.* Predominância do espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e seu poder para praticar o bem se acham em função do nível a que chegaram: uns possuem a ciência, os outros, a sabedoria e a bondade; os mais adiantados juntam o saber às qualidades morais. Não estando em absoluto ainda completamente desmaterializados, eles conservam mais ou menos, conforme sua categoria, os traços da existência corpórea, seja na forma da linguagem, seja em seus hábitos, onde se encontram mesmo algumas de suas manias; caso contrário, eles seriam Espíritos perfeitos.

Eles compreendem Deus e o infinito e desfrutam já a felicidade dos bons. Eles ficam felizes com o bem que praticam e com o mal que coíbem. O amor que os une é para eles a fonte de uma inefável felicidade, que nem a inveja altera, nem os remorsos, nem nenhuma das más paixões que constituem o tormento dos Espíritos imperfeitos; mas todos têm ainda provações que sofrer, até que alcancem a perfeição absoluta.

Como Espíritos, eles suscitam bons pensamentos, afastam os homens da estrada do mal, protegem durante a vida os que se tornam dignos, e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos junto aos que não gostam de recebê-la.

Aqueles em que se encarnam são bons e benévolos com os semelhantes; eles não são incitados nem pelo orgulho, nem pelo egoísmo, nem pela ambição; não sentem ódio, nem rancor, nem inveja, nem ciúme, e praticam o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os espíritos designados, nas crenças populares, sob os nomes de *bons gênios*, *gênios protetores*, *Espíritos do bem*. Nos tempos de superstição e de ignorância, foram transformados em divindades benfazejas.

Podemos dividi-los em quatro grupos principais.

108. *Quinta classe.* ESPÍRITOS BENÉVOLOS. — Sua qualidade dominante é a bondade; eles gostam de prestar serviço aos homens e de protegê-los, mas seu saber é limitado: seu progresso se deu mais no sentido moral que no sentido intelectual.

109. *Quarta classe.* ESPÍRITOS ERUDITOS. — O que os distingue especialmente é a extensão de seus conhecimentos. Eles se preocupam menos com as questões morais do que com as questões científicas, para as quais possuem maior aptidão; mas eles encaram a ciência apenas do ponto de vista de sua utilidade, e não envolvem nela nenhuma das paixões que são a marca dos Espíritos imperfeitos.

110. *Terceira classe.* ESPÍRITOS SÁBIOS. — As qualidades morais da ordem mais elevada constituem sua característica distintiva. Sem possuir conhecimentos ilimitados, eles são dotados de uma capacidade intelectual que lhes propicia um julgamento correto dos homens e das coisas.

111. *Segunda classe.* ESPÍRITOS SUPERIORES. — Eles reúnem o conhecimento, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem respira tão só benevolência; ela é sempre digna, elevada e, com frequência, sublime. Sua superioridade os torna, mais que aos outros, aptos a nos fornecer as noções mais justas sobre as coisas do mundo incorpóreo, nos limites do que se permite aos homens conhecerem. Eles se comunicam espontaneamente com os que procuram a verdade de boa-fé e cuja alma esteja assaz desprendida dos liames terrestres para compreendê-la; mas eles se distanciam dos que somente são excitados pela curiosidade ou que a influência da matéria desviam da prática do bem.

Quando, excepcionalmente, eles se encarnam na Terra, é para aqui cumprir u'a missão de progresso, e nos oferecem então o tipo da perfeição à qual a humanidade pode aspirar neste mundo.

#### PRIMEIRA ORDEM. — PUROS ESPÍRITOS.

112. *Características gerais.* Influência nula da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, em confronto com os Espíritos das outras ordens.

113. *Primeira classe. Classe única.* — Os puros Espíritos percorreram todos os níveis da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, eles não têm mais que sofrer nem provações nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, é a vida eterna que cumprem no seio de Deus.

Eles usufruem uma felicidade inalterável, porque não estão sujeitos nem às necessidades nem às vicissitudes da vida material; mas essa felicidade não é, de fato, a de uma *ociosidade monótona passada em uma contemplação perpétua*. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para a manutenção da harmonia universal. Eles comandam todos os Espíritos que lhes são inferiores, os ajudam a se aperfeiçoar e lhes assinalam suas missões. Assistir aos homens em seu desespero, excitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os aparta da felicidade suprema é para eles uma doce ocupação. Eles são designados, às vezes, pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem comunicar-se com eles, mas bem presunçoso seria quem pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

## Progressão dos Espíritos.

114. São os Espíritos bons ou maus por sua natureza, ou bem são eles os mesmos Espíritos que vão melhorando-se?

“Os mesmos Espíritos que vão melhorando-se: ao melhorarem-se, eles passam de uma ordem inferior para uma superior.”

115. Entre os Espíritos, foram uns criados bons e outros ruins?

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, quer dizer, sem conhecimento. Ele forneceu a cada um u’a missão, com o fito de esclarecê-los e de fazê-los chegar progressivamente à perfeição, através do conhecimento da verdade, e para aproximá-los dele. A bem-aventurança eterna e sem mescla se encontra para eles nessa perfeição. Os Espíritos adquirem o conhecimento ao passarem pelas provações que Deus lhes impõe. Uns aceitam tais provações com submissão e chegam mais rapidamente ao termo de seu destino; outros somente as sofrem murmurando, e ficam assim, por sua culpa, afastados da perfeição e da felicidade prometida.”

— Sendo assim, os Espíritos pareceriam ser, em sua origem, como são as crianças, ignorantes e sem experiência, mas vão adquirindo, a pouco e pouco, os conhecimentos que lhes faltam, ao percorrerem as diferentes fases da vida.

“Sim, a comparação é correta: a criança rebelde continua ignorante e imperfeita; ela tira mais ou menos proveito das coisas segundo sua docilidade; mas a vida do homem tem um término, e a dos Espíritos se perde no infinito.”

116. Existem Espíritos que permanecerão pela eternidade nas categorias inferiores?

“Não; todos se tornarão perfeitos; eles mudam, mas isso é demorado; pois, como dissemos uma outra vez, um pai justo e misericordioso não tem como banir eternamente seus filhos. Desejaria você, então, que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vocês mesmos?”

117. Depende dos Espíritos apressar seu progresso até a perfeição?

“Certamente, eles chegam mais ou menos rápido, conforme seu desejo e sua submissão à vontade de Deus. Não se instrui uma criança dócil mais depressa que uma criança birrenta?”

118. Podem os Espíritos degenerar?

“Não. À medida que eles vão adiantando, vão compreendendo o que os distancia da perfeição. Quando o Espírito finda uma prova, ele possui o conhecimento e não se esquece. Ele é capaz de permanecer estacionário, mas não retrograda.”

119. Não podia Deus liberar os Espíritos das provações que têm de sofrer para chegar à primeira categoria?

“Se eles tivessem sido criados perfeitos, ficariam sem mérito para desfrutar os benefícios dessa perfeição. Onde ficaria o mérito sem a luta? Aliás, a desigualdade que existe entre eles é necessária para sua personalidade; e, depois, a missão que eles

cumprem nos diferentes níveis se acha nos projetos da Providência, para a harmonia do universo.”

Uma vez que, na vida social, todos os homens são capazes de chegar às funções mais elevadas, igualmente valeria perguntar por que motivo o soberano de um país não converte em general cada um de seus soldados; por que todos os funcionários subalternos não são funcionários superiores; por que todos os escolares não são professores. Contudo, existe esta diferença entre a vida social e a espiritual, qual seja, que a primeira é limitada e nem sempre permite subir todos os degraus, ao passo que a segunda é indefinida, e deixa a cada um a possibilidade de se elevar à categoria suprema.

120. Passam todos os Espíritos pela experiência do mal para chegar ao bem?

“Não pela experiência do mal, mas por aquela da ignorância.”

121. Por que certos Espíritos seguiram a rota do bem, e outros, aquela do mal?

“Não possuem eles seu livre-arbítrio? Deus jamais criou Espíritos maus; ele os criou simples e ignorantes, quer dizer, possuindo tanto a aptidão para o bem quanto para o mal; os que são maus, ficaram assim por sua vontade.”

122. Como os Espíritos, em sua origem, quando não possuem ainda a consciência de si mesmos, podem ter a liberdade de escolha entre o bem e o mal? Existe neles um princípio, uma tendência qualquer que os conduza de preferência para um rumo e não para um outro?

“O livre-arbítrio vai desenvolvendo-se à medida que o Espírito vai adquirindo a consciência de si mesmo. Não existiria mais liberdade, caso a escolha fosse instigada através de uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não se acha nele, mas fora dele, nas influências às quais ele cede em virtude de seu livre-arbítrio. Eis a grande figura da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação; os outros resistiram.”

— Onde vêm as influências que se exercem sobre ele?

“Dos Espíritos imperfeitos que buscam tomar conta dele, dominá-lo, e que ficam ditosos ao fazê-lo sucumbir. Eis o que se desejou pintar através da figura de Satã.”

— Tal influência se exerce sobre o Espírito apenas em sua origem?

“Ela o segue em sua vida de Espírito até que ele haja assumido de tal modo o domínio sobre si mesmo que os maus renunciem a obsidiá-lo.”

123. Por que Deus permitiu que os Espíritos pudessem seguir a estrada do mal?

“Como ousam vocês pedir a Deus conta de seus atos? Pensam vocês poder penetrar seus desígnios? Contudo, vocês podem dizer isto: A sabedoria de Deus se acha na liberdade que ele dá a cada um de escolher, pois cada um possui o merecimento de suas obras.”

124. Como existem Espíritos que, desde o princípio, seguem a rota do bem absoluto, e outros, a do mal absoluto, existem sem dúvida graus entre esses dois extremos?

“Sim, certamente, e é a grande maioria.”

125. Poderão os Espíritos que seguiram a rota do mal chegar ao mesmo nível de superioridade que os outros?

“Sim, mas *as eternidades* serão mais longas para eles.”

Por esta palavra, as *eternidades*, temos de entender a ideia que têm os Espíritos inferiores da perpetuidade de seus sofrimentos, cujo término não lhes é dado perceber e cuja ideia se renova em todas as provações em que sucumbem.

126. Têm os Espíritos que chegam ao nível mais elevado após haverem passado pelo mal menos mérito que os outros aos olhos de Deus?

“Deus contempla os desgarrados com os mesmos olhos e os ama a todos com o mesmo coração. Eles são chamados de maus porque sucumbiram; eles não eram antes senão simples Espíritos.”

127. São os Espíritos criados iguais quanto às faculdades do intelecto?

“Eles são criados iguais, mas, não sabendo donde vêm, é preciso que o livre-arbítrio tenha seu curso. Eles progredem mais ou menos rapidamente em inteligência como em moralidade.”

Os Espíritos que seguem desde o princípio a rota do bem não são, só por isso, Espíritos perfeitos; se eles não têm tendências para o mal, têm de adquirir, não menos, a experiência e os conhecimentos necessários à perfeição. Nós podemos compará-los a crianças que, seja qual for a bondade de seus instintos naturais, precisam desenvolver-se, esclarecer-se, não chegando sem transição da infância à idade madura; ocorre que, como temos homens que são bons e outros que são maus desde sua infância, existem também Espíritos que são bons ou maus desde o princípio, com esta diferença capital, ou seja, que a criança possui os instintos formados, ao passo que o Espírito, antes de sua transformação, não é mais mau que bom; ele possui todas as tendências, e toma uma ou outra direção em consequência de seu livre-arbítrio.

## Anjos e demônios.

128. Os seres que nós chamamos de anjos, arcanjos, serafins formam uma categoria especial, de uma natureza diferente dos outros Espíritos?

“Não; são puros Espíritos: são os que estão no mais alto nível da escala e reúnem todas as perfeições.”

A palavra *anjo* desperta em geral a ideia da perfeição moral; entretanto, a gente a aplica amiúde a todos os seres bons e maus que se acham fora da humanidade. A gente diz: o bom e o mau anjo; o anjo de luz e o anjo das trevas; neste caso, é sinônima de *Espírito* ou de *gênio*. Nós a tomamos aqui em sua boa acepção.

129. Percorreram os anjos todos os níveis?

“Eles percorreram todos os níveis, mas, como dissemos, uns aceitaram sua missão sem murmúrio e se alçaram mais depressa; os outros usaram um tempo mais ou menos longo para alcançar a perfeição.”

130. Se a opinião que admite a existência de seres criados perfeitos e superiores a todos os outros é errônea, como se dá que ela se ache na tradição de quase todos os povos?

“Compenetre-se de que seu mundo não vem de toda a eternidade, e de que, muito tempo antes de ele existir, certos Espíritos haviam alcançado o nível mais elevado; aos homens, assim, foi possível crer em que eles tivessem sempre sido daquele jeito.”

### 131. Existem demônios, no sentido atribuído a essa palavra?

“Se existissem demônios, eles seriam obra de Deus, e seria Deus justo e bom por haver criado seres eternamente infelizes votados ao mal? Se existem demônios, é em seu mundo inferior e em outros parecidos que eles residem; são esses homens hipócritas que transformam um Deus justo em um Deus mau e vingativo, e que acreditam ser-lhe agradáveis através das abominações que cometem em seu nome.”

A palavra *demônio* só implica a ideia de mau Espírito em sua acepção moderna, pois a palavra grega *daimon* [daí,mwn], da qual se formou, significa *gênio, inteligência*, e se dizia dos seres incorpóreos, bons ou maus, sem distinção.

Os demônios, segundo a acepção vulgar do termo, pressupõem seres essencialmente maléficos; eles seriam, como todas as coisas, uma criação de Deus; ora, Deus, que é supremamente justo e bom, não tem como haver criado seres predispostos ao mal por sua natureza e condenados pela eternidade. Se não fossem uma obra de Deus, existiriam, então, como ele, de toda a eternidade, ou bem existiriam muitíssimas forças supremas.

A primeira condição de qualquer doutrina é de ser lógica; ora, a dos demônios, no seu sentido absoluto, peca por essa base essencial. Que, na crença dos povos atrasados, os quais, não conhecendo os atributos de Deus, admitam divindades maléficas ou admitam também os demônios, isso se concebe; mas, para qualquer um que faça da bondade de Deus um atributo por excelência, é ilógico e contraditório supor que ele tenha podido criar seres votados para o mal e destinados a praticá-lo pela perpetuidade, pois isso é negar sua bondade. Os partidários do demônio se louvam nas palavras do Cristo; certamente não seremos nós que contestaremos a autoridade de seu ensinamento, que gostaríamos de ver mais no coração do que na boca dos homens: mas estariam bem certos do sentido que ele vinculava à palavra demônio? Não se sabe que a forma alegórica é uma das marcas distintivas de sua linguagem? Pode-se tomar à letra tudo o que encerra o Evangelho? Nós não precisamos de outra prova, além desta passagem:

“Logo após esses dias de aflição, o sol obscurecerá e a lua não fornecerá mais sua luz, as estrelas cairão do céu e as forças do céu ficarão abaladas. Eu lhes digo em verdade que esta geração de fato não passará, antes que todas estas coisas se realizem.”

Não temos visto nós a *forma* do texto bíblico sendo contestada pela ciência no tocante à criação e ao movimento da Terra? Não pode ser o mesmo quanto a certas figuras empregadas pelo Cristo, que devia falar conforme os tempos e os lugares? O Cristo não poderia dizer conscientemente algo falso; caso, portanto, em suas palavras existam coisas que pareçam chocar a razão, é que nós não as compreendemos ou nós as interpretamos mal.

Os homens agiram em relação aos demônios do mesmo modo que agiram em relação aos anjos; assim como acreditaram em seres perfeitos desde toda a eternidade, eles consideraram os Espíritos inferiores como seres perpetuamente maus. A palavra demônio tem, pois, de ser atribuída aos Espíritos impuros que muitas vezes não valem mais que os designados por esse nome, mas com esta diferença, ou seja, que seu estado é apenas transitório. São os Espíritos imperfeitos que murmuram contra as provações que sofrem e que, por isso, as sofrem por muito mais tempo, mas que chegarão à perfeição por seu turno, quando tiverem vontade. A gente poderia, pois, aceitar a palavra *demônio* com esta restrição; mas, como é ela agora entendida em um sentido exclusivo, seria possível induzir em erro, ao fazer crer na existência de seres especiais criados para o mal.

No que tange a Satã, trata-se evidentemente da personificação do mal sob uma forma alegórica, pois não se poderia admitir um ser malvado lutando em igualdade de forças com a Divindade, e cuja única preocupação seria a de se contrapor a seus desígnios. Como precisa o homem de imagens e figuras para chocar sua imaginação, ele pintou os seres incorpóreos sob uma forma material com os atributos lembrando suas qualidades ou seus defeitos. Eis como os antigos, desejando personificar o tempo, o pintaram sob a figura de um velho com uma foice e uma ampulheta; uma figura de jovem teria sido um contrassenso; sucede o mesmo com as alegorias da fortuna, da verdade etc. Os modernos representaram os anjos ou puros Espíritos sob uma figura radiosa, com asas brancas, sinal da pureza; Satã, com chifres, garras e os atributos da bestialidade, sinais das paixões vis. O populacho, que toma as coisas à letra, viu nesses sinais um indivíduo real, como outrora tinha visto Saturno na alegoria do Tempo.

## CAPÍTULO II

# ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

1. Objetivo da encarnação. — 2. Da alma. — 3. Materialismo.

### Objetivo da encarnação.

132. Qual é o objetivo da encarnação dos Espíritos?

“Deus a impõe com o objetivo de fazê-los chegar à perfeição: para uns, é uma expiação; para outros, u’ a missão. Mas, para chegar a essa perfeição, *eles têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corpórea*: é aí que está a expiação. A encarnação possui também um outro objetivo: o de preparar o Espírito para arrostar sua parte na obra da criação; é para cumpri-la que, em cada mundo, ele se aparelha em harmonia com a matéria essencial desse mundo, para aí executar, de forma adequada, as ordens de Deus, de tal sorte que, concorrendo integralmente para a obra geral, ele mesmo progrida.”

A ação dos seres corpóreos é necessária ao avanço do universo; mas Deus, em sua sabedoria, desejou que, nessa ação mesmo, eles achassem um meio de progredir e de se aproximar dele. É assim que, através de uma lei admirável de sua providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na natureza.

133. Os Espíritos que, desde o princípio, seguiram a rota do bem precisam da encarnação?

“Todos são criados simples e ignorantes; eles se instruem nas lutas e nas tribulações da vida corpórea. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a alguns, sem sacrifício e sem trabalho e, por consequência, sem mérito.”

— Mas então de que serve aos Espíritos haver seguido a rota do bem, se isso não os isenta dos sacrifícios da vida corpórea?

“Eles alcançam mais rápido o objetivo; e, depois, os sacrifícios da vida são amiúde a consequência da imperfeição do Espírito; menos imperfeições possua, menos tormentos

padece; quem não é nem invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não sofrerá os tormentos que nascem desses defeitos.”

## Da alma.

134. Que é a alma?

“Um Espírito encarnado.”

— Que era a alma antes de se unir ao corpo?

“Espírito.”

— São, pois, as almas e os Espíritos identicamente a mesma coisa?

“Sim, as almas são apenas Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível e que revestem temporariamente um invólucro carnal, para se purificarem e esclarecerem.”

135. Existe no homem algo mais que a alma e o corpo?

“Existe o liame que une a alma e o corpo.”

— Qual é a natureza desse liame?

“Semimaterial, quer dizer, intermediária entre o Espírito e o corpo. E precisa ser assim, para que eles possam comunicar-se um com o outro. É através desse liame que o Espírito atua sobre a matéria, e reciprocamente.”

O homem é, assim, formado de três partes essenciais:

1.<sup>a</sup>) O corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital;

2.<sup>a</sup>) A alma, Espírito encarnado, cuja morada é o corpo;

3.<sup>a</sup>) O princípio intermediário ou *perispírito*, substância semimaterial que serve de primeiro invólucro ao Espírito e une a alma e o corpo. Tais são, em um fruto, o germe, o perisperma e a casca.

136. É a alma independente do princípio vital?

“O corpo é apenas o invólucro, nós vamos repetir sem parar.”

— Pode o corpo existir sem a alma?

“Sim, entretanto, desde que o corpo pare de viver, a alma o deixa. Antes do nascimento, não existe ainda união definitiva entre a alma e o corpo; ao passo que, depois que essa união se estabelece, a morte do corpo rompe os laços que o unem à alma, e a alma o deixa. A vida orgânica é capaz de animar um corpo sem alma, mas a alma não é capaz de habitar um corpo privado da vida orgânica.”

— Que seria nosso corpo, se não tivesse alma?

“U’a massa de carne sem inteligência; tudo o que vocês desejarem, exceto um homem.”

137. É capaz o mesmo Espírito de se encarnar em dois corpos diferentes de uma só vez?

“Não, o Espírito é indivisível e não pode animar simultaneamente dois seres diferentes.” (Ver, em *O Livro dos Médiuns*, o capítulo *Bicorporeidade e transfiguração*.)

138. Que pensar da opinião dos que concebem a alma como o princípio da vida material?

“Trata-se de uma questão de palavras; nós não nos apegamos a isso; comecem por se entender entre si.”

139. Certos Espíritos, e antes deles alguns filósofos, definiram a alma: *Uma centelha anímica emanada do Grande Todo*; por que tal contradição?

“Não existe contradição; isso depende do sentido das palavras. Por que vocês não têm uma palavra para cada coisa?”

A palavra *alma* é empregada para exprimir coisas muito diferentes. Uns chamam assim ao princípio da vida e, nessa acepção, é exato dizer, *em sentido figurado*, que a alma é uma centelha anímica emanada do Grande Todo. Estas derradeiras palavras descrevem a fonte universal do princípio da vida, de que cada ser absorve uma porção e a qual restitui à massa após a morte. Esta ideia não exclui de forma alguma a de um ser moral distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade. É a este ser que se chama igualmente de *alma*, e, nesta acepção, se pode dizer que a alma é um Espírito encarnado. Ao se atribuírem à alma definições diferentes, os Espíritos se pronunciaram conforme a aplicação que faziam da palavra e conforme as ideias terrestres de que estavam ainda mais ou menos imbuídos. Isso se prende à insuficiência da linguagem humana, que não possui uma palavra para cada ideia, o que dá origem a uma infinidade de desentendimentos e de discussões; eis aí o porquê de os Espíritos superiores nos dizerem para nos entendermos primeiramente no que concerne às palavras<sup>5</sup>.

140. Que pensar da teoria da alma subdividida em tantas partes quantos são os músculos, presidindo, assim, a cada uma das funções do corpo?

“Isso depende ainda do sentido que se dá à palavra *alma*; caso se entenda como o fluido vital, está correto; caso se entenda como o Espírito encarnado, está errado. Nós o dissemos: o Espírito é indivisível: ele transmite o movimento aos órgãos através do fluido intermediário, sem por isso dividir-se.”

— No entanto, existem Espíritos que deram essa definição.

“Os Espíritos ignorantes podem tomar o efeito pela causa.”

A alma atua através do elemento intermediário dos órgãos, e os órgãos são animados pelo fluido vital que se distribui entre eles, mais abundantemente nos que são os centros ou focos do movimento. Mas tal explicação não tem como quadrar-se à alma considerada como o Espírito que habita o corpo durante a vida e o deixa com a morte.

141. Existe alguma verdade na opinião dos que pensam que a alma é exterior e envolve o corpo?

“A alma não está, de fato, presa no corpo como um passarinho na gaiola; ela irradia e se manifesta para fora, como a luz através de um globo de vidro ou como o som em torno de um centro sonoro; eis porque se pode dizer que ela é exterior, mas nem por isso é um invólucro do corpo. A alma possui dois invólucros: um, sutil e leve, o primeiro, o que você chama de *perispírito*; o outro, grosseiro, material e pesado: é o corpo. A alma é o centro de todos esses invólucros, como o germe num caroço; nós já o dissemos.”

142. Que dizer desta outra teoria segundo a qual a alma, na criança, se completa a cada período da vida?

“O Espírito é um só; ele está inteiro na criança como no adulto; são os órgãos ou instrumentos das manifestações da alma que se desenvolvem e se completam. Consiste ainda em tomar o efeito pela causa.”

---

<sup>5</sup> Ver, na Introdução, § II, a explicação a respeito da palavra *alma*.

143. Por que nem todos os Espíritos definem a alma do mesmo modo?

“Nem todos os Espíritos se acham igualmente esclarecidos sobre essas matérias; existem Espíritos ainda tacanhos, que não compreendem as coisas abstratas; são como as crianças entre vocês; existem também Espíritos sabichões que promovem desfiles de palavras para se impor; é ainda como entre vocês. E, depois, os próprios Espíritos esclarecidos podem expressar-se em termos diferentes, que têm no fundo o mesmo valor, sobretudo quando se trata de coisas que sua linguagem é impotente para exprimir com clareza; são necessárias figuras, comparações, que vocês adotam como sendo a realidade.”

144. Que se deve entender por alma do mundo?

“É o princípio universal da vida e da inteligência de onde nascem as individualidades. Mas os que se servem dessas palavras não se entendem muitas vezes a si mesmos. A palavra *alma* é tão elástica que cada qual a interpreta conforme suas fantasias. Às vezes, se tem atribuído também uma alma à Terra; é preciso entender aí o conjunto dos Espíritos devotados que orientam as ações de vocês para o bom caminho, quando vocês os ouvem, e que são, de alguma forma, os lugar-tenentes de Deus junto ao seu globo.”

145. Como tantos filósofos antigos e modernos têm discutido por tão longo tempo sobre a ciência psicológica, sem terem chegado à verdade?

“Esses homens eram os precursores da doutrina espírita eterna; e prepararam os caminhos. Eles eram homens e acabaram errando, porque tomaram suas próprias ideias pela luz; mas mesmo os erros servem para ressaltar a verdade, ao demonstrar o pró e o contra; de resto, entre esses erros se acham grandes verdades, que um estudo comparativo lhes dará a compreender.”

146. Possui a alma uma sede determinada e circunscrita no corpo?

“Não, porém, ela se acha mais particularmente na cabeça, entre os grandes gênios, entre todos os que pensam muito, e no coração, entre os que sentem muito, e cujas ações se reportam a toda a humanidade.”

— Que pensar da opinião dos que colocam a alma em um centro vital?

“Quer dizer que o Espírito habita de preferência essa parte de seu organismo, porque é aí que se concentram todas as sensações. Os que a colocam no que consideram o centro da vitalidade a confundem com o fluido ou princípio vital. Todavia, a gente pode dizer que a sede da alma se acha mais particularmente nos órgãos que servem às manifestações intelectuais e morais.”

## Materialismo.

147. Por que os anatomistas, os fisiologistas e, em geral, os que se aprofundam nas ciências da natureza são tão frequentemente levados ao materialismo?

“O fisiologista reporta tudo ao que vê. Orgulho dos homens, que creem tudo saber, e que não admitem que algo possa ultrapassar seu entendimento. Sua ciência

mesmo lhes dá essa presunção; eles pensam que a natureza não consegue reter nada escondido deles.”

148. Não é deplorável que o materialismo seja uma consequência de estudos que teriam, ao contrário, que demonstrar ao homem a superioridade da inteligência que governa o mundo? É preciso concluir que eles são perigosos?

“Não é verdade que o materialismo seja uma consequência desses estudos; é o homem que deles extrai uma falsa consequência, pois ele consegue abusar de tudo, até das melhores coisas. O nada, de resto, os assusta mais do que eles desejam aparentar, e as mentes fortes são amiúde mais fanfarronas que valentes. Eles são, em sua maioria, materialistas apenas porque não têm nada para preencher o vazio desse precipício que se abre diante deles; mostrem-lhes uma tábua de salvação, e se agarrarão a ela com sofreguidão.”

Por uma aberração da inteligência, existem pessoas que só enxergam nos seres orgânicos a ação da matéria e a ela reportam todos os nossos atos. Eles só enxergaram no corpo humano a máquina elétrica; eles só estudaram o mecanismo da vida na função dos órgãos; eles a viram extinguir-se com frequência através da ruptura de um fio, e não viram nada além desse fio; eles analisaram se restava algo e, como só acharam a matéria que ficara inerte, como não viram a alma escapar e não puderam agarrá-la, concluíram que tudo se achava nas propriedades da matéria e que, assim, após a morte, existe apenas o nada para o pensamento; triste consequência, se fosse assim; pois, então, o bem e o mal quedariam sem objetivo; o homem estaria alicerçado ao pensar somente em si e ao situar acima de tudo a satisfação de seus prazeres materiais; os laços sociais seriam rompidos e as afeições mais sagradas destruídas sem remédio. Felizmente, essas ideias estão longe de serem gerais; pode-se mesmo dizer que se encontram muito circunscritas e constituem apenas opiniões individuais, pois em nenhuma parte foram erigidas em doutrina. Uma sociedade alicerçada sobre essas bases traria em si o germe de sua dissolução, e seus membros se entredilacerariam, como animais ferozes.

O homem possui instintivamente o pensamento de que tudo para ele não finda com a vida; ele tem horror ao nada; ele diligencia inutilmente para resistir ao pensamento do futuro; quando advém o momento supremo, são poucos os que não perguntam o que vai ser deles; pois a ideia de deixar a vida para sempre contém qualquer coisa de aflitivo. Quem poderia, com efeito, encarar com indiferença uma separação absoluta, eterna de tudo quanto se amou? Quem poderia ver, sem pavor, abrir-se diante de si o abismo imenso do nada, onde iriam precipitar-se, para nunca mais, todas as nossas faculdade, todas as nossas esperanças, e refletir: Quê! Depois de mim, nada além do nada senão o vazio; tudo está acabado para sempre; ainda alguns dias e minha lembrança se apagará da memória dos que sobreviverem a mim; cedo, não restará nenhum vestígio de minha passagem pela Terra; o próprio bem que pratiquei será esquecido pelos ingratos a quem ajudei; e nada para recompensar tudo isso, nenhuma outra perspectiva senão a de meu corpo devorado pelos vermes!

Esse quadro não tem qualquer coisa de pavoroso, de glacial? A religião nos ensina que não pode ser assim, e a razão no-lo confirma; mas essa existência futura, vaga e indefinida, nada possui que satisfaça nosso amor ao positivo; eis o que, para muitos, engendra a dúvida. Nós temos uma alma; que seja; mas o que é nossa alma? Tem ela uma forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? Alguns dizem que é um sopro de Deus, outros, que é uma centelha, outros, uma parte do Grande Todo, o princípio da vida e da inteligência; mas em que tudo isso nos edifica? Que nos importa possuir uma alma, se depois ela se mistura na imensidade, como as gotas d'água no oceano?! A perda de nossa individualidade não é para nós como o nada? Diz-se ainda que ela é imaterial; mas uma coisa imaterial não poderia possuir proporções definidas; para nós, isso não é coisa alguma. A religião nos ensina também que nós seremos felizes ou infelizes, conforme o bem ou o mal que tivermos praticado; mas em que consiste essa felicidade que aguarda por nós no seio de Deus? É uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outra atividade senão cantar os louvores ao Criador? São as flamas do inferno uma realidade ou uma figura? A Igreja mesma o entende nesta última acepção, mas quais são esses sofrimentos? Onde se situa esse lugar de suplício? Em suma, que se faz, que se vê nesse mundo que aguarda por todos nós? Ninguém, dizem, voltou para nos contar. Eis um erro, e a missão do espiritismo é exatamente de nos esclarecer a respeito desse futuro, de nos facultar, até um certo ponto, abordá-lo com o toque e com a visão, não mais através do raciocínio mas dos fatos. Graças às comunicações espíritas, não se trata mais de uma presunção, de uma probabilidade que cada qual enfeita à sua vontade, que os poetas embelezam com suas fantasias ou semeiam de imagens alegóricas que nos iludem; é a realidade que nos aparece, pois são os seres mesmos de além-túmulo que vêm descrever-nos sua situação, dizer-nos o que fazem; são eles que nos permitem assistir, por assim dizer, a todas as peripécias de sua vida nova e que, por esse meio, nos demonstram a sorte inevitável que nos está reservada, conforme nossos méritos ou nossos desbaratos. Existe nisso algo anti-religioso? Bem ao contrário, porquanto os incrédulos aí acham a fé, e os tíbios,

um renovamento de fervor e de confiança. Logo, o espiritismo é o mais poderoso coadjuvante da religião. Isso é assim porque Deus o permite, e ele o permite para reanimar nossas esperanças abaladas, e nos reconduzir à estrada do bem, através da perspectiva do futuro.

## CAPÍTULO III

# RETORNO DA VIDA CORPÓREA À VIDA ESPIRITUAL

1. A alma após a morte; sua individualidade. Vida eterna. — 2. Separação da alma e do corpo. — 3. Perturbação espírita.

### A alma após a morte.

149. Em que se torna a alma no instante da morte?

“Ela se torna Espírito, o quer dizer que ela retorna ao mundo dos Espíritos que havia deixado temporariamente.”

150. Conserva a alma, após a morte, sua individualidade?

“Sim, ela não a perde jamais. Que seria ela caso não a conservasse?”

— Como a alma constata sua individualidade, já que não tem mais seu corpo material?

“Ela possui ainda um fluido que lhe é próprio, que extrai da atmosfera de seu planeta e que mantém a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.”

— A alma não leva consigo nada deste mundo?

“Nada além da lembrança e do desejo de ir para um mundo melhor. Essa lembrança se acha plena de doçura ou de amargor, conforme o uso que tiver dado à vida; mais pura seja, melhor compreende a futilidade do que deixa na Terra.”

151. Que pensar da opinião de que a alma, após a morte, regressa ao todo universal?

“Não forma o conjunto dos Espíritos um todo? Não constitui todo um mundo? Quando você se acha em uma assembleia, você é parte integrante dessa assembleia, contudo, você conserva sua individualidade.”

152. Que prova podemos obter da individualidade da alma após a morte?

“Não possuem vocês tal prova pelas comunicações que obtêm? Se não forem cegos, vocês verão; e, se não forem surdos, ouvirão, pois bem amiúde uma voz lhes fala e lhes revela a existência de um ser fora de vocês.”

Os que pensam que, com a morte, a alma retorna ao todo universal, estão errados, caso entendam com isso que, semelhante a uma gota de água que cai no oceano, ela aí perde sua individualidade; eles estão com a verdade, caso entendam pelo *todo universal* o conjunto dos seres incorpóreos de que cada alma ou Espírito é um elemento.

Se as almas se misturassem à massa, só possuiriam as qualidades do conjunto, e nada as distinguiria umas das outras; não teriam nem inteligência nem qualidades próprias; ao passo que, em todas as comunicações, elas acusam a consciência do *eu* e uma vontade distinta; a diversidade infinita que apresentam, sob todos os aspectos, é uma consequência, sem dúvida, das individualidades. Caso existisse, após a morte, tão só o que a gente chama de Grande Todo absorvendo todas as individualidades, esse Todo seria uniforme e daí todas as comunicações que se recebessem do mundo invisível seriam idênticas. Uma vez que lá se encontram seres bons e seres maus, sábios e ignorantes, felizes e infelizes, que existem de todas as índoles: alegres e tristes, levianos e profundos etc., fica evidente que se trata de seres distintos. A individualidade fica mais evidente ainda quando esses seres comprovam sua identidade através de sinais incontestáveis, de pormenores pessoais relativos à sua vida terrestre, e quando se tem como constatar; ela não pode ser colocada em dúvida quando se manifestam à vista nas aparições. A individualidade da alma nos era ensinada, em teoria, como um artigo de fé; o espiritismo a torna patente e, de certo modo, material.

153. Em que sentido se deve entender a vida eterna?

“É a vida do Espírito que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma regressa à vida eterna.”

— Não seria mais exato chamar *vida eterna* a dos puros Espíritos, dos que, tendo atingido o nível de perfeição, não têm mais que sofrer provações?

“Essa é, de preferência, a felicidade eterna, mas isto é uma questão de palavras; nomeiem as coisas como desejarem, contanto que vocês se entendam.”

## Separação da alma e do corpo.

154. É dolorosa a separação da alma e do corpo?

“Não; o corpo sofre com frequência mais durante a vida do que no momento da morte: a alma não participa de nada disso. Os sofrimentos que se sentem às vezes no momento da morte são *uma alegria para o Espírito*, que vê chegar o término de seu exílio.”

Na morte natural, a que ocorre através do enfraquecimento dos órgãos em consequência da idade, o homem deixa a vida sem se aperceber disso: é uma lâmpada que se apaga por falta de combustível.

155. Como se realiza a separação da alma e do corpo?

“Rompendo-se os laços que a retinham, ela se desprende.”

— A separação se realiza instantaneamente e através de uma transição brusca? Existe uma linha de demarcação nitidamente talhada entre a vida e a morte?

“Não; a alma se desprende gradualmente e não escapa como um pássaro cativo posto subitamente em liberdade. Os dois estados se aproximam e se misturam; assim, o Espírito se desprende a pouco e pouco de suas presilhas: *elas se abrem e não se quebram*.”

Durante a vida, o Espírito se vincula ao corpo através de seu invólucro semimaterial ou perispírito; a morte consiste na destruição somente do corpo, e não desse segundo invólucro, que se separa do corpo, quando cessa neste a vida orgânica. A observação comprova que, no instante da morte, o desligamento do Espírito não se dá subitamente

completo; ele só se realiza gradualmente e com uma lentidão muito variável, conforme os indivíduos; junto a uns, é assaz rápido e se pode dizer que o momento da morte é o da libertação, algumas horas depois; mas junto a outros, aqueles sobretudo cuja vida foi *toda material e sensual*, o desligamento é muito menos rápido e dura, às vezes, alguns dias, semanas e mesmo meses, o que não implica no corpo a menor vitalidade nem a possibilidade de um retorno à vida, mas uma simples afinidade entre o corpo e o Espírito, afinidade sempre em função da preponderância que, durante a vida, o Espírito atribuiu à matéria. É racional conceber, com efeito, que mais o Espírito se identifica com a matéria, mais sente por se separar dela; ao passo que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos realizam um começo de desligamento mesmo durante a vida do corpo e, quando advém a morte, ele é quase instantâneo. Tal é o resultado dos estudos feitos em todos os indivíduos observados no momento da morte. Essas observações comprovam ainda que a afinidade que, junto a alguns indivíduos, persiste entre a alma e o corpo é, às vezes, muito penosa, pois o Espírito pode sofrer o horror da decomposição. Este caso é excepcional e particular a certos tipos de vida e a certos tipos de morte; ele se apresenta entre alguns suicidas.

156. Pode a separação definitiva entre a alma e o corpo ocorrer antes da cessação completa da vida orgânica?

“Na agonia, a alma, às vezes, já abandonou o corpo: só existe nele a vida orgânica. O homem não tem mais consciência de si mesmo, entretanto, resta-lhe ainda um sopro de vida. O corpo é u’*a* máquina que o coração movimenta; ele funciona enquanto o coração faz circular o sangue nas veias e não há necessidade da alma para isso.”

157. No momento da morte, tem a alma, às vezes, uma aspiração ou êxtase, que lhe faz entrever o mundo onde ela vai entrar?

“É frequente a alma sentir quebrarem-se os laços que a prendem ao corpo; *ela dedica, então, todos os seus esforços para rompê-los inteiramente*. Agora, em parte desligada da matéria, ela vê o futuro desenrolar-se à sua frente e usufrui, por antecipação, o estado de Espírito.”

158. Pode o exemplo da lagarta que, primeiro, se arrasta pela terra, depois se encerra em sua crisálida, aparentando estar morta, para renascer em uma existência brilhante, propiciar-nos uma ideia da vida terrena, do túmulo depois e, enfim, de nossa nova existência?

“Uma pequena ideia. A figura é boa; precisaria, contudo, que não fosse tomada à letra, como ocorre com vocês muitas vezes.”

159. Que sensação experimenta a alma no momento em que se percebe no mundo dos Espíritos?

“Isso depende: se você praticou o mal com o desejo de praticá-lo, você se acha, no primeiro momento, todo envergonhado por tê-lo praticado. Para o justo, é bem diferente: ele está como que aliviado de um grande peso, pois não teme nenhum olhar perscrutador.”

160. Reencontra o Espírito imediatamente os que conheceu na Terra e que morreram antes dele?

“Sim, conforme a afeição que tinha por eles e reciprocamente; muitas vezes, eles vêm recebê-lo em seu regresso ao mundo dos Espíritos e *elas ajudam a livrá-lo das fraldas da matéria*; assim também existem muitos que ele reencontra e que havia perdido de vista durante sua permanência na Terra; ele vê os que estão errantes; os que se acham encarnados, ele vai visitá-los.”

161. Na morte violenta e acidental, quando os órgãos não se acham ainda enfraquecidos pela idade ou pelas moléstias, a separação da alma e a cessação da vida ocorrem simultaneamente?

“Isso sucede geralmente assim, mas, em todos os casos, o intervalo é muito curto.”

162. Após a decapitação, por exemplo, conserva o homem durante alguns instantes a consciência de si mesmo?

“Com frequência, ele a conserva durante alguns minutos, até que a vida orgânica esteja completamente extinta. Mas, com frequência também, o receio da morte faz que perca essa consciência antes do instante do suplício.”

Somente se levanta aqui a questão da consciência que o supliciado pode ter de si mesmo como homem, por intermédio dos órgãos, e não como Espírito. Se ele não perdeu essa consciência antes do suplício, é capaz de conservá-la alguns instantes que são, porém, de muito curta duração, e ela cessa necessariamente com a vida orgânica do cérebro, o que não implica, para tal, que o perispírito esteja inteiramente desprendido do corpo; ao contrário: em todos os casos de morte violenta, ou seja, quando ela não é causada pela extinção gradual das forças vitais, os liames que unem o corpo ao perispírito são mais tenazes, e o desligamento completo é mais lento.

### **Perturbação espírita.**

163. Ao abandonar o corpo, tem a alma imediatamente consciência de si mesma?

“Consciência imediata não é a palavra; ela se acha algum tempo em estado de perturbação.”

164. Sentem todos os Espíritos, no mesmo grau e durante o mesmo tempo, a perturbação que se segue à separação da alma e do corpo?

“Não; isso depende de sua elevação. Quem estiver já purificado se reconhece quase imediatamente, porque já se desligou da matéria durante a vida do corpo, ao passo que o homem carnal, aquele cuja consciência não se encontra pura, conserva por muito mais tempo a sensação dessa matéria.”

165. Exerce o conhecimento do espiritismo uma influência sobre a duração mais ou menos prolongada da perturbação?

“Uma influência muito grande, porquanto o Espírito compreendia previamente sua situação; mas são a prática do bem e a consciência pura que têm a maior influência.”

No momento da morte, de início tudo é confuso; a alma precisa de algum tempo para se reconhecer; ela se acha como que aturdida, e no estado de um homem que sai de um sono profundo e procura dar-se conta de sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe vão voltando à proporção que se vai desfazendo a influência da matéria de que acaba de se desligar, e que se vai dissipando essa espécie de neblina que obscurece seus pensamentos.

O tempo da perturbação que se segue à morte é muito variável; pode ele ser de algumas horas, como de muitos meses e mesmo de muitos anos. Aqueles para quem é menos longo são os que se identificaram em vida com seu estado futuro, porque, então, compreendem de imediato sua situação.

Tal perturbação apresenta circunstâncias particulares, segundo o caráter dos indivíduos e sobretudo segundo o gênero de morte. Nas mortes violentas por suicídio, execução, acidente, apoplexia, ferimentos etc., o Espírito é surpreendido, assusta-se, não crê estar morto; ele sustenta isso com obstinação; todavia, enxerga seu corpo, sabe que

esse corpo é o seu, e não compreende que esteja separado dele; ele se aproxima das pessoas de sua afeição, fala com elas e não entende por que elas não o escutam. Essa ilusão dura até o inteiro desligamento do perispírito; somente então o Espírito se reconhece e compreende que não mais faz parte dos vivos. Esse fenômeno se explica facilmente. Surpreso com o imprevisto da morte, o Espírito fica aturdido com a brusca mudança que se realiza nele; para ele, a morte é ainda sinônimo de destruição, de aniquilamento; ora, como ele pensa, como vê, como escuta, por sua percepção ele não está morto; o que aumenta sua ilusão é que ele se vê com um corpo parecido ao precedente quanto à forma, mas cuja natureza etérea não teve ainda tempo de estudar; ele acredita que seja sólido e compacto como o primeiro; e, quando se chama sua atenção para esse ponto, espanta-se por não poder apalpar-se. Este fenômeno é análogo ao dos novos sonâmbulos que não creem que dormem. Para eles, o sono é sinônimo de suspensão das faculdades; ora, como pensam livremente e como enxergam, não percebem que estão dormindo. Certos Espíritos apresentam essa particularidade, conquanto a morte não lhes tenha chegado inopinadamente; contudo, ela é sempre mais geral entre os que, embora enfermos, não pensavam em morrer. A gente vê, então, o singular espetáculo de um Espírito assistindo a seu enterro como ao de um estranho, e falando a respeito como de algo que não lhe concernisse, até o momento em que compreende a verdade.

A perturbação que se segue à morte não possui nada de penosa para o homem de bem! Ela é tranquila e em tudo semelhante à que acompanha um despertar em paz. Para aquele cuja consciência não se acha pura, é plena de ansiedade e de angústias, que vão aumentando à medida que ele vai reconhecendo-se.

Nos casos de morte coletiva, observou-se que nem todos os que perecem ao mesmo tempo se reveem sempre de imediato. Na perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, onde se preocupa apenas com os que lhe interessam.

## CAPÍTULO IV

# PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

1. Da reencarnação. — 2. Justiça da reencarnação. — 3. Encarnação nos diferentes mundos. — 4. Transmigração progressiva. — 5. Destino das crianças após a morte. — 6. Sexos dos Espíritos. — 7. Parentesco, filiação. — 8. Semelhanças físicas e morais. — 9. Ideias inatas.

### Da reencarnação.

166. Como a alma que não alcançou em absoluto a perfeição durante a vida corpórea pode terminar de se purificar?

“Suportando a provação de uma nova existência.”

— Como a alma cumpre essa nova existência? É por sua transformação como Espírito?

“A alma, ao se depurar, submete-se, sem dúvida, a uma transformação, mas para isso lhe é necessária a provação da vida corpórea.”

— Logo, a alma tem muitas existências corpóreas?

“Sim, todos nós temos muitas existências. Os que dizem o contrário querem mantê-los na ignorância em que se acham eles mesmos; esse é o seu desejo.”

— Parece resultar desse princípio que a alma, após haver abandonado um corpo, toma um outro; ou seja, que ela se reencarna em um novo corpo; é assim que se tem de entender?

“É evidente.”

167. Qual é o objetivo da reencarnação?

“Expição, melhoramento progressivo da humanidade; sem isso, onde estaria a justiça?”

168. É limitado o número das existências corpóreas, ou bem o Espírito se reencarna pela perpetuidade?

“A cada existência nova, o Espírito dá um passo na estrada do progresso; quando ele se despoja de todas as suas impurezas, não tem mais necessidade das provações da vida corpórea.”

169. É o número das encarnações o mesmo para todos os Espíritos?

“Não; quem avança rápido economiza provações. Todavia, essas encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, pois o progresso é quase infinito.”

170. Em que se converte o Espírito após sua última encarnação?

“Espírito bem-aventurado; ele é puro Espírito.”

### **Justiça da reencarnação.**

171. Sobre o que se sedimenta o dogma da reencarnação?

“Sobre a justiça de Deus e a revelação, pois nós lhes repetimos sem parar: Um bom pai deixa sempre a seus filhos uma porta aberta ao arrependimento. Não afirma a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu a própria melhoria? Não são todos os homens filhos de Deus? Apenas entre os homens egoístas a gente encontra a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem perdão.”

Todos os Espíritos tendem à perfeição, e Deus lhes fornece os meios através das provações da vida corpórea; mas, em sua justiça, ele lhes faculta cumprir, em novas existências, o que não conseguiram realizar ou terminar em uma primeira provação.

Não seria conforme nem à equidade, nem à bondade de Deus, punir para sempre os que puderam encontrar obstáculos para sua melhoria, alheios à sua vontade, no próprio ambiente onde se acham colocados. Caso o destino do homem estivesse irrevogavelmente fixado após sua morte, Deus não teria pesado em absoluto as ações de todos na mesma balança e não os teria tratado de fato com imparcialidade.

A doutrina da reencarnação, quer dizer a que consiste em admitir para o homem várias existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que fazemos para nós da justiça de Deus, com vista aos homens situados em uma condição moral inferior, a única que nos pode explicar o futuro e assentar nossas esperanças, porquanto nos oferece o meio de resgatar nossos erros através de novas provações. A razão nos aponta para isso, e os Espíritos no-lo ensinam.

O homem que possui a consciência de sua inferioridade haure, na doutrina da reencarnação, uma esperança consoladora. Caso creia na justiça de Deus, não tem como esperar ser pela eternidade igual aos que procederam melhor que ele. O pensamento de que tal inferioridade não o deserda para todo o sempre do bem supremo e que ele poderá vencê-la através de novos esforços o ampara e reanima sua coragem. Quem é que, ao término de sua carreira, não lastima haver adquirido excessivamente tarde uma experiência de que não consegue mais aproveitar-se? Essa experiência tardia não se acha em absoluto perdida: ele tirará proveito dela em uma nova vida.

### **Encarnação nos diferentes mundos.**

172. Transcorrem nossas várias existências corpóreas todas na Terra?

“Não, nem todas, mas nos diferentes mundos; a deste mundo não é nem a primeira nem a última, e se constitui em uma das mais materiais e das mais distantes da perfeição.”

173. Passa a alma, a cada nova existência corpórea, de um mundo a outro, ou bem pode perfazer muitas em um mesmo globo?

“Ela pode reviver muitas vezes no mesmo globo, se não estiver assaz adiantada para passar a um mundo superior.”

— Assim, podemos nós reaparecer muitas vezes na Terra?

“Certamente.”

— Podemos voltar para cá após haver vivido em outros mundos?

“Seguramente; é possível que vocês já tenham vivido em outros lugares e na Terra.”

174. É uma necessidade reviver na Terra?

“Não; mas, caso vocês não se adiantem, podem ir a outro mundo que não valha mais que este, e que pode ser até pior.”

175. Existe alguma vantagem em voltar a habitar na Terra?

“Nenhuma vantagem particular, a menos que se esteja aí em missão; então a pessoa se adianta, aí como em outro lugar qualquer.”

— Não seria mais ditosa permanecendo como Espírito?

“Não, não; ela estacionaria, e o que se deseja é caminhar para Deus.”

176. Podem os Espíritos, após terem encarnado em outros mundos, fazê-lo neste, sem nunca terem aparecido por aqui?

“Sim, como vocês nos outros. *Todos os mundos são solidários*; o que não se realiza em um, realiza-se em um outro.”

— Assim, há homens que estão na Terra pela primeira vez?

“Existem muitos, e em diversos estágios.”

— É possível reconhecer, por um sinal qualquer, quando um Espírito se acha pela primeira vez na Terra?

“Isso não teria nenhuma utilidade.”

177. Para alcançar a perfeição e a felicidade suprema, que é o alvo final de todos os homens, tem o Espírito que passar pela fileira de todos os mundos que existem no universo?

“Não, pois existem muitos mundos que estão no mesmo nível e onde os Espíritos não aprenderiam nada de novo.”

— Como, então, explicar a pluralidade de suas existências em um mesmo globo?

“É possível achar-se ali cada vez em situações bem diferentes, que são para ele outras tantas ocasiões para adquirir experiência.”

178. Podem os Espíritos ressurgir corporalmente em um mundo relativamente inferior àquele onde eles já viveram?

“Sim, quando têm que cumprir u’a missão para ajudar no progresso; então, eles aceitam com alegria as tribulações dessa existência, porque elas lhes fornecem um meio de avançar.”

— Não é possível que isso também ocorra por expiação, e não pode Deus enviar Espíritos rebeldes a mundos inferiores?

“Os Espíritos podem ficar estacionários, mas não retrogradam; assim, sua punição consiste em não avançar e em recomeçar as existências mal utilizadas no ambiente que convém à sua natureza.”

— Quais são os que têm de recomeçar a mesma existência?

“Os que faliram em sua missão ou em suas provações.”

179. Encontram-se os seres que habitam cada mundo todos no mesmo nível de perfeição?

“Não; é como na Terra: existem os mais e os menos adiantados.”

180. Ao passar deste mundo para um outro, conserva o Espírito a inteligência que possuía neste aqui?

“Sem dúvida, a inteligência não se perde, porém, ele pode não ter os mesmos recursos para manifestá-la; isso depende de sua superioridade e do estado do corpo que assumir.” (Ver *Influência do organismo*.)

181. Possuem os seres que habitam os diferentes mundos corpos parecidos com os nossos?

“Sem dúvida, eles possuem corpos, porque precisa que o Espírito esteja revestido de matéria para atuar sobre a matéria; mas esse invólucro é mais ou menos material, conforme o estágio de pureza a que chegaram os Espíritos, e é isso que faz a diferença dos mundos que nós devemos percorrer; pois existem muitas moradas no lar de nosso Pai e, portanto, muitos estágios. Uns sabem e têm consciência disso neste globo; outros não estão a par de nada.”

182. Podemos nós conhecer exatamente o estado físico e moral dos diferentes mundos?

“Nós, Espíritos, só podemos responder de acordo com o nível em que vocês se acham; quer dizer que nós não podemos revelar essas coisas a todos, porque nem todos estão em condição de compreendê-las, e *isso os perturbaria*.”

À medida que o Espírito vai purificando-se, o corpo de que se reveste vai aproximando-se igualmente da natureza espírita. A matéria fica menos densa, ele não mais se arrasta penosamente pela superfície do solo, as necessidades físicas ficam menos grosseiras, os seres vivos não precisam mais destruir-se entre si para se alimentarem. O Espírito é mais livre e possui, para as coisas distantes, percepções que nos são desconhecidas; ele vê através dos olhos do corpo o que nós vemos apenas através do pensamento.

A depuração dos Espíritos translada para os seres nos quais estão encarnados a aperfeiçoamento moral. As paixões animais se enfraquecem, o egoísmo cede lugar ao sentimento fraterno. Eis como, nos mundos superiores à Terra, as guerras são desconhecidas: os ódios e as discórdias ali ficam sem objetivo, porque ninguém pensa em prejudicar seu semelhante. A intuição que possuem de seu futuro e a segurança que lhes concede uma consciência isenta de remorsos fazem que a morte não lhes cause nenhum receio: eles a veem chegar sem medo e como uma simples transformação.

O tempo de vida, nos diferentes mundos, parece ser proporcional ao estágio de superioridade física e moral desses mundos, e isso é perfeitamente racional. Menos o corpo é material, menos está sujeito às vicissitudes que o desarranjam; mais o Espírito é puro, menos paixões possui que o consomem. Eis também aí um benefício da Providência, que deseja assim abreviar os sofrimentos.

183. Ao passar de um mundo a outro, passa o Espírito por uma nova infância?

“A infância é por toda a parte uma transição necessária, porém, ela não é por toda a parte tão estúpida como entre vocês.”

184. Possui o Espírito a escolha do novo mundo em que tem de habitar?

“Nem sempre, mas ele pode pedir e pode obtê-lo, caso mereça; pois os mundos são acessíveis aos Espíritos tão só segundo o grau de sua elevação.”

— Caso o Espírito nada peça, o que é que determina o mundo onde se reencarnará?

“O grau de sua elevação.”

185. É o estado físico e moral dos seres vivos perpetuamente o mesmo em cada globo?

“Não; os mundos também se acham submetidos à lei do progresso. Todos começaram, como o seu, em um estágio inferior, e a Terra mesma sofrerá uma transformação semelhante; ela se tornará um paraíso terrestre, quando os homens se tornarem bons.”

Eis como as gerações que povoam hoje em dia a Terra desaparecerão um dia e serão substituídas por seres mais e mais perfeitos; essas gerações transformadas sucederão à geração atual, como esta sucedeu a outras mais grosseiras ainda.

186. Existem mundos onde o Espírito, deixando de habitar um corpo material, possua por invólucro apenas o perispírito?

“Sim, e esse invólucro mesmo se torna tão etéreo que para vocês é como se não existisse; eles se acham, então, no estágio de puros Espíritos.”

— Parece resultar daí que não existe uma demarcação rigorosa entre o estágio das derradeiras encarnações e o de puro Espírito.

“Tal demarcação não existe; apagando-se a diferença a pouco e pouco, ela se torna imperceptível, como a noite se apaga diante das primeiras claridades do dia.”

187. É a substância do perispírito a mesma em todos os globos?

“Não; ela é mais ou menos etérea. Ao passar de um a outro mundo, o Espírito se reveste da matéria adequada a cada um; isso se dá tão rápido quanto um raio.”

188. Habitam os puros Espíritos mundos especiais ou bem se acham no espaço universal, sem estarem vinculados a um globo de preferência a um outro?

“Os puros Espíritos habitam certos mundos, mas eles aí não se acham confinados como os homens à Terra; eles são capazes, melhor que os outros, de estar por toda a parte<sup>6</sup>.”

---

<sup>6</sup> Segundo os Espíritos, dentre todos os globos que compõem nosso sistema planetário, a Terra é um daqueles cujos habitantes são menos adiantados, fisicamente e moralmente; Marte lhe seria ainda inferior e Júpiter muito superior, em todos os sentidos. O Sol não seria realmente um mundo habitado por seres corpóreos, mas um lugar de encontro de Espíritos superiores, que de lá irradiam através do pensamento para os outros mundos que eles dirigem por intermédio de Espíritos menos elevados, com os quais se comunicam utilizando o fluido universal. Como constituição física, o Sol seria um foco de eletricidade. Parece que todos os sóis se acham em uma situação idêntica. O volume e o distanciamento do Sol não têm nenhuma relação necessária com o nível de adiantamento dos mundos, uma vez que parece que Vênus seria mais adiantado que a Terra e Saturno, menos que Júpiter.

Muitos Espíritos que animaram pessoas conhecidas na Terra disseram estar reencarnados em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição, e é possível que a gente se espante de ver, em um globo tão adiantado, homens que a opinião não colocava neste mundo na

## Transmigração progressiva.

189. Desde o princípio de sua formação, desfruta o Espírito a plenitude de suas faculdades?

“Não, pois o Espírito, como o homem, tem também sua infância. Em sua origem, os Espíritos só possuem uma existência instintiva, e mal têm consciência de si mesmos e de seus atos; não é senão a pouco e pouco que a inteligência se desenvolve.”

190. Qual é o estado da alma em sua primeira encarnação?

“O estado da infância na vida corpórea; sua inteligência mal está aflorando: ela se prepara para a vida.”

191. São as almas de nossos selvagens almas como na infância?

“Infância relativa; mas são almas já desenvolvidas; elas possuem paixões.”

— São as paixões, então, um indício de desenvolvimento?

“De desenvolvimento, sim, mas não de perfeição; elas constituem um indício de atividade e de consciência do *eu*; ao passo que, na alma primitiva, a inteligência e a vida se acham em germe.”

A vida do Espírito, em seu todo, percorre as mesmas fases que nós observamos na vida corpórea; ele passa gradualmente do estado de embrião ao da infância, para chegar, através de uma sucessão de períodos, ao estado de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que ele não enfrenta declínio e decrepitude como na vida corpórea; de que sua vida, que teve um começo, não terá fim; de que lhe é preciso um tempo imenso, do nosso ponto de vista, para passar da infância espírita a um desenvolvimento completo, e seu progresso realizar-se, não em uma única esfera, mas passando por diversos mundos. A vida do Espírito se compõe assim de uma série de existências corpóreas, constituindo cada uma para ele um ensejo de progresso, como cada existência corpórea se compõe de uma série de dias, em cada um dos quais o homem adquire um acréscimo de experiência e de instrução. Mas, da mesma forma que, na vida do homem, existem dias que não trazem nenhum fruto, na vida do Espírito, há existências corpóreas que ficam sem resultados, porque ele não soube tirar proveito delas.

192. Pode-se, a partir desta vida, através de uma conduta perfeita, franquear todos os níveis e tornar-se puro Espírito, sem passar pelos intermediários?

---

mesma linha. Isto não tem nada que deva surpreender, caso se considere que certos Espíritos que habitam aquele planeta podem ter sido enviados à Terra para aqui cumprirem u’ a missão que, a nossos olhos, não os colocaria na primeira categoria; depois, entre sua existência terrena e a de Júpiter, podem ter tido existências intermédias, nas quais se melhoraram; finalmente, naquele mundo, como no nosso, existem diferentes graus de desenvolvimento e, entre esses graus, pode existir a distância que separa, entre nós, o selvagem do homem civilizado. Então, pelo fato de que se habita em Júpiter, não se segue que se esteja no nível dos seres mais adiantados, assim como uma pessoa não está no nível de um cientista do Instituto, porque habite em Paris.

As condições de longevidade não são, por toda a parte, as mesmas da Terra, e a idade não tem como ser comparada. Uma pessoa falecida há alguns anos, tendo sido evocada, disse estar encarnada há seis meses em um mundo cujo nome nos é desconhecido. Interrogada a respeito da idade que tinha nesse mundo, ela respondeu: “Eu não tenho como avaliar, porque nós não fazemos as contas como vocês; depois, o modo de vida não é mais o mesmo; a gente se desenvolve ali bem mais rapidamente; tanto é que, embora faça somente seis de seus meses que lá estou, sou capaz de dizer que, quanto à inteligência, tenho trinta anos de idade de acordo com o que eu tinha na Terra.”

Muitas respostas análogas foram fornecidas por outros Espíritos, e isso não tem nada de inverossímil. Não vemos nós na Terra uma infinidade de animais adquirir, em alguns meses, seu desenvolvimento normal? Por que não poderia ocorrer o mesmo com o homem, em outras esferas? Observemos, por outro lado, que o desenvolvimento adquirido pelo homem na Terra com a idade de trinta anos talvez seja apenas uma espécie de infância comparado ao que ele deve alcançar. E possuir uma vista bem curta julgar-nos os melhores modelos da criação, e seria rebaixar muito a Divindade crer em que, além de nós, não exista mais nada possível para ela.

“Não, pois o que o homem crê perfeito está longe da perfeição; existem qualidades que lhe são desconhecidas e que não tem como compreender. Ele pode ser tão perfeito quanto comporta sua natureza terrestre, mas esta não constitui a perfeição absoluta. É como uma criança que, por mais precoce seja, tem que passar pela juventude antes de chegar à idade madura; é como um doente que passa pela convalescença antes de recobrar toda a sua saúde. E depois, o Espírito tem que avançar em conhecimento e em moralidade; se ele progrediu só em um sentido, precisa que progrida no outro, para atingir o alto da escala; porém, mais o homem avança em sua vida presente, menos as provações seguintes são longas e penosas.”

— Tem o homem como garantir, a partir desta vida, uma existência futura menos repleta de amargura?

“Sim, sem dúvida, ele consegue abreviar o tempo e as dificuldades do caminho. *O indolente apenas se acha sempre no mesmo ponto.*”

193. Consegue um homem, em suas novas existências, descer ainda mais do que estava?

“Como *posição social*, sim; como Espírito, não.”

194. É possível que a alma de um homem de bem, em uma nova encarnação, anime o corpo de um celerado?

“Não, pois ela não tem como degenerar.”

— É capaz de a alma de um homem perverso tornar-se a de um homem de bem?

“Sim, caso ele se arrependa, e então é uma recompensa.”

O avanço dos Espíritos é progressivo e jamais retrógrado; eles se elevam gradualmente na hierarquia, e não descem nunca da classe a que tiverem chegado. Em suas diferentes existências corpóreas, eles podem descer como homens, mas não como Espíritos. Assim, a alma de um potentado da Terra pode mais tarde animar o mais humilde trabalhador, e vice-versa; pois as classes entre os homens se encontram muitas vezes na razão inversa da elevação dos sentimentos morais. Herodes era rei e Jesus, carpinteiro.

195. Não faculta a possibilidade de se melhorar em uma outra existência que certas pessoas perseverem em um mau caminho, pensando que poderão sempre corrigir-se mais tarde?

“Quem pensa assim não crê em nada e a ideia de um castigo eterno tampouco o detém, porque sua razão o rejeita, e essa ideia leva à incredulidade sobre todas as coisas. Caso se tivessem empregado tão só meios racionais para guiar os homens, não haveria tantos céticos. Um Espírito imperfeito é capaz, com efeito, de pensar como você diz, durante sua vida corpórea; mas, uma vez desligado da matéria, ele pensa diferentemente, pois percebe logo que se enganou no cálculo, *e é assim que ele traz um sentimento contrário, em uma nova existência.* Eis como se realiza o progresso e porque vocês possuem na Terra uns homens mais adiantados do que os outros; uns possuem já uma experiência que os outros não possuem ainda, mas que adquirirão a pouco e pouco. Depende deles fazer adiantar seu progresso ou retardá-lo indefinidamente.”

O homem que tem uma situação ruim deseja mudá-la o mais cedo possível. Quem se persuadiu de que as tribulações desta vida são a consequência de suas imperfeições procurará garantir uma nova existência menos penosa; e tal pensamento o afastará da estrada do mal mais do que o do fogo eterno, em que ele não crê.

196. Não tendo os Espíritos como melhorar-se, a não ser sofrendo as tribulações da existência corpórea, se seguiria que a vida material seria uma espécie de *crivo* ou de *purificador*, através do qual têm que passar os seres do mundo espírita para chegar à perfeição?

“Sim, é bem isso. Eles melhoram-se nessas provações ao evitarem o mal e praticarem o bem. Mas é apenas após várias encarnações ou purificações sucessivas que alcançam, em um tempo mais ou menos longo, *conforme seus esforços*, o objetivo a que tendem.”

— É o corpo que influi sobre o Espírito para melhorá-lo, ou é o Espírito que influi sobre o corpo?

“Seu Espírito é tudo; seu corpo é uma vestimenta que se putrefaz; eis tudo.”

Nós encontramos uma comparação material dos diferentes níveis de purificação da alma no suco da vinha. Ele contém o licor chamado espírito ou álcool, mas, enfraquecido por uma infinidade de materiais estranhos que lhe alteram a essência, ele só chega à pureza absoluta após várias destilações, em cada uma das quais se desvencilha de alguma impureza. O alambique é o corpo no qual ele tem que entrar para se purificar; os materiais estranhos são como o perispirito, que vai purificando-se a si mesmo à medida que o Espírito vai aproximando-se da perfeição.

## Destino das crianças após a morte.

197. É o Espírito de uma criança morta em tenra idade tão adiantado quanto o do adulto?

“Às vezes, muito mais, pois pode ter vivido muito mais e possuir mais experiência, principalmente se houver progredido.”

— É possível que o Espírito de um filho seja então mais adiantado que o de seu pai?

“Isso é muito frequente; não o veem vocês muitas vezes na Terra?”

198. Não tendo sido possível à criança que morre em tenra idade praticar o mal, pertence seu Espírito aos níveis superiores?

“Se ele não praticou mal nenhum, não praticou o bem, e Deus não o libera das provações que tem de sofrer. Caso seja puro, não é porque era criança, mas porque era mais adiantado.”

199. Por que a vida muitas vezes é interrompida já na infância?

“É possível que a duração da vida da criança represente para o Espírito nela encarnado o complemento de uma vida interrompida antes do término previsto, e sua morte seja *uma provação ou uma expiação para os pais*.”

— Que se torna o Espírito de uma criança que morre em tenra idade?

“Ele recomeça uma nova existência.”

Se o homem tivesse tão somente uma única existência e se, após essa existência, sua sorte futura fosse fixada para a eternidade, qual seria o mérito da metade da espécie humana que morre em tenra idade, para usufruir sem esforços a felicidade eterna, e com que direito seria liberada das condições frequentemente tão duras impostas à outra metade? Uma tal ordem de coisas não poderia estar conforme à justiça de Deus. Através da reencarnação, a igualdade é

para todos; o futuro pertence a todos sem exceção e sem favorecimento para ninguém; os que chegam por último não podem queixar-se senão de si mesmos. O homem tem que ter o mérito de seus atos, como tem a responsabilidade deles.

De resto, não é racional considerar a infância como um estado normal de inocência. Não se veem crianças dotadas dos piores instintos, em uma idade em que a educação não pôde de fato ainda exercer sua influência? Não se veem umas que parecem trazer ao nascer a astúcia, a falsidade, a perfídia, o instinto mesmo do roubo e do homicídio, e isso não obstante os bons exemplos de que estão cercadas? A lei civil absolve seus crimes, porque, afirma ela, agem sem discernimento; ela tem razão, porque, com efeito, elas agem mais instintivamente do que com deliberado propósito; mas donde podem provir tais instintos tão diferentes entre as crianças de mesma idade, educadas nas mesmas condições e submetidas às mesmas influências? Donde vem essa perversidade precoce, se não for da inferioridade do Espírito, porquanto a educação de nada valeu contra ela? Os que são viciosos é que sua mente progrediu menos e então têm que sofrer as consequências, não quanto a seus atos de criança, mas quanto aos de suas existências anteriores, e é assim que a lei é a mesma para todos e que a justiça de Deus alcança a todos.

## Sexos dos Espíritos.

200. Possuem sexos os Espíritos?

“Não como vocês o entendem, pois os sexos dependem da estrutura dos órgãos. Existe entre eles amor e simpatia, mas sedimentados na similitude de sentimentos.”

201. Pode o Espírito que animou o corpo de um homem, em uma nova existência, animar o de uma mulher, e reciprocamente?

“Sim, são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres.”

202. Quando se é Espírito, dá-se preferência para estar encarnado no corpo de um homem ou de uma mulher?

“Isso importa pouco para o Espírito; o que vale são as provações que ele tem que sofrer.”

Os Espíritos se encarnam homens ou mulheres, porque eles não possuem sexos; como eles têm que progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes oferece provações e deveres especiais e a oportunidade de adquirirem experiência. Quem fosse sempre homem saberia tão só o que sabem os homens.

## Parentesco, filiação.

203. Transmitem os pais a seus filhos uma parte de sua alma, ou bem só lhes dão a vida animal, à qual uma nova alma vem mais tarde acrescentar a vida moral?

“A vida animal somente, pois a alma é indivisível. Um pai estúpido é capaz de gerar filhos inteligentes, e vice-versa.”

204. Dado que tivemos muitas existências, remonta o parentesco para além de nossa existência atual?

“Isso não tem como ser diferente. A sucessão das existências corpóreas estabelece entre os Espíritos laços que remontam a suas existências anteriores; desse fato advêm,

muitas vezes, as causas da simpatia entre vocês e certos Espíritos que lhes parecem estranhos.”

205. Aos olhos de certas pessoas, a doutrina da reencarnação parece destruir os laços de família, ao fazê-los remontar para além da existência atual.

“Ela os distende, mas não os destrói. Estando o parentesco sedimentado sobre afeições anteriores, os laços que unem os membros de u’a mesma família são menos precários. Ela aumenta os deveres da fraternidade, porquanto, em seu vizinho ou em seu empregado, é possível encontrar-se um Espírito que se prendeu a vocês pelos laços do sangue.”

— Ela diminui, porém, a importância que alguns atribuem à sua filiação, porque é possível que houvessem tido por pai um Espírito que pertenceu a uma raça totalmente diferente, ou que viveu em condição totalmente diferente.

“Isso é verdade; mas essa importância se funda no orgulho; o que a maioria honra em seus antepassados são os títulos, a classe, a fortuna. Um tal se ruborizaria de haver tido por avô um sapateiro virtuoso, e se vangloria por descender de um nobre devasso. Mas o que quer que digam ou façam, não impedirão as coisas de serem o que são, pois Deus não regulou as leis da natureza pela vaidade deles.”

206. Uma vez que não existe filiação entre os Espíritos dos descendentes de u’a mesma família, segue-se que o culto dos antepassados seja uma coisa ridícula?

“Certamente não, pois a gente tem que se sentir feliz de pertencer a uma família na qual se acham encarnados Espíritos de escol. Conquanto os Espíritos não procedam uns dos outros, nem por isso eles têm menos afeição aos que se ligam a eles pelos laços de família, pois esses Espíritos são com frequência atraídos a tal ou qual família em virtude de simpatia ou dos laços anteriores; mas podem acreditar em que os Espíritos de seus antepassados não se acham de forma alguma honrados com o culto que vocês lhes prestam por orgulho; o mérito deles não recai sobre vocês enquanto vocês não se esforçarem por seguir os bons exemplos que eles lhes proporcionaram, e é unicamente assim que sua lembrança lhes pode ser não somente agradável, mas lhes ser até mesmo útil.”

### **Semelhanças físicas e morais.**

207. Frequentemente, os pais transmitem a seus filhos uma semelhança física. Transmitem-lhes também uma semelhança moral?

“Não, porquanto eles possuem almas ou Espíritos diferentes. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das gerações, só existe consanguinidade.”

— Donde vêm as semelhanças morais que existem, às vezes, entre os pais e seus filhos?

“São Espíritos simpáticos atraídos pela similitude de seus pendores.”

208. Queda o Espírito dos pais sem influência sobre o do filho, após seu nascimento?

“Ele exerce uma enorme influência; como dissemos, os Espíritos têm de concorrer para o progresso uns dos outros. Muito bem! O Espírito dos pais tem por missão desenvolver o de seus filhos através da educação; isso é para ele uma empreitada: *caso falhe, leva a culpa.*”

209. Por que pais bons e virtuosos geram filhos de uma natureza perversa? Quer dizer, por que as boas qualidades dos pais não atraem sempre, através de simpatia, um bom Espírito para animar seu filho?

“Um mau Espírito pode pedir bons pais, na esperança de que seus conselhos o encaminhem por uma via melhor, e amiúde Deus o consente.”

210. Podem os pais, através de seus pensamentos e de suas preces, atrair para o corpo do filho um bom Espírito, de preferência a um Espírito inferior?

“Não, mas eles podem melhorar o Espírito do filho que deram à luz e que se lhes confiou; eis seu dever; maus filhos constituem uma provação para os pais.”

211. Donde vem a similitude de caráter existente muitas vezes entre dois irmãos, sobretudo entre os gêmeos?

“Espíritos simpáticos que se aproximam pela similitude de seus sentimentos e que ficam felizes por estarem juntos.”

212. Nas crianças cujos corpos estão soldados e que possuem certos órgãos em comum, existem dois Espíritos, quer dizer, duas almas?

“Sim, mas sua similitude faz que pareçam o mais das vezes apenas uma a seus olhos.”

213. Uma vez que os Espíritos se encarnam nos gêmeos por simpatia, donde vem a aversão que se nota, às vezes, entre eles?

“Não é uma regra que os gêmeos se constituam apenas de Espíritos simpáticos; maus Espíritos podem desejar lutar juntos no teatro da vida.”

214. Que pensar das histórias de crianças brigando no seio da mãe?

“Figura! Para descrever que seu ódio era inveterado, a gente fez que remontasse para antes de seu nascimento. Em geral, vocês não compreendem direito as figuras poéticas.”

215. Donde vem o caráter distintivo que se observa em cada povo?

“Os Espíritos possuem também famílias formadas através da similitude de seus pendores mais ou menos depurados conforme sua elevação. Muito bem! Um povo é uma grande família onde se reúnem Espíritos simpáticos. A tendência que apresentam os membros dessas famílias para se unirem é a fonte da parecença que existe no caráter distintivo de cada povo. Acredita você que Espíritos bons e humanos procurarão um povo duro e grosseiro? Não; os Espíritos simpatizam com as massas, como simpatizam com os indivíduos; ali eles buscam seu ambiente.”

216. Conserva o homem, em suas novas existências, os traços do caráter moral de suas existências anteriores?

“Sim, isso pode ocorrer; mas, ao se melhorar, ele muda. Sua posição social pode também não ser mais a mesma; caso de senhor ele se torne escravo, seus gostos serão inteiramente diferentes e vocês teriam dificuldade em reconhecê-lo. Sendo o Espírito o mesmo nas diversas encarnações, suas manifestações podem apresentar, de uma a outra, certas analogias modificadas, quase sempre, por meio dos hábitos de sua nova condição, até que um aperfeiçoamento notável haja completamente mudado seu caráter, pois de orgulhoso e mau ele pode tornar-se humilde e humano, caso se haja arrependido.”

217. Conserva o homem, em suas diferentes encarnações, os traços do caráter físico das existências anteriores?

“O corpo é destruído e o novo não possui nenhuma relação com o antigo. Contudo, o Espírito se reflete no corpo; certamente, o corpo é tão só matéria, mas, apesar disso, é modelado de acordo com as aptidões do Espírito, que lhe imprime um certo caráter, principalmente à fisionomia, e é com razão que se designam os olhos como o espelho da alma; quer dizer que a fisionomia, mais particularmente, reflete a alma; pois uma pessoa excessivamente feia possui, todavia, algo que agrada, quando constitui o invólucro de um Espírito bom, sábio, humano, ao passo que existem fisionomias muito belas pelas quais você nada sente, pelas quais você tem até repulsa. Você poderia julgar que não existem senão corpos perfeitos como invólucro dos Espíritos mais perfeitos, entretanto, encontra, todos os dias, homens de bem com aspectos disformes. Caso não apresente uma semelhança pronunciada, a similitude dos gostos e dos pendores pode, portanto, fornecer o que se chama um ar familiar.”

Não tendo o corpo que reveste a alma em uma nova encarnação nenhuma relação *necessária* com o que ela deixou, porquanto ela pode tê-lo obtido de uma outra raça, seria absurdo assentar uma sucessão de existências por uma semelhança que não é senão fortuita. Todavia, as qualidades do Espírito modificam frequentemente os órgãos que servem às suas manifestações e imprimem à fisionomia e até ao conjunto dos trejeitos um sinal distinto. Eis como, sob o invólucro mais humilde, se consegue encontrar a expressão da grandeza e da dignidade, ao passo que, sob o hábito do grande senhor, se veem, às vezes, a da baixaza e da ignomínia. Certas pessoas saídas da condição mais ínfima assumem sem esforços os hábitos e os modos da alta sociedade. Até parece que elas ali *reencontram* seu elemento, ao passo que outras, apesar de seu nascimento e de sua educação, ficam ali sempre deslocadas. Como explicar tal fato sem que seja como que um reflexo do que foi o Espírito?

## Ideias inatas.

218. Conserva o Espírito encarnado algum traço das percepções que teve e dos conhecimentos que adquiriu nas existências anteriores?

“Permanece-lhes uma vaga lembrança que lhe proporciona o que a gente chama de ideias inatas.”

— Logo, a teoria das ideias inatas não é uma quimera?

“Não; os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem; o Espírito desprendido da matéria sempre se lembra deles. Durante a encarnação, ele pode esquecê-

los em parte, temporariamente, mas a intuição que lhe perdura auxilia em seu adiantamento; sem isso, seria um eterno recomeçar. A cada nova existência, o Espírito tem seu ponto de partida naquele em que se encontrava em sua precedente existência.”

— Assim, deve haver uma forte conexão entre duas existências sucessivas?

“Nem sempre tão forte quanto você poderia imaginar, pois as condições são com frequência bem diferentes, e, no intervalo, o Espírito tem como progredir (216).”

219. Qual é a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem possuir a intuição de certos conhecimentos, como os idiomas, o cálculo etc.?

“Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas do qual ela mesma não tem consciência. Onde quer você que elas venham? O corpo muda, mas o Espírito não muda, conquanto mude de roupa.”

220. Ao mudar de corpo, pode a gente perder certas faculdades intelectuais, não mais possuir, por exemplo, o gosto das artes?

“Sim, caso se tenha profanado tal inteligência, ou caso se haja feito um mau uso dela. Uma faculdade pode, por outro lado, adormecer durante uma existência, porque o Espírito deseja exercer outra que não lhe guarda relação; então, ela fica em estado latente, para reaparecer mais tarde.”

221. É a uma lembrança retrospectiva que o homem deve, mesmo em estado selvagem, o sentimento instintivo da existência de Deus e o pressentimento da vida futura?

“É uma lembrança que ele conservou do que sabia como Espírito, antes de se encarnar; mas o orgulho abafa o mais das vezes esse sentimento.”

— É a essa mesma lembrança que se devem certas crenças relativas à doutrina espírita, as quais a gente encontra entre todos os povos?

“Esta doutrina é tão antiga quanto o mundo; eis porque a gente a encontra por toda a parte, e nisso reside uma comprovação de que é verdadeira. Conservando o Espírito encarnado a intuição de seu estado de Espírito, ele tem a consciência instintiva do mundo invisível, mas muitas vezes ela é adulterada pelos preconceitos, e a ignorância lhe acresce a superstição.”

## CAPÍTULO V

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

222. O dogma da reencarnação, dizem certas pessoas, não apresenta nenhuma novidade; ele foi ressuscitado de Pitágoras. Nós não dissemos jamais que a doutrina espírita fosse uma invenção moderna; sendo o espiritismo uma lei da natureza, teve como existir desde a origem dos tempos, e nós nos temos esforçado sempre para provar que se encontram vestígios dele desde a mais alta antiguidade. Pitágoras, como se sabe, não é o criador do sistema da metempsicose; ele o recolheu junto aos filósofos indianos e junto aos egípcios, onde ela subsistia desde uma época imemorial. A ideia da transmigração das almas era, pois, uma crença vulgar aceita pelos homens mais eminentes. Por qual via veio a eles? Por revelação ou por intuição? Não sabemos; mas, como quer que tenha vindo, uma ideia não atravessa as idades e não é aceita pelas inteligências de eleição, sem possuir um lado sério. A antiguidade desta doutrina, portanto, constituiria de preferência uma comprovação a uma objeção. Não obstante, como se sabe igualmente, existe entre a metempsicose dos antigos e a doutrina moderna da reencarnação esta grande diferença, ou seja, a de que os Espíritos rejeitam do modo mais absoluto a transmigração do homem nos animais e reciprocamente.

Os Espíritos, ao ensinarem o dogma da pluralidade das existências corpóreas, renovam, assim, uma doutrina que nasceu nas primeiras eras do mundo, e que se conservou até nossos dias no pensamento íntimo de muitas pessoas; somente eles a apresentam sob um ponto de vista mais racional, mais conforme às leis de progresso da natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Criador, ao despojá-la de todos os acessórios da superstição. Uma circunstância digna de observação é que não é unicamente neste livro que eles a têm ensinando nos últimos tempos: desde antes de sua publicação, numerosas comunicações de mesma natureza foram obtidas, em diversas regiões, e se multiplicaram consideravelmente depois. Talvez fosse o caso aqui de examinar por que nem todos os Espíritos parecem estar de acordo sobre tal ponto; nós voltaremos a isto mais tarde.

Examinemos a coisa sob um outro ponto de vista, e, abstração feita de toda intervenção dos Espíritos, deixemos estes de lado por um instante; suponhamos que esta teoria não foi elaborada por eles; suponhamos mesmo que ela não tenha sido jamais uma questão que envolvesse Espíritos. Coloquemo-nos, assim, provisoriamente, em um terreno neutro, admitindo o mesmo grau de probabilidade para uma e outra hipótese, a saber: a pluralidade e a unidade das existências corpóreas, e vejamos para que lado nos levarão a razão e nosso próprio interesse.

Certas pessoas rejeitam a ideia da reencarnação pelo único motivo de que ela não lhes convém, dizendo que estão bastante aborrecidas com uma existência e que não desejariam recomeçar outra parecida; nós conhecemos quem só a ideia de reaparecer na Terra faz pular de furor. Temos apenas uma coisa para lhes perguntar: é se elas julgam que Deus tem de pedir seu conselho e de consultar seu gosto para reger o universo. Ora, de duas uma: ou a reencarnação existe ou não existe; se existe, é em vão que irão ficar contrariadas: terão de sofrê-la, pois Deus não lhes pedirá permissão para isso. Parece-nos escutar um doente dizer: “Eu sofri muito hoje; eu não quero sofrer mais amanhã.” Qualquer que seja seu aborrecimento, ele não fará que sofra menos amanhã e nos dias seguintes, até que esteja curado; portanto, se elas têm que reviver corporalmente, elas reviverão, elas se reencarnarão; inutilmente, elas se rebelarão, como uma criança que não quer ir à escola, ou um condenado, à prisão: é forçoso que passem por ela. Semelhantes objeções são por demais pueris para merecer um exame mais sério. Nós diremos, contudo, a essas pessoas, para sossegá-las, que a doutrina espírita sobre a reencarnação não é tão terrível como creem; se a tivessem estudado a fundo, não estariam tão apavoradas; saberiam que a condição para essa nova existência depende delas: essa existência será feliz ou infeliz, conforme o que tiverem feito neste mundo, *e elas podem, a partir desta vida, elevar-se tão alto que não terão mais que temer cair de novo no lamaçal.*

Nós imaginamos estar falando a pessoas que creem em um futuro qualquer após a morte, e não às que oferecem para si mesmos o nada por perspectiva, ou que desejam afogar sua alma no todo universal, sem individualidade, como as gotas de chuva no oceano, o que vem a dar no mesmo. Portanto, se você acredita em um futuro qualquer, não admitirá, sem dúvida, que ele seja o mesmo para todos, caso contrário, onde ficaria a utilidade do bem? Por que constranger-se? Por que não satisfazer a todas as suas paixões, a todos os seus desejos, fosse mesmo às expensas de outrem, porquanto tanto faz como tanto fez? Você julga que tal futuro será mais ou menos feliz ou infeliz, conforme o que nós tivermos feito durante a vida; então, você tem o desejo de que seja aquele lugar o mais feliz possível, porquanto isso irá durar pela eternidade. Terá você, por acaso, a pretensão de ser um dos homens mais perfeitos que hajam existido na Terra, e de possuir, assim, o direito instantâneo à felicidade suprema dos eleitos? Não. Você admite, assim, que existem homens que valem mais que você e que têm direito a um lugar melhor, sem que por isso você se situe entre os condenados. Muito bem! Coloque-se um instante, através do pensamento, nessa condição intermédia, que será a sua, uma vez que você acaba de concordar com isso, e suponha que alguém venha dizer-lhe: “Você sofre, você não está tão feliz quanto poderia estar, ao passo que tem diante de você seres que usufruem uma felicidade sem mescla; quer trocar sua situação com a deles?”

— Sem dúvida, responderá você, que é preciso fazer?

— Nadinha de nada; recomeçar o que você fez mal feito e empenhar-se por fazer melhor. — Hesitaria você em aceitar isso, ainda que ao preço de muitas existências de provação? Façamos uma comparação mais prosaica. Caso a alguém que, sem estar na última das miséria, sofra, contudo, privações resultantes da mediocridade de seus recursos viessem dizer: “Eis uma imensa fortuna; você poderá usufruí-la; para isso, é preciso trabalhar rudemente durante um minuto”, seja ele o maior preguiçoso da terra, dirá sem hesitar: “Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso; o que representa isso, para terminar minha vida na abundância?” Ora, o que é a duração da vida corpórea, em comparação com a eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo.

Nós ouvimos já este raciocínio: Deus, que é soberanamente bom, não pode impor ao homem recomeçar uma série de misérias e tribulações. Acharia tal gente, por acaso, que existe mais bondade em condenar o homem a um sofrimento perpétuo, por alguns momentos de erro, que em lhe fornecer os meios de reparar suas faltas? “Dois fabricantes tinham, cada um, um operário que podia aspirar a se tornar sócio do chefe. Ora, sucedeu que esses dois operários empregaram, uma vez, muito mal sua jornada e estavam merecendo ser despedidos. Um dos fabricantes mandou embora seu empregado, malgrado suas súplicas, e este, não tendo mais achado trabalho, morreu na miséria. O outro patrão disse a seu empregado: Você perdeu um dia, você me deve um dia em compensação; você fez mal feito seu trabalho, você me deve a reparação dele; eu lhe permito recomeçar; empenhe-se por fazê-lo bem feito e eu o conservarei, e você poderá sempre aspirar à posição superior que lhe prometi.” Precisa perguntar qual dos dois fabricantes foi o mais humano? Deus, a própria clemência, seria mais inexorável que um homem? O pensamento de que nosso destino está para sempre determinado por alguns anos de provação, ainda mesmo que nem sempre dependesse de nós alcançar a perfeição na Terra, apresenta algo de deprimente, ao passo que a ideia contrária é eminentemente consoladora: ela nos dá esperança. Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra a pluralidade das existências, sem admitir uma hipótese de preferência a outra, nós dizemos que, se tivéssemos escolha, não existiria ninguém que daria preferência a um julgamento sem apelação. Um filósofo disse que, se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo para a felicidade do gênero humano; a gente poderia dizer outro tanto sobre a pluralidade das existências. Mas, como dissemos, Deus não nos pede nossa permissão; ele não consulta nossa opinião; as coisas são ou não são; vejamos para que lado pendem as probabilidades e enfrentemos o tema de um outro ponto de vista, sempre abstração feita quanto ao ensinamento dos Espíritos e unicamente como estudo filosófico.

Se não existe reencarnação, só existe uma existência corpórea, o que é evidente; caso nossa existência corpórea seja a única, a alma de cada homem se criou em seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que a gente perguntaria o que era a alma antes do nascimento e se aquele estado não constituía uma existência, sob uma forma qualquer. Não existe meio-termo: ou a alma existia ou não existia antes do corpo; se ela existia, qual era sua situação? Possuía ou não consciência de si mesma; se não possuía consciência, era quase como se não existisse; se possuía sua individualidade, ela estava progredindo ou era estacionária; em um e outro caso, em que estágio chegou ao corpo? Admitindo-se, conforme a crença popular, que a alma nasce com

o corpo ou, o que vem a dar no mesmo, que, anteriormente à sua encarnação, ela possuía apenas faculdades negativas, nós colocamos as questões seguintes:

1. Por que a alma demonstra aptidões tão diversas e independentes das ideias adquiridas através da educação?

2. Onde vem a aptidão supranormal de certas crianças de tenra idade para tal arte ou tal ciência, ao passo que as outras permanecem inferiores ou medíocres por toda a sua vida?

3. Onde vêm, para uns, as ideias inatas ou intuitivas, que não se encontram nos outros?

4. Onde vêm, para certas crianças, esses instintos precoces para os vícios ou para as virtudes, esses sentimentos inatos para a dignidade ou para a baixaza, que contrastam com o meio no qual nasceram?

5. Por que certos homens, abstração feita da educação, são mais adiantados que os outros?

6. Por que existem selvagens e homens civilizados? Se vocês pegarem uma criança hotentote lactente e se a educarem nos liceus de maior renome, vocês a transformariam definitivamente em um Laplace ou um Newton?

Nós perguntamos: qual é a filosofia ou a teosofia que consegue resolver esses problemas? Ou as almas ao nascerem são iguais ou são desiguais; isso não causa dúvida. Se elas são iguais, por que essas aptidões tão diversas? Dirá a gente que isso depende do organismo? Mas, então, essa é a doutrina mais monstruosa e mais imoral. O homem não passa de u'a máquina, brinquedo da matéria; ele não tem a responsabilidade por seus atos; ele pode tudo imputar às suas imperfeições físicas. Se elas são desiguais, é que Deus as criou assim; mas, então, por que essa superioridade inata concedida a alguns? É essa parcialidade conforme à sua justiça e ao amor que ele dedica igualmente a todas as suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma sucessão de existências anteriores em progressão e tudo fica explicado. Os homens trazem, ao nascer, a intuição do que adquiriram; eles são mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que percorreram, conforme estejam mais ou menos distantes do ponto de partida: exatamente como em uma reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá um desenvolvimento proporcional ao número de anos que tiver vivido; as existências sucessivas constituirão para a vida da alma o que os anos constituem para a vida do corpo. Reúnam, um dia, mil indivíduos de um ano até oitenta; suponham que um véu seja arremessado sobre todos os dias precedentes, e que, em sua ignorância, vocês pensem que todos eles nasceram no mesmo dia: vocês se questionarão, naturalmente, como é que uns são grandes e outros, pequenos; uns, velhos e outros, jovens; uns, instruídos e outros ainda, ignorantes; mas, se a nuvem que lhes esconde o passado dissipar-se, se vocês compreenderem que todos viveram por mais ou menos tempo, tudo lhes quedará explicado. Deus, na sua justiça, não teve como criar almas mais ou menos perfeitas; mas, com a pluralidade das existências, a desigualdade que nós observamos não contraria em nada a equidade mais rigorosa: sucede que nós observamos tão só o presente e não o passado. Repousa tal raciocínio sobre um sistema, uma suposição gratuita? Não, nós partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e nós nos deparamos com esse fato inexplicável

através de todas as teorias que estão em curso; ao passo que a explicação disso é simples, natural, lógica, através de uma outra teoria. É razoável preferir a que não explica à que explica?

Quanto à sexta questão, dirão, sem dúvida, que o hotentote é de uma raça inferior: então, nós perguntaremos se o hotentote é um homem ou não. Se é um homem, por que deserdaria Deus, a ele e à sua raça, dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se ele não é um homem, por que buscar torná-lo cristão? A doutrina espírita é mais pródiga quanto a isso; para ela, não existem várias espécies de homens; existem apenas homens cujo espírito é mais ou menos retardado mas suscetível de progredir: isso não é mais conforme à justiça de Deus?

Nós acabamos de ver a alma em seu passado e em seu presente; caso a observemos em seu futuro, nós acharemos as mesmas dificuldades.

1. Se nossa existência atual deve decidir sozinha sobre o nosso destino futuro, qual é, na vida futura, a situação respectiva do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível ou estarão distanciados no cálculo da felicidade eterna?

2. O homem que trabalhou toda a sua vida para se melhorar se acha no mesmo nível do que permaneceu inferior, não por sua culpa, mas porque não teve nem o tempo nem a possibilidade de se melhorar?

3. O homem que praticou o mal, porque não lhe foi possível esclarecer-se, é passível de um estado de coisas que não dependeu dele?

4. A gente trabalha para esclarecer os homens, para moralizá-los, para civilizá-los; mas, para um que se esclarece, existem milhões que morrem a cada dia antes que a luz tenha chegado até eles; qual é o destino destes? São tratados como condenados? Do contrário, que fizeram para merecer situarem-se na mesma categoria que os outros?

5. Qual é o destino das crianças que morrem em tenra idade, antes que lhes seja possível praticar ou o bem ou o mal? Se ficam entre os eleitos, por que esse favor sem terem feito nada para merecê-lo? Por qual privilégio se livram das tribulações da vida?

Existe alguma doutrina que possa resolver tais questões? Admitam as existências consecutivas, e tudo se explica de conformidade com a justiça de Deus. O que não foi possível realizar em uma existência, realiza-se em uma outra; eis como ninguém foge à lei do progresso; como cada um será recompensado segundo seu mérito *real* e como ninguém se exclui da felicidade suprema, que pode pretender, quaisquer que sejam os obstáculos que haja de encontrar em sua rota.

Essas questões poderiam ser multiplicadas ao infinito, pois os problemas psicológicos e morais que acham sua solução apenas na pluralidade das existências são inumeráveis; nós nos limitamos aos mais genéricos. Seja como for, talvez nos digam, a doutrina da reencarnação não é em absoluto admitida pela Igreja; isto seria a decadência da religião. Nossa meta não é tratar desta questão, neste momento; é suficiente para nós haver demonstrado que ela é eminentemente moral e racional. Ora, o que é moral e racional não tem como ser contrário a uma religião que proclama que Deus é a bondade e a razão por excelência. Que teria sucedido à religião, caso, contra a opinião universal e o testemunho da ciência, tivesse ficado pé contra a evidência e tivesse expulsado de seu seio qualquer um que não houvesse acreditado no movimento do sol ou nos seis dias da criação? Que crédito teria merecido e que autoridade teria alcançado, entre os povos

esclarecidos, uma religião fundamentada em erros manifestos fornecidos como artigos de fé? Quando a evidência foi demonstrada, a Igreja se alinhou sabiamente ao lado da evidência. Caso fique provado que existem coisas impossíveis sem a reencarnação, caso certos pontos do dogma só consigam ser explicados por este meio, será preciso admitir e reconhecer que o antagonismo entre esta doutrina e aqueles dogmas não é senão aparente. Mais tarde, nós demonstraremos que a religião talvez esteja menos distante deste ponto do que se pensa, e que ela não sofreria mais do que sofreu com a descoberta do movimento da Terra e dos períodos geológicos, que, de início, pareceram oferecer um desmentido aos textos sagrados. O princípio da reencarnação ressaí, de resto, de várias passagens das Escrituras, e se acha notavelmente formulado de maneira explícita no Evangelho:

“Quando eles estavam descendo da montanha (após a transfiguração), Jesus fez esta recomendação e lhes disse: ‘Não falem a ninguém do que vocês acabam de ver, até que o filho do homem esteja ressuscitado de entre os mortos.’ — Seus discípulos o interrogaram então, e lhe perguntaram: ‘Por que os escribas dizem que é preciso que Elias venha antes?’ — Mas Jesus lhes respondeu: ‘É verdade que Elias deve vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas eu lhes declaro que Elias já veio e eles não o conheceram em absoluto, mas o fizeram sofrer do jeito que quiseram. Eis como farão morrer o filho do homem.’ Então seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes havia falado.” (São Mateus, cap. xvii.)

Uma vez que João Batista era Elias, houve, portanto, reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

Qualquer que seja, aliás, a opinião que se faça a respeito da reencarnação, que se aceite ou que não se aceite, nem por isso as pessoas deixarão de sofrê-la, caso ela exista, não obstante toda crença contrária; o ponto essencial é que o ensinamento dos Espíritos é eminentemente cristão; ele se apoia na imortalidade da alma, nas penas e nas recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo; logo, ele não é anti-religioso.

Nós raciocinamos, como dissemos, abstraindo todo ensinamento espírita, que, para certas pessoas, não possui autoridade. Se nós, como tantos outros, adotamos como opinião a pluralidade das existências, não é somente porque ela nos vem dos Espíritos; é porque ela nos parece a mais lógica e porque só ela resolve as questões até então insolúveis. Viesse a nós de um simples mortal, que a teríamos adotado igualmente, que não teríamos hesitado, além do mais, em renunciar às nossas próprias ideias; no instante em que um erro fica demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar, caso se afeire a uma ideia falsa. Assim também nós a teríamos rejeitado, conquanto viesse dos Espíritos, caso nos parecesse contrária à razão, como rejeitamos muitas outras; pois nós sabemos por experiência que não se deve aceitar às cegas tudo o que vem de sua parte, não mais do que vem da parte dos homens. Sua primeira condição aos nossos olhos é, portanto, antes de tudo, a de ser lógica; ela possui uma outra, a de ser confirmada pelos fatos: fatos positivos e, por assim dizer, materiais, que um estudo atento e racional alcança revelar a quem quer que se dê ao trabalho de observar com paciência e perseverança, e perante os quais a dúvida não seja mais possível. Quando tais fatos se popularizarem, como

os da formação e do movimento da Terra, será preciso render-se à evidência, e os opositores terão de arcar com as custas da contradição.

Reconheçamos, pois, em suma, que a doutrina da pluralidade das existências é a única que explica o que, sem ela, é inexplicável; que é eminentemente consoladora e conforme à justiça mais rigorosa, e que é para o homem a tábua de salvação que Deus lhe forneceu em sua misericórdia.

As palavras mesmas de Jesus não podem deixar dúvida a esse respeito. Eis aqui o que se diz no Evangelho segundo São João, capítulo III:

3. Jesus, respondendo a Nicodemos, disse: “Em verdade, em verdade, eu lhe digo que, se um homem *não nasce de novo*, ele não é capaz de ver o reino de Deus.”

4. Nicodemos lhe perguntou: “Como pode um homem nascer quando está velho? Tem ele como reentrar no ventre de sua mãe e nascer uma segunda vez?”

5. Jesus respondeu: “Em verdade, em verdade, eu lhe digo que, se um homem não nasce da água e do espírito, ele não é capaz de entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito. Não se espante em absoluto do que eu lhe tenho dito: *É preciso que você nasça de novo.*” (Ver, adiante, o artigo *Ressurreição da carne*, n.º 1010.)

## CAPÍTULO VI

# VIDA ESPÍRITA

1. Espíritos errantes. — 2. Mundos transitórios. — 3. Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos. — 4. Ensaio teórico sobre as sensações entre os Espíritos. — 5. Escolha das provações. — 6. Relações de além-túmulo. — 7. Relações simpáticas e antipáticas dos Espíritos. Metades eternas. — 8. Lembrança da existência corpórea. — 9. Comemoração dos mortos. Funerais.

### Espíritos errantes.

223. Reencarna-se a alma imediatamente após sua separação do corpo?

“Às vezes, imediatamente, mas o mais frequente é após intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata; sendo a matéria corpórea menos grosseira, o Espírito aí encarnado desfruta de quase todas as faculdades de Espírito; seu estado normal é o dos seus sonâmbulos lúcidos.”

224. Em que se torna a alma no intervalo das encarnações?

“Espírito errante que aspira para depois sua nova destinação; ele espera.”

— De quanto pode ser a duração desses intervalos?

“De algumas horas a alguns milhares de séculos. De resto, não existe em absoluto, propriamente falando, limite extremo assinalado para o estado errante, que é capaz de se prolongar por muitíssimo tempo, mas que, entretanto, não é jamais perpétuo. O espírito pode sempre, cedo ou tarde, recomeçar uma existência que sirva para a purificação de suas existências anteriores.”

— Fica essa duração subordinada à vontade do Espírito, ou pode ser-lhe imposta como expiação?

“É uma consequência do livre-arbítrio; os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem, mas existem aqueles para quem se trata de uma punição infligida por Deus; outros pedem que se prolongue, para prosseguirem uns estudos que não têm como produzir fruto senão no estado de Espírito.”

225. É a erraticidade por si mesma um sinal de inferioridade para os Espíritos?

“Não, pois há Espíritos errantes de todos os níveis. A encarnação é um estado transitório, nós o dissemos; em seu estado normal, o Espírito fica desligado da matéria.”

226. Pode-se dizer que todos os Espíritos que não se acham encarnados são errantes?

“Os que têm que se reencarnar, sim; mas os puros Espíritos que vão chegando à perfeição não são errantes: seu estado é definitivo.”

Sob o aspecto das qualidades íntimas, os Espíritos são de diferentes ordens ou níveis, os quais eles vão percorrendo sucessivamente, à medida que vão purificando-se. Sob o aspecto do estado, eles podem ser *encarnados*, quer dizer, unidos a um corpo; *errantes*, quer dizer, desligados do corpo material e aguardando uma nova encarnação para se melhorarem; *puros Espíritos*, quer dizer, perfeitos e não precisando mais de encarnação.

227. De que maneira os Espíritos errantes se instruem? Eles não o fazem, sem dúvida, da mesma forma que nós.

“Eles estudam seu passado e procuram os meios de se elevarem. Eles veem, observam o que se passa nos lugares que percorrem; ouvem os discursos dos homens esclarecidos e os conselhos dos Espíritos mais elevados que eles, e isso lhes fornece ideias que não possuíam.”

228. Conservam os Espíritos algumas das paixões humanas?

“Os espíritos elevados, ao perderem seu invólucro, abandonam as más paixões e preservam apenas a do bem; mas os Espíritos inferiores as conservam; caso contrário, pertenceriam à primeira ordem.”

229. Por que os Espíritos, ao deixarem a Terra, não abandonam todas as suas más paixões, uma vez que nelas veem os inconvenientes?

“Você tem nesse mundo pessoas que são excessivamente vaidosas; crê você que, uma vez que o deixem, perdem esse defeito? Resta, após a partida daqui, sobretudo para os que tiveram paixões muito profundas, uma espécie de atmosfera que os envolve e mantém todas essas suas coisas ruins, pois o Espírito não se desprende inteiramente; é apenas por instantes que ele entrevê a verdade, como para lhe mostrar o bom caminho.”

230. Progride o Espírito no estado errante?

“Ele é capaz de se melhorar bastante, sempre segundo sua vontade e seu desejo; mas é na existência corpórea que ele põe em prática as novas ideias que adquiriu.”

231. São os Espíritos errantes felizes ou infelizes?

“Mais ou menos, segundo seu mérito. Eles sofrem com as paixões cujo princípio conservaram, ou bem são felizes, conforme estejam mais ou menos desmaterializados. No estado errante, o Espírito entrevê o que lhe falta para ser mais feliz; eis quando ele procura os meios para isso; mas nem sempre lhe é permitido reencarnar-se à sua vontade, e isso é uma punição.”

232. No estado errante, é possível aos Espíritos irem a todos os mundos?

“Isso varia; não é porque o Espírito deixou o corpo que se ache completamente desprendido da matéria; ele pertence ainda ao mundo em que viveu ou a um mundo de

mesmo nível, a menos que, durante sua vida, se haja elevado; e é essa a meta a que tem de visar, sem o que não se aperfeiçoaria jamais. Ele pode, todavia, ir a certos mundos superiores, mas, então, lá ficará na condição de estrangeiro; ele apenas os vislumbra, por assim dizer, e é o que lhe propicia o desejo de se melhorar para ser digno da felicidade que ali se usufrui e para poder ali habitar mais tarde.”

233. Vêm os Espíritos já purificados aos mundos inferiores?

“Eles vêm amiúde a fim de ajudá-los a progredir, sem o que esses mundos ficariam entregues a si mesmos, sem guias para norteá-los.”

### Mundos transitórios.

234. Existem, como foi dito, mundos que servem aos Espíritos errantes de estações ou de pontos de repouso?

“Sim, existem mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos em que podem habitar temporariamente; espécies de bivaques, de campos para se repousar de uma demasiado longa erraticidade, estado sempre um pouco penoso. Eles encerram condições intermediárias entre os outros mundos e são nivelados pela natureza dos Espíritos que conseguem ali chegar, e onde desfrutam um bem-estar maior ou menor.”

— Podem os Espíritos que habitam esses mundos deixá-los quando quiserem?

“Sim, os Espíritos que se acham nesses mundos podem afastar-se deles para irem aonde eles têm que chegar. Imaginem aves de arribação descendo em uma ilha, aguardando até reaverem as forças para chegarem a seu destino.”

235. Progridem os Espíritos durante suas permanências nos mundos transitórios?

“Certamente; os que se reúnem assim é com o objetivo de se instruírem e poderem mais facilmente obter permissão para chegarem aos lugares melhores, e alcançarem a situação que obtêm os eleitos.”

236. São os mundos transitórios perpetuamente, e por sua natureza especial, destinados aos Espíritos errantes?

“Não, sua condição é temporária.”

— São eles, ao mesmo tempo, habitados por seres corpóreos?

“Não, a superfície é estéril. Os que os habitam não têm necessidade de nada.”

— É essa esterilidade permanente e relativa à sua natureza especial?

“Não; tais mundos são estéreis transitoriamente.”

— Têm esses mundos, então, que ser desprovidos de belezas naturais?

“A natureza se manifesta através das belezas da imensidade, que não são menos admiráveis do que as que vocês chamam de belezas naturais.”

— Uma vez que o estado desses mundos é transitório, nossa Terra estará um dia nesse número?

“Ela esteve.”

— Em que época?  
“Durante sua formação.”

Nada é inútil na natureza: cada coisa possui seu objetivo, sua destinação; nada é vazio, tudo é habitado, a vida está em toda a parte. Assim, durante a imensa série de séculos que transcorreu antes do surgimento do homem na Terra, durante esses lentos períodos de transição atestados através das camadas geológicas, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, nessa massa informe, nesse árido caos onde os elementos se achavam misturados, não existia ausência de vida; seres que não possuíam nem nossas necessidades, nem nossas sensações físicas, aí encontravam refúgio. Deus desejou que, mesmo nesse estado imperfeito, ela servisse para alguma coisa. Quem ousaria, portanto, dizer que, entre esses bilhões de mundos que circulam na imensidade, um só, um dos menores, perdido na infinidade, teve o privilégio exclusivo de ser povoado? Qual seria, assim, a utilidade dos outros? Deus os teria criado apenas com o fito de recrear nossos olhos? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que rebrilha em todas as suas obras, e inadmissível quando se pensa em todas as que não podemos distinguir. Ninguém haverá de contestar que existe nesta ideia dos mundos ainda impróprios para a vida material, não obstante, povoados de seres vivos ajustados a esse ambiente, alguma coisa de grande e de sublime, onde se encontra, talvez, a solução de mais de um problema.

### Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos.

237. Possui ainda a alma, uma vez no mundo dos Espíritos, as percepções que possuía quando viva?

“Sim, e outras que não possuía, porque seu corpo era como um véu que a obscurecia. A inteligência é um atributo do Espírito que se manifesta mais livremente, porém, quando ele não tem entraves.”

238. São as percepções e os conhecimentos dos Espíritos infinitos? Em suma, sabem eles todas as coisas?

“Mais eles se aproximam da perfeição, mais eles sabem; caso sejam superiores, sabem muito; os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes em todas as coisas.”

239. Conhecem os Espíritos o princípio das coisas?

“Isso se dá de acordo com sua elevação e sua pureza; os Espíritos inferiores não sabem mais que os homens.”

240. Compreendem os Espíritos a duração do tempo como nós?

“Não; e é isso que faz que vocês nem sempre nos compreendam quando se trata de estabelecer datas ou épocas.”

Os Espíritos vivem fora do tempo tal como nós o entendemos; a duração do tempo, para eles, se anula, por assim dizer, e os séculos, tão longos para nós, são a seus olhos tão somente instantes que se desfazem na eternidade, da mesma forma que as desigualdades do solo se desfazem e desaparecem para quem se eleva no espaço.

241. Possuem do presente os Espíritos uma ideia mais precisa e mais justa que nós?

“Mais ou menos como quem vê claro possui uma ideia mais justa das coisas do que o cego. Os Espíritos veem o que vocês não veem; eles julgam, portanto, diferentemente de vocês, mas, ainda uma vez, isso depende de sua elevação.”

242. Como os Espíritos mantêm o conhecimento do passado? É esse conhecimento para eles sem limite?

“O passado, quando nós nos ocupamos dele, é um presente, exatamente como você se lembra de uma coisa que o chocou no decorrer de seu exílio. Somente, como nós não temos mais o véu material que obscurece sua inteligência, nós nos lembramos de coisas que se apagaram para você, mas nem tudo é conhecido dos Espíritos; sua criação, em primeiro lugar.”

243. Os Espíritos conhecem o futuro?

“Isso também depende da perfeição; o mais das vezes, eles apenas o entreveem, *mas nem sempre lhes é permitido revelá-lo*; quando eles o veem, parece-lhes presente. O Espírito vai percebendo o futuro mais claramente, à medida que vai aproximando-se de Deus. Após a morte, a alma vê e abarca de pronto *suas emigrações passadas*, mas não consegue perceber o que Deus lhe destina; precisa, para isso, que ela esteja toda inteira nele após muitas existências.”

— Chegando os Espíritos à perfeição absoluta, têm eles um conhecimento completo do futuro?

“Completo não é a palavra, pois só Deus é o supremo senhor e ninguém o consegue igualar.”

244. Veem os Espíritos a Deus?

“Os Espíritos superiores, somente eles, o veem e o compreendem; os Espíritos inferiores o sentem e o pressentem.”

— Quando um Espírito inferior afirma que Deus lhe proíbe ou lhe permite uma coisa, como sabe que isso provém dele?

“Ele não vê Deus, mas sente sua soberania e, quando uma coisa não deve ser feita ou uma palavra, dita, ele percebe uma como que intuição, uma advertência invisível, que o proíbe de fazê-lo. Não têm vocês mesmos pressentimentos que lhes são como advertências secretas para fazer ou para não fazer tal ou qual coisa? O mesmo sucede conosco, somente em um nível superior, pois você compreende que, sendo a essência dos Espíritos mais sutil que a sua, eles conseguem melhor receber as advertências divinas.”

— É a ordem transmitida diretamente de Deus ou por intermédio de outros Espíritos?

“Ela não vem diretamente de Deus; para comunicar-se com ele, precisa ser digno disso. Deus transmite a ele suas ordens através de Espíritos que se acham mais elevados em perfeição e em instrução.”

245. É circunscrita a visão dos Espíritos, como nos seres corpóreos?

“Não, ela reside neles.”

246. Têm os Espíritos necessidade da luz para enxergar?

“Eles enxergam por si mesmos e não têm necessidade da luz exterior; para eles, não existem trevas, exceto as em que podem achar-se por expiação.”

247. Precisam os Espíritos transportar-se para ver em dois pontos diferentes? Podem eles, por exemplo, ver simultaneamente em ambos os hemisférios do globo?

“Como o Espírito se transporta com a rapidez do pensamento, pode-se dizer que ele vê por toda a parte de uma vez; seu pensamento consegue irradiar e atingir ao mesmo tempo diversos pontos diferentes, mas essa faculdade depende de sua pureza: menos puro seja, mais sua visão é limitada; tão só os Espíritos superiores conseguem abranger um conjunto.”

A faculdade de ver, entre os Espíritos, é uma propriedade inerente à sua natureza, e reside em todo o seu ser, como a luz reside em todas as partes de um corpo luminoso; é um tipo de lucidez universal que se estende por tudo, abrange de uma vez o espaço, os tempos e as coisas e para a qual não existem nem trevas nem obstáculos materiais. A gente compreende que tem que ser assim; para o homem, operando-se a visão através do funcionamento de um órgão atingido pela luz, sem luz ele queda no escuro; para o Espírito, sendo a faculdade de ver um atributo dele mesmo, abstraída de qualquer agente exterior, a visão é independente da luz. (Ver *Ubiquidade*, n.º 92.)

248. Vê o Espírito as coisas tão distintamente quanto nós?

“Mais distintamente, pois sua vista penetra o que a sua não consegue penetrar; nada a obscurece.”

249. O Espírito ouve os sons?

“Sim, e escuta os que seus sentidos obtusos não conseguem ouvir.”

— Está a faculdade de escutar em todo o seu ser, como a de ver?

“Todas as percepções são atributos do Espírito e fazem parte de seu ser; quando ele se reveste com um corpo material, elas só lhe chegam através do canal dos órgãos; mas, no estado de liberdade, elas não se acham mais localizadas.”

250. Sendo as percepções atributos do Espírito mesmo, é possível para ele dispensá-las?

“O Espírito não vê e não ouve senão o que deseja. Isto se diz de um modo geral, e sobretudo em relação aos Espíritos elevados, pois, em relação aos que são imperfeitos, estes ouvem e veem, quase sempre malgrado seu desejo, o que lhes pode ser útil ao melhoramento.”

251. São os Espíritos sensíveis à música?

“Deseja você falar de sua música? Que é ela perto da música celeste, dessa harmonia da qual nada na Terra lhes consegue fornecer uma ideia? Uma é para a outra o que o canto do selvagem é para a suave melodia. Todavia, os Espíritos comuns conseguem experimentar um certo prazer ao ouvirem sua música, porque não lhes foi dado ainda compreender u’a mais sublime. A música possui, para os Espíritos, infinitos encantos, em razão de suas qualidades sensitivas muito desenvolvidas; eu aludo à música celeste, que é tudo o que a imaginação espiritual é capaz de conceber de mais belo e de mais suave.”

252. São os Espíritos sensíveis às belezas naturais?

“As belezas naturais dos globos são tão diferentes que a gente se acha longe de conhecê-las. Sim, eles são sensíveis a elas, segundo sua aptidão para apreciá-las e para compreendê-las; para os Espíritos elevados existem belezas de conjunto diante das quais se desfazem, por assim dizer, as belezas dos pormenores.”

253. Provam os Espíritos nossas necessidades e nossos sofrimentos físicos?

“Eles os *conhecem*, porque os sofreram, mas não os provam materialmente como vocês: eles são Espíritos.”

254. Provam os Espíritos a fadiga e a necessidade de repouso?

“Eles não têm como padecer a fadiga tal como vocês a entendem; por conseguinte, eles não sentem a necessidade de seu repouso corpóreo, porquanto não possuem os órgãos cujas forças tenham de ser reparadas; mas o Espírito repousa no sentido de que não se dá a uma atividade constante; ele não age de um modo material; sua ação é toda intelectual e seu repouso, todo moral; quer dizer que existem momentos em que seu pensamento para de ser tão ativo e não se volta para um tema determinado: é um verdadeiro repouso, mas que não é comparável ao do corpo. A forma de fadiga que podem provar os Espíritos se dá em função de sua inferioridade; pois quanto mais se elevam, menos o repouso lhes é necessário.”

255. Quando um Espírito afirma que sofre, que natureza de sofrimento experimenta?

“Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente do que os sofrimentos físicos.”

256. Qual é a causa, então, de uns Espíritos reclamarem de sofrer frio ou calor?

“Lembrança do que passaram durante a vida, tão penosa às vezes quanto a realidade; trata-se amiúde de uma comparação através da qual, por falta de melhor, eles expressam sua situação. Quando eles se recordam de seu corpo, experimentam um tipo de impressão, como quando a gente tira um casaco e acredita ainda estar com ele algum tempo depois.”

### **Ensaio teórico sobre a sensação entre os Espíritos.**

257. O corpo é o instrumento da dor; ele é, quando não a causa primeira, ao menos a causa imediata. A alma possui a percepção dessa dor: tal percepção é o efeito; a lembrança que conserva da dor pode ser muito penosa, mas não tem como se constituir em uma ação física. Com efeito, nem o frio nem o calor conseguem lesionar os tecidos da alma; a alma não tem como nem gelar nem queimar. Não percebemos nós, todos os dias, a recordação ou o receio de um mal físico produzir o efeito da realidade, ocasionar mesmo a morte? Todo o mundo sabe que as pessoas amputadas se ressentem de dor no membro que não existe mais. Certamente, não reside de fato nesse membro a sede nem mesmo o ponto de partida da dor: o cérebro conservou a impressão dela; eis tudo. Logo, é possível crer em que existe qualquer coisa de análogo nos sofrimentos do Espírito após a morte. Um estudo mais aprofundado do perispírito, que representa um papel tão importante em todos os fenômenos espíritas, um estudo das aparições vaporosas ou tangíveis, do estado do Espírito no momento da morte, da ideia tão frequente junto a ele de que está vivo ainda, do quadro tão comovente dos suicidas, dos executados, das pessoas que se deixaram absorver pelos prazeres materiais e de tantos outros fatos veio iluminar esta questão e motivou as explicações cujo resumo nós oferecemos aqui.

O perispírito é o liame que une o Espírito à matéria do corpo; ele é haurido no meio ambiente, no fluido universal; e contém, de uma só vez, eletricidade, fluido magnético e, até um certo ponto, matéria inerte. A gente poderia dizer que é a quintessência da matéria; é o princípio da vida orgânica, mas não é o da vida intelectual: a vida intelectual se acha no Espírito. Ele é, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, essas sensações estão distribuídas pelos órgãos que lhes servem de canais. Destruído o corpo, as sensações se generalizam. Eis aí porque o Espírito não afirma que sofre antes da cabeça que dos pés. É preciso, aliás, precaver-se quanto a confundir as sensações do perispírito, considerado independentemente, com as do corpo: nós só podemos tomar estas últimas como termo de comparação e não como analogia. Desligado do corpo, o Espírito é capaz de sofrer, mas tal sofrimento não é o do corpo: contudo, não se trata de um sofrimento exclusivamente moral, como o remorso, porquanto ele reclama do frio e do calor; ele não sofre mais no inverno que no verão: nós os vimos passar através das chamas sem nada provar de penoso; a temperatura não provoca neles, portanto, nenhuma sensação. A dor que sentem não é, pois, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo de que o próprio Espírito nem sempre se conscientiza de modo perfeito, precisamente porque a dor não se acha localizada e porque não se produz através de agentes exteriores: trata-se mais de uma lembrança que de uma realidade, mas uma lembrança do mesmo modo penosa. Há, entretanto, às vezes, mais de uma lembrança, como nós vamos ver.

A experiência nos ensina que, no momento da morte, o perispírito se desliga mais ou menos lentamente do corpo; durante os primeiros instantes, o Espírito não sabe explicar sua situação; ele não crê estar morto, ele se sente vivo; ele vê seu corpo a um lado, sabe ser o seu e não compreende que esteja separado dele; esse estado dura o tempo todo em que existir um liame entre o corpo e o perispírito. Um suicida nos dizia: Não, eu não estou morto, e juntava: *entretanto, eu sinto os vermes que me roem*. Ora, certamente, os vermes não roíam o perispírito e ainda menos o Espírito; eles só roíam o corpo. Mas, como a separação do corpo e do perispírito não estava completa, resultava disso um tipo de repercussão moral que lhe transmitia a sensação do que se passava no corpo. Repercussão talvez não seja a palavra certa: poderia fazer crer em um efeito por demais material; era antes a visão do que se passava no corpo, ao qual se prendia seu perispírito, que produzia nele uma ilusão que tomava por uma realidade. Assim, não se tratava de uma lembrança, porquanto, durante sua vida, ele não fora roído pelos vermes; era uma impressão da atualidade. A gente percebe através disso as deduções que se podem tirar dos fatos, quando são observados atentamente. Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se chama de fluido nervoso. Estando o corpo morto, não sente mais nada, porque não existem mais nele nem Espírito nem perispírito. O perispírito, desligado do corpo, recebe a sensação; mas, como não lhe chega mais através de um canal limitado, ela se generaliza. Ora, como ele não passa, na realidade, de um agente de transmissão, porquanto é o Espírito que possui a consciência, resulta daí que, se pudesse existir um perispírito sem Espírito, ele não sentiria mais que o corpo quando morto; da mesma forma, caso um Espírito não tivesse nenhum perispírito, seria inacessível a toda sensação penosa; é o que sucede aos Espíritos completamente depurados. Nós sabemos

que, mais eles se purificam, mais a essência do perispírito se torna etérea; donde se segue que a influência material vai diminuindo à medida que o Espírito vai progredindo, quer dizer, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

Mas, dirá alguém, as sensações agradáveis são transmitidas ao Espírito através do perispírito, como as sensações desagradáveis; ora, se o Espírito puro é inacessível a umas, deve ser igualmente às outras. Sim, sem dúvida, àquelas que provêm unicamente da influência da matéria que nós conhecemos; o som de nossos instrumentos, o perfume de nossas flores não lhe causam nenhuma impressão, todavia, existem nele sensações íntimas, de um encanto indefinível, de que não nos é possível fazer nenhuma ideia, porque nós somos, em relação a elas, como cegos de nascença em relação à luz; nós sabemos que isso existe; mas através de que meio? Aqui para nosso conhecimento. Nós sabemos que existem percepção, sensação, audição, visão; que tais faculdades são atributos de todo o ser, e não, como entre os homens, de uma parte do ser; mas, ainda uma vez, através de que meio? Eis o que nós não sabemos. Os Espíritos mesmos não têm como nos fazer compreender, porque nossa língua não foi feita para exprimir ideias que não possuímos, não mais que, na língua dos selvagens, não existem termos para exprimir nossas artes, nossas ciências e nossas doutrinas filosóficas.

Ao dizer que os Espíritos são inacessíveis às impressões da nossa matéria, nós desejamos falar dos Espíritos muito elevados, cujo invólucro etéreo não tem análogo neste mundo. Não se passa o mesmo com aqueles cujo perispírito é mais denso; esses percebem nossos sons e nossos odores, mas não por uma parte delimitada de sua personalidade, como em sua vida. A gente poderia dizer que as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o seu ser e chegam, assim, ao seu *sensorium commune*, que é o Espírito, ele mesmo, embora de um modo diferente e talvez também com uma sensação diferente, o que produz uma mudança na percepção. Eles escutam o som de nossa voz, entretanto, eles nos compreendem sem o auxílio da palavra, através da mera transmissão do pensamento; e o que vem em apoio ao que estamos dizendo é que essa penetração é tanto mais fácil quanto mais o Espírito esteja desmaterializado. Quanto à visão, ela não depende de nossa luz. A faculdade de ver é um atributo essencial da alma: para ela, não existe obscuridade; ela, porém, é mais profunda, mais penetrante para os que se acham mais purificados. A alma, ou o Espírito, possui, pois, em si mesma, a faculdade de todas as percepções; na vida corpórea, elas ficam obliteradas pela densidade de seus órgãos; na vida extracorpórea, elas o são cada vez menos, à medida que se vai adelgaçando o invólucro semimaterial.

Esse invólucro, haurido no meio ambiente, varia conforme a natureza dos mundos. Ao passar de um mundo a outro, os Espíritos trocam de invólucro, como nós trocamos de roupa ao passar do inverno para o verão, ou do polo ao equador. Os Espíritos mais elevados, quando vêm visitar-nos, vestem, pois, o perispírito terrestre, e, desde então, suas percepções se realizam como entre os Espíritos comuns; mas todos, inferiores e superiores, só escutam e sentem o que desejam escutar ou sentir. Sem possuírem órgãos sensitivos, é possível para eles tornar à vontade suas percepções ativas ou nulas; existe tão só uma coisa que são forçados a ouvir; são os conselhos dos bons Espíritos. A visão permanece sempre ativa, mas eles conseguem, reciprocamente, tornar-se invisíveis uns aos outros. Segundo a posição que ocupam, são eles capazes de se ocultarem dos que lhes são inferiores, mas não dos que lhes são superiores. Nos primeiros momentos que se

seguem à morte, a vista do Espírito fica sempre turva e confusa; ela vai esclarecendo-se à medida que ele se vai desprendendo, até que consegue adquirir a mesma clareza que possuía durante a vida, independentemente de sua penetração através dos corpos que são opacos para nós. Quanto à sua extensão através do espaço infinito, no futuro e no passado, depende do nível de pureza e de elevação do Espírito.

Toda esta teoria, dirão, não é absolutamente reconfortante. Nós pensávamos que, uma vez desembaraçados de nosso invólucro grosseiro, instrumento de nossas dores, não sofreríamos mais, e eis que vocês nos ensinam que sofreremos ainda; que, seja de um jeito, seja de outro, não deixa de existir sofrimento. Ai de nós! Sim, nós podemos ainda sofrer, e muito, e por longo tempo, mas nós podemos também não sofrer mais, desde o instante mesmo em que deixamos esta vida corpórea.

Os sofrimentos deste mundo, às vezes, não dependem de nós, mas muitos são consequentes de nossa vontade. Que se remonte à origem e se verá que o maior número deles é consequência de causas que nós poderíamos ter evitado. Quantos males, quantas enfermidades deve o homem tão só a seus excessos, à sua ambição, às suas paixões, em suma? O homem que tivesse sempre vivido sobriamente, que não tivesse abusado de nada, que tivesse sempre sido simples quanto a seus gostos, modesto quanto a seus desejos, se eximiria de muitas tribulações. O mesmo se passa em relação ao Espírito; os sofrimentos que ele padece são sempre a consequência da forma pela qual viveu na Terra. Ele não terá mais, sem dúvida, a gota e os reumatismos, mas terá outros sofrimentos que não ficam atrás desses. Nós vimos que seus sofrimentos são o resultado dos liames que existem ainda entre ele e a matéria; que quanto mais ele está liberto da influência da matéria, ou seja, quanto mais ele está desmaterializado, tanto menos é afetado por sensações penosas; ora, depende dele apartar-se dessa influência, desde a presente vida; ele possui seu livre-arbítrio e, por conseguinte, a escolha entre fazer e não fazer; que ele dome suas paixões animais, que não tenha nem ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; que não seja dominado pelo egoísmo; que purifique sua alma através dos bons sentimentos; que pratique o bem; que só se apegue às coisas deste mundo segundo a importância de seu valor; então, mesmo sob seu invólucro corpóreo, ele já se acha purificado, ele já se acha desprendido da matéria, e, ao deixar este invólucro, ele não sofre mais sua influência; os sofrimentos físicos que suportou não lhe deixam nenhuma lembrança penosa; não lhe resta nenhuma sensação desagradável, porque elas só afetaram o corpo, e não o Espírito; ele fica feliz por se haver livrado delas, e a calma de sua consciência o aparta de todo sofrimento moral. Nós interrogamos a respeito milhares que pertenceram a todas as classes da sociedade, a todas as camadas sociais; nós os estudamos em todos os períodos de sua vida espírita, desde o instante em que deixaram seu corpo; nós os seguimos passo a passo nessa vida de além-túmulo, para observar as mudanças que se operavam neles, em suas ideias, em suas sensações, e, sob esse aspecto, os homens mais comuns não foram os que nos forneceram os pontos de estudo menos preciosos. Ora, nós sempre verificamos que os sofrimentos guardam correlação com a conduta, cujas consequências os Espíritos sofrem, e que essa nova existência é a fonte de uma felicidade inefável para os que seguiram pela boa rota; donde se segue que os que sofrem é porque fizeram o que bem quiseram e não podem culpar senão a si mesmos, tanto no outro mundo quanto neste.

## Escolha das provações.

258. Estando na erraticidade, antes de assumir uma nova existência corpórea, possui o Espírito a consciência e a previsão das coisas que lhe acontecerão durante a vida?

“Ele mesmo escolhe o tipo de provações que deseja suportar; eis em que consiste seu livre-arbítrio.”

— Logo, não é de modo algum Deus quem lhe impõe as tribulações da vida como castigo?

“Nada sucede sem a permissão de Deus, pois foi ele quem estabeleceu todas as leis que regem o universo. Então vocês vão perguntar por que ele fez tal lei em lugar de tal outra. Ao propiciar ao Espírito a liberdade da escolha, ele lhe deixa toda a responsabilidade de seus atos e de suas consequências: nada entrava seu futuro; a rota do bem se abre a ele como a do mal. Mas, caso ele sucumba, resta-lhe uma consolação, ou seja, que nem tudo findou para ele, pois Deus, em sua bondade, o deixa livre para recomeçar o que fez de errado. É preciso, de resto, distinguir o que é obra da vontade de Deus da que é da vontade do homem. Caso um perigo os ameace, não foram vocês que criaram esse perigo; foi Deus; mas vocês tiveram a vontade de se exporem a ele, porque perceberam nisso um meio de adiantamento; e Deus o permitiu.”

259. Se o Espírito tem a escolha do tipo de provação que tem de suportar, segue-se que todas as tribulações que sofremos na vida foram previstas e escolhidas por nós?

“Todas não é a palavra, pois não se pode dizer que vocês escolheram e previram tudo o que lhes sucede no mundo, até nas menores coisas; vocês escolheram o tipo de provação; os pormenores constituem a consequência da situação e, o mais das vezes, de suas próprias ações. Caso o Espírito tenha desejado nascer entre malfeitores, por exemplo, ele sabia a quais arrastamentos se expunha, mas não cada um dos atos que realizaria; tais atos constituem o efeito de sua vontade ou de seu livre-arbítrio. O Espírito sabe que, ao escolher tal rota, terá tal tipo de luta para suportar; ele conhece, portanto, a natureza das vicissitudes que vai encontrar, mas não sabe qual evento terá preferência. As ocorrências menores nascem das circunstâncias e da força das coisas. Tão somente os grandes eventos, os que influem sobre o destino, se acham previstos. Caso você pegue uma rota cheia de sulcos, você sabe que tem de tomar muitas precauções, porque você tem chance de cair, mas você não sabe em que lugar vai cair, e é possível que não caia, se for assaz prudente. Caso, ao passar na rua, lhe caia uma telha na cabeça, não creia que estava escrito, como se diz vulgarmente.”

260. Como pode o Espírito desejar nascer entre gente de má vida?

“É preciso que ele seja enviado a um ambiente onde tenha como sofrer a provação que pediu. Muito bem! É preciso, portanto, que se dê a analogia; para lutar contra o instinto de banditismo é preciso que ele se ache entre gente desse naipe.”

— Se não existisse gente de má vida na Terra, não teria o Espírito, então, como encontrar aqui o ambiente necessário para certas provações?

“E é isso que se teria que lamentar? É o que se passa nos mundos superiores, onde o mal não tem acesso; eis porque só existem ali bons Espíritos. Façam que ocorra logo o mesmo em sua Terra.”

261. Deve o Espírito, nas provas que tem que suportar para chegar à perfeição, sofrer todos os tipos de tentações? Deve ele passar por todas as circunstâncias que possam excitar-lhe o orgulho, a inveja, a avareza, a sensualidade etc.?

“Certamente não, porquanto, como vocês sabem, existem os que rumam, desde o começo, por uma rota que os livra de muitas provas; mas quem se deixa arrastar pelo caminho ruim, corre todos os perigos desse caminho. Um Espírito, por exemplo, pode pedir a riqueza e esta pode ser-lhe concedida; então, de acordo com seu caráter, ele poderá tornar-se avaro ou pródigo, egoísta ou generoso, ou bem se entregar a todos os prazeres da sensualidade; mas isso não quer dizer que ele deverá passar forçosamente pela série de todos esses pendores.”

262. Como pode o Espírito, que, em sua origem, é simples, ignorante e sem experiência, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?

“Deus supre sua inexperiência ao lhe traçar a rota que deve seguir, como você faz para um filho desde o berço; mas ele o deixa, a pouco e pouco, ser senhor de escolher, à medida que seu livre-arbítrio vai desenvolvendo-se, e é então que muitas vezes ele se extravai, rumando pelo mau caminho, caso não escute os conselhos dos bons Espíritos; eis aí o que se pode chamar a queda do homem.”

— Quando o Espírito desfruta seu livre-arbítrio, depende sempre a escolha da existência corpórea exclusivamente de sua vontade, ou bem essa existência lhe pode ser imposta pela vontade de Deus como expiação?

“Deus sabe esperar: ele não apressa a expiação; não obstante, ele pode impor uma existência a um Espírito, quando este, por sua inferioridade ou sua má vontade, não está apto a compreender o que lhe poderia ser mais salutar, e quando vê que essa existência pode servir para sua purificação e para seu adiantamento, ao mesmo tempo que ele aí encontra uma expiação.”

263. Procede o Espírito à sua escolha imediatamente após a morte?

“Não, muitos acreditam na eternidade das penas; como lhe foi dito: trata-se de um castigo.”

264. O que é que guia o Espírito na escolha das provas que ele deseja suportar?

“Ele escolhe as que podem constituir para ele uma expiação, conforme a natureza de suas faltas, e fazê-lo adiantar-se mais depressa. Alguns podem, portanto, impor-se uma vida de miséria e de privações, para tentar suportá-la com coragem; outros podem desejar sentir as tentações da fortuna e do poder, bem mais perigosas, por causa do abuso e da má aplicação que delas se pode fazer e por causa das paixões ruins que elas desenvolvem; outros, enfim, desejam ser testados através das lutas que terão de sustentar no contato com o vício.”

265. Se certos Espíritos escolhem o contato com o vício como provação, existem os que o escolhem por inclinação e pelo desejo de viver em um ambiente ajustado a seus gostos, ou para poderem entregar-se materialmente a seus pendores materiais?

“Existem, isso é certo, mas apenas entre aqueles cujo senso moral é ainda pouco desenvolvido; *a provação vem por si mesma, e eles a suportam por muito mais tempo.* Cedo ou tarde, eles compreendem que a satisfação das paixões brutais apresenta para eles consequências deploráveis, que suportarão durante um tempo que lhes parecerá eterno; Deus poderá deixá-los nesse estado, até que venham a compreender sua culpa e peçam por si mesmos para resgatá-las através de provações proveitosas.”

266. Não parece natural que se escolham as provações menos penosas?

“Para vocês, sim; para o Espírito, não; quando ele se acha desprendido da matéria, a ilusão cessa e ele pensa de outro modo.”

O homem, por se achar na Terra e por estar colocado sob a influência das ideias carnis, vê nas provações apenas o lado penoso; eis porque lhe parece natural escolher as que, de seu ponto de vista, podem combinar com os prazeres materiais; mas, na vida espiritual, ele compara tais prazeres fugidios e grosseiros com a felicidade inalterável que entrevê e, a partir de então, que lhe representam alguns sofrimentos passageiros? O Espírito pode, pois, escolher a provação mais rude e, por conseguinte, a existência mais penosa, na esperança de chegar mais depressa a um estado melhor, como o doente escolhe amiúde o remédio mais desagradável, para sarar mais cedo. Quem deseja unir seu nome à descoberta de um país desconhecido não escolhe uma estrada florida; ele conhece os perigos que corre, mas conhece também a glória que espera por ele, caso tenha êxito.

A doutrina da liberdade na escolha de nossas existências e das provações que devemos suportar para de parecer extraordinária, caso se considere que os Espíritos desprendidos da matéria avaliam as coisas de um modo diferente de como nós o fazemos. Eles compreendem o objetivo da existência, bem diversamente sério para eles que os prazeres fugidios do mundo; após cada existência, eles se compenetraram do passo que deram e compreendem o que lhes falta ainda em pureza para alcançar o alvo; eis porque eles se submetem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, ao pedirem eles mesmos as que podem fazê-los chegar mais rapidamente ao objetivo. Engana-se, portanto, quem se espanta por não ver o Espírito preferir a existência mais amena. Essa vida isenta de amargura, ele não pode usufruir em seu estado de imperfeição; ele a vislumbra e é para chegar aí que procura melhorar-se.

Não temos nós, de resto, todos os dias, sob nossos olhos, exemplos de escolhas semelhantes? O homem que trabalha uma parte de sua vida sem descanso nem folga para juntar algo para proporcionar-se bem-estar, o que é isso senão uma tarefa que se impõe tendo em vista um futuro melhor? O militar que padece por causa de uma missão perigosa, o viajante que não desafia perigos menores, no interesse do conhecimento ou de sua fortuna, o que é isso ainda senão provações voluntárias que devem proporcionar-lhes honra e lucro, caso as superem? A que o homem não se submete e não se expõe, por seu interesse ou por sua glória? Não são também todos os concursos provações voluntárias às quais se submete tendo em vista elevar-se na carreira que escolheu? Só se chega a uma posição social elevada qualquer, nas ciências, nas artes, na indústria, passando pela série de posições inferiores, que são outras tantas provações. A vida humana é, assim, a cópia da vida espiritual; nós encontramos nela, em ponto menor, todas aquelas peripécias. Logo, se, na vida, escolhemos o mais das vezes as provações mais rudes tendo em vista um objetivo mais elevado, por que o Espírito, que vê mais além do corpo e para quem a vida do corpo não é mais que um incidente fugidio, não realizaria a escolha de uma existência penosa e laboriosa, se ela pode conduzi-lo a uma felicidade eterna? Os que dizem que, se o homem possui a escolha de sua existência, pedirão para ser príncipes ou milionários, são como os míopes que veem apenas o que tocam, ou como as crianças gulosas, a quem se pergunta o ofício que preferem e que respondem: pasteleiro ou confeitoiro.

Assim sucede ao viajante que, no fundo de um vale obscurecido pela cerração, não enxerga nem a extensão nem os pontos extremos da sua rota; chegando ao cimo da montanha, ele abarca o caminho que percorreu e o que lhe falta percorrer; ele vê seu alvo, os obstáculos que tem ainda de transpor, e pode então ajustar mais seguramente os meios de lá chegar. O Espírito encarnado é como o viajante ao sopé da montanha; desembaraçado dos laços terrestres, ele predomina como quem atingiu o cimo. Para o viajante, o alvo é o repouso após a fadiga; para o Espírito, é a felicidade suprema, após as tribulações e as provações.

Todos os Espíritos afirmam que, na erraticidade, procuram, estudam, observam, para fazer sua escolha. Não temos nós um exemplo desse fato na vida corpórea? Não procuramos nós tantas vezes, durante anos, a carreira sobre que livremente fixamos nossa escolha, porque nós acreditamos que seja a mais adequada para perfazermos nosso caminho? Caso fracássemos em uma, procuramos outra. Cada carreira que nós abraçamos é uma fase, um período da

vida. Não é utilizado cada dia para buscar o que fazer no dia seguinte? Ora, o que são as diferentes existências corpóreas para o Espírito senão fases, períodos, dias para sua vida espírita, que é, como nós o sabemos, sua vida normal, sendo a vida corpórea apenas transitória e passageira?

267. Teria o Espírito como fazer sua escolha durante o estágio corpóreo?

“Seu desejo pode ter influência; isso depende da intenção; mas, quando se reduz a Espírito, ele percebe o mais das vezes as coisas bem diferentemente. É só o Espírito que faz essa escolha; mas, repetimos, ele é capaz de realizá-la nesta vida material, pois o Espírito possui sempre esses momentos em que fica independente da matéria que habita.”

— Muitas pessoas desejam as grandezas e as riquezas, e isso não se dá seguramente nem como expiação nem como provação.

“Sem dúvida, é a matéria que deseja essa grandeza para usufruí-la, e é o Espírito que a deseja para lhe conhecer as vicissitudes.”

268. Até chegar ao estado de pureza perfeita, tem o Espírito que suportar constantes provações?

“Sim; elas, porém, não são como vocês as consideram; vocês chamam provações às tribulações materiais; ora, o Espírito, tendo chegado a um certo nível, apesar de não ser perfeito, não tem mais o que suportar; mas possui sempre deveres que o ajudam a se aperfeiçoar, e que não apresentam nada de penoso para ele, pois consistem apenas em ajudar os outros a se aperfeiçoarem eles mesmos.”

269. Pode o Espírito enganar-se quanto à eficácia da provação que escolheu?

“Ele pode escolher uma que esteja acima de suas forças e, então, sucumbe; ele pode também escolher uma que não lhe aproveite em nada, como sucederá se procurar um tipo de vida ocioso e inútil; mas, aí, uma vez de novo no mundo dos Espíritos, ele percebe que nada ganhou com isso, e solicita para recuperar o tempo perdido.”

270. A que se apegam as vocações de certas pessoas e sua vontade de seguir uma carreira de preferência a outra?

“Parece-me que vocês mesmos são capazes de responder a essa questão. Não é a consequência de tudo o que dissemos a respeito da escolha das provações e do progresso conquistado em uma existência anterior?”

271. Na erraticidade, estudando o Espírito as diversas situações nas quais conseguirá progredir, como pensa alcançar fazê-lo, nascendo, por exemplo, entre os povos canibais?

“Não são os Espíritos já adiantados que nascem entre os canibais, mas os Espíritos da natureza desses canibais ou que lhes são inferiores.”

Nós sabemos que nossos antropófagos não estão no último nível da escala, e que existem mundos onde o embrutecimento e a ferocidade não têm analogia na Terra. Logo, esses Espíritos são ainda inferiores aos inferiores dos inferiores de nosso mundo e encarnar entre nossos selvagens é para eles um progresso, como seria um progresso para nossos antropófagos exercer entre nós uma atividade que os obrigasse a derramar sangue. Se eles não visam a mais alto, é que sua inferioridade moral não lhes permite compreender um progresso mais completo. O Espírito só consegue adiantar-se gradualmente; ele não tem como vencer com um pulo a distância que separa a barbárie da civilização, e é nisso que vemos uma das necessidades da reencarnação, o que corresponde verdadeiramente à justiça de Deus; caso contrário, em que se tornariam esses milhões de seres que morrem a cada dia no último estado de degradação, caso não tivessem os meios de alcançar a superioridade? Por que Deus os deserdaria dos favores concedidos aos outros homens?

272. Provindo os Espíritos de um mundo inferior à Terra, ou de um povo muito atrasado, como os canibais, por exemplo, poderiam nascer entre nossos povos civilizados?

“Sim, existem os que se enganam ao desejarem subir demasiado alto; mas, então, eles ficam deslocados entre vocês, porque possuem costumes e instintos que não combinam com os seus.”

Esses seres nos oferecem o triste espetáculo da ferocidade no meio da civilização; ao retornarem entre os canibais, isso não será uma decadência; eles apenas retomarão seu lugar, e ainda tirarão talvez vantagem disso.

273. Pertencendo um homem a uma raça civilizada, poderia, por expiação, reencarnar-se em um raça selvagem?

“Sim, mas isso depende do tipo de expiação; um senhor que tiver sido duro com seus escravos poderá tornar-se escravo por seu turno e suportar os maus tratos que houver infligido. Quem mandou em uma época, pode, em uma nova existência, obedecer àqueles mesmos que se curvavam sob sua vontade. Trata-se de uma expiação, caso tenha abusado de seu poder, e Deus pode impô-la a ele. Um bom Espírito pode, também, para fazê-los adiantar-se, escolher uma existência influente junto a esses povos, e então se trata de u’a missão.”

### Relações de além-túmulo.

274. Estabelecem as diferentes ordens de Espíritos entre si uma hierarquia de poderes? Existem entre elas subordinação e autoridade?

“Sim, muito grande; os Espíritos possuem uns sobre os outros uma autoridade relativa à sua superioridade, a qual exercem através de um ascendente moral irresistível.”

— Têm os Espíritos inferiores como se subtraírem à autoridade dos que lhes são superiores?

“Eu disse: irresistível.”

275. Consignam-lhe o poder e a consideração que um homem usufruiu na Terra uma supremacia no mundo dos Espíritos?

“Não; pois os pequenos serão exaltados e os grandes, humilhados. Leia os salmos.”

— Como devemos entender essa exaltação e essa humilhação?

“Não sabe você que os Espíritos pertencem a diferentes ordens, conforme seu mérito? Muito bem! O maior na Terra pode estar na última categoria entre os Espíritos, ao passo que seu empregado estará na primeira. Compreende você isso? Jesus não afirmou: Quem quer que se humilhe será exaltado e quem quer que se exaltar será humilhado?”

276. Quem foi grande na Terra e se acha em plano inferior entre os Espíritos suporta humilhação?

“O mais das vezes uma bem grande, sobretudo se era orgulhoso e invejoso.”

277. Reconhece-o ainda como seu superior o soldado que, após a batalha, reencontra seu general no mundo dos Espíritos?

“O título não é nada; a superioridade real é tudo.”

278. Acham-se misturados os Espíritos das diferentes ordens?

“Sim e não; quer dizer que eles se veem mas se distinguem uns dos outros. Eles se apartam ou se aproximam, conforme a analogia ou a discrepância de seus sentimentos, como sucede entre vocês. *Trata-se de todo um mundo, do qual o seu é o reflexo obscurecido.* Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos unidos através da simpatia e do objetivo que eles propõem para si; os bons, através do desejo de praticar o bem; os maus, através do desejo de praticar o mal, da vergonha de suas culpas e da necessidade de se acharem entre seres semelhantes a si.”

Tal como uma grande cidade onde os homens de todas as categorias e de todas as condições se veem e se encontram sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia de gostos; onde o vício e a virtude se acotovelam sem nada falar entre si.

279. Têm todos os Espíritos, reciprocamente, acesso uns aos outros?

“Os bons vão por todos os lugares, e precisa que seja assim para que possam exercer sua influência sobre os maus; mas as regiões habitadas pelos bons são interditas aos Espíritos imperfeitos, a fim de que estes não levem a elas o transtorno das más paixões.”

280. Qual é a natureza das relações entre os bons e os maus Espíritos?

“Os bons preocupam-se em combater os pendores ruins dos outros *a fim de ajudá-los a subir*; trata-se de u’*a* missão.”

281. Por que os Espíritos inferiores se divertem com nos levar ao mal?

“Pela inveja de não haverem merecido ficar entre os bons. Seu desejo é de impedir, quanto esteja neles, que os Espíritos ainda inexperientes alcancem o bem supremo; eles desejam fazer que os outros suportem o que suportam eles mesmos. Não veem vocês também o mesmo entre os homens?”

282. Como os Espíritos se comunicam uns com os outros?

“Eles se veem e se compreendem; a palavra é material: trata-se do reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre eles uma comunicação constante; é ele o veículo da transmissão do pensamento, como para vocês o ar é o veículo do som; uma espécie de telégrafo universal que une todos os mundos e permite aos Espíritos corresponderem-se de um mundo a outro.”

283. Conseguem os Espíritos dissimular reciprocamente seus pensamentos; conseguem esconder-se uns dos outros?

“Não; para eles, tudo sucede a descoberto, principalmente quando são perfeitos. Eles conseguem afastar-se, mas se veem sempre. Entretanto, esta não é uma regra absoluta, pois certos Espíritos são capazes muito bem de se tornar invisíveis para outros Espíritos, caso julguem útil fazê-lo.”

284. Como os Espíritos, que não têm mais corpo, conseguem constatar sua individualidade e distinguir-se de outros seres espirituais que os rodeiam?

“Eles constataam sua individualidade através do perispírito, que faz deles seres distintos uns aos outros, como o corpo entre os homens.”

285. Reconhecem-se os Espíritos por haverem coabitado na Terra? O filho reconhece seu pai; o amigo, seu amigo?

“Sim, e assim de geração em geração.”

— Como os homens que se conheceram na Terra se reconhecem no mundo dos Espíritos?

“Nós vemos nossa vida passada e lemos nela como em um livro; ao vermos o passado de nossos amigos e de nossos inimigos, vemos sua passagem da vida para a morte.”

286. Vê a alma, ao deixar seu despojo mortal, de imediato, seus parentes e seus amigos que a precederam no mundo dos Espíritos?

“Imediatamente, não é definitivamente a palavra; pois, como nós dissemos, ela precisa de algum tempo para se reconhecer e remover o véu material.”

287. Como a alma é acolhida em seu retorno ao mundo dos Espíritos?

“A do justo, como um irmão bem-amado esperado desde há muito; a do mau, como um ser que se menospreza.”

288. Que sentimento provam os Espíritos impuros à vista de outro mau Espírito que lhes chega?

“Os maus ficam satisfeitos de ver seres à sua imagem e privados, como eles, da felicidade infinita, como fica, na Terra, um patife entre seus semelhantes.”

289. Vêm nossos parentes e nossos amigos, às vezes, a nosso encontro, quando nós deixamos a Terra?

“Sim, eles vêm ao encontro da alma de quem eles gostam; eles a felicitam como ao retorno de uma viagem, caso tenha escapado aos perigos da rota, e *a ajudam a se desligar dos liames corpóreos*. Trata-se de um favor para os bons Espíritos, quando os que os estimam vêm a seu encontro, ao passo que quem se acha imundo fica no isolamento ou é cercado apenas por Espíritos semelhantes a ele: trata-se de uma punição.”

290. Reúnem-se sempre os parentes e os amigos após sua morte?

“Isso depende de sua elevação e da rota que seguem para seu adiantamento. Caso um deles esteja mais adiantado e avance mais rápido que o outro, eles não terão como ficar juntos; eles poderão ver-se às vezes, mas só estarão para sempre reunidos quando puderem avançar juntamente, ou quando tiverem alcançado a igualdade na perfeição. Além do mais, a privação da vista de seus parentes e de seus amigos constitui, às vezes, uma punição.”

## Relações simpáticas e antipáticas dos Espíritos. Metades eternas.

291. Além da simpatia geral da similitude, possuem os Espíritos entre si afeições particulares?

“Sim, como os homens; mas o liame que une os Espíritos é mais forte quando o corpo está ausente, porque tal laço não está mais exposto às vicissitudes das paixões.”

292. Sentem ódio entre si os Espíritos?

“Tão só existe ódio entre os Espíritos impuros, e são estes que insuflam entre vocês as inimizades e as dissensões.”

293. Conservarão dois seres que tiverem sido inimigos na Terra ressentimento um contra o outro no mundo dos Espíritos?

“Não; eles compreenderão que seu ódio era estúpido e a razão, pueril. Os Espíritos imperfeitos unicamente conservam uma espécie de animosidade até que estejam depurados. Caso tenha sido apenas um interesse material que os separou, eles não pensarão mais nisso, por menos que estejam desmaterializados. Caso não exista antipatia entre eles, não existindo mais a causa da discussão, eles são capazes de se reverem com prazer.”

É como dois escolares que, chegando à idade da razão, reconhecem a puerilidade das querelas que tiveram em sua infância e param de se detestar.

294. Constitui a lembrança das más ações que puderam dois homens cometer um contra o outro um obstáculo para sua simpatia?

“Sim, ela os leva a se apartarem.”

295. Que sentimento experimentam após a morte aqueles a quem praticamos o mal neste mundo?

“Caso sejam bons, eles perdoam conforme seu arrependimento. Caso sejam maus, eles podem conservar o ressentimento e, às vezes, perseguir-los até em uma outra existência. Deus pode permiti-lo como castigo.”

296. São as afeições individuais dos Espíritos suscetíveis de alteração?

“Não, pois eles não têm como se enganar: *eles não trazem mais a máscara sob a qual se escondem os hipócritas*; eis porque suas afeições são inalteráveis quando são puros. O amor que os une é para eles a fonte de uma suprema felicidade.”

297. Continua a afeição que dois seres se dedicaram na Terra para sempre no mundo dos Espíritos?

“Sim, sem dúvida, caso se fundamente em uma simpatia verdadeira: mas, se as causas físicas prevalecerem sobre a simpatia, a afeição termina juntamente com a causa. As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e mais duráveis do que na Terra, porque não estão em absoluto subordinadas ao capricho dos interesses materiais e do amor-próprio.”

298. Acham-se as almas que devem unir-se predestinadas a essa união desde sua origem, e possui cada um de nós, em algum lugar do universo, *sua metade*, à qual ficará algum dia reunido inexoravelmente?

“Não, não existe união particular e fatal entre duas almas. A união existe entre todos os Espíritos, mas em níveis diferentes, conforme a categoria que ocupam, quer dizer, conforme a perfeição que adquiriram: mais são perfeitos, mais são unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a felicidade completa.”

299. Em que sentido se deve entender a palavra *metade*, de que certos Espíritos se servem para designar os Espíritos simpáticos?

“A expressão é inexata; se um Espírito fosse a metade de outro, separado dele, ficaria incompleto.”

300. Dois Espíritos perfeitamente simpáticos, uma vez reunidos, permanecem assim pela eternidade ou são capazes de se separarem e de se unirem a outros Espíritos?

“Todos o Espíritos ficam unidos entre si; eu falo dos que alcançaram a perfeição. Nas esferas inferiores, quando um Espírito se eleva, não possui mais a mesma atração pelos que deixou.”

301. Constituem dois Espíritos simpáticos o complemento um do outro, ou bem essa simpatia é o resultado de uma identidade perfeita?

“A simpatia que atrai um Espírito para um outro é o resultado da perfeita concordância de seus pendores, de seus instintos; se um tivesse de completar o outro, perderia sua individualidade.”

302. Consiste a identidade necessária para a simpatia perfeita tão só na similitude de pensamentos e de sentimentos, ou bem ainda na uniformidade dos conhecimentos adquiridos?

“Na igualdade dos níveis de elevação.”

303. Alcançam os Espíritos que não são simpáticos hoje sê-lo mais tarde?

“Sim, todos o serão. Assim, o Espírito que se acha hoje em uma certa esfera inferior, ao aperfeiçoar-se, chegará à esfera em que reside aquele outro. Seu encontro sucederá mais rapidamente caso o Espírito mais elevado, suportando mal as provações a que acha submetido, houver permanecido no mesmo estado.”

— Podem dois Espíritos simpáticos deixar de sê-lo?

“Com certeza, caso um deles seja preguiçoso.”

A teoria das metades eternas é uma figura que descreve a união de dois Espíritos simpáticos; é uma expressão utilizada mesmo na linguagem coloquial, e que não deve em absoluto ser entendida à letra; os Espíritos que se serviram dela não pertencem, seguramente, à ordem mais elevada; a esfera de suas ideias se acha necessariamente limitada, e só lhes foi possível mostrar seus pensamentos através dos termos de que se serviram durante sua vida corpórea. É preciso, portanto, rejeitar esta ideia de que dois Espíritos criados um para o outro têm de um dia, fatalmente, reunir-se na eternidade, após terem sido separados durante um lapso de tempo mais ou menos longo.

## Lembrança da existência corpórea.

304. Lembra-se o Espírito de sua existência corpórea?

“Sim, quer dizer que, tendo vivido muitas vezes como homem, ele se lembra de quem foi; e eu lhe asseguro que, às vezes, ele ri de piedade de si mesmo.”

Como o homem que alcançou a idade da razão ri das loucuras de sua juventude ou das puerilidades de sua infância.

305. Apresenta-se ao Espírito a lembrança da existência corpórea de um modo completo e repentino, após a morte?

“Não; ela lhe vem a pouco e pouco, como algo que sai da cerração, e à medida que vai fixando-lhe sua atenção.”

306. Lembra-se o Espírito em detalhe de todos os eventos de sua vida, ao abarcar o conjunto em um golpe de vista retrospectivo?

“Ele se lembra das coisas em função das consequências que elas têm para seu estado de Espírito; mas você tem de concordar que existem circunstâncias da vida dele às quais ele não confere nenhuma importância e que nem mesmo busca lembrar.”

— Teria ele como se lembrar delas, caso desejasse?

“Ele consegue lembrar-se dos pormenores e dos incidentes mais minuciosos, quer dos eventos, quer mesmo de seus pensamentos; mas quando isso é inútil, ele não o faz.”

— Vislumbra ele o objetivo da vida terrestre em relação à vida futura?

“Certamente, ele o percebe e o compreende bem melhor que ao viver em seu corpo; ele compreende a necessidade de purificação para chegar ao infinito e sabe que, a cada existência, se desfaz de algumas impurezas.”

307. Como se reproduz a vida passada na memória do Espírito? É por um esforço de sua imaginação ou como um quadro que ele tem diante dos olhos?

“Um e outro; todos os atos que tenha interesse em se lembrar se dispõem para ele como se estivessem presentes; os outros se acham mais ou menos como um vago pensamento ou são totalmente esquecidos. Mais se encontra desmaterializado, menos confere importância às coisas materiais. Amiúde, você evoca um Espírito errante que acaba de deixar a Terra e que não se lembra dos nomes das pessoas que amava, nem muitos pormenores que, para você, parecem importantes; ele pouco se preocupa e isso cai no esquecimento. O de que ele se lembra muito bem são os fatos principais que o ajudam a melhorar-se.”

308. Lembra-se o Espírito de todas as existências que precederam a que acaba de deixar?

“Todo o seu passado se desenrola diante dele, como as etapas percorridas pelo viajante; mas, como nós dissemos, ele não se lembra de um modo absoluto de todos os atos; lembra-se deles em função da influência que exercem sobre seu estado presente. Quanto às primeiras existências, as que podem ser encaradas como a infância do Espírito, essas se perdem no vácuo e desaparecem na noite do esquecimento.”

309. Como considera o Espírito o corpo que acaba de deixar?

“Como uma roupa ruim *que o apertava* e de que ele fica feliz de se achar desembaraçado.”

— Qual sentimento lhe propicia a visão de seu corpo em decomposição?

“Quase sempre de indiferença, como sucede com uma coisa à qual ele não se apega mais.”

310. Ao cabo de um certo lapso de tempo, reconhece o Espírito a ossatura ou outros objetos como lhe tendo pertencido?

“Às vezes; isso depende do ponto de vista mais ou menos elevado sob o qual ele considere as coisas terrestres.”

311. O respeito que se tem pelas coisas materiais que restam dos Espíritos lhes atrai a atenção para esses mesmos objetos e veem eles esse respeito com prazer?

“O Espírito fica sempre feliz com a lembrança que se tem dele; as coisas dele que se conservam lhe despertam a memória, mas é o pensamento que o atrai para vocês e não esses objetos.”

312. Conservam os Espíritos a lembrança dos sofrimentos que padeceram durante sua derradeira existência corpórea?

“Amiúde eles a conservam, e essa lembrança os faz sentir melhor o custo da felicidade que eles podem usufruir como Espíritos.”

313. Sente saudade de seus prazeres o homem que foi feliz neste mundo, quando deixar a Terra?

“Os Espíritos inferiores são os únicos que podem sentir saudade das alegrias compatíveis com a impureza de sua natureza e que eles expiam através de seus sofrimentos. Para os Espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres efêmeros da Terra.”

É como o homem adulto que menospreza o que fazia as delícias de sua infância.

314. Quem começou importantes trabalhos com um objetivo útil e os vê interrompidos pela morte lastima, no outro mundo, havê-los deixado inacabados?

“Não, porque ele percebe que outras pessoas estão destinadas a terminá-los. Ao contrário, ele procura influenciar outros Espíritos humanos a prosseguir-los. Seu alvo, na Terra, era o bem da humanidade; esse alvo é o mesmo no mundo dos Espíritos.”

315. Quem deixou trabalhos de arte ou de literatura conserva por suas obras o amor que tinha quando vivo?

“Conforme sua elevação, ele as julga de um outro ponto de vista e, muitas vezes, censura o que admirava mais.”

316. Interessa-se ainda o Espírito pelos trabalhos que se fazem na Terra, pelo progresso das artes e das ciências?

“Isso depende de sua elevação ou da missão que ele possa ter que cumprir. O que parece magnífico a vocês é com frequência bem pouca coisa para certos Espíritos; eles o admiram como o sábio admira a obra de um estudante. O Espírito observa o que pode comprovar a elevação dos Espíritos encarnados e seus progressos.”

317. Conservam os Espíritos, após a morte, o amor da pátria?

“Trata-se sempre do mesmo princípio: para os Espíritos elevados, a pátria é o universo; quanto à Terra, a pátria se encontra onde eles possuem mais pessoas simpáticas.”

A situação dos Espíritos e sua maneira de perceber as coisas variam ao infinito em função do nível de seu desenvolvimento moral e intelectual. Os Espíritos de categoria elevada cumprem em geral, na Terra, passagens de curta duração; tudo o que aqui se realiza é tão mesquinho em comparação com as grandezas do infinito, as coisas às quais os homens dão mais importância são tão pueris a seus olhos, que eles aqui acham poucos atrativos, a menos que tenham sido convocados com o fito de concorrer para o progresso da humanidade. Os Espíritos de uma categoria mediana por aqui transitam mais amiúde, conquanto considerem as coisas de um ponto de vista mais elevado que em sua vida. Os Espíritos comuns aqui ficam de algum modo sedentários e constituem a massa da população envolvente do mundo invisível; eles mantêm conservados, pouco mais ou menos, as mesmas ideias, os mesmos gostos e os mesmos pendores que possuíam dentro de seu invólucro corpóreo; eles se metem em nossas reuniões, em nossos negócios, em nossas diversões, nas quais tomam uma parte mais ou menos ativa, conforme seu caráter. Não tendo como satisfazer suas paixões, eles se divertem com os que se abandonam a elas e assim os excitam. Nesse número, existem uns mais sérios que percebem e observam para se instruir e se aperfeiçoar.

318. Modificam-se as ideias dos Espíritos na espiritualidade?

“Muito; elas vão sofrendo mudanças muito grandes, à proporção que o Espírito vai desmaterializando-se; às vezes, ele é capaz de continuar por muito tempo com as mesmas ideias, mas, a pouco e pouco, a influência da matéria vai diminuindo e ele vai percebendo as coisas mais claramente; é então que ele busca os meios de se melhorar.”

319. Uma vez que o Espírito já viveu a vida espírita antes de sua encarnação, o que lhe causa espanto ao retornar ao mundo dos Espíritos?

“Esse é tão só o efeito do primeiro momento e da perturbação que acompanha o despertar; mais tarde, ele vai tomando consciência de si perfeitamente, à medida que a lembrança do passado lhe vai voltando e se vai desfazendo a impressão da vida terrestre.” (163 e seg.<sup>s</sup>)

## Comemoração dos mortos. Funerais.

320. São sensíveis os Espíritos à lembrança dos que eles amaram na Terra?

“Muito mais do que vocês podem acreditar; essa lembrança aumenta sua felicidade, caso sejam felizes; caso sejam infelizes, ela constitui para eles um refrigério.”

321. Tem o dia de finados algo de mais solene para os Espíritos? Preparam-se eles para vir visitar os que devem ir orar sobre seus despojos?

“Os Espíritos comparecem ao apelo do pensamento, tanto nesse dia como nos outros.”

— Representa esse dia para eles um encontro junto a suas sepulturas?

“Eles ali se encontram em maior número nesse dia, porque existem mais pessoas que os chamam; mas cada um deles vem tão só por causa de seus amigos e não da infinidade dos indiferentes.”

— Sob que forma aí se apresentam e como seriam vistos, caso tivessem como se tornar visíveis?

“Aquela sob a qual foram conhecidos em sua vida.”

322. Os Espíritos esquecidos e cujas tumbas ninguém vai visitar, apesar disso se apresentam e experimentam algum pesar por perceber que nenhum amigo os trazem em sua memória?

“Que lhes significa a Terra? A gente só se liga a ela pelo coração. Caso não exista amor, não existe mais nada que prenda o Espírito a ela: ele possui todo o universo para si.”

323. Causa a visita ao túmulo mais satisfação ao Espírito que uma prece feita no íntimo?

“A visita ao túmulo é uma forma de manifestar que se pensa no Espírito ausente: é um ato simbólico. Eu lhes disse que é a prece que santifica o ato da recordação; pouco importa o lugar, se for recitada pelo coração.”

324. Assistem os Espíritos das pessoas às quais se erguem estátuas ou monumentos às inaugurações e as apreciam?

“Muitos se apresentam ali, quando podem, mas eles são menos sensíveis às honrarias que lhes prestam que à lembrança.”

325. Onde pode surgir, para certas pessoas, o desejo de serem enterradas em um lugar de preferência a um outro? Voltam elas para lá mais espontaneamente, após sua morte? É essa importância destinada a uma coisa material um sinal de inferioridade para o Espírito?

“Afeição do Espírito por certos lugares: inferioridade moral. Que significado tem um lote de terra de preferência a um outro para o Espírito elevado? Não sabe ele que sua alma se reunirá aos que ele ama, mesmo quando seus ossos se acham separados?”

— Deve a reunião dos despojos mortais de todos os membros de u’a mesma família ser considerada como uma coisa fútil?

“Não; trata-se de um piedoso hábito e um testemunho de simpatia para com os que a gente amou; se essa reunião importa pouco para os Espíritos, é ela útil para os homens: suas recordações ficam mais concentradas.”

326. Ao reentrar na vida espiritual, fica a alma sensível às honrarias dedicadas a seu despojo mortal?

“Quando o Espírito chegou já a um certo nível de perfeição, ele não possui nenhuma vaidade terrestre e compreende a futilidade de todas as coisas; mas compenetrese de que é frequente existirem Espíritos que, no primeiro instante de sua morte material, sintam um grande prazer com as honrarias que lhes prestam ou um aborrecimento com o abandono de seu invólucro, pois eles conservam ainda alguns dos preconceitos deste mundo.”

327. Assiste o Espírito a seu funeral?

“Com muita frequência ele assiste mas às vezes não se dá conta do que ali se passa, caso esteja ainda perturbado.”

— Fica ele desvanecido com a concorrência dos assistentes a seu enterro?

“Mais ou menos, conforme o sentimento que lhes traz.”

328. Assiste o Espírito de quem acaba de morrer às reuniões de seus herdeiros?

“Quase sempre; está nos desígnios de Deus para sua própria instrução e o castigo dos culpados; é ali que ele julga quanto valiam os testemunhos deles; para ele, todos os sentimentos ficam a descoberto e a decepção que sente ao perceber a rapacidade dos que repartem seus bens esclarece-o quanto a seus sentimentos; mas sua hora chegará.”

329. Constitui o respeito instintivo que o homem, em todos os tempos e junto a todos os povos, testemunha aos mortos um efeito da intuição que possui da existência futura?

“É a consequência natural dela; sem isso, tal respeito não teria razão de ser.”

## CAPÍTULO VII

# RETORNO À VIDA CORPÓREA

1. Prelúdios do retorno. — 2. União da alma e do corpo. Aborto. — 3. Faculdades morais e intelectuais do homem. — 4. Influência do organismo. — 5. Idiotismo, loucura. — 6. Da infância. — 7. Simpatias e antipatias terrestres. — 8. Esquecimento do passado.

### Prelúdios do retorno.

330. Conhecem os Espíritos a época em que irão reencarnar-se?

“Eles a pressentem, como um cego sente o fogo de que se aproxima. Eles sabem que têm que reassumir um corpo, como vocês sabem que têm que morrer um dia, mas sem saber quando isso irá ocorrer.” (166.)

— Logo, é a reencarnação uma necessidade da vida espírita, como a morte é uma necessidade da vida corpórea?

“Com certeza, é assim.”

331. Preocupam-se todos os Espíritos com sua reencarnação?

“Existem os que não pensam nela de modo algum, que nem mesmo a compreendem; isso depende de sua natureza mais ou menos adiantada. Para alguns, a incerteza em que se acham de seu futuro é uma punição.”

332. Consegue o Espírito antecipar ou retardar o momento de sua reencarnação?

“Ele é capaz de antecipá-lo, valendo-se de suas promessas; e também de retardá-lo, caso recue diante da provação, pois, entre os Espíritos, existem também covardes e despreocupados, mas isso não acontece impunemente; ele padece com isso, como quem recua perante o remédio salutar que pode curá-lo.”

333. Caso um Espírito se sinta muito feliz em uma condição intermédia entre os Espíritos errantes e não tenha a ambição de ascender, conseguiria ele prolongar esse estado indefinidamente?

“Não, não indefinidamente; o adiantamento é uma necessidade que o Espírito sente cedo ou tarde; todos têm que ascender; é seu destino.”

334. Acha-se predestinada a união da alma com tal ou qual corpo, ou bem é apenas no último momento que a escolha se processa?

“O Espírito é sempre designado antes. O Espírito, ao escolher a provação que deseja suportar, pede para se encarnar; ora, Deus, que tudo sabe e tudo vê, soube e viu antes que tal alma se uniria a tal corpo.”

335. Faculta-se ao Espírito a escolha do corpo em que deve entrar, ou somente o tipo de vida que deve servir-lhe de provação?

“Ele pode também escolher o corpo, pois as imperfeições desse corpo constituem para ele provações que o ajudam em seu adiantamento, caso ele supere os obstáculos que aí encontre, mas a escolha nem sempre depende dele; o que ele pode é pedir.”

— Tem o Espírito, no último momento, como se recusar a entrar no corpo escolhido por ele?

“Caso se recusasse, ele sofreria muito mais que o Espírito que não houvesse tentado nenhuma provação.”

336. Poderia suceder que uma criança que tem que nascer não encontrasse Espírito que desejasse encarnar-se nela?

“Deus providenciaria. A criança, quando tem que nascer *com vida*, sempre se acha predestinada a possuir uma alma: nada é criado sem desígnio.”

337. É possível que a união do Espírito com tal corpo seja imposta por Deus?

“Ela pode ser imposta, como também as diferentes provações, sobretudo quando o Espírito não se acha ainda apto a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Como expiação, o Espírito pode ser forçado a se unir ao corpo de uma criança que, por seu nascimento e pela posição que terá no mundo, poderá tornar-se para ele uma forma de castigo.”

338. Caso sucedesse que muitos Espíritos se apresentassem para um mesmo corpo que deve nascer, o que levaria a decidir entre eles?

“Muitos podem requerê-lo; é Deus quem julga, em tais casos, quem é o mais capaz de cumprir a missão a que a criança está destinada; mas, eu já disse, o Espírito é designado antes do instante em que tem de se unir ao corpo.”

339. É o momento da encarnação acompanhado de uma perturbação semelhante à que ocorre à saída do corpo?

“Muito maior e, sobretudo, mais demorada. Com a morte, o Espírito sai da escravidão; com o nascimento, ele torna a ela.”

340. Constitui o instante em que o Espírito deve encarnar-se um instante solene para ele? Realiza ele tal ato como algo grave e importante para si?

“Ele é como um viajante que embarca para uma travessia perigosa e que não sabe se pode encontrar a morte nas vagas que afronta.”

O viajante que embarca sabe a que perigos se expõe, mas não sabe se irá naufragar; é assim que é com o Espírito: ele conhece o tipo de provações às quais se submete, mas ele não sabe se sucumbirá.

Assim como a morte do corpo é uma espécie de renascimento para o Espírito, a reencarnação é para ele uma espécie de morte, ou antes, de exílio e de clausura. Ele troca o mundo dos Espíritos pelo mundo corpóreo, como o homem troca o mundo corpóreo pelo mundo dos Espíritos. O Espírito sabe que se reencarnará, como o homem sabe que morrerá; mas, como este, ele só tem consciência do fato no último momento, quando é chegado o tempo prescrito; então, nesse momento supremo, a perturbação toma conta dele, como do homem que se acha em agonia, e essa perturbação persiste até que a nova existência esteja claramente formada. As cercanias da reencarnação constituem uma espécie de agonia para o Espírito.

341. Constitui a incerteza em que se acha o Espírito sobre a eventualidade do êxito das provações que ele vai sofrer na vida uma causa de ansiedade para ele, antes de sua encarnação?

“Uma ansiedade bem grande, porquanto as provações de sua existência o atrasarão ou o adiantarão, conforme as houver bem ou mal suportado.”

342. No momento de sua reencarnação, é o Espírito acompanhado pelos Espíritos de seus amigos, que vêm para assistir à sua partida do mundo espírita, como vêm recebê-lo quando regressa?

“Isso depende da esfera em que o Espírito habita. Se reside nas esferas onde reina a afeição, os Espíritos que o amam o acompanham até o último instante, o encorajam e, muitas vezes mesmo, o seguem na vida.”

343. São os Espíritos amigos que nos seguem na vida, às vezes, os que nós vemos em sonho, que nos testemunham a afeição e que se apresentam a nós com aspectos desconhecidos?

“O mais das vezes são eles, que vêm visitá-los, como vocês vão ver um prisioneiro sob ferrolhos.”

## União da alma e do corpo. Aborto.

344. Em que momento se une a alma ao corpo?

“A união começa na concepção, mas só se completa no instante do nascimento. A partir do momento da concepção, o Espírito designado para habitar tal corpo ata-se a ele por um liame fluídico que vai estreitando-se mais e mais, até o instante em que a criança vê o dia; o grito que escapa então da criança anuncia que já se conta entre os vivos e os servos de Deus.”

345. Já é definitiva a união entre o Espírito e o corpo a partir do momento da concepção? Durante esse primeiro período, poderia o Espírito renunciar a habitar o corpo designado?

“A união é definitiva no sentido de que um outro Espírito não poderia substituir o que foi designado para aquele corpo; mas, como os liames que o atam são muito fracos, são facilmente rompidos, eles podem sê-lo pela vontade do Espírito que recua diante da provação que escolheu; mas, então, a criança não vive.”

346. Que sucede ao Espírito, caso o corpo que ele escolheu venha a morrer antes de nascer?

“Ele escolhe um outro.”

— Qual pode ser a utilidade dessas mortes prematuras?

“As imperfeições da matéria é que são, o mais das vezes, a causa dessas mortes.”

347. De que utilidade pode ser para um Espírito sua encarnação em um corpo que morre poucos dias após seu nascimento?

“O ser não possui assaz desenvolvida a consciência de sua existência; a importância da morte é quase nula; trata-se, muitas vezes, como dissemos, de uma provação para os pais.”

348. Sabe o Espírito por antecipação que o corpo que escolheu não vai conseguir viver?

“Às vezes, ele o sabe, mas, caso o tenha escolhido por esse motivo, é que está recuando diante da provação.”

349. Quando uma encarnação malogra para o Espírito, por uma causa qualquer, é ela suprida imediatamente por uma outra existência?

“Nem sempre imediatamente; é preciso que o Espírito tenha tempo de escolher de novo, a menos que a reencarnação instantânea provenha de uma determinação anterior.”

350. Às vezes, lastima o Espírito, já unido ao corpo da criança e quando não tem mais como retratar-se, a escolha que fez?

“Deseja você perguntar se, como homem, ele se lamenta da vida que leva? Se desejaria outra? Sim. Se lastima a escolha que fez? Não; ele desconhece o que foi que escolheu. O Espírito já encarnado não tem como lastimar uma escolha de que não tem consciência: mas ele pode achar a carga muito pesada, e, caso a julgue acima de suas forças, é aí que recorre ao suicídio.”

351. No intervalo entre a concepção e o nascimento, está o Espírito de posse de todas as suas faculdades?

“Mais ou menos, conforme a época, pois não está ainda encarnado mas unido. Desde o instante da concepção, a perturbação começa a dominar o Espírito, advertido por esse meio de que é chegado o momento de assumir uma nova existência; essa perturbação vai crescendo até o nascimento; nesse intervalo, seu estado é quase o de um Espírito encarnado durante o sono do corpo; à medida que o momento do nascimento vai aproximando-se, suas ideias vão apagando-se, assim como a lembrança do passado, cuja consciência ele não mais possui como homem, uma vez entranhado na vida; mas essa lembrança lhe retorna a pouco e pouco à memória, em seu estado de Espírito.”

352. No instante do nascimento, recupera o Espírito imediatamente a plenitude de suas faculdades?

“Não, elas vão aumentando gradualmente com os órgãos. Trata-se para ele de uma nova existência; é preciso que aprenda a se servir de seus instrumentos; as ideias lhe

retornam a pouco e pouco, como a um homem que desperta do sono e que se acha em uma posição diferente da que tinha na véspera.”

353. Achando-se a união do Espírito e do corpo completa e definitivamente consumada apenas após o nascimento, a gente pode considerar o feto como possuindo uma alma?

“O Espírito que o deve animar existe, de algum modo, fora dele; ele não possui, propriamente falando, uma alma, porquanto a encarnação se acha somente em vias de se efetivar, mas o feto está ligado à alma que ele irá possuir.”

354. Como explicar a vida intra-uterina?

“É a da planta que vegeta. A criança vive a vida animal. O homem possui em si a vida animal e a vida vegetal, que ele completa, quando nasce, com a vida espiritual.”

355. Existem, como aponta a ciência, crianças que, desde o seio da mãe, não têm como sobreviver? Com que fito isso ocorre?

“Isso sucede com frequência; Deus o permite como provação, seja para os pais, seja para o Espírito designado para assumir o lugar.”

356. Existem crianças natimortas que não foram de fato destinadas para a encarnação de um Espírito?

“Sim, existem as que não tiveram jamais um Espírito destinado para seu corpo: nada havia para se realizar com eles. Então, foi somente pelos pais que essa criança veio.”

— Tem um ser dessa natureza como completar sua gestação?

“Sim, às vezes, mas aí ele não vive.”

— Toda criança que sobrevive a seu nascimento possui, pois, necessariamente, um Espírito encarnado nela?

“Que seria ela sem isso? Não seria uma ser humano.”

357. Quais são, para o Espírito, as consequências do aborto?

“Trata-se de uma existência nula que precisa recomeçar.”

358. Constitui o aborto voluntário um crime, qualquer que seja a época da concepção?

“Existe sempre crime a partir do momento em que vocês transgridem a lei de Deus. A mãe, ou outra pessoa qualquer, cometerá sempre um crime ao tirar a vida ao filho antes de seu nascimento, pois isso significa impedir a alma de suportar as provações cujo instrumento devia ser o corpo.”

359. No caso em que a vida da mãe estaria em perigo por causa do nascimento do filho, existe crime em sacrificar o filho para salvar a mãe?

“É mais justo sacrificar o ser que não existe do que o ser que existe.”

360. É racional ter pelo feto os mesmos desvelos que pelo corpo de uma criança que teria vivido?

“Em tudo isto, vejam a vontade de Deus e sua obra; não tratem levemente as coisas que vocês têm que respeitar. Por que não respeitar as obras da criação, que são

incompletas, às vezes, pela vontade do Criador? Isto concerne a seus desígnios, os quais ninguém é chamado a julgar.”

### Faculdades morais e intelectuais do homem.

361. Donde vêm ao homem suas qualidades morais boas ou ruins?

“São as do Espírito que se encarnou nele; mais esse Espírito é puro, mais o homem pende para o bem.”

— Parece resultar disso que o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito, e o homem vicioso, a de um mau Espírito.

“Sim, mas diga de preferência que se trata de um Espírito imperfeito, caso contrário se poderia crer em Espíritos sempre maus, no que vocês chamam demônios.”

362. Qual é o caráter dos indivíduos em que se encarnam os Espíritos zombeteiros e levianos?

“Aturdidos, astuciosos e, às vezes, malfazejos.”

363. Possuem os Espíritos paixões que não se encontram na humanidade?

“Não, caso contrário eles teriam contaminado vocês.”

364. Decorrem do mesmo Espírito as qualidades morais e as da inteligência do homem?

“Com certeza são dele mesmo e isto em função do nível ao qual haja chegado. O homem não possui dois Espíritos em si.”

365. Por que homens muito inteligentes, o que denuncia neles um Espírito superior, são, às vezes, ao mesmo tempo, profundamente viciosos?

“É que o Espírito encarnado não é assaz puro, e o homem cede à influência de outros Espíritos piores. O Espírito progride através de uma caminhada ascendente imperceptível, mas o progresso não se dá simultaneamente em todos os sentidos; em um período, ele pode adiantar-se em conhecimento, em um outro, em moralidade.”

366. Que pensar da opinião segundo a qual as diferentes faculdades intelectuais e morais do homem seriam o produto de diversos Espíritos encarnados nele, possuindo cada um uma aptidão especial?

“Ao se refletir a respeito, reconhece-se que é absurda. O Espírito pode possuir todas as aptidões; para alcançar progredir, precisa de uma vontade só; caso o homem fosse uma amálgama de Espíritos, essa vontade não existiria, e ele não traria consigo, de modo algum, uma individualidade, porquanto, com sua morte, todos aqueles Espíritos seriam como uma revoada de passarinhos escapando de um viveiro. O homem amiúde se lamenta por não compreender certas coisas, e é curioso perceber como multiplica as dificuldades, enquanto tem à mão uma explicação de todo simples e de todo natural. Trata-se também aí de se tomar o efeito pela causa; é fazer com o homem o que os pagãos faziam com Deus.

Eles acreditavam em tantos deuses quantos são os fenômenos do universo, mas, no meio deles, as pessoas sensatas viam nesses fenômenos apenas efeitos, tendo por causa um Deus único.”

O mundo físico e o mundo moral nos oferecem sobre este assunto numerosos pontos de comparação. Acreditou-se na existência múltipla da matéria, enquanto se detinham ante a aparência dos fenômenos; hoje em dia, a gente compreende que esses fenômenos tão variados podem muito bem ser apenas modificações de u'a matéria elementar só. As diversas faculdades são manifestações de u'a mesma causa que é a alma, ou do Espírito encarnado, e não de várias almas, como os diferentes sons do órgão são o produto de u'a mesma espécie de ar, e não de tantos ares quantos são os sons. Resultaria desse sistema que, quando um homem perde ou adquire certas aptidões, certos pendores, haveria o mesmo tanto de Espíritos que vêm ou que vão, o que faria dele um ser múltiplo sem individualidade e, por conseguinte, sem responsabilidade. Por outro lado, esse fato é refutado através dos exemplos tão numerosos de manifestações através das quais os Espíritos comprovam sua personalidade e sua identidade.

### Influência do organismo.

367. Identifica-se o Espírito, ao unir-se ao corpo, com a matéria?

“A matéria é apenas o invólucro do Espírito, como a roupa é o invólucro do corpo. O Espírito, ao unir-se ao corpo, conserva os atributos da natureza espiritual.”

368. São as faculdades do Espírito exercidas com toda a liberdade, após sua união com o corpo?

“O exercício das faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento; elas se enfraquecem por causa da densidade da matéria.”

— Sendo assim, o invólucro material seria um obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, como um vidro opaco se opõe à livre difusão da luz?

“Sim, e muito opaco.”

Pode-se ainda comparar a ação da matéria densa do corpo sobre o Espírito à ação da água lamacenta, que diminui a liberdade de movimentos do corpo que aí se acha mergulhado.

369. Acha-se o livre exercício das faculdades da alma subordinado ao desenvolvimento dos órgãos?

“Os órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma; tal manifestação se acha subordinada ao desenvolvimento e ao nível de perfeição desses mesmos órgãos, como boa qualidade de um trabalho à boa qualidade da ferramenta.”

370. É possível inferir da influência dos órgãos uma correlação entre o desenvolvimento dos órgãos cerebrais e o das faculdades morais e intelectuais?

“Não confundam o efeito com a causa. O Espírito possui sempre as faculdades que lhe são próprias; portanto, não são os órgãos que fornecem as faculdades, mas as faculdades que incitam o desenvolvimento dos órgãos.”

— Sendo assim, a diversidade das aptidões no homem se prende unicamente ao estado do Espírito?

“Unicamente não é de todo exato; as qualidades do Espírito, que pode ser mais ou menos adiantado, eis aí princípio; mas é preciso levar em conta a influência da matéria, que entrava mais ou menos o exercício de suas faculdades.”

Ao se encarnar, o Espírito traz certas predisposições e, caso se admita para cada uma um órgão correspondente no cérebro, o desenvolvimento desses órgãos constituirá um efeito e não uma causa. Caso as faculdades tivessem seu princípio nos órgãos, o homem seria u’a máquina sem livre-arbítrio e sem responsabilidade por seus atos. Seria preciso admitir que os maiores gênios: sábios, poetas, artistas, são gênios tão só porque o acaso lhes forneceu órgãos especiais, donde se segue que, sem tais órgãos, eles não teriam sido gênios e que o último dos imbecis poderia ter sido um Newton, um Virgílio ou um Rafael, caso tivesse sido provido de certos órgãos; suposição mais absurda ainda quando a gente a aplica às qualidades morais. Assim, de acordo com esse sistema, São Vicente de Paulo, dotado pela natureza de tal ou qual órgão, poderia ter sido um celerado, e só faltaria ao maior celerado um órgão para ser um São Vicente de Paulo. Admitam, ao contrário, que os órgãos especiais, se é que eles existem, são lógicos, que se desenvolvem através do exercício da faculdade, como os músculos através do movimento, e vocês não terão nada de irracional. Apanhemos uma comparação trivial com força de verdade: por certos sinais fisiognômicos vocês reconhecem o homem dado à bebida; são esses sinais que o tornam bêbedo ou a bebedeira é que dá origem a esses sinais? É possível dizer que os órgãos recebem o estigma das faculdades.

## Idiotismo, loucura.

371. É fundada a opinião segundo a qual os cretinos e os idiotas possuiriam uma alma de uma outra natureza inferior?

“Não, eles possuem uma alma humana, com frequência mais inteligente do que vocês pensam, e que sofre com a insuficiência dos meios que tem para comunicar-se, como o mudo sofre por não poder falar.”

372. Qual é o objetivo da Providência quando cria seres defeituosos como os cretinos e os idiotas?

“São Espíritos em punição que habitam corpos de idiotas. Esses Espíritos sofrem com o constrangimento que experimentam e com a incapacidade em que se acham de se manifestar através de órgãos que não se desenvolveram ou que se acham com defeito.”

— Logo, não é exato dizer que os órgãos não têm influência sobre as faculdades.

“Nós não dissemos jamais que os órgãos não tivessem influência; eles têm uma influência muito grande sobre a manifestação das faculdades, mas eles não fornecem as faculdades; aí é que está a diferença. Um bom músico, com um instrumento ruim, não produzirá boa música, e isso não o impedirá de ser um bom músico.”

É preciso distinguir o estado normal do estado patológico. No estado normal, o moral vence o obstáculo que lhe opõe a matéria; mas existem casos em que a matéria oferece uma resistência tal que as manifestações ficam entravadas ou desnaturadas, como na idiotia e na loucura; esses são casos patológicos e, nesse estado, não usufruindo a alma toda a sua liberdade, a lei humana a libera da responsabilidade de seus atos.

373. Qual pode ser o mérito da existência para seres que, como os idiotas e os cretinos, não sendo capazes de praticar nem o bem nem o mal, não conseguem progredir?

“É uma expiação imposta ao abuso que se tenha podido praticar de certas faculdades; é um tempo de paralisação.”

— É possível assim que um corpo de idiota contenha um Espírito que teria animado um homem de gênio, em uma existência precedente?

“Sim, o gênio se torna às vezes um flagelo, quando se abusa dele.”

A superioridade moral nem sempre se acha na razão da superioridade intelectual, e os maiores gênios podem ter muito que expiar; daqui, muitas vezes, para eles, uma existência inferior à que já hajam cumprido, e uma causa de sofrimentos; os entraves que o Espírito experimenta em suas manifestações são para ele como as correntes que reprimem os movimentos de um homem vigoroso. A gente pode dizer que o cretino e o idiota são estropeados do cérebro, como o coxo é das pernas, o cego, dos olhos.

374. Possui o idiota, no estado de Espírito, consciência de seu estado mental?

“Sim, o mais das vezes; ele compreende que as correntes que dificultam seu avanço são uma provação e uma expiação.”

375. Qual é a situação do Espírito na loucura?

“O Espírito, em estágio de liberdade, recebe diretamente suas impressões e exerce diretamente sua ação sobre a matéria; mas, encarnado, ele se acha em condições bastante diferentes e na necessidade de realizar tais coisas apenas com a ajuda de órgãos especiais. Caso uma parte ou o conjunto desses órgãos se achem alterados, sua ação ou suas impressões, no que concerne a esses órgãos, são interrompidas. Se perde os olhos, ele se torna cego; se é o ouvido, ele se torna surdo etc. Imagine você agora que o órgão que preside aos efeitos da inteligência e da vontade seja parcialmente ou inteiramente atacado ou modificado; fica fácil para você compreender que, tendo o Espírito a seu serviço apenas órgãos incompletos ou danificados, disso deva resultar uma perturbação da qual o Espírito, por si mesmo e em seu foro interior, possui perfeita consciência mas cujo curso ele não é capaz de interromper.”

— É, assim, sempre o corpo e não o Espírito que se acha desorganizado?

“Sim; mas não se pode perder de vista que, do mesmo modo que o Espírito age sobre a matéria, esta reage sobre ele em uma certa medida, e que o Espírito pode achar-se temporariamente impressionado pela alteração dos órgãos através dos quais ele se manifesta e recebe suas impressões. Pode suceder que, com o decorrer do tempo, quando a loucura houver durado bastante, a repetição dos mesmos atos finde por contar sobre o Espírito com uma influência da qual ele se livra somente após seu completo afastamento de toda impressão material.”

376. Por que a loucura conduz, às vezes, ao suicídio?

“O Espírito sofre com a coerção que sente e com a impotência em que se acha de se manifestar livremente; eis por que ele procura na morte um meio de quebrar seus grilhões.”

377. Ressente-se o Espírito do alienado, após a morte, do desarranjo de suas faculdades?

“Ele pode ressentir-se por algum tempo após a morte, até que esteja completamente desprendido da matéria, como o homem que desperta se ressentir por algum tempo da perturbação em que o sono o mergulhou.”

378. Como a alteração do cérebro pode influir no Espírito após a morte?

“Trata-se de uma lembrança; um peso incide sobre o Espírito e, como ele não teve percepção de tudo o que se passou durante sua loucura, precisa sempre de um certo tempo para colocar-se ao corrente; eis porque, mais tenha durado a loucura durante a vida, mais demorado o embaraço, a coação, após a morte. O Espírito desprendido do corpo sente por algum tempo a impressão de seus grilhões.”

## Da infância.

379. É tão desenvolvido o Espírito que anima o corpo de uma criança quanto o de um adulto?

“Ele pode ser ainda mais, caso haja progredido mais; são tão só os órgãos imperfeitos que o impedem de se manifestar. Ele atua em função do instrumento com a ajuda do qual consegue tornar-se conhecido.”

380. Em uma criança de tenra idade, pensa o Espírito, isento do obstáculo que a imperfeição dos órgãos opõe à sua livre manifestação, como uma criança ou como um adulto?

“Quando ele é criança, é natural que os órgãos da inteligência, não estando desenvolvidos, não possam fornecer-lhe toda a intuição de um adulto; ele possui, com efeito, a inteligência muito limitada, aguardando que a idade amadureça sua razão. A perturbação que acompanha a encarnação não para subitamente no instante do nascimento; ela só se dissipa gradualmente, com o desenvolvimento dos órgãos.”

Uma observação vem em apoio a esta resposta: é que os sonhos em uma criança não apresentam o aspecto dos sonhos em um adulto; seu teor é quase sempre pueril, o que é um indício da natureza das preocupações do Espírito.

381. Com a morte da criança, recobra o Espírito imediatamente seu vigor primitivo?

“Deve ser assim, porquanto ele se acha desembaraçado de seu invólucro carnal; entretanto, ele só recobra sua lucidez primitiva quando a separação estiver completa, quer dizer, quando não mais existir nenhuma ligação entre o Espírito e o corpo.”

382. Sofre o Espírito encarnado, durante a infância, com a coerção que lhe impõe a imperfeição de seus órgãos?

“Não; esse estágio é uma necessidade; ele se acha na natureza e está de acordo com os desígnios da Providência: *trata-se de um tempo de repouso para o Espírito.*”

383. Qual é, para o Espírito, a utilidade de passar pelo estágio da infância?

“Encarnando-se o Espírito com vista a se aperfeiçoar, ele fica mais acessível durante esse tempo às impressões que recebe e que podem ajudar em seu adiantamento, ao qual têm que contribuir os que se encarregaram de sua educação.”

384. Por que os primeiros gritos da criança são de choro?

“Para excitar o interesse da mãe e provocar os cuidados que lhe são necessários. Não compreende você que, caso ela apresentasse gritos de alegria, quando não sabe falar ainda, a gente se inquietaria pouco com aquilo de que tem necessidade? Admirem em tudo a sabedoria da Providência.”

385. Por que se efetua a mudança do caráter em uma certa idade, particularmente ao se sair da adolescência? É o Espírito que se modifica?

“É o Espírito que recobra sua natureza e se mostra como era antes.

“Vocês não conhecem o segredo que escondem as crianças em sua inocência; vocês não sabem o que elas são, nem o que elas foram, nem o que elas serão; todavia, vocês as amam, vocês as acariciam como se fossem uma parte de vocês mesmos, tanto que o amor de u’a mãe por seus filhos é reputado o maior amor que um ser possa ter por um outro ser. Por que essa doce afeição, essa terna boa vontade que mesmo os estranhos sentem por uma criança? Sabem vocês? Não; é isso que lhes vou explicar.

“As crianças constituem os seres que Deus envia a novas existências; e, para que eles não possam censurá-lo de uma severidade demasiada, ele lhes concede totalmente as aparências da inocência; mesmo em uma criança de uma natureza ruim, cobrem-se seus crimes com a inconsciência de seus atos. Tal inocência não constitui uma superioridade real relativamente ao que eles eram antes; não, trata-se da imagem do que tinham de ser e, caso não no sejam, é sobre eles unicamente que recai o castigo.

“Mas não é somente por eles que Deus lhes forneceu esse aspecto; é também e sobretudo por seus pais, cujo amor é necessário para sua fragilidade, e esse amor seria consideravelmente enfraquecido à vista de um caráter colérico e insociável, ao passo que, crendo seus filhos bons e doces, eles lhes oferecem toda a sua afeição e os cercam dos cuidados mais delicados. Mas, quando os filhos não precisam mais dessa proteção, dessa assistência que lhes foi propiciada durante quinze a vinte anos, seu caráter real e individual reaparece em toda a sua nudez: ele permanece bom, caso seja fundamentalmente bom, mas se irisa sempre de nuances que se achavam escondidas pela primeira infância.

“Vocês percebem que as vias de Deus são sempre as melhores, e que, quando se tem o coração puro, a explicação é fácil de se conceber.

“Com efeito, compenetrem-se de que o Espírito da criança que nasce entre vocês pode provir de um mundo onde adquiriu hábitos totalmente diferentes; como desejariam que procedesse no meio de vocês esse novo ser, que chega com paixões de todo outras que as que vocês possuem, com inclinações e gostos inteiramente opostos aos seus? Como desejariam que ele se incorporasse às suas fileiras, diversamente a como Deus o desejou, quer dizer, através do crivo da infância? Aqui se confundem todos os pensamentos, todos os caracteres, todas as variedades de seres engendrados por essa infinidade de mundos nos quais progridem as criaturas. E vocês mesmos, ao morrerem, se acharão em uma espécie de infância, no meio de novos irmãos; e em sua nova existência fora da Terra, desconhecerão os hábitos, os costumes, os relacionamentos desse mundo novo para vocês; utilizarão com dificuldade um idioma que não estão habituados a falar, linguagem mais ágil do que seu pensamento hoje em dia. (319.)

“A infância possui ainda uma outra utilidade: os Espíritos só ingressam na vida corpórea para se aperfeiçoarem, para se melhorarem; a delicadeza da tenra idade os torna

flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que têm de fazê-los progredir; é então que se consegue reformar seu caráter e reprimir seus maus pendores; tal é o dever que Deus confiou a seus pais, missão sagrada pela qual haverão de responder.

“Eis como a infância não somente é útil, necessária, indispensável, mas ainda é a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o universo.”

### **Simpatias e antipatias terrestres.**

386. É possível dois seres que se conheceram e se amaram encontrarem-se em uma outra existência corpórea e reconhecerem-se?

“Reconhecerem-se, não; mas serem atraídos um pelo outro, sim; e amiúde as ligações íntimas sedimentadas em uma afeição sincera não têm outra causa. Dois seres se aproximam um do outro por circunstâncias fortuitas na aparência mas que constituem o efeito da atração de dois Espíritos *que se procuram no meio da multidão.*”

— Não seria mais agradável para eles reconhecerem-se?

“Nem sempre; a lembrança das existências passadas teria inconvenientes maiores do que pensam vocês. Após a morte, eles se reconhecerão, eles distinguirão o que tempo passaram juntos.” (392.)

387. Tem sempre por princípio a simpatia um conhecimento anterior?

“Não; dois Espíritos que combinam procuram-se naturalmente, sem que se tenham conhecido como homens.”

388. Não seriam os encontros que ocorrem às vezes entre certas pessoas e que a gente atribui ao acaso o efeito de algum tipo de analogia simpática?

“Existem, entre os seres pensantes, laços que vocês não conhecem ainda. O magnetismo é o modelo dessa ciência que vocês compreenderão melhor mais tarde.”

389. Donde provém a repulsão instintiva que se sente por certas pessoas, à primeira vista?

“Espíritos antipáticos que se adivinham e se compreendem sem se falar.”

390. Constitui sempre a antipatia instintiva um sinal de natureza ruim?

“Dois Espíritos não são necessariamente maus porque não são simpáticos; a antipatia pode nascer de uma falta de similitude de pensamento; mas, à medida que eles vão elevando-se, as nuances vão desfazendo-se e a antipatia desaparece.”

391. Surge a antipatia de duas pessoas primeiro naquela cujo Espírito é o pior ou o melhor?

“Em uma e em outra, mas as causas e os efeitos são diferentes. Um Espírito ruim apresenta antipatia por qualquer um que possa julgá-lo e desmascará-lo; ao ver uma pessoa pela primeira vez, ele sabe que vai ser desaprovado; seu afastamento se transforma em ódio, em inveja e lhe inspira o desejo de praticar o mal. O bom Espírito tem repulsão

pelo mau, porque sabe que não será compreendido e que não compartilham os mesmos sentimentos; mas, ciente de sua superioridade, ele não apresenta contra o outro nem ódio, nem inveja: ele se contenta com evitá-lo e com lamentá-lo.”

### Esquecimento do passado.

392. Por que o Espírito encarnado perde a lembrança do seu passado?

“O homem não pode nem deve tudo saber; Deus o deseja assim em sua sabedoria. Sem o véu que lhe cobre certas coisas, o homem quedaria ofuscado, como quem passa sem transição da escuridão para a luz. *Através do esquecimento do passado, ele é mais ele mesmo.*”

393. Como alcança o homem ser responsável por atitudes e redimir culpas cuja lembrança não possui? Como alcança ele tirar proveito da experiência adquirida em existências caídas no esquecimento? A gente conceberia que as tribulações da vida fossem uma lição para ele, caso se lembrasse do que foi capaz de atraí-lo para elas, mas, a partir do momento que ele não se lembra delas, cada existência é para ele como se fosse a primeira, e fica assim sempre por recomeçar. Como conciliar isso com a justiça de Deus?

“A cada existência nova, o homem possui mais inteligência e pode melhor distinguir o bem e o mal. Onde ficaria o mérito, caso ele lembrasse todo o passado? Quando o Espírito volta para sua vida primitiva (a vida espírita), toda a sua vida passada se desenrola diante dele; ele percebe as faltas que cometeu e que constituem a causa de seu sofrimento, e o que teria conseguido impedi-lo de cometê-las; ele compreende que a posição que lhe é oferecida é justa e procura, então, a existência capaz de reparar a que acaba de se esvaír. Ele busca por provações análogas às que padeceu, ou pelas lutas que julga adequadas a seu adiantamento, e pede a Espíritos que lhe são superiores para ajudarem-no nessa nova tarefa que ele empreende, pois sabe que o Espírito que lhe será fornecido como guia nessa nova existência procurará fazê-lo reparar suas faltas, ao lhe propiciar uma espécie de *intuição* das que ele cometeu. Essa mesma intuição é o pensamento, o desejo criminoso que lhes surge muitas vezes e ao qual vocês resistem instintivamente, atribuindo sua resistência, o mais das vezes, aos princípios que receberam de seus pais, posto que seja a voz da consciência que lhes fala e essa voz é a lembrança do passado, voz que os adverte para não recaírem nas faltas que já cometeram. Caso o Espírito, nessa nova existência, sofra aquelas provações com coragem, e caso resista, eleva-se e ascende na hierarquia dos Espíritos, assim que retornar entre eles.”

Se nós não temos, durante a vida corpórea, uma lembrança precisa do que fomos e do que fizemos de bem ou de mal em nossas existências anteriores, nós temos a intuição disso, e nossas tendências instintivas são uma reminiscência de nosso passado, às quais nossa consciência, que constitui o desejo que concebemos de não mais cometer as mesmas faltas, nos adverte para resistir.

394. Nos mundos mais adiantados que o nosso, onde ninguém é de fato vítima de todas as nossas necessidades físicas, de nossas enfermidades, compreendem os homens

que são mais felizes que nós? A felicidade, em geral, é relativa; a gente a sente através de comparação com um estado menos feliz. Como, de uma vez por todas, alguns desses mundos, conquanto melhores que o nosso, não se acham em estágio de perfeição, os homens que os habitam têm que possuir causas próprias de aborrecimento. Entre nós, o rico, apesar de não ter as angústias das necessidades materiais como o pobre, nem por isso tem menos tribulações que tornam sua vida amarga. Ora, eu pergunto se, em sua posição, os habitantes desses mundos não se julgam tão infelizes quanto nós e não lamentam sua sorte, não possuindo a lembrança de uma existência inferior para comparação.

“A isso é preciso dar duas respostas diferentes. Existem mundos, dentre esses de que você fala, cujos habitantes possuem uma lembrança muito nítida e muito precisa de suas existências passadas; estes, você o compreende, conseguem e sabem avaliar a felicidade que Deus lhes permite saborear; mas existem outros onde os habitantes, colocados, como você o diz, em melhores condições que vocês, nem por isso padecem menos de grandes aborrecimentos, de infelicidades mesmo; estes não avaliam sua felicidade em razão mesmo de não possuírem a lembrança de um estado ainda mais infeliz. Se não a avaliam como homens, eles a avaliam como Espíritos.”

Não existe no esquecimento dessas existências passadas, sobretudo então quando foram dolorosas, algo providencial, onde se revela a sabedoria divina? É nos mundos superiores, quando a lembrança das existências infelizes não é mais que um sonho ruim, que elas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, as infelicidades atuais não seriam agravadas pela lembrança de tudo aquilo que possivelmente se padeceu? Concluamos daí, pois, que tudo o que Deus fez é bem feito, e que não nos toca criticar suas obras e dizer quais as regras a que deveria ter submetido o universo.

A recordação de nossas individualidades anteriores teria inconvenientes muito graves; isso seria capaz, em certos casos, de nos humilhar extremamente; em outros, de exaltar nosso orgulho e, *ipso facto*, de bloquear nosso livre-arbítrio. Deus nos propiciou, para que nos melhorássemos, justamente o que nos é necessário e nos pode ser suficiente: a voz da consciência e nossas tendências instintivas; ele nos subtrai o que nos poderia prejudicar. Juntos ainda que, caso tivéssemos a recordação de nossos atos pessoais anteriores, teríamos igualmente a dos atos de outrem, e tal conhecimento poderia ter os mais perversos efeitos nas relações sociais; nem sempre havendo razão para nos envaidecer de nosso passado, é o mais das vezes uma felicidade que um véu seja jogado em cima. Isso concorda perfeitamente com a doutrina dos Espíritos a respeito dos mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, onde só reina o bem, a recordação do passado não apresenta nada de doloroso; eis porque neles a gente se lembra de sua existência precedente, como nós nos lembramos do que fizemos na véspera. Quanto à estadia que é possível que se tenha feito em mundos inferiores, não passa, como dissemos, de um mau sonho.

395. Podemos nós obter algumas revelações a respeito de nossas existências anteriores?

“Nem sempre. Muitos sabem, não obstante, o que foram e o que fizeram; caso lhes fosse permitido falar abertamente, fariam singulares revelações a respeito do passado.”

396. Algumas pessoas acreditam ter uma vaga lembrança de um passado desconhecido que se apresenta a elas como a imagem fugidia de um sonho que se busca em vão agarrar. Não é essa ideia não mais que uma ilusão?

“Às vezes é real; mas frequentemente também é uma ilusão contra a qual é preciso pôr-se em guarda, pois isso pode ser o efeito de uma imaginação superexcitada.”

397. Nas existências corpóreas de uma natureza mais elevada que a nossa, é mais precisa a recordação das existências anteriores?

“Sim, à medida que o corpo vai tornando-se menos material, a gente vai lembrando-se melhor. A recordação do passado é mais clara para os que habitam nos mundos de uma ordem superior.”

398. Constituindo-se as tendências instintivas do homem uma reminiscência de seu passado, segue-se que, através do estudo dessas tendências, ele consiga conhecer as faltas que cometeu?

“Sem dúvida, até um certo ponto; mas é necessário levar em consideração a melhoria que foi capaz de realizar no Espírito e as resoluções que ele tomou na erraticidade; a existência atual pode ser muitíssimo melhor que a precedente.”

— Pode ela ser pior, quer dizer, pode o homem cometer em uma existência faltas que não cometeu na existência precedente?

“Isso depende de seu adiantamento; caso não saiba resistir às provações, é possível que ele seja impelido para novas faltas, que são a consequência da posição que escolheu; mas, em geral, essas faltas acusam de preferência um estado estacionário a um estado retrógrado, pois o Espírito pode avançar ou parar mas não recuar.”

399. Constituindo as vicissitudes da vida corpórea, a um só tempo, uma expiação para as faltas passadas e provações para o futuro, segue-se que da natureza dessas vicissitudes se tem como induzir o tipo da existência anterior?

“O mais das vezes, porquanto cada um é punido através daquilo em que pecou; não obstante, não se deve fazer disso uma regra absoluta; as tendências instintivas constituem um indício mais certo, pois as provações que suporta o Espírito visam tanto ao futuro quanto ao passado.”

Chegado ao fim marcado pela Providência para sua vida errante, o Espírito escolhe, ele mesmo, as provações às quais deseja submeter-se para apressar seu adiantamento, quer dizer, o tipo de existência que julga o mais adequado para lhe proporcionar os meios, e tais provações se acham sempre em correlação com as faltas que tem que expiar. Caso triunfe, ele se eleva; caso sucumba, precisa recomeçar.

O Espírito usufrui sempre de seu livre-arbítrio; é em virtude dessa liberdade que, no estado de espírito, ele escolhe as provações da vida corpórea e, no estado de encarnação, delibera o que fará ou o que não fará, e escolhe entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre-arbítrio seria reduzi-lo ao estado de máquina.

De volta à vida corpórea, o Espírito perde temporariamente a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as ocultasse dele; todavia, ele tem delas às vezes uma vaga consciência, e elas podem mesmo lhe ser reveladas em certas circunstâncias; mas isso sucede tão só pela vontade dos Espíritos superiores, que o fazem espontaneamente, com um objetivo útil e jamais para satisfazer uma vã curiosidade.

As existências futuras não podem ser reveladas em nenhum caso, pela razão de que dependem do modo pelo qual se cumpre a existência presente, e da escolha ulterior do Espírito.

O esquecimento das faltas cometidas não é um obstáculo para a melhora do Espírito, pois, se ele não tem uma lembrança precisa, o conhecimento que tinha delas na erraticidade e o desejo que concebeu de repará-las o guiam através da intuição e lhe fornecem o pensamento de resistir ao mal; tal pensamento é a voz da consciência, na qual ele se acha coadjuvado pelos Espíritos que o assistem, caso escute as boas inspirações que eles lhe sugerem.

Se o homem não conhece os atos mesmos que praticou em suas existências anteriores, pode sempre saber de que tipo de faltas se tornou culpado e qual era seu caráter dominante. Basta-lhe estudar a si mesmo e ele vai ser capaz de julgar o que foi, não através do que é, mas através de suas tendências.

As vicissitudes da vida corpórea constituem, a um tempo, uma expiação para as faltas passadas e provações para o futuro. Elas nos purificam e nos elevam, caso as suportemos com resignação e sem murmúrio.

A natureza das vicissitudes e das provações que nós suportamos pode também esclarecer-nos a respeito do que fomos e do que fizemos, como no mundo nós julgamos os feitos de um culpado através do castigo que lhe inflige a lei. Assim, um será castigado em seu orgulho através da humilhação de uma existência subalterna; o mau rico e avaro, através da miséria; quem foi duro para os outros, através da dureza que suportará; o tirano, através da escravidão; o mau filho, da ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, de um trabalho forçado etc.

## CAPÍTULO VIII

# EMANCIPAÇÃO DA ALMA

1. O sono e os sonhos. — 2. Visitas espíritas entre pessoas vivas. — 3. Transmissão oculta do pensamento. — 4. Letargia, catalepsia. Mortes aparentes. — 5. Sonambulismo. — 6. Êxtase. — 7. Dupla vista. — 8. Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista.

### O sono e os sonhos.

400. É de modo espontâneo que o Espírito encarnado permanece em seu invólucro corpóreo?

“Isso é como se você perguntasse se o prisioneiro se compraz sob os ferrolhos. O Espírito encarnado aspira sem parar à libertação, e, mais o invólucro seja grosseiro, mais quer ficar livre dele.”

401. Durante o sono, repousa a alma do mesmo modo que o corpo?

“Não, o Espírito não fica jamais inativo. Durante o sono, os laços que o unem ao corpo são afrouxados e, não precisando o corpo dele, percorre o espaço e *entra em contato mais direto com os outros Espíritos.*”

402. Como podemos nós julgar da liberdade do Espírito durante o sono?

“Através dos sonhos. Compenetrem-se de que, quando o corpo repousa, o Espírito possui mais faculdades do que na vigília; ele possui a lembrança do passado e, às vezes, a previsão do futuro; ele adquire mais poder e é capaz de entrar em comunicação com os outros espíritos, *seja neste mundo, seja em um outro.* Muitas vezes, você diz: Eu tive um sonho bizarro, um sonho pavoroso, mas que não tem nenhuma verossimilhança. Você se engana; trata-se amiúde de uma lembrança de lugares e de coisas que você viu ou que verá em uma outra existência ou em uma outra oportunidade. Estando o corpo adormecido, o Espírito se empenha em quebrar seu grilhão procurando no passado ou no futuro.

“Pobres homens, quão pouco vocês conhecem os fenômenos mais ordinários da vida! Vocês creem ser bastante sábios, e as coisas mais comuns os embarçam; a esta questão de todas as crianças: O que fazemos quando dormimos? O que são os sonhos?, vocês ficam perplexos.

“O sono libera em parte a alma do corpo. Quando se dorme, a gente fica temporariamente no estado em que se acha permanentemente após a morte. Os Espíritos que se desligam logo da matéria quando de sua morte tiveram sonhos inteligentes; esses, quando dormem, reencontram a companhia de outros seres superiores a eles: eles viajam, conversam e se instruem juntos; eles trabalham mesmo em obras que acham terminadas ao morrerem. Isto deve ensiná-los, uma vez mais, a não temer a morte, porquanto vocês morrem todos os dias, conforme a palavra de um santo.

“Isto quanto aos Espíritos elevados; mas, quanto à massa dos homens que, com a morte, têm que ficar muitas horas nessa perturbação, nessa incerteza de que eles lhes têm falado, esses vão ou para mundos inferiores à Terra, para onde antigas afeições os chamam, ou procurar prazeres talvez ainda mais grosseiros que os que possuem aqui; eles vão sorver doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas que as que professam em seu meio. E o que engendra a simpatia na Terra não é outra coisa senão o fato de que a gente se sente próxima, ao despertar, através do coração, daqueles com quem acaba de passar oito a nove horas de felicidade ou de alegria. O que explica também essas antipatias invencíveis é que a gente sabe no fundo de seu coração que essas pessoas possuem uma outra compreensão diferente da nossa, uma vez que as conhece sem tê-las jamais visto com os olhos. É isso ainda que explica a indiferença, porquanto a gente não se dedica a fazer novos amigos, quando sabe que possui outros que nos amam e nos prezam. Em suma: o sono influi mais do que vocês imaginam sobre nossa vida.

“Em consequência do sono, os Espíritos encarnados se acham sempre em contato com o mundo dos Espíritos, e é isso o que faz que os Espíritos superiores consentam, sem excessiva repulsa, encarnar-se entre vocês. Deus desejou que, durante seu contato com o vício, eles pudessem ir retemperar-se na fonte do bem, para não fracassarem eles mesmos, eles que vinham instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu dando para seus amigos do céu; é a distração após o trabalho, enquanto aguardam a grande libertação, a libertação final que deve devolvê-los a seu verdadeiro lugar.

“O sonho é a recordação do que seu Espírito viu durante o sono; mas observem que vocês só não sonham sempre porque não é sempre que se recordam do que viram ou de tudo o que viram. Sua alma não se acha ali durante todo o desenrolar dele; com frequência, o sonho não passa da lembrança da perturbação que acompanha sua partida ou sua reentrada, a que se junta a recordação do que vocês fizeram ou do que os preocupa na vigília; sem isto, como explicariam vocês esses sonhos absurdos que têm os mais sábios como os mais simples? Os maus Espíritos se servem também dos sonhos para atormentarem as almas fracas e pusilânimes.

“De resto, vocês verão em breve desenvolver-se um outro tipo de sonhos que é tão antigo quanto o que vocês conhecem, mas que não praticam: o sonho de Joana, o sonho de Jacó, o sonho dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos; esse sonho é a lembrança da alma inteiramente desligada do corpo, a lembrança dessa segunda vida de que eu lhes falava há pouco.

“Esmerem-se em distinguir essas duas espécies de sonhos entre aqueles de que vocês se lembram; sem isso, vocês cairiam em contradições e em erros que seriam funestos para sua fé.”

Os sonhos constituem o produto da emancipação da alma quando mais independente através da suspensão da vida ativa e de relação. Daqui uma espécie de clarividência indefinida que se estende até os lugares mais longínquos ou que não se viu jamais, e às vezes mesmo a outros mundos. Daqui ainda a lembrança que reproduz na memória os eventos ocorridos na existência presente ou nas existências anteriores; as imagens estranhas do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, misturadas às coisas do mundo atual, formam esses conjuntos bizarros e confusos que parecem não possuir nem sentido nem lógica.

A incoerência dos sonhos se explica ainda através das lacunas que produz a lembrança incompleta do que nos apareceu em sonho. Seria como um trecho cujas frases ou partes de frases tivessem sido truncadas ao acaso: reunidos os fragmentos que restassem, perderiam toda significação racional.

403. Por que nem sempre a gente se lembra dos sonhos?

“Nisso que você chama de sono, nada há além do repouso do corpo, pois o Espírito se acha sempre em movimento; ali, ele recobra um pouco de sua liberdade e se corresponde com os que lhe são caros, seja neste mundo, seja em outros; mas, como o corpo é de u’a matéria pesada e grosseira, é com dificuldade que conserva as sensações que recebeu o Espírito, porque o Espírito não as percebeu através dos órgãos do corpo.”

404. Que pensar da significação atribuída aos sonhos?

“Os sonhos não são de fato verdadeiros, como o entendem os que leem a sorte, pois é absurdo crer em que sonhar com isto anuncia aquilo. Eles são verdadeiros no sentido de que apresentam imagens reais para o Espírito, mas que quase nunca guardam relação com o que se passa na vida corpórea; quase sempre também, como dissemos, se trata de uma lembrança; pode suceder, enfim, às vezes, que sejam um pressentimento do futuro, caso Deus o permita, ou a visão do que se passa naquele momento em um outro lugar e para onde a alma se transporta. Não possuem vocês numerosos exemplos de que pessoas aparecem em sonhos e vêm advertir seus parentes ou seus amigos a respeito do que está sucedendo a elas? O que são tais aparições senão a alma ou o Espírito dessas pessoas que se comunicam com o seu Espírito? Quando vocês adquirem a certeza de que o que viram realmente ocorreu, não é uma prova de que a imaginação não interferiu em nada, se sobretudo tal coisa não estava em absoluto em seu pensamento durante a vigília?”

405. A gente vê frequentemente em sonho coisas que parecem pressentimentos e que não se realizam; donde vem isso?

“Elas podem realizar-se para o Espírito, quando não para o corpo, quer dizer, o Espírito vê a coisa que ele almeja, *porque ele vai encontrá-la*. Não se pode esquecer que, durante o sono, a alma se acha sempre mais ou menos sob a influência da matéria e que, por conseguinte, ela não se desfaz jamais completamente das ideias terrestres; resulta daí que as preocupações da vigília podem fornecer ao que se vê a aparência do que se almeja ou do que se teme; eis aí realmente o que se pode denominar um efeito da imaginação. Quando se está excessivamente preocupado com uma ideia, a gente reporta a ela tudo o que vê.”

406. Quando nós vemos em sonho pessoas vivas que conhecemos perfeitamente efetuarem atos em que não pensam de forma alguma, não se trata de um efeito de pura imaginação?

“Em que não pensam de forma alguma: o que sabe você disso? O Espírito delas pode vir visitar o seu, como o seu pode visitar o delas, e nem sempre você sabe no que ele pensa. E, depois, amiúde também, vocês aplicam a pessoas que conhecem, e conforme seus anseios, o que se passou ou se passa em outras existências.”

407. É preciso o sono completo para a emancipação do Espírito?

“Não, o Espírito recobra sua liberdade quando os sentidos se entorpecem; ele se aproveita, para se emancipar, de todos os instantes de trégua que lhe dá o corpo. Desde que exista prostração das forças vitais, o Espírito se desliga e, mais o corpo se ache fraco, mais o Espírito fica livre.”

Eis como o cochilo, ou um simples entorpecimento dos sentidos, apresenta frequentemente as mesmas imagens que o sonho.

408. Parece-nos, às vezes, ouvir em nós mesmos palavras pronunciadas distintamente e que não têm nenhuma relação com o que nos preocupa; qual a origem disso?

“Sim, e mesmo frases inteiras, sobretudo quando os sentidos começam a se entorpecer. Trata-se, às vezes, de um fraco eco de um Espírito que deseja comunicar-se consigo.”

409. Amiúde, em um estágio que não é ainda o cochilo, quando nós temos os olhos fechados, vemos imagens distintas, figuras das quais capturamos os mais minuciosos pormenores; trata-se de um efeito de visão ou de imaginação?

“Estando entorpecido o corpo, o Espírito busca romper seu grilhão: ele se transporta e vê; caso o sono fosse completo, isso seria um sonho.”

410. A gente tem, às vezes, durante o sono ou o cochilo, ideias que parecem muito boas e que, malgrado os esforços que se fazem para se lembrar delas, elas se apagam da memória; qual a origem dessas ideias?

“Elas constituem o resultado da liberdade do Espírito que se emancipa e desfruta de mais faculdades nesse momento. Trata-se muitas vezes também de conselhos que propiciam outros Espíritos.”

— De que servem essas ideias e esses conselhos, uma vez que se perde a lembrança e não se consegue tirar proveito deles?

“Essas ideias pertencem, às vezes, mais ao mundo dos Espíritos que ao mundo corpóreo; mas o mais das vezes, caso o corpo esqueça, o Espírito se lembra, e a ideia retorna no instante preciso, como uma inspiração do momento.”

411. Sabe o Espírito encarnado, nos momentos em que se acha desligado da matéria e age como Espírito, a época de sua morte?

“Com frequência ele a pressente; às vezes possui dela a consciência muito nítida, e é isso o que, na vigília, lhe proporciona sua intuição; daqui o fato de que algumas pessoas preveem, às vezes, sua morte com uma grande exatidão.”

412. Pode a atividade do Espírito, durante o repouso ou o sono do corpo, causar fadiga a este último?

“Sim, pois o Espírito se amarra ao corpo, como o balão cativo se amarra ao poste; ora, como as sacudidas do balão estremecem o poste, a atividade do Espírito reage sobre o corpo, e é capaz de causar-lhe a fadiga.”

### Visitas espíritas entre pessoas vivas.

413. Do princípio de emancipação da alma durante o sono parece resultar que nós temos uma dupla existência simultânea: a do corpo, que nos oferece a vida de relação exterior, e a da alma, que nos oferece a vida de relação oculta; está correto?

“No estado de emancipação, a vida do corpo cede a vez à vida da alma; mas não constituem, propriamente falando, duas existências: constituem, antes, duas fases da mesma existência, pois o homem não vive duplamente.”

414. Conseguem duas pessoas que se conhecem visitar-se durante o sono?

“Sim, e muitas outras que creem não se conhecerem se reúnem e conversam. Você pode possuir, sem desconfiar disso, amigos em um outro país. O fato de ir, durante o sono, ver amigos, parentes, conhecidos, pessoas que lhes podem ser úteis, é tão frequente que vocês o realizam quase todas as noites.”

415. Que utilidade podem ter essas visitas noturnas, dado que a gente não se lembra delas?

“Resta delas, habitualmente, uma intuição ao se despertar, e é muitas vezes a origem de certas ideias que vêm espontaneamente, sem que a gente as explique, e que mais não são do que as ideias que se colheram nesses encontros.”

416. Consegue o homem provocar as visitas espíritas através de sua vontade? Pode ele, por exemplo, dizer ao adormecer: Esta noite eu desejo encontrar-me em Espírito com tal pessoa, falar-lhe e dizer-lhe tal coisa?

“Eis aqui o que se passa. O homem dorme, seu Espírito desperta e o que o homem havia resolvido o Espírito se acha muitas vezes bem longe de atender, pois a vida do homem pouco interessa ao Espírito, quando se desprende da matéria. Isto sucede aos homens já assaz elevados; os demais passam de modo totalmente diferente sua existência espiritual; eles se dão às suas paixões ou quedam na inatividade. Logo, é possível dar-se que, conforme o motivo que aventou, o Espírito vá visitar as pessoas que deseja: mas o fato de que teve vontade disso quando desperto não justifica que o faça.”

417. Têm um certo número de Espíritos encarnados como se reunir desse jeito e formar assembleias?

“Sem dúvida alguma; os vínculos da amizade, antigos ou novos, reúnem com frequência dessa forma diversos Espíritos felizes por se acharem juntos.”

Pela palavra *antigo* é preciso que se entendam os vínculos de amizade que se contraíram em outras existências anteriores. Nós trazemos ao despertar uma intuição das ideias que recolhemos nesses encontros ocultos, mas cuja fonte não conhecemos.

418. Alcançaria uma pessoa que cresse um de seus amigos morto, sem que o estivesse, encontrar-se com ele em Espírito e saber, assim, que está vivo? Poderia ela, nesse caso, ter a intuição disso ao despertar?

“Como Espírito, ela pode com certeza vê-lo e conhecer sua sorte; caso não lhe tenha sido imposto como provação crer na morte de seu amigo, ela terá um pressentimento de sua existência, como poderá ter o de sua morte.”

### **Transmissão oculta do pensamento.**

419. Por que a mesma ideia, a de uma descoberta, por exemplo, se produz em diversos pontos de uma só vez?

“Nós já dissemos que durante o sono os Espíritos se comunicam entre si. Muito bem! Quando o corpo desperta, o Espírito se lembra do que aprendeu e o homem crê havê-lo inventado. Assim, muitos conseguem encontrar a mesma coisa a um só tempo. Quando vocês dizem que uma ideia está no ar, trata-se de uma figura mais justa do que vocês pensam; cada um contribui para propagá-la, sem desconfiar disso.”

Nosso Espírito revela assim, amiúde, ele mesmo, a outros Espíritos e à nossa revelia, o que forma o centro de nossas preocupações durante a vigília.

420. Conseguem os Espíritos comunicar-se, caso o corpo esteja completamente desperto?

“O Espírito não está preso no corpo como em uma caixa: ele irradia em todo o derredor; eis porque ele consegue comunicar-se com outros Espíritos, mesmo na vigília, conquanto o faça com mais dificuldade.”

421. Como se dá que duas pessoas perfeitamente acordadas têm frequentemente, no mesmo instante, o mesmo pensamento?

“Trata-se de dois Espíritos simpáticos que se comunicam e percebem reciprocamente seu pensamento, mesmo quando os corpos não dormem.”

Existe entre os Espíritos que combinam uma comunicação de pensamentos que faz que duas pessoas se vejam e se compreendam sem necessidade dos sinais exteriores da linguagem. A gente poderia dizer que elas falam a linguagem dos Espíritos.

### **Letargia, catalepsia. Mortes aparentes.**

422. Os letárgicos e os catalépticos veem e ouvem geralmente o que se passa em torno deles, mas não conseguem atestá-lo; isso se dá através dos olhos e dos ouvidos do corpo?

“Não; isso se dá através do Espírito; o Espírito fica consciente, mas não consegue comunicar-se.”

— Por que não consegue comunicar-se?

“O estado do corpo se opõe a isso; esse estado especial dos órgãos fornece a vocês a prova de que existe no homem outra coisa além do corpo, porque o corpo não está funcionando mais e porque o Espírito está agindo.”

423. Na letargia, é o Espírito capaz de separar-se inteiramente do corpo, de maneira a propiciar-lhe todas as aparências da morte e retornar a ele em seguida?

“Na letargia, o corpo não está morto, porquanto existem funções que perduram; a vitalidade aí se acha em estado latente, como na crisálida, mas não está extinta; ora, o Espírito fica unido ao corpo enquanto este vive; uma vez rompidos os vínculos através da morte *real* e da desagregação dos órgãos, a separação se completa e o Espírito não retorna mais. Quando um homem que apresenta as aparências da morte retorna à vida, é que a morte não se havia completado.”

424. Consegue-se, através de cuidados fornecidos em tempo hábil, reatar os liames prestes a se romperem e fazer retornar à vida um ser que, por falta de socorro, estaria morto inexoravelmente?

“Sim, sem dúvida, e disso vocês têm comprovação diária. O magnetismo constitui com frequência, nesse caso, um poderoso recurso, porque ministra ao corpo o fluido vital que lhe falta e que era insuficiente para manter o funcionamento dos órgãos.”

A letargia e a catalepsia apresentam o mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento, através de uma causa fisiológica que ainda não foi explicada; elas diferem em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, ela se acha localizada e pode afetar uma parte mais ou menos extensa do corpo, de modo a deixar a inteligência livre para se manifestar, o que não permite que se confunda com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é às vezes espontânea, mas pode ser provocada e anulada artificialmente através da ação magnética.

## Sonambulismo.

425. Tem o sonambulismo natural relação com os sonhos? Como é possível explicá-lo?

“Trata-se de uma independência da alma bem mais completa que no sonho, e nessa situação as faculdades são mais desenvolvidas; a alma apresenta percepções que não possui no sonho, o qual constitui um estado de sonambulismo imperfeito.

“No sonambulismo, o Espírito pertence todo inteiro a si mesmo; os órgãos materiais, achando-se em uma espécie de catalepsia, não recebem mais as impressões *exteriores*. Esse estado se manifesta sobretudo durante o sono; é o momento em que o Espírito consegue deixar provisoriamente o corpo, estando este entregue ao repouso indispensável à matéria. Quando os fatos do sonambulismo se produzem, é que o Espírito, preocupado com uma ou outra coisa, se entrega a uma ação qualquer que requeira o uso de seu corpo, do qual ele se serve então de um jeito análogo ao emprego que dá a u’a

mesa ou a qualquer outro objeto material, no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo à sua mão, no das comunicações escritas. Nos sonhos de que a gente tem consciência, os órgãos, compreendidos aí os da memória, começam a despertar; estes recebem imperfeitamente as impressões produzidas pelos objetos ou pelas causas exteriores, e as comunicam ao Espírito que, em repouso também ele mesmo, percebe apenas sensações confusas e amiúde sem nexos e sem nenhuma razão de ser aparente, misturadas de vagas lembranças, seja desta existência, seja de existências anteriores. É, assim, fácil compreender por que os sonâmbulos não possuem nenhuma lembrança e por que os sonhos cuja memória se conserva não apresentam o mais das vezes nenhum sentido. Digo o mais das vezes pois sucede que eles constituem a consequência de uma recordação precisa de eventos de uma vida anterior, e às vezes mesmo um tipo de intuição do futuro.”

426. Mantém o chamado sonambulismo magnético relação com o sonambulismo natural?

“Trata-se da mesma coisa, a não ser pelo fato de que é provocado.”

427. De que natureza é o agente chamado fluido magnético?

“Fluido vital, eletricidade animalizada, que constituem modificações do fluido universal.”

428. Qual é a causa da clarividência sonambúlica?

“Nós o dissemos: *é a alma que vê.*”

429. Como pode o sonâmbulo ver através dos corpos opacos?

“Só existem corpos opacos para seus órgãos grosseiros. Não dissemos nós que, para o Espírito, a matéria não se constitui de forma alguma em obstáculo, porquanto ele a atravessa livremente? Frequentemente ele lhes diz que vê através da testa, do joelho etc., porque vocês, inteiramente na matéria, não compreendem que ele possa ver sem o recurso de órgãos; ele mesmo, por causa do desejo que vocês demonstram, crê ter necessidade desses órgãos, mas, caso vocês o deixassem livre, ele compreenderia que vê através de todas as partes de seu corpo; ou, para melhor caracterizar, é fora de seu corpo que ele vê.”

430. Uma vez que a clarividência do sonâmbulo é a de sua alma ou de seu Espírito, por que não vê ele tudo e por que se engana muitas vezes?

“Primeiro, não se dá que os Espíritos imperfeitos tudo vejam e tudo conheçam; você bem sabe que eles compartilham ainda de seus erros e de seus preconceitos; e, depois, quando se acham presos à matéria, não usufruem todas as suas faculdades de Espírito. Deus concedeu ao homem essa faculdade com um objetivo útil e sério, e não para que aprenda o que não tem que saber; eis aí porque os sonâmbulos não conseguem tudo dizer.”

431. Qual é a origem das ideias inatas do sonâmbulo, e como consegue falar com precisão de coisas que ignora em vigília, coisas que estão mesmo acima de sua capacidade intelectual?

“Sucedem que o sonâmbulo possui mais conhecimentos do que você lhe identifica; somente se acham adormecidos, porque seu invólucro é demasiado imperfeito para que possa recordar-se deles. Mas, definitivamente, que é ele? Como nós, Espírito que está encarnado na matéria para cumprir sua missão, e o estado no qual penetra o desperta dessa letargia. Nós lhe dissemos com bastante frequência que revivemos muitas vezes: é essa mudança que faz que perca materialmente o que alcançou aprender em uma existência precedente; ao entrar no estado a que você chama de *crise*, ele se recorda, mas nem sempre de maneira completa; ele sabe, mas não teria como dizer donde vêm nem como possui tais conhecimentos. Passada a crise, toda a recordação se desfaz e ele retorna à obscuridade.”

A experiência demonstra que os sonâmbulos recebem também comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que eles devem dizer e que suprem sua insuficiência; isto se percebe sobretudo nas prescrições médicas: o Espírito do sonâmbulo vê o mal, um outro lhe indica o remédio. Esta dupla ação é às vezes patente e se revela, por outro lado, através destas expressões assaz frequentes: *alguém* me diz para dizer, ou *alguém* me proíbe de dizer tal coisa. Neste último caso, existe sempre perigo em insistir para obter uma revelação recusada, porque então a gente se expõe aos Espíritos levianos, que falam de tudo sem escrúpulo e sem se importarem com a verdade.

432. Como explicar a visão a distância em certos sonâmbulos.

“Não se transporta a alma durante o sono? É a mesma coisa no sonambulismo.”

433. Até-se o desenvolvimento maior ou menor da clarividência sonambúlica à organização física ou à natureza do Espírito encarnado?

“A uma e à outra; existem disposições físicas que permitem ao Espírito desprender-se mais ou menos facilmente da matéria.”

434. São as faculdades que usufrui o sonâmbulo as mesmas do Espírito após a morte?

“Até um certo ponto, pois é preciso considerar a influência da matéria à qual ele se acha ainda ligado.”

435. Consegue o sonâmbulo ver os outros Espíritos?

“A maior parte os vê muito bem; isso depende do nível e da natureza de sua lucidez; mas, às vezes, eles não se dão conta disso bem no começo, e os tomam por seres corpóreos; isso sucede, sobretudo, aos que não possuem nenhum conhecimento do espiritismo; eles não compreendem ainda a essência dos Espíritos, o que os assusta: eis porque creem ver os vivos.”

O mesmo efeito se produz no momento da morte nos que se creem ainda vivos. Nada em torno de si lhes parece mudado, os Espíritos lhes parecem possuir corpos semelhantes aos nossos e eles confundem a aparência de seu próprio corpo com um corpo real.

436. O sonâmbulo que enxerga a distância vê do ponto em que se situa seu corpo ou daquele em que se situa sua alma?

“Por que tal questão, uma vez que é a alma que vê e não o corpo?”

437. Dado que é a alma que se transporta, como consegue o sonâmbulo sentir no corpo o calor ou o frio do lugar em que se acha sua alma, que está, às vezes, bem longe de seu corpo?

“A alma não deixou inteiramente o corpo; ela fica presa sempre através do vínculo que a une a ele, e é esse vínculo o condutor das sensações. Quando duas pessoas se correspondem de uma cidade a outra através da eletricidade, é a eletricidade que constitui o vínculo entre seus pensamentos; eis porque elas se comunicam como se estivessem uma ao lado da outra.”

438. Influi o uso que um sonâmbulo faz de sua faculdade sobre o estado de seu Espírito após a morte?

“Muito, como o uso bom ou mau de todas as faculdades que Deus propiciou ao homem.”

## Êxtase.

439. Qual é a diferença entre o êxtase e o sonambulismo?

“Trata-se de um sonambulismo mais depurado; a alma do extático é ainda mais independente.”

440. Penetra o Espírito do extático realmente nos mundos superiores?

“Sim, ele os vê e compreende a felicidade dos que ali estão; eis porque ele desejaria ficar lá; mas são mundos inacessíveis aos Espíritos que não estão assaz purificados.”

441. Uma vez que exprime o extático o desejo de deixar a Terra, fala ele com sinceridade, sem que seja obstado pelo instinto de conservação?

“Isso depende do nível de purificação do Espírito; caso veja sua posição futura melhor que sua vida presente, ele se esforça para romper os vínculos que o atam à Terra.”

442. Caso se abandone o extático a si mesmo, poderia sua alma definitivamente deixar seu corpo?

“Sim, ele pode morrer; eis porque é preciso chamá-lo através de tudo o que possa ligá-lo a este mundo e, sobretudo, fazendo que entreveja que, caso ele quebrasse o grilhão que o retém aqui, esse seria o verdadeiro meio de não permanecer onde ele está percebendo que ficaria feliz.”

443. Existem coisas que o extático pretende ter visto e que constituem, evidentemente, o produto de uma imaginação impressionada pelas crenças e pelos preconceitos terrestres. Não é, portanto, real tudo quanto ele vê?

“O que ele vê é real para ele; mas, como seu Espírito está sempre sob a influência das ideias terrestres, ele pode enxergar à sua maneira, ou melhor, exprimi-lo em uma linguagem adequada a seus preconceitos e às ideias com que foi criado ou às de vocês, a fim de melhor fazer-se compreender; é nesse sentido sobretudo que ele pode errar.”

444. Quanto de confiança a gente pode depositar nas revelações dos extáticos?

“O extático pode muito frequentemente enganar-se, sobretudo quando deseja penetrar no que tem que continuar um mistério para o homem, pois aí ele se abandona às suas próprias ideias ou bem se torna o joguete de Espíritos farsantes *que tiram proveito de seu entusiasmo* para fasciná-lo.”

445. Que consequências se podem deduzir dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase? Não seriam um tipo de iniciação à vida futura?

“Ou, para dizer melhor, trata-se da vida passada e da vida futura que o homem vislumbra. Que ele estude esses fenômenos e encontrará aí a solução de mais de um mistério que sua razão procura inutilmente penetrar.”

446. Poderiam os fenômenos do sonambulismo e do êxtase ajustar-se ao materialismo?

“Quem os estuda de boa-fé e sem prevenção não pode ser nem materialista, nem ateu.”

## Dupla vista.

447. Apresenta o fenômeno designado pelo nome de *dupla vista* relação com o sonho e o sonambulismo?

“Tudo isso mais não é do que u’a mesma coisa; o que você chama de *dupla vista* se refere ainda ao Espírito, que se acha mais livre, conquanto o corpo não esteja adormecido. A dupla vista é a vista da alma.”

448. É permanente a dupla vista?

“A faculdade, sim; o exercício, não. Nos mundos menos materiais que o seu, os Espíritos se soltam mais facilmente e entram em comunicação através unicamente do pensamento, sem excluir, todavia, a linguagem articulada; por isso a dupla vista constitui, para a maioria, uma faculdade permanente; seu estado normal pode ser comparado ao dos seus sonâmbulos lúcidos, e é também essa a razão por que eles se manifestam a vocês mais facilmente do que os que estão encarnados em corpos mais grosseiros.”

449. Desenvolve-se a dupla vista espontaneamente ou pela vontade de quem dela está dotado?

“O mais das vezes ela é espontânea, mas muitas vezes também a vontade desempenha um importante papel. Assim, tome como exemplo certas pessoas que a gente chama de ledoras da sorte, dentre as quais algumas possuem esse poder, e você verá que é a vontade que as ajuda a penetrar nessa dupla vista e naquilo que você chama de visão.”

450. É Suscetível a dupla vista de se desenvolver através do exercício?

“Sim, o trabalho traz sempre o progresso, e o véu que tolda as coisas se aclara.”

— Prende-se esta faculdade à organização física?

“Com certeza a organização desempenha aí um papel; existem organizações que são avessas a isso.”

451. Donde vem o fato de que a dupla vista parece hereditária em certas famílias?

“Similitude de organização, que se transmite como as outras qualidades físicas; além disso, desenvolvimento da faculdade através de um tipo de educação que se transmite também de um a outro.”

452. É verdade que certas circunstâncias desenvolvem a dupla vista?

“A doença, a iminência de um perigo, uma grande comoção podem desenvolvê-la. O corpo se acha, às vezes, em uma condição especial que permite ao Espírito perceber o que vocês não conseguem ver com os olhos do corpo.”

Os tempos de crise e de calamidades, as grandes emoções, todas as causas que superexcitam o moral provocam, às vezes, o desenvolvimento da dupla vista. Parece que a Providência, em presença do perigo, nos concede o meio de conjurá-lo. Todas as seitas e todos os partidos sob perseguição oferecem numerosos exemplos disso.

453. Possuem sempre as pessoas dotadas da dupla vista consciência disso?

“Nem sempre; trata-se para elas, de uma coisa de todo natural, e muitas creem que, caso todo o mundo se examinasse, teria que ser igual a elas.”

454. Poderia a gente atribuir a um tipo de dupla vista a perspicácia de certas pessoas que, sem nada possuir de extraordinário, julgam as coisas com maior precisão que as outras?

“É sempre a alma que se irradia mais livremente e que julga melhor que sob o véu da matéria.”

— É capaz tal faculdade, em certos casos, de propiciar a presciência das coisas?

“Sim; ela propicia também os pressentimentos, pois existem muitos níveis nesta faculdade, e a mesma pessoa é capaz de possuir todos os níveis ou de possuir apenas alguns.”

## Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista.

455. Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem de modo espontâneo e são independentes de toda causa exterior conhecida; mas, para certas pessoas dotadas de uma conformação especial, eles têm como ser provocados artificialmente, através da ação do agente magnético.

O estado designado pelo nome de *sonambulismo magnético* só difere do sonambulismo natural porque um é provocado e o outro é espontâneo.

O sonambulismo natural é um fato notório que ninguém pensa colocar em dúvida, malgrado o maravilhoso dos fenômenos que apresenta. Que de mais extraordinário ou de mais irracional haveria, assim, no sonambulismo magnético, já que é produzido de forma artificial, como tantas outras coisas? Os charlatães, dizem, o exploraram; maior razão para não ser deixado em suas mãos. Quando a ciência se houver apossado dele, o charlatanismo

terá bem menos crédito nas massas; mas, entretanto, como o sonambulismo, natural ou artificial, constitui um fato e como contra o fato não existe um só argumento possível, ele adquire crédito, malgrado a má vontade de alguns, e isso na ciência mesmo, onde entra através de uma infinidade de portinhas ao invés de passar pelo portal; quando ali se achar instalado, será preciso outorgar-lhe direito de cidadania.

Para o espiritismo, o sonambulismo é mais que um fenômeno fisiológico, é uma luz lançada sobre a psicologia; é nele que se pode estudar a alma, porquanto se mostra aí a descoberto; ora, um dos fenômenos através dos quais a alma se caracteriza é o da clarividência independente dos órgãos da vista. Os que contestam esse fato se baseiam em que o sonâmbulo nem sempre vê nem atende à vontade do experimentador, como com os olhos. É de admirar que, sendo os meios diferentes, os efeitos não sejam mais os mesmos? É lógico requerer efeitos idênticos quando o instrumento não existe mais? A alma possui suas propriedades como o olho possui as dele; é preciso julgá-los em si mesmos, e não através de comparação.

A causa da clarividência do sonâmbulo magnético e do sonâmbulo natural é identicamente a mesma: *trata-se de um atributo da alma*, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que se acha em nós, e que apenas possui os limites que se assinalaram para a própria alma. Ele enxerga por toda a parte para onde sua alma consiga transportar-se, qualquer que seja a distância.

Na visão a distância, o sonâmbulo não vê as coisas do ponto em que se situa seu corpo, e como através de um efeito telescópico. Ele as vê presentes, e como se estivesse no local em que elas estão, porquanto sua alma ali está na realidade; eis porque seu corpo permanece como anulado e parece privado da faculdade de sentir, até o momento em que a alma volta para retomar-lhe a posse. Essa separação parcial da alma e do corpo constitui um estado anormal que pode ter uma duração mais ou menos longa mas não indefinida; eis a causa da fadiga que o corpo sente após um certo tempo, sobretudo quando a alma se dá a um trabalho ativo.

Não estando a vista da alma ou do Espírito circunscrita e não tendo uma sede determinada, eis o que explica por que os sonâmbulos não lhe conseguem assinalar um órgão especial; eles veem porque veem, sem saber nem por que nem como, não possuindo a vista um foco próprio para eles na condição de Espírito. *Caso eles se refiram a seu corpo*, esse foco lhes parece estar nos centros em que a atividade vital é a maior, principalmente no cérebro, na região do epigástrico ou no órgão que, para eles, é o ponto de conexão *mais firme* entre o Espírito e o corpo.

O poder da lucidez sonambúlica não é de forma alguma indefinido. O Espírito, mesmo completamente livre, se acha limitado em suas faculdades e em seus conhecimentos, conforme o nível de perfeição a que haja chegado; e se acha mais ainda limitado quando está ligado à matéria, cuja influência sofre. Tal é a causa pela qual a clarividência sonambúlica não é nem universal nem infalível. Tanto menos se pode confiar em sua infalibilidade, quanto mais a afastem do objetivo a que se propôs a natureza e quanto mais dela se faça um objeto de curiosidade e de *experimentação*.

No estado de desprendimento em que se vê o Espírito do sonâmbulo, ele entra em comunicação mais fácil com os outros Espíritos *encarnados* ou *não encarnados*; tal comunicação se estabelece através do contato dos fluidos que compõem os perispíritos e

servem para transmissão do pensamento, como o fio elétrico. O sonâmbulo não precisa, portanto, que o pensamento seja articulado através da palavra: ele o sente e adivinha; eis o que o torna eminentemente sensitivo e acessível às influências da atmosfera moral em que está colocado. Eis também porque uma concorrência numerosa de espectadores, e sobretudo de curiosos mais ou menos perversos, prejudica essencialmente o desenvolvimento de suas faculdades, que se retraem, por assim dizer, sobre si mesmas, e só se desdobram com toda a liberdade na vida particular e em um ambiente favorável. *A presença de pessoas malvadas ou antipáticas produz sobre ele o efeito do contato da mão sobre a dormideira.*

O sonâmbulo vê a um tempo seu próprio Espírito e seu corpo; eles constituem, por assim dizer, dois seres que lhe representam a dupla existência espiritual e corpórea, os quais, todavia, se confundem através dos vínculos que os unem. Nem sempre o sonâmbulo se compenetra dessa situação, e essa *dualidade* faz que amiúde fale de si como se falasse de uma pessoa estranha; sucede que ora é o ser corpóreo que fala ao ser espiritual, ora é o ser espiritual que fala ao ser corpóreo.

O Espírito adquire um acréscimo de conhecimento e de experiência a cada uma de suas existências corpóreas. Ele os esquece em parte durante sua encarnação em u'a matéria muito grosseira, *mas se lembra deles como Espírito*. Eis como certos sonâmbulos revelam conhecimentos superiores ao nível de sua instrução e mesmo de suas faculdades intelectuais aparentes. A inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo durante a vigília não pressupõe nada, pois, quanto aos conhecimentos que pode revelar quando lúcido. Conforme as circunstâncias e o fim a que se proponha, ele tem como colhê-los em sua própria experiência, na clarividência das coisas presentes, ou nos conselhos que recebe de outros Espíritos; mas, como seu próprio Espírito pode ser mais ou menos adiantado, ele pode dizer coisas mais ou menos corretas.

Através dos fenômenos do sonambulismo, seja natural, seja magnético, a Providência nos dá a prova irrefragável da existência e da independência da alma e nos faz assistir ao espetáculo sublime de sua emancipação; é assim que ela nos abre o livro de nosso destino. Quando o sonâmbulo descreve o que se passa a distância, fica evidente que ele vê, e isso não através dos olhos do corpo; ele se vê ali a si mesmo, e para lá se sente transportado; existe, pois, nesse mundo, algo dele e, não sendo esse algo seu corpo, tão só pode ser sua alma ou seu Espírito. Enquanto o homem se perde nas sutilezas de u'a metafísica abstrata e ininteligível, para correr em busca das causas de nossa existência moral, Deus coloca diariamente sob seus olhos e sob sua mão os meios mais simples e mais patentes para o estudo da psicologia experimental.

O êxtase é o estado no qual a independência da alma e do corpo se manifesta da maneira mais sensível e se torna de certa forma palpável.

No sonho e no sonambulismo, a alma erra nos mundos terrestres; no êxtase, ela penetra em um mundo desconhecido, no dos Espíritos etéreos com os quais ela entra em comunicação, sem, todavia, poder ultrapassar certos limites que ela não conseguiria vencer sem quebrar totalmente os liames que a prendem ao corpo. Um estado resplandecente de todo novo a envolve, harmonias desconhecidas na Terra a arrebatam, um bem-estar indefinível a penetra: ela usufrui por antecipação a beatitude celeste, e se pode dizer que ela põe um pé no umbral da eternidade.

No êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo; ele mais não tem, por assim dizer, do que a vida orgânica, e se sente que a alma se prende a ele por não mais que um fio, que um esforço a mais faria romper para sempre.

Nesse estado, todos os pensamentos terrestres desaparecem para dar lugar ao sentimento purificado que é a essência mesma de nosso ser imaterial. Por inteiro nessa contemplação sublime, o extático considera a vida como uma estância temporária; para ele, os bens e os males, as alegrias grosseiras e as misérias deste mundo não passam de incidentes fúteis de uma viagem cujo término ele fica feliz de ver.

Sucedem aos extáticos como aos sonâmbulos: sua lucidez pode ser mais ou menos perfeita, e seu próprio Espírito, segundo seja mais ou menos elevado, é também mais ou menos apto a conhecer e a compreender as coisas. Existe, às vezes, neles mais exaltação que verdadeira lucidez, ou melhor, sua exaltação afeta sua lucidez; eis porque suas revelações são amiúde u'a mescla de verdades e de erros, de coisas sublimes e de coisas absurdas ou mesmo ridículas. Existem espíritos inferiores que com frequência tiram proveito dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza quando não se sabe refreá-la, para dominar o extático, e, para isso, eles se revestem aos seus olhos de *aparências* que o conservam com suas ideias ou preconceitos da vigília. Eis aí um escolho, mas não são todos assim; compete a nós julgar friamente e sopesar suas revelações na balança da razão.

A emancipação da alma se manifesta, às vezes, na vigília e produz o fenômeno designado pelo nome de *dupla vista*, que atribui aos que dele são dotados a faculdade de ver, de ouvir e de sentir *para além dos limites de nossos sentidos*. Eles percebem as coisas ausentes por toda a parte para onde a alma estenda sua ação; eles as veem, por assim dizer, por meio da visão, e como que através de uma espécie de miragem.

No momento em que se produz o fenômeno da dupla vista, o estado físico fica sensivelmente modificado; o olhar apresenta qualquer coisa de vago: ele olha sem ver; toda a fisionomia reflete uma espécie de exaltação. A gente verifica que os órgãos da vista ficam estranhos, uma vez que a visão persiste malgrado a oclusão dos olhos.

Esta faculdade parece, aos que desfrutam dela, natural tanto quanto a de enxergar; trata-se para eles de um atributo de seu ser que não lhes parece excepcional. O esquecimento acompanha, o mais das vezes, essa lucidez passageira, cuja lembrança, mais e mais vaga, finda por desaparecer como a de um sonho.

O poder da dupla vista varia desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. Em estado rudimentar, ela propicia a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança nos seus atos a que se pode denominar de *precisão do vislumbre moral*. Mais desenvolvida, desperta os pressentimentos; mais desenvolvida ainda, mostra os acontecimentos realizados ou prestes a se realizar.

O sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a dupla vista são apenas variedades ou modificações de u'a mesma causa; tais fenômenos, como os sonhos, se acham na natureza; eis porque eles existiram todo o tempo: a história nos mostra que foram conhecidos e mesmo explorados desde a mais alta antiguidade, e a gente neles encontra a explicação de uma grande quantidade de fatos que os preconceitos fizeram considerar como sobrenaturais.

## CAPÍTULO IX

# INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPÓREO

1. Penetração de nosso pensamento pelos Espíritos. — 2. Influência oculta dos Espíritos sobre nossos pensamentos e sobre nossas ações. — 3. Dos possessos. — 4. Convulsionários. — 5. Afeição dos Espíritos por certas pessoas. — 6. Anjos guardiães; Espíritos protetores, familiares ou simpáticos. — 7. Presentimentos. — 8. Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida. — 9. Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza. — 10. Os Espíritos durante os combates. — 11. Dos pactos. — 12. Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros. — 13. Bênção e maldição.

### **Penetração de nosso pensamento pelos Espíritos.**

456. Veem os Espíritos tudo o que nós fazemos?

“Eles conseguem ver porquanto vocês se acham sem parar cercados deles; mas cada um não vê senão as coisas sobre as quais volta sua atenção, pois das que lhe sejam indiferentes não se ocupa.”

457. Conseguem os Espíritos conhecer nossos mais secretos pensamentos?

“Muitas vezes eles conhecem o que vocês gostariam de esconder de vocês mesmos; nem atos, nem pensamentos lhes podem ser dissimulados.”

— Sendo assim, pareceria mais fácil esconder uma coisa a uma pessoa viva, sem que o possamos fazer a essa mesma pessoa após sua morte.

“Com certeza, e, quando vocês se julgam bem escondidos, têm amiúde a seu lado uma infinidade de Espíritos que os veem.”

458. O que pensam de nós os Espíritos que nos cercam e que nos observam?

“Isso depende. Os Espíritos zombeteiros se riem das pequenas travessuras que lhes promovem e escarnecem de suas impaciências. Os Espíritos sérios se condoem de suas extravagâncias e tratam de ajudá-los.”

## **Influência oculta dos Espíritos sobre nossos pensamentos e sobre nossas ações.**

459. Influem os Espíritos sobre nossos pensamentos e sobre nossas ações?

“Nesse aspecto, sua influência é maior do que vocês imaginam, pois, com muita frequência, são eles que os dirigem.”

460. Temos nós pensamentos que nos são próprios e outros que nos são sugeridos?

“Sua alma é um Espírito que pensa; vocês não ignoram que muitos pensamentos lhes chegam ao mesmo tempo, sobre o mesmo assunto, e muitas vezes bem contrários uns aos outros. Muito bem! Sempre existem aí dos seus e dos nossos; eis o que os põe na incerteza, porque possuem em vocês duas ideias que se digladiam.”

461. Como distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?

“Quando um pensamento é sugerido, é como uma voz que lhes fala. Os pensamentos próprios são, em geral, os do primeiro ímpeto. De resto, não existe um grande interesse para vocês nessa distinção, e é útil, em muitos casos, que não o saibam: o homem age mais livremente; caso se decida pelo bem, ele o fará mais espontaneamente; caso tome o mau caminho, ele avoca mais responsabilidade.”

462. Recolhem sempre os homens de inteligência e de gênio suas ideias de seu próprio cabedal?

“Às vezes as ideias provêm de seu próprio Espírito, mas é frequente que lhes sejam sugeridas por outros Espíritos, que os julgam capazes de as compreender e dignos de as transmitir. Quando não as acham em si, apelam para a inspiração; é uma evocação o que fazem, sem atinarem com isso.”

Caso fosse útil que nós pudéssemos distinguir claramente nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos teria para isso concedido o meio, como nos concede o de distinguir o dia e a noite. Quando uma coisa resta vaga, é que tal fato favorece o bem.

463. A gente diz, às vezes, que o primeiro ímpeto é sempre bom; isto é exato?

“Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom para quem ouve as boas inspirações.”

464. Como distinguir se um pensamento sugerido provém de um bom ou de um mau Espírito?

“Estudem o fato: os bons Espíritos só aconselham o bem; compete a vocês fazer a distinção.”

465. Com que objetivo os Espíritos imperfeitos nos impelem para o mal?

“Para fazê-los sofrer como eles.”

— Isso diminui seus sofrimentos?

“Não, mas eles o fazem por inveja ao ver seres mais felizes.”

— Sofrimento de que natureza desejam eles que se suporte?

“Os resultantes de serem de uma ordem inferior e afastada de Deus.”

466. Por que Deus permite que os Espíritos nos excitem para o mal?

“Os Espíritos imperfeitos são os instrumentos destinados a patentear a fé e a constância dos homens no bem. Você, sendo Espírito, tem que progredir no conhecimento do infinito; eis porque passa pelas provações do mal para chegar ao bem. Nossa missão é de colocá-lo no bom caminho, e, quando más influências agem sobre você, é você quem as chama através do desejo do mal, pois os Espíritos inferiores vêm em sua ajuda no mal quando você possui a vontade de cometê-lo; eles tão só conseguem ajudá-lo no mal quando você deseja o mal. Caso você seja inclinado ao homicídio, muito bem, você terá uma nuvem de Espíritos que manterão esse pensamento em você; mas também terá outros que buscarão influenciá-lo para o bem, o que faz que se equilibre a balança e o deixe senhor dela.”

Eis como Deus deixa para nossa consciência a escolha da rota que nós temos que seguir, e a liberdade de ceder a uma ou a outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.

467. Consegue a gente livrar-se da influência dos Espíritos que incentivam para o mal?

“Sim, pois eles se apegam apenas aos que os incentivam através de seus desejos ou os atraem através de seus pensamentos.”

468. Renunciam a seus intentos os Espíritos cuja influência é repelida através da vontade?

“Que deseja você que eles façam? Quando não existe nada que fazer, eles cedem o lugar; todavia, eles ficam espreitando o momento favorável, como o gato espreita o camundongo.”

469. Por qual meio pode a gente neutralizar a influência dos maus Espíritos?

“Praticando o bem e depositando toda a sua confiança em Deus, vocês repudiam a influência dos Espíritos inferiores e destroem o império que eles desejam obter sobre vocês. Guardem-se de ouvir as sugestões dos Espíritos que lhes incentivam os maus pensamentos, que insuflam a discórdia entre vocês e lhes excitam todas as más paixões. Desconfiem sobretudo dos que exaltam seu orgulho, pois eles os pegam através de sua fraqueza. Eis aqui porque Jesus os faz dizer na oração dominical: Senhor! Não nos deixe cair em tentação, mas livre-nos do mal.”

470. Receberam os Espíritos que buscam induzir-nos ao mal, e que põem assim à prova nossa firmeza no bem, a missão de fazê-lo e, caso seja u’a missão que cumprem, assumirão a responsabilidade dela?

“Nenhum Espírito recebe a missão de praticar o mal; quando o pratica, é por sua própria vontade e, por conseguinte, sofre-lhe as consequências. Deus pode deixar que o

faça para pôr vocês à prova, mas ele não lhe determina isso, competindo a vocês rebatê-lo.”

471. Quando nós provamos um sentimento de angústia, de ansiedade indefinível ou de satisfação íntima sem causa conhecida, isso se prende unicamente a uma disposição física?

“Trata-se quase sempre, com efeito, de comunicações que vocês mantêm à revelia com os Espíritos, ou que mantiveram com eles durante o sono.”

472. Tiram os Espíritos que desejam excitar-nos ao mal tão só proveito das circunstâncias em que nos achamos, ou podem dar origem a essas circunstâncias?

“Eles se aproveitam da circunstância, mas com frequência eles a provocam, incitando-os à sua revelia para o objeto de sua ganância. Assim, por exemplo, um homem encontra em seu caminho uma soma de dinheiro: não creia que foram os Espíritos que trouxeram o dinheiro para esse lugar, mas eles têm como propiciar ao homem o pensamento de se dirigir para esse lado, e então o pensamento lhe é sugerido por eles para se apossar da quantia, ao passo que outros lhe sugerem o de devolver o dinheiro a quem pertence. Passa-se o mesmo com todas as outras tentações.”

## Dos possessos.

473. Pode um Espírito, temporariamente, revestir o invólucro de uma pessoa viva, quer dizer, introduzir-se em um corpo animado e agir em nome de quem nele se acha encarnado?

“O Espírito não entra em um corpo como você entra em uma casa; ele se ajusta a um Espírito encarnado com os mesmos defeitos e as mesmas qualidades para agir conjuntamente; mas é sempre o Espírito encarnado que atua como deseja sobre a matéria de que se reveste. Um Espírito não é capaz de substituir o que está encarnado, pois o Espírito e o corpo ficam unidos até a hora marcada para o término da existência material.”

474. Se não existe possessão propriamente dita, quer dizer, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, é a alma capaz de se achar na dependência de um outro Espírito, de maneira a ser *subjugada* ou *obsedada* por ele, a ponto que sua vontade fique de algum modo paralisada?

“Sim, e são esses os verdadeiros possessos; mas compenetre-se de que esta dominação não se dá jamais sem a participação de quem a sofre, *seja por sua fraqueza*, seja por seu desejo. Muitas vezes se tomaram por possessos epiléticos ou loucos, que tinham mais precisão de médico que de exorcismo.”

A palavra *possesso*, em sua acepção comum, pressupõe a existência de demônios, quer dizer, de uma categoria de seres de natureza ruim, e a coabitação de um desses seres com a alma no corpo de um indivíduo. Uma vez que não existem demônios *nesse sentido* e que dois Espíritos não conseguem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não existem possessos segundo a ideia ligada a essa palavra. A palavra *possesso* apenas deve entender-se como a dependência absoluta em que a alma pode achar-se em relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem.

475. É uma pessoa capaz, por si mesma, de afastar os maus Espíritos e de se livrar de sua dominação?

“A gente consegue sempre sacudir um jugo quando se possui firme determinação.”

476. Não pode ocorrer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja tal que a pessoa subjugada não se aperceba disso? Então, é capaz uma terceira pessoa de fazer cessar a sujeição e, nesse caso, que condição tem ela que preencher?

“Caso se trate de um homem de bem, sua vontade pode ajudar, em apelando para o concurso de bons Espíritos, pois, mais se é *homem de bem*, mais se possui poder sobre os Espíritos imperfeitos, para os afastar, e sobre os bons, para os atrair. Contudo, ele seria impotente, caso quem esteja *subjugado* não se preste ao auxílio; existem pessoas que se comprazem em uma dependência que lisonjeia seus gostos e seus desejos. Em todos os casos, aquele cujo coração não é puro não consegue ter nenhuma influência; os bons Espíritos o menosprezam e os maus não o temem.”

477. Possuem as fórmulas de exorcismo alguma eficácia sobre os maus Espíritos?

“Não; quando tais Espíritos veem alguém tomar a coisa a sério, eles riem disso e se obstinam.”

478. Existem pessoas animadas de boas intenções e que nem por isso são menos obsedadas; qual é o melhor meio de se libertarem dos Espíritos obsessores?

“Cansar sua paciência, não levar em nenhuma consideração suas sugestões, demonstrar que eles perdem seu tempo; então, quando percebem que não têm nada que fazer, eles se vão.”

479. Constitui a prece um meio eficaz para curar a obsessão?

“A prece constitui um poderoso socorro para tudo; mas compenetrem-se de que não basta murmurar algumas palavras para obter o que se deseja. Deus assiste aos que trabalham, e não aos que se limitam a pedir. é preciso, pois, que o obsedado faça de seu lado o que seja necessário para destruir em si mesmo a causa que atrai os maus Espíritos.”

480. Que se deve pensar da expulsão de demônios de que se fala no Evangelho?

“Isso depende da interpretação. Caso vocês chamem de *demônio* um Espírito ruim que subjuga um indivíduo, quando sua influência houver sido destruída, ele terá sido verdadeiramente rechaçado. Caso vocês atribuam uma doença ao demônio, quando houverem curado a doença, vocês irão dizer também que expulsaram o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa conforme o sentido que se dê às palavras. As maiores verdades podem parecer absurdas, quando a gente apenas olha a forma e quando toma a alegoria pela realidade. Compreendam bem isto e retenham-no: serve para uma aplicação geral.”

## Convulsionários.

481. Desempenham os Espíritos um papel nos fenômenos que se produzem junto aos indivíduos designados pelo nome de convulsionários?

“Sim, muito grande, assim como o magnetismo, em que se encontra a origem deles; mas o charlatanismo vem com frequência explorando e exagerando esses efeitos, o que os colocou em ridículo.”

— De que natureza são, em geral, os Espíritos que concorrem para essas espécies de fenômenos?

“Pouco elevados; creem vocês que Espíritos superiores se divirtam com semelhantes coisas?”

482. Como consegue o estado anormal dos convulsionários e dos arrebatados desenvolver-se subitamente em toda uma população?

“Efeito simpático; as disposições morais se comunicam muito facilmente em certos casos; a vocês não são demasiado estranhos os efeitos magnéticos para não compreenderem isso, e a parte que certos Espíritos devem tomar aí, por simpatia aos que os provocam.”

Entre as faculdades estranhas que se observam entre os convulsionários, é fácil de reconhecer as de que o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos: tais são, entre outras, a insensibilidade física, o conhecimento do pensamento alheio, a transmissão das dores por afinidade etc. A gente não tem, portanto, como duvidar de que esses arrebatados estejam em uma espécie de sonambulismo desperto, provocado pela influência que exercem uns sobre os outros. Eles são, de uma só vez, magnetizadores e magnetizados, à revelia.

483. Qual é a causa da insensibilidade física que se observa seja junto a certos convulsionários, seja junto a outros indivíduos submetidos às torturas mais atrozes?

“Para alguns, trata-se de um efeito exclusivamente magnético que atua sobre o sistema nervoso do mesmo modo que certas substâncias. Para outros, a exaltação do pensamento perturba a sensibilidade, porquanto a vida parece retirar-se do corpo para se situar no Espírito. Não sabem vocês que, quando o Espírito está excessivamente preocupado com uma coisa, o corpo não sente, não enxerga e não escuta nada?”

A exaltação fanática e o entusiasmo oferecem amiúde, nas execuções, o exemplo de uma calma e de um sangue-frio que não poderiam triunfar de uma dor aguda, caso não se admitisse que a sensibilidade se acha neutralizada através de uma espécie de efeito anestésico. É sabido que, no calor do combate, a gente não se apercebe muitas vezes de uma ferida grave, ao passo que, nas circunstâncias ordinárias, um arranhão faria estremecer.

Uma vez que esses fenômenos dependem de uma causa física e da ação de certos Espíritos, a gente pode perguntar como foi possível depender do poder público para fazê-los cessar, em certos casos. A razão disso é simples. A ação dos Espíritos aqui é apenas secundária; eles tão somente tiram proveito de uma disposição natural. O poder público não suprimiu tal disposição, mas a causa que a mantinha e a exaltava; de ativa ele a tornou latente, e teve razão para agir assim, porquanto os casos se transformavam em abuso e escândalo. É sabido, de resto, que essa intervenção é impotente quando a ação dos Espíritos é direta e espontânea.

### **Afeição dos Espíritos por certas pessoas.**

484. Afeiçãoam-se os Espíritos preferencialmente por certas pessoas?

“Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem, ou suscetíveis de melhorar-se; os Espíritos inferiores, com os homens viciosos ou que têm como tornar-se; daqui sua ligação, conseqüente da semelhança das sensações.”

485. É a afeição dos Espíritos por certas pessoas exclusivamente moral?

“A afeição verdadeira não possui nada de carnal; mas, quando um Espírito se liga a uma pessoa, nem sempre é por afeição; é possível que ele mescle aí uma lembrança das paixões humanas.”

486. Interessam-se os Espíritos por nossas desgraças e por nossa prosperidade? Os que gostam de nós se afligem pelos males que provamos durante a vida?

“Os bons Espíritos praticam quanto bem seja possível e ficam felizes com todas as suas alegrias. Eles se afligem com seus males, quando vocês não os suportam com resignação, uma vez que tais males ficam sem proveito; pois vocês são como o doente que rejeita a beberagem amarga que pode curá-lo.”

487. De que natureza de mal os Espíritos mais se afligem por nós: do mal físico ou do mal moral?

“Seu egoísmo e sua rigidez de coração: daí provém tudo; eles riem de todos esses males imaginários que nascem do orgulho e da ambição; eles se rejubilam com os que alcançam o efeito de abreviar seu tempo de provação.”

Os Espíritos, sabendo que a vida corpórea é efêmera e que as tribulações que a acompanham constituem meios de atingir um estado melhor, afligem-se mais com as causas morais, que nos afastam dele, que com os males físicos, que são passageiros.

Os Espíritos pouco se preocupam com as desgraças que afetam apenas nossas ideias mundanas, como procedemos com os desgostos pueris da infância.

O Espírito que vê nas aflições da vida um meio de adiantamento para nós considera-as como a crise temporária que pode salvar o doente. Ele se compadece de nossos sofrimentos como nós nos compadecemos dos de um amigo; mas, vendo as coisas de uma perspectiva mais correta, ele as avalia diferentemente de nós, e, enquanto os bons levantam nosso ânimo no interesse de nosso futuro, os outros nos excitam ao desespero com o fito de comprometê-lo.

488. Têm por nós nossos parentes e nossos amigos que nos precederam na outra vida mais simpatia que os Espíritos que nos são estranhos?

“Sem dúvida, e com frequência eles os protegem como Espíritos, segundo seu poder.”

— São eles sensíveis à afeição que lhes conservamos?

“Muito sensíveis, mas eles se esquecem dos que se esquecem deles.”

### **Anjos guardiães; Espíritos protetores, familiares ou simpáticos.**

489. Existem Espíritos que se ligam a um indivíduo em particular para protegê-lo?

“Sim, o *irmão espiritual*; é o que vocês chamam o *bom Espírito* ou o *bom gênio*.”

490. Que se deve entender por anjo guardião?

“O Espírito protetor de uma categoria elevada.”

491. Qual é a missão do Espírito protetor?

“A de um pai em relação a seus filhos: conduzir seu protegido no bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo em suas aflições, sustentar sua coragem nas provações da vida.”

492. Liga-se o Espírito protetor ao indivíduo a partir de seu nascimento?

“A partir do nascimento até a morte, e muitas vezes ele o segue após a morte, na vida espírita, e mesmo em diversas existências corpóreas, pois essas existências são somente fases bem curtas da vida do Espírito.”

493. É a missão do Espírito protetor voluntária ou obrigatória?

“O Espírito é obrigado a velar sobre vocês porque aceitou essa tarefa, mas lhe está afeta a escolha dos seres que lhe são simpáticos. Para uns, trata-se de um prazer; para outros, de u’ a missão ou de um dever.”

— Ligando-se a uma pessoa, o Espírito renuncia a proteger outros indivíduos?

“Não, mas ele o faz menos exclusivamente.”

494. Acha-se o Espírito protetor fatalmente ligado ao ente confiado à sua guarda?

“Sucede com frequência que certos Espíritos deixam sua posição para cumprir diversas missões; mas, então, se dá uma substituição.”

495. Abandona o Espírito protetor, às vezes, seu protegido, quando este se rebela contra suas recomendações?

“Ele se aparta quando percebe seus conselhos inúteis e quando a vontade de receber a influência dos Espíritos inferiores é mais forte; mas ele não o abandona completamente e se dá a ouvir sempre; é então o homem que cerra os ouvidos. Ele retorna assim que o chamem.

“Eis uma doutrina que deveria converter os mais incrédulos por seu encanto e por sua doçura: a dos anjos guardiães. Pensar que se possui sempre junto a si seres que lhes são superiores, que estão sempre ali para aconselhá-los, sustentá-los, ajudá-los a galgar a áspera montanha do bem, que são amigos mais seguros e mais devotados que as mais íntimas uniões que é possível obter-se na Terra, não é uma ideia bem consolante? Esses seres se acham ali por ordem de seu Deus; é ele quem os pôs junto a vocês; eles se acham ali pelo amor dele, e cumprem junto a vocês uma bela mas penosa missão. Sim, em qualquer lugar em que estejam, ele estará consigo: nas celas, nos hospitais, nos locais de libertinagem, na solidão, nada os separa desse amigo que vocês não podem ver, mas cujos incentivos mais doces sua alma sente e cujos sábios conselhos escuta.

“Se vocês conhecessem melhor esta verdade, quantas vezes ela os ajudaria nos momentos de crise; quantas vezes ela os salvaria dos maus Espíritos! Mas, naquele dia grandioso, esse anjo do bem terá de lhes dizer muitas vezes: ‘Eu não lhe disse isso? E você não fez. Eu não lhe mostrei o abismo? E você aí se precipitou. Eu não dei a ouvir em sua consciência a voz da verdade? E você não seguiu os conselhos da mentira?’ Ah! Questionem seus anjos guardiães; estabeleçam entre eles e vocês essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. Não pensem em lhes esconder nada, pois eles possuem a vista de Deus e vocês não conseguem enganá-los. Imaginem o futuro; procurem

adiantar-se nesta vida: suas provações serão aí mais breves, suas existências mais felizes. Vamos, homens, coragem! Mandem para longe de vocês, de uma vez por todas, preconceitos e segundas intenções; adentrem o novo caminho que se abre diante de si. Avancem! Avancem! Vocês possuem guias; sigam-nos: não há de lhes faltar o objetivo, pois esse objetivo é Deus, ele mesmo.

“Aos que vierem a pensar que é impossível a Espíritos verdadeiramente elevados restringirem-se a uma tarefa tão laboriosa e contínua, nós diremos que nós influenciemos suas almas mesmo estando a muitos milhões de léguas de vocês: para nós o espaço não é nada e, ainda que vivendo em um outro mundo, nossos Espíritos conservam sua ligação com o seu. Nós usufruímos de qualidades que vocês não têm como compreender, mas estejam seguros de que Deus não nos impôs uma tarefa acima de nossas forças, nem os abandonou sozinhos na Terra, sem amigos e sem recursos. Cada anjo guardião tem seu protegido sobre quem vela, como um pai vela por seu filho, e fica feliz quando o vê no bom caminho; ele lamenta quando seus conselhos são menosprezados.

“Não receiem fatigar-nos com suas questões; continuem, ao contrário, sempre em relação conosco: vocês ficarão mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada homem com o seu Espírito familiar que fazem a todos os homens médiuns, médiuns desconhecidos hoje em dia, mas que se manifestarão mais tarde, e que se espalharão como um oceano sem limites para rechaçar a incredulidade e a ignorância. Homens instruídos, instruem; homens de talento, ensinem seus irmãos. Vocês não sabem que serviço vocês prestam assim: é o do Cristo, é o que Deus lhes impõe. Por que Deus lhes forneceu a inteligência e o conhecimento senão para compartilhar com seus irmãos, para fazê-los avançar na estrada da felicidade e da bem-aventurança eterna?!”

SÃO LUÍS, SANTO AGOSTINHO.

A doutrina dos anjos guardiães, velando por seus protegidos malgrado a distância que separa os mundos, não tem nada que possa surpreender; ela é, ao contrário, grande e sublime. Não vemos nós na Terra um pai velar por seu filho, conquanto esteja distante, ajudá-lo com seus conselhos por meio de correspondência? Que existiria, pois, de espantoso em que os Espíritos possam guiar os que tomam sob sua proteção, de um mundo a outro, uma vez que para eles a distância que separa os mundos é menor que aquela que separa os continentes? Não possuem eles, além disso, o fluido universal que une todos os mundos e os faz solidários; veículo imenso da transmissão do pensamento, como o ar é para nós o veículo da transmissão do som?

496. Pode o Espírito que abandona seu protegido, não lhe fazendo mais o bem, fazer-lhe o mal?

“Os bons Espíritos não fazem jamais o mal; eles deixam que os que lhes tomam o lugar o façam; então vocês acusam a sorte pelas infortúnios que os afligem, conquanto a culpa seja sua.”

497. Pode o Espírito protetor deixar seu protegido à mercê de um Espírito que pudesse querê-lo mal?

“Há uma união dos maus Espíritos com o fito de neutralizar a ação dos bons; mas, caso o protegido deseje, ele propiciará toda força a seu bom Espírito. O bom Espírito talvez ache alguém de boa vontade para ajudar em outro lugar; e ele o faz, enquanto aguarda seu retorno para junto de seu protegido.”

498. Quando o Espírito protetor deixa seu protegido desencaminhar-se na vida, trata-se de impotência de sua parte para lutar contra os Espíritos malfazejos?

“Não é porque não possa, mas porque não quer: seu protegido sai das provações mais perfeito e mais instruído; ele o assiste com seus conselhos através dos bons pensamentos que lhe sugere, mas que, infelizmente, nem sempre são escutados. É apenas a fraqueza, a negligência ou o orgulho do homem que proporcionam a força aos maus Espíritos; seu poder sobre vocês vem tão só do fato de que vocês não lhes opõem resistência.”

499. Acha-se o Espírito protetor continuamente com seu protegido? Não existe circunstância alguma em que, sem o abandonar, ele o perca de vista?

“Existem circunstâncias em que a presença do Espírito protetor não é necessária ao lado de seu protegido.”

500. Chega um momento em que o Espírito não mais tem necessidade do anjo guardião?

“Sim, quando ele chega ao ponto de poder conduzir-se a si mesmo, como chega um momento em que o estudante não mais tem necessidade de professor; mas isso não se dá na sua Terra.”

501. Por que a ação dos Espíritos sobre nossa existência é oculta, e por que, quando nos protegem, eles não o fazem de um modo ostensivo?

“Caso vocês contassem com o apoio deles, vocês não agiriam por si mesmos, e seu Espírito não progrediria. Para que ele possa avançar, precisa de experiência e é necessário muitas vezes que a adquira às suas custas; ele precisa exercitar suas forças, sem o que seria como uma criança que a gente não permitisse andar sozinha. A ação dos Espíritos que desejam o bem para vocês é sempre regrada de maneira a lhes deixar seu livre-arbítrio, pois, se vocês não tivessem responsabilidade, não avançariam na via que deve conduzi-los para Deus. O homem, não percebendo que o amparam, se louva em suas próprias forças; seu guia, no entanto, vela por ele e, de tempos em tempos, lhe brada para pressentir o perigo.”

502. Consegue o Espírito protetor que tem êxito em levar seu protegido pelo bom caminho um bem qualquer para si mesmo com isso?

“Trata-se de um mérito que lhe será tido em conta, seja para seu próprio adiantamento, seja para sua felicidade. Ele fica feliz ao ver seus cuidados coroados de sucesso; ele aí triunfa como um preceptor triunfa com os sucessos do seu pupilo.”

— É ele responsável, caso não tenha êxito?

“Não, pois ele fez o que dependia dele.”

503. Experimenta o Espírito protetor que vê seu protegido seguir um mau caminho, malgrado seus avisos, algum sofrimento, e não constitui isso para ele uma causa de perturbação de sua felicidade?

“Ele deplora os erros dele e o lastima; mas tal aflição não apresenta os desgostos da paternidade terrestre, porque ele sabe que existe remédio para o mal, e que o que não se faz hoje se fará amanhã.”

504. Podemos nós sempre saber o nome do nosso Espírito protetor ou anjo guardião?

“Como esperam saber nomes que não existem para vocês? Acreditam vocês, assim, que existem entre os Espíritos apenas os que vocês conhecem?”

— Como então invocá-lo, se a gente não o conhece?

“Forneçam-lhe o nome que quiserem, o de um Espírito superior por quem vocês tenham simpatia ou veneração; seu Espírito protetor virá a esse apelo; pois todos os bons Espíritos são irmãos e se assistem entre si.”

505. Os Espíritos protetores que tomam nomes conhecidos são sempre realmente os Espíritos das pessoas que levavam esses nomes?

“Não, mas Espíritos que lhes são simpáticos e que quase sempre vêm por sua ordem. Vocês precisam de nomes: então, eles assumem um que lhes inspire confiança. Quando vocês não têm como cumprir u’a missão em pessoa, vocês enviam um representante que age em seu nome.”

506. Quando nos acharmos na vida espírita reconheceremos nosso Espírito protetor?

“Sim, pois com frequência vocês o conheciam antes de sua encarnação.”

507. Pertencem todos os Espíritos protetores à classe dos Espíritos superiores? Podem eles se achar entre os médios? Pode um pai, por exemplo, tornar-se Espírito protetor de seu filho?

“Pode, mas a proteção pressupõe um certo nível de elevação, e um poder ou uma virtude a mais facultada por Deus. O pai que protege seu filho pode, ele mesmo, se achar assistido por um Espírito mais elevado.”

508. Alcançam sempre os Espíritos que deixaram a Terra em boas condições proteger os que eles amam e que lhes sobrevivem?

“Seu poder é mais ou menos restrito; a situação em que se acham nem sempre lhes dá total liberdade de ação.”

509. Possuem igualmente os homens em estado selvagem ou de inferioridade moral seus Espíritos protetores; e, neste caso, tais Espíritos pertencem a uma ordem tão elevada quanto à dos homens muito adiantados?

“Cada homem possui um Espírito que vela por ele, mas as missões mantêm relação com seu objeto. Vocês não oferecem a uma criança que está aprendendo a ler um professor de filosofia. O progresso do Espírito familiar é proporcional ao do Espírito protegido. Possuindo vocês mesmos um Espírito superior que vela por vocês, vocês podem, por seu turno, tornar-se protetores de um Espírito que lhes seja inferior, e os progressos que os ajudarem a realizar contribuirão para o adiantamento de vocês. Deus não pede ao Espírito mais do que comportam sua natureza e o nível a que haja chegado.”

510. Quando o pai que vela por seu filho vem a se reencarnar, vela ele ainda por ele?

“Isso é mais difícil, mas ele roga, em um momento de liberdade, a um Espírito simpático para assisti-lo em tal missão. De resto, os Espíritos só aceitam missões que tenham como cumprir até o fim.

“O Espírito encarnado, sobretudo nos mundos em que a existência é material, se acha muitíssimo preso ao corpo para conseguir ser inteiramente devotado, isto é, para poder dar assistência pessoal; eis porque os não são assaz elevados se acham eles mesmos assistidos por Espíritos que lhes são superiores, de sorte que, se um se ausentar, por uma causa qualquer, será substituído por um outro.”

511. Além do Espírito protetor, a cada indivíduo se acha ligado um mau Espírito com o fito de empurrá-lo para o mal e de lhe oferecer uma ocasião de lutar entre o bem e o mal?

“Ligado não é a palavra. É bem verdade que os maus Espíritos buscam desviar do bom caminho quando encontram ocasião; mas, quando um deles se liga a um indivíduo, ele o faz por si mesmo, porquanto espera ser ouvido; então se dá a luta entre o bom e o mau, e vence aquele a quem o homem permite que se assenhoreie dele.”

512. Podemos nós possuir vários Espíritos protetores?

“Cada homem possui sempre Espíritos simpáticos mais ou menos elevados que gostam dele e se interessam por ele, como possui, também, os que o acompanham no mal.”

513. Agem os Espíritos simpáticos em consequência de u’a missão?

“Às vezes, eles podem ter u’a missão temporária; o mais das vezes, porém, eles são atraídos apenas pela similitude de pensamentos e de sentimentos, tanto no bem, quanto no mal.”

— Parece resultar disso que podem os Espíritos simpáticos ser bons ou maus.

“Sim, o homem sempre acha Espíritos que simpatizam com ele, seja qual for seu caráter.”

514. São os Espíritos familiares os mesmos Espíritos simpáticos ou Espíritos protetores?

“Existem bastantes nuances na proteção e na simpatia; deem-lhes os nomes que quiserem. O Espírito familiar é, acima de tudo, o amigo do lar.”

Das explicações acima e das observações realizadas a respeito da natureza dos Espíritos que se vinculam ao homem, a gente pode deduzir o que segue:

O Espírito protetor, anjo guardião ou bom gênio, é o que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. Ele é sempre de uma natureza superior relativamente à do protegido.

Os Espíritos familiares se vinculam a certas pessoas através de liames mais ou menos duradouros, tendo em vista ser-lhes úteis no limite de seu poder com frequência assaz restrito; eles são bons, mas, às vezes, pouco adiantados e mesmo um pouco levianos; eles se ocupam espontaneamente com os detalhes da vida íntima e agem apenas por ordem ou com a permissão dos Espíritos protetores.

Os Espíritos simpáticos são os que provocam em nós afeições particulares e uma certa similitude de gostos e de sentimentos, no bem como no mal. A duração de suas relações se acha quase sempre subordinada às circunstâncias.

O mau gênio é um Espírito imperfeito ou perverso que se vincula ao homem com o fito de afastá-lo do bem; mas ele age por sua própria determinação e não em virtude de u’a missão. Sua tenacidade se dá em função do acesso mais fácil ou mais difícil que encontre. O homem se acha sempre livre para escutar sua voz ou para repudiá-lo.

515. Que se deve pensar dessas pessoas que parecem vincular-se a certos indivíduos para empurrá-los fatalmente para sua perda ou para guiá-los na boa estrada?

“Certas pessoas exercem, com efeito, sobre as outras uma espécie de fascinação que parece irresistível. Quando isso ocorre para o mal, trata-se de maus Espíritos de que se

servem outros maus Espíritos para melhor subjugar. Deus é capaz de permiti-lo para prová-los.”

516. Poderiam nosso bom e nosso mau gênio encarnar-se para nos acompanhar na vida de um modo mais direto?

“Isso ocorre às vezes; mas muitas vezes também eles encarregam de tal missão outros Espíritos encarnados que lhes são simpáticos.”

517. Existem Espíritos que se vinculam a toda uma família para protegê-la?

“Certos Espíritos se vinculam aos membros de u’a mesma família que vivem juntos e que se acham unidos por afeição, mas não acreditem em Espíritos protetores do orgulho das raças.”

518. Sendo os Espíritos impelidos para os indivíduos por simpatia a eles, são atraídos igualmente para as reuniões de indivíduos, por razões particulares?

“Os Espíritos vão de preferência aonde se encontram seus pares; ali eles ficam à vontade e mais seguros de serem escutados. O homem atrai para si os Espíritos em razão de suas tendências, estando sozinho ou formando um todo coletivo, como uma sociedade, uma cidade ou um povo. Existem, portanto, sociedades, cidades e povos que são assistidos por Espíritos mais ou menos elevados, conforme o caráter e as paixões que ali predominam. Os Espíritos imperfeitos se afastam dos que os rejeitam; daqui resulta que o aperfeiçoamento moral dos *todos coletivos*, como o dos indivíduos, tende a apartar os maus Espíritos e a atrair os bons, que excitam e mantêm o sentimento do bem nas massas, como outros são capazes de insuflar nelas as más paixões.”

519. Possuem as aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, seus Espíritos protetores especiais?

“Sim, pois tais reuniões são individualidades coletivas que avançam com um objetivo comum e que têm necessidade de uma direção superior.”

520. São os Espíritos protetores das massas de uma natureza mais elevada que os que se vinculam aos indivíduos?

“Tudo se acha em relação ao nível de adiantamento das massas como dos indivíduos.”

521. Conseguem certos Espíritos auxiliar no progresso das artes ao protegerem os que delas se ocupam?

“Existem Espíritos protetores especiais e que assistem aos que os invocam, caso os julguem dignos disso; mas que esperam vocês que eles façam com os que julgam ser o que não são? Eles não fazem os cegos ver nem os surdos ouvir.”

Os antigos os transformaram em divindades especiais; as Musas mais não eram que a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como também eles designavam com o nome de lares e de penates os Espíritos protetores da família. Entre os modernos, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, as regiões possuem também seus padroeiros ou protetores, que não são outros senão Espíritos superiores, mas com outros nomes.

Possuindo cada homem Espíritos que lhe são simpáticos, resulta daí que, nos *todos coletivos*, a generalidade dos Espíritos simpáticos mantém equilíbrio com a generalidade dos indivíduos; que os Espíritos estranhos são para eles atraídos pela identidade de gostos e de pensamentos; em suma, que esses grupos, tanto quanto os indivíduos, são mais ou menos bem cercados, assistidos e influenciados conforme a natureza dos pensamentos da multidão.

Quanto aos povos, as causas de atração dos Espíritos são os costumes, os hábitos, o caráter dominante, as leis sobretudo, porque o caráter da nação se reflete em suas leis. Os homens que fazem imperar a justiça entre eles combatem a influência dos maus Espíritos. Por todo lugar onde a lei consagra as coisas injustas, contrárias à humanidade, os bons Espíritos ficam em minoria e a massa dos maus que afluem conserva a nação em suas ideias e paralisa as boas influências parciais perdidas na multidão, como um cacho de flores isolado no meio dos espinheiros. Ao estudar os costumes dos povos ou de qualquer grupo humano, fica, portanto, fácil fazer uma ideia da população oculta que se imiscui em seus pensamentos e em suas ações.

## Presentimentos.

522. Constitui o presentimento sempre uma advertência do Espírito protetor?

“O presentimento é o conselho íntimo e oculto de um Espírito que lhes deseja o bem. Constitui também a intuição da escolha que se efetuou; é a voz do instinto. O Espírito, antes de se encarnar, conhece as principais fases de sua existência, quer dizer, do tipo de provas em que se insere; quando apresentam um caráter relevante, ele conserva delas uma espécie de sentimento em seu foro íntimo, e esse sentimento, que é a voz do instinto, despertando quando o momento se aproxima, torna-se presentimento.”

523. Os presentimentos e a voz do instinto apresentam sempre algo de impreciso; que devemos nós fazer na incerteza?

“Quando você se acha indeciso, invoque seu bom Espírito, ou *rogue ao senhor de todos nós, Deus, para que lhe envie um de seus mensageiros, um de nós.*”

524. Apresentam as advertências de nossos Espíritos protetores como finalidade única a conduta moral, ou também a conduta que se deve ter nas coisas da vida privada?

“Tudo; eles buscam fazê-los viver o melhor possível; mas amiúde vocês cerram o ouvido aos bons avisos e se tornam infelizes por culpa sua.”

Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos através da voz da consciência que eles fazem falar em nós; mas como nós nem sempre damos a importância necessária a isso, eles nos proporcionam meios mais diretos, servindo-se de pessoas que nos rodeiam. Que cada um examine as diversas circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida, e perceberá que, em muitas ocasiões, recebeu conselhos de que nem sempre tirou proveito e que lhe teriam economizado bastantes aborrecimentos, caso os tivesse escutado.

## Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida.

525. Exercem os Espíritos uma influência sobre os acontecimentos da vida?

“Certamente, uma vez que eles lhe dão conselhos.”

— Exercem eles tal influência de diferente forma além dos pensamentos que sugerem, quer dizer, exercem uma ação direta sobre a efetivação das coisas?

“Sim, mas eles não atuam jamais fora das leis da natureza.”

Nós imaginamos erroneamente que a ação dos Espíritos deva tão só manifestar-se através de fenômenos extraordinários; nós desejaríamos que eles nos viessem em ajuda por meio de milagres, e nós os representamos sempre armados de uma varinha de condão. Não é assim que acontece em absoluto; eis porque a intervenção deles nos parece oculta, e o que se dá através de seu concurso nos assemelha de todo natural. Assim, por exemplo, eles provocarão a reunião de duas pessoas que parecerão encontrar-se por acaso; eles inspirarão a qualquer um o pensamento de passar por tal sítio; eles chamarão sua atenção para tal ponto, caso isso possa trazer-lhes o resultado que desejam obter; de sorte que o homem, acreditando seguir apenas sua própria impulsão, conserva sempre seu livre-arbítrio.

526. Sendo capazes os Espíritos de uma ação sobre a matéria, podem eles provocar certos efeitos, tendo em vista realizar um evento? Por exemplo, um homem tem que falecer: ele sobe em uma escada, a escada se arrebenta e o homem morre; foram os Espíritos que arrebentaram a escada para realizar o destino de tal homem?

“É bem verdade que os Espíritos atuam na matéria, mas para a realização das leis da natureza e não para derogá-las, em fazendo surgir em determinado ponto um evento inesperado e contrário a essas leis. No exemplo que você menciona, a escada se parte porque se acha carunchada ou porque não era assaz forte para suportar o peso do homem; caso estiver no destino desse homem falecer dessa maneira, eles lhe inspirarão o pensamento de subir nessa escada, que deverá partir-se sob seu peso e sua morte ocorrerá através de um efeito natural e sem que seja preciso realizar um milagre para isso.”

527. Tomemos um outro exemplo em que o estado natural da matéria não interfira; um homem tem que falecer através de um raio: ele se refugia sob uma árvore, o raio explode e ele morre. É possível que os Espíritos tenham provocado o raio e o tenham dirigido sobre ele?

“Trata-se ainda da mesma coisa. O raio explodiu sobre tal árvore, naquele momento, porque estava nas leis da natureza que assim se desse; ele não foi em absoluto direcionado para tal árvore porque o homem estivesse debaixo dela, mas foi inspirado ao homem o pensamento de se refugiar sob uma árvore sobre a qual o raio devia explodir; pois a árvore não deixaria de ser ferida, só porque o homem estava ou não estava debaixo dela.”

528. Um homem mal intencionado arremessa sobre alguém um projétil que passa rente e não o atinge. Pode um Espírito benfazejo tê-lo desviado?

“Caso o indivíduo não tenha que ser atingido, o Espírito benfazejo lhe inspirará o pensamento de se desviar, ou bem poderá turvar a vista a seu inimigo de modo a fazê-lo visar mal; pois o projétil, uma vez lançado, segue a linha que tem que percorrer.”

529. Que se pode pensar das balas encantadas de que se trata em algumas lendas e que fatalmente atingem um alvo?

“Pura imaginação: o homem ama o maravilhoso e não se contenta com as maravilhas da natureza.”

— Podem os Espíritos que dirigem os eventos da vida ser afrontados por Espíritos que desejariam o contrário?

“O que Deus deseja tem que suceder; caso haja atraso ou impedimento, trata-se de sua vontade.”

530. Não são capazes os Espíritos levianos e zombeteiros de provocar esses pequenos entraves que vêm opor-se a nossos projetos e contrariar nossas previsões; em

suma, são eles os autores do que se chama vulgarmente de pequenas misérias da vida humana?

“Eles se alegram com tais travessuras, as quais constituem para vocês provações, a fim de exercitar sua paciência; mas eles se cansam quando percebem que não obtêm êxito. Todavia, não seria nem justo nem correto sobrecarregá-los com todas as suas decepções, cujos primeiros artífices são vocês mesmos, por seu atordoamento; pois compenetre-se de que, caso a sua louça se quebre, trata-se antes de um descuido seu do que dos Espíritos.”

— Agem os Espíritos que suscitam as travessuras por conta de uma animosidade pessoal, ou bem eles atacam o primeiro que chega, sem motivo determinado, unicamente por má índole?

“Por uma e outra; às vezes são inimigos que se arrumam durante esta vida ou em uma outra, e que os perseguem; outras vezes, não existem motivos.”

531. Extingue-se a hostilidade dos seres que nos prejudicaram na Terra com sua vida corpórea?

“Amiúde, eles reconhecem sua injustiça e o mal que praticaram, mas muitas vezes também os perseguem com sua animosidade, caso Deus o permita, para continuar a prová-los.”

— Pode colocar-se um fim a isso? Por qual meio?

“Sim, a gente pode rogar por eles, e retribuindo-lhes com o bem o mal, até acabem por compreender seus erros; aliás, caso se saiba colocar-se acima de suas maquinações, eles pararão ao perceber que não ganham nada com isso.”

A experiência comprova que certos Espíritos prosseguem com sua vingança de uma existência a outra, e que se expia assim, cedo ou tarde, os prejuízos que a gente pode ter causado a qualquer um.

532. Possuem os Espíritos o poder de desviar os males que recaem sobre certas pessoas, e de atrair sobre elas a prosperidade?

“Não inteiramente, pois existem males que se acham nos planos da Providência; mas eles amenizam suas dores, propiciando-lhes a paciência e a resignação.

“Saibam também que depende muitas vezes de vocês desviar tais males ou, ao menos, atenuá-los. Deus lhes concedeu a inteligência para vocês servirem-se dela, e é através dela sobretudo que os Espíritos vêm em sua ajuda, sugerindo-lhes pensamentos propícios; mas eles somente assistem aos que sabem assistir-se a si mesmos; eis o sentido destas palavras: Procurem e acharão, batam e lhes será aberto.

“Compenetrem-se ainda de que o que lhes parece um mal nem sempre é um mal; muitas vezes, deve surtir daí um bem que será maior que o mal; eis o que vocês não compreendem, porque ficam pensando apenas no momento presente ou em sua pessoa.”

533. Alcançam os Espíritos fazer que se obtenham os dons da fortuna, caso a gente lhes peça tal efeito?

“Às vezes, como provação, mas muitas vezes eles negam, como a gente nega a uma criança que faz um pedido sem cabimento.”

— São os bons ou os maus Espíritos que proporcionam tais favores?

“Uns e outros; isso depende da intenção; o mais das vezes são os Espíritos que desejam arrastá-los para o mal e que acham um meio fácil dentre os prazeres que oferece a fortuna.”

534. Quando os obstáculos parecem vir fatalmente opor-se a nossos projetos, seria através da influência de algum Espírito?

“Às vezes, dos Espíritos; outras vezes, e com mais frequência, ocorre que vocês não são habilidosos. A posição e o caráter influem bastante. Caso vocês se obstinem em uma rota que não é a sua, os Espíritos não têm nada com isso; são vocês que se constituem em seu próprio gênio do mal.”

535. Quando nos sucede algo feliz, é a nosso Espírito protetor que temos que agradecer?

“Agradeçam sobretudo a Deus, sem cuja permissão nada se realiza; depois, aos bons Espíritos, que foram os agentes dele.”

— Que sucederia caso a gente desleixasse o agradecimento?

“O que sucede aos ingratos.”

— No entanto, existem muitas pessoas que não rezam nem agradecem e a quem tudo dá certo.

“Sim, mas precisa ver o fim; eles pagarão bem caro por essa felicidade passageira que não merecem, pois, quanto mais tiverem recebido, tanto mais terão para reconhecer.”

### **Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza.**

536. São devidos os grandes fenômenos da natureza, os que a gente considera como uma perturbação dos elementos, a causas fortuitas, ou bem possuem todos um objetivo providencial?

“Tudo apresenta uma razão de ser e nada sucede sem a permissão de Deus.”

— Têm sempre tais fenômenos o homem por objeto?

“Às vezes, eles possuem uma razão de ser vinculada ao homem, mas, com frequência também, eles não têm outro escopo senão o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da natureza.”

— Nós concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primária, aí como em todas as coisas; mas, como sabemos que os Espíritos apresentam uma ação sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, nós perguntamos se alguns deles não exerceriam uma influência sobre os elementos para agitá-los, acalmá-los ou dirigi-los.

“Mas é evidente; isso não pode ser de outro jeito; Deus não se dá a uma ação direta sobre a matéria; ele possui seus agentes devotados, em todos os níveis da escala dos mundos.”

537. A mitologia dos antigos se acha inteiramente sedimentada nas ideias espíritas, com a diferença de que eles viam os Espíritos como divindades; por isso, eles nos

representam esses deuses ou esses Espíritos com atribuições especiais; assim, uns estavam encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir à vegetação etc.; tal crença é desprovida de fundamento?

“Ela é tão pouco desprovida de fundamento que está ainda bem abaixo da verdade.”

— Pela mesma razão, poderiam, então, existir Espíritos habitando no interior da Terra e presidindo aos fenômenos geológicos?

“Esses Espíritos não habitam exatamente na Terra, mas os presidem e dirigem conforme suas atribuições. Um dia, vocês terão a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderão melhor.”

538. Formam os Espíritos que presidem aos fenômenos da natureza uma categoria especial no mundo espírita? São seres à parte ou Espíritos que se encarnaram como nós?

“Que o serão ou que o foram.”

— Pertencem tais Espíritos às ordens superiores ou inferiores da hierarquia espírita?

“Isso se dá conforme seu papel seja mais ou menos material ou inteligente; uns comandam, outros executam; os que executam as coisas materiais são sempre de uma ordem inferior, entre os Espíritos, como entre os homens.”

539. Na produção de certos fenômenos, tempestades, por exemplo, é um Espírito que atua ou reúnem-se em massa?

“Em massas sem conta.”

540. Atuam os Espíritos que exercem uma ação sobre os fenômenos da natureza com conhecimento de causa, em virtude de seu livre-arbítrio, ou por uma impulsão instintiva ou irrefletida?

“Uns, sim; outros, não. Eu procedo a uma comparação: imagine você essas miríades de animais que, a pouco e pouco, fazem surgir do mar ilhas e arquipélagos; crê você que não existe ali um fim providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária para a harmonia geral? No entanto, são apenas animais do último nível que efetuam essas coisas, dedicados em prover às suas necessidades e sem suspeitar de que são instrumentos de Deus. Muito bem! Do mesmo modo, os Espíritos mais retardados são úteis ao conjunto; enquanto *ensaiam para a vida*, e antes de possuírem plena consciência de seus atos e de seu livre-arbítrio, eles atuam sobre certos fenômenos dos quais são agentes à revelia; eles executam primeiro; mais tarde, quando sua inteligência estiver mais desenvolvida, eles comandarão e dirigirão as coisas do mundo material; mais tarde ainda, eles alcançarão dirigir as coisas do mundo moral. Eis como tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que começou, ele mesmo, do átomo; admirável lei de harmonia, cujo conjunto sua mente limitada não consegue ainda abarcar.”

## Os Espíritos durante os combates.

541. Em uma batalha, existem Espíritos que assistem e apoiam cada facção?

“Sim, e que estimulam sua coragem.”

Desse jeito, outrora, os antigos nos representavam os deuses tomando partido por tal ou qual povo. Aqueles deuses não eram outros senão os Espíritos representados sob figuras alegóricas.

542. Em uma guerra, a justiça se acha sempre de um lado; como tomam partido os Espíritos a favor de quem está errado?

“Vocês bem sabem que existem Espíritos que procuram tão somente a discórdia e a destruição; para eles, guerra é guerra: a justiça da causa pouco lhes dá.”

543. Alcançam certos Espíritos influenciar o general na concepção de seus planos de campanha?

“Sem dúvida alguma, os Espíritos conseguem influenciar nesse aspecto, como em todas as concepções.”

544. Alcançariam maus Espíritos suscitar-lhe táticas ruins com o fito de perdê-lo?

“Sim; mas não possui ele seu livre-arbítrio? Caso seu discernimento não lhe permita distinguir uma ideia correta de uma ideia falsa, ele sofre as consequências disso e faria melhor obedecendo que comandando.”

545. Pode o general, às vezes, ser guiado por uma espécie de dupla vista, uma vista intuitiva que lhe mostra previamente o resultado de suas táticas?

“É como sucede muitas vezes ao homem de gênio; trata-se do que ele chama de inspiração e faz que aja com uma espécie de certeza; tal inspiração lhe chega dos Espíritos que o dirigem e tiram proveito das faculdades de que ele se acha dotado.”

546. No tumulto do combate, em que se transformam os Espíritos dos que sucumbem? Interessam-se ainda por ele, após sua morte?

“Alguns se interessam por ele, outros se afastam dali.”

Nos combates, ocorre o que se dá em todos os casos de morte violenta: no primeiro instante, o Espírito se surpreende e como que se aturde, e não crê estar morto; parece-lhe que ainda toma parte da ação; é apenas a pouco e pouco que a realidade lhe aparece.

547. Reconhecem-se como inimigos, uma vez mortos, os Espíritos que se combatiam enquanto vivos, e se acham ainda encarniçados uns contra os outros?

“O Espírito, nesses momentos, não mantém jamais seu sangue-frio. No primeiro momento, ele pode ainda ter rancor por seu inimigo e até persegui-lo; mas, quando as reflexões lhe tiverem voltado, ele perceberá que sua animosidade não tem mais motivo; contudo, ele será capaz de conservar dela mais ou menos vestígios, conforme seu caráter.”

— Percebe ele ainda o ruído das armas?

“Sim, perfeitamente.”

548. Constitui-se o Espírito que assiste com sangue-frio a um combate, como espectador, em testemunha da separação da alma e do corpo, e como esse fenômeno se apresenta a ele?

“Existem poucas mortes de todo instantâneas. A maior parte do tempo, o Espírito cujo corpo foi ferido mortalmente não tem consciência do momento; quando ele começa a reconhecer-se é então que é capaz de distinguir o Espírito que se move ao lado do cadáver; isso parece tão natural que a vista do corpo morto não produz nenhum efeito desagradável; achando-se toda a vida transportada para o Espírito, só ele atrai a atenção; é com ele que se conversa ou a ele que se comanda.”

## Dos pactos.

549. Existe alguma verdade nos pactos com os maus Espíritos?

“Não, não existem pactos, mas uma natureza ruim simpatizando com Espíritos ruins. Por exemplo: você deseja atormentar seu vizinho e não sabe como fazer; então, você chama a si os Espíritos inferiores que, como você, não desejam senão o mal e, para ajudá-lo, desejam que você os sirva em seus desígnios ruins; mas não se segue que seu vizinho não tenha como se desembaraçar deles através de uma conjuração contrária e através de sua vontade. Quem deseja cometer uma ação ruim chama, por isso mesmo, maus Espíritos em sua ajuda; ele fica então obrigado a servi-los na mesma proporção que eles o servem, pois eles também precisam dele para o mal que desejam praticar. É somente nisso que consiste o pacto.”

A dependência em que o homem se acha, às vezes, quanto aos Espíritos inferiores, provém de seu abandono aos pensamentos ruins que eles lhe sugerem, e não de estipulações quaisquer entre aqueles e ele. O pacto, no sentido vulgar dado a essa palavra, é uma alegoria que retrata uma natureza ruim simpatizando com Espíritos maléficos.

550. Qual é o sentido das lendas fantásticas segundo as quais os indivíduos teriam vendido sua alma a Satã para obter certos favores?

“Todas as fábulas contêm um ensinamento e um sentido moral; o erro de vocês consiste em tomá-las à letra. Essa é uma alegoria que se pode explicar assim: quem chama para sua ajuda os Espíritos para obter deles os dons da fortuna ou qualquer outro favor murmura contra a Providência; ele renuncia à missão que recebeu e às provações que tem de sofrer neste mundo, e arcará com as conseqüências disso na próxima vida. Isso não quer dizer que sua alma esteja para sempre votada à infelicidade; porém, uma vez que, em lugar de se desprender da matéria, ele aí mergulha mais e mais, o que houver usufruído na Terra não usufruirá no mundo dos Espíritos, até que se haja redimido através de novas provações, talvez maiores e mais penosas. Por seu amor aos prazeres materiais, ele se põe sob a dependência dos Espíritos impuros; trata-se entre aqueles e ele de um pacto tácito, que o conduz à sua perda, mas que lhe é sempre fácil de quebrar com a assistência dos bons Espíritos, caso ele tenha firme vontade para isso.”

## Poder oculto. Talismãs. Feitiçarias.

551. Consegue um homem ruim, com a ajuda de um mau Espírito que lhe seja devotado, prejudicar a seu próximo?

“Não, Deus não permitiria.”

552. Que pensar da crença no poder que teriam certas pessoas de lançar sortilégios?

“Certas pessoas possuem um poder magnético muito grande, de que são capazes de fazer um mau uso, caso seu próprio Espírito seja ruim, e, nessa circunstância, elas poderão ser secundadas por outros maus Espíritos; mas não creiam nesse pretensão poder mágico que se acha apenas na imaginação das pessoas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da natureza. Os fatos que a gente cita são fatos naturais mal observados e sobretudo mal compreendidos.”

553. Qual pode ser o efeito das fórmulas e práticas com a ajuda das quais certas pessoas pretendem dispor da vontade dos Espíritos?

“Esse efeito é de fazê-las ridículas, caso sejam de boa-fé; no caso contrário, trata-se de velhacos que merecem um castigo. Todas as fórmulas provêm da charlatanice; não existe palavra alguma sacramental, nenhum signo cabalístico, nenhum talismã que tenha uma ação qualquer sobre os Espíritos, pois estes são atraídos tão somente através do pensamento e não das coisas materiais.”

— Não ditaram certos Espíritos, eles mesmos, às vezes, fórmulas cabalísticas?

“Sim, vocês encontram Espíritos que lhes apontam sinais, palavras bizarras, ou que lhes prescrevem certos atos com a ajuda dos quais vocês realizam o que chamam de conjurações; mas certifiquem-se bem de que se trata de Espíritos que escarnecem de vocês e abusam de sua credulidade.”

554. Quem, errado ou certo, deposita confiança no que chama de a virtude de um talismã, não consegue, através dessa mesma confiança, atrair um Espírito; pois, então, é o pensamento que atua: o talismã não passa de um sinal que ajuda a dirigir o pensamento?

“É verdade; mas a natureza do Espírito atraído depende da pureza da intenção e da elevação dos sentimentos; por isso, é raro que quem seja assaz simples para crer na virtude de um talismã não tenha em mira um alvo mais material que moral; em todos os casos, isso anuncia uma pequenez e uma fraqueza de ideias que abrem campo para os Espíritos imperfeitos e zombeteiros.”

555. Que sentido se deve atribuir à qualificação de feiticeiro?

“Os que vocês chamam de feiticeiros são pessoas que, quando são de boa-fé, se acham dotadas de certas faculdades, como o poder magnético ou a dupla vista; então, como elas fazem coisas que vocês não compreendem, creem vocês que elas estejam dotadas de um poder sobrenatural. Não passaram seus sábios frequentemente por feiticeiros aos olhos das pessoas ignorantes?”

O espiritismo e o magnetismo nos fornecem a chave de uma grande quantidade de fenômenos com os quais a ignorância adornou uma infinidade de fábulas, em que os fatos são exagerados pela imaginação. O conhecimento esclarecido dessas duas ciências, que não fazem mais que uma, por assim dizer, ao mostrarem a realidade das coisas e

sua verdadeira causa, é a melhor defesa contra as ideias supersticiosas, porquanto demonstra o que é possível e o que é impossível, o que se acha nas leis da natureza e o que é apenas uma crença ridícula.

556. Possuem certas pessoas verdadeiramente o dom de curar através do simples toque?

“O poder magnético pode ir até aí, quando se encontra secundado pela pureza de sentimentos e um ardente desejo de praticar o bem, pois, então, os bons Espíritos acorrem em ajuda; mas é preciso desconfiar da maneira pela qual as coisas são narradas por pessoas demasiado crédulas ou demasiado entusiastas, sempre dispostas a ver o maravilhoso nas coisas mais simples e mais naturais. É preciso também desconfiar dos relatos interesseiros por parte de pessoas que exploram a credulidade em seu proveito.”

## 12. Bênção e maldição.

557. Conseguem a bênção e a maldição atrair o bem e o mal sobre os que constituem seu objeto?

“Deus não ouve em absoluto uma maldição injusta, e quem a pronuncia é culpado a seus olhos. Como nós possuímos os dois gênios opostos, o bem e o mal, pode dar-se aí uma influência temporária, mesmo sobre a matéria; mas tal influência ocorre sempre somente através da vontade de Deus e como acréscimo de provação para quem dela é objeto. Aliás, o mais das vezes a gente amaldiçoa os maus e abençoa os bons. A bênção e a maldição não são capazes jamais de afastar a Providência da estrada da justiça; ela não atinge o maldito, caso ele não seja mau, e sua proteção não recobre senão quem a merece.”

## CAPÍTULO X

# OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS

558. Têm os Espíritos algo mais que fazer além de se melhorarem pessoalmente?

“Eles concorrem para a harmonia do universo, executando as vontades de Deus, de quem são os ministros. A vida espírita é uma ocupação contínua, mas que não possui nada de penoso como na Terra, porque não existem nem fadiga corpórea, nem as inquietações da necessidade.”

559. Preenchem também os Espíritos inferiores e imperfeitos um papel útil no universo?

“Todos possuem deveres a cumprir. Não concorre o último dos pedreiros para construir o edifício tanto quanto o arquiteto?” (540.)

560. Possuem os Espíritos, de per si, atributos especiais?

“Significa que todos nós temos que habitar em todo lugar e adquirir o conhecimento de todas as coisas, tendo, sucessivamente, atribuições especiais em todas as partes do universo. Mas, como está dito no Eclesiastes, existe um tempo para tudo; assim, um cumpre hoje seu destino neste mundo, outro cumprirá ou cumpriu em um outro tempo, sobre a terra, na água, no ar etc.”

561. São permanentes para cada um as funções que preenchem os Espíritos na ordem das coisas e são atribuições exclusivas de certas classes?

“Todos devem percorrer os diferentes níveis da escala para se aperfeiçoar. Deus, que é justo, não teria como desejar oferecer a uns o conhecimento sem trabalho, ao passo que outros o adquirem tão somente com sacrifício.”

Dá-se o mesmo como entre os homens: ninguém atinge o grau mais alto da habilidade em alguma arte sem haver absorvido os conhecimentos necessários pela prática nos setores mais ínfimos de tal arte.

562. Permanecem os Espíritos da ordem mais elevada, não tendo mais nada que adquirir, em um repouso absoluto, ou possuem também eles ocupações?

“Que queria você que eles fizessem durante a eternidade? A ociosidade eterna constituiria um suplício eterno.”

— Qual é a natureza de suas ocupações?

“Receber diretamente as ordens de Deus, transmiti-las em todo o universo e velar por sua execução.”

563. São incessantes as ocupações dos Espíritos?

“Incessantes, sim, caso se considere que seu pensamento se acha sempre ativo, pois eles vivem através do pensamento. Mas não se pode nivelar as ocupações dos Espíritos às ocupações materiais dos homens; a atividade constitui-lhes mesmo um prazer, pela consciência que têm de ser úteis.”

— Isso a gente concebe quanto aos bons Espíritos; mas se passa o mesmo quanto aos Espíritos inferiores?

“Os Espíritos inferiores possuem ocupações adequadas à sua natureza. Confiam vocês ao operário braçal e ao ignorante os trabalhos do homem intelectual?”

564. Existem entre os Espíritos os que são ociosos ou que não se ocupam de nada útil?

“Sim, mas tal estado é temporário e subordinado ao desenvolvimento de sua inteligência. Com certeza, existem desses, como entre os homens, que só vivem para si mesmos; mas essa ociosidade lhes pesa e, cedo ou tarde, o desejo de avançar lhes faz provar a carência de atividade e eles ficam felizes com lhes ser possível tornarem-se úteis. Nós falamos de Espíritos chegados ao ponto de possuir a consciência de si mesmos e de seu livre-arbítrio; pois, em sua origem, eles são como crianças que acabam de nascer e que agem mais através de instinto que através de uma vontade determinada.”

565. Examinam os Espíritos nossos trabalhos de arte e se interessam por eles?

“Eles examinam o que alcança comprovar a elevação dos Espíritos e seu progresso.”

566. Interessa-se de preferência um Espírito que possuiu uma especialidade na Terra, um pintor, um arquiteto, por exemplo, pelos trabalhos que foram objeto de sua predileção durante a vida?

“Tudo se confunde em um plano geral. Caso seja bom, ele se interessa por isso à medida que lhe permita ajudar as almas a se elevarem para Deus. Vocês se esquecem, de resto, de que um Espírito que praticou uma arte na existência em que vocês o conheceram pode haver praticado outra em uma outra existência, pois é preciso que ele tudo saiba para ser perfeito; assim, conforme seu nível de adiantamento, é possível que não haja, na existência atual, especialidade para ele; eis o que eu entendia ao dizer que tudo isso se confunde em um plano geral. Observem ainda o seguinte: o que é sublime para vocês, em seu mundo atrasado, é tão só criancice nos mundos mais adiantados. Como esperam vocês que os Espíritos que habitam esses mundos, onde existem artes desconhecidas para vocês, admirem o que, para eles, não passa de um trabalho de aluno? Eu lhes afirmo: eles examinam o que pode comprovar o progresso.”

— Nós concebemos que deva ser assim em relação aos Espíritos muito adiantados; mas nós falamos de Espíritos mais comuns e que não se acham de fato ainda elevados acima das ideias terrestres.

“Para estes, é diferente; seu ponto de vista é mais limitado e eles conseguem admirar o que vocês mesmos admiram.”

567. Intrometem-se os Espíritos às vezes em nossas ocupações e em nossos lazeres?

“Os Espíritos comuns, como você diz, sim; esses permanecem sempre em torno de vocês e compartilham aquilo que vocês fazem, às vezes de modo muito ativo, conforme sua natureza; e isso é bastante necessário para impelir os homens nas diferentes sendas da vida, para excitar ou moderar suas paixões.”

Os Espíritos se ocupam das coisas deste mundo em função de sua elevação ou de sua inferioridade. Os Espíritos superiores possuem sem dúvida a faculdade de examiná-las em seus pormenores, mas eles só o fazem enquanto isso seja útil ao progresso; só os Espíritos inferiores atribuem a isso uma importância de acordo com as lembranças que se acham ainda presentes em sua memória, e às ideias materiais que não foram de fato extintas ainda.

568. Os Espíritos que possuem missões para cumprir executam-nas no estado de errantes ou no estado de encarnados?

“Eles são capazes de realizá-las em um e outro estado; para certos Espíritos errantes, trata-se de uma importante ocupação.”

569. Em que consistem as missões de que podem ser encarregados os Espíritos errantes?

“Elas são tão variadas que seria impossível descrevê-las; existem, de resto, as que vocês não são capazes de compreender. Os Espíritos executam as vontades de Deus e vocês não têm como penetrar todos os seus desígnios.”

As missões dos Espíritos visam sempre ao bem. Seja como Espíritos, seja como homens, eles estão encarregados de ajudar o progresso da humanidade, dos povos ou dos indivíduos, em um círculo de ideias mais ou menos vasto, mais ou menos especial, de preparar os caminhos para certos eventos, de velar pelo cumprimento de certas coisas. Alguns têm missões mais restritas e de algum modo pessoais ou de todo locais, como de assistir os doentes, os agonizantes, os aflitos, de velar por aqueles de quem se transformaram em guias e protetores, de dirigi-los através de seus conselhos ou dos bons pensamentos que sugerem. Pode-se dizer que existem tantos tipos de missões quantas são as espécies de interesses a preservar, seja no mundo físico, seja no mundo moral. O Espírito avança conforme a maneira pela qual cumpre sua tarefa.

570. Penetram os Espíritos sempre os desígnios que se acham encarregados de executar?

“Não; existem os que se constituem em instrumentos cegos, mas outros sabem muito bem em que sentido agem.”

571. Existem apenas Espíritos elevados cumprindo missões?

“A importância das missões mantém correlação com as habilidades e a elevação do Espírito. O estafeta que porta um despacho preenche também u’a missão, que não é, porém, a do general.”

572. É imposta ao Espírito a missão ou depende de sua vontade?

“Ele a solicita e fica feliz em obtê-la.”

— Pode a mesma missão ser requerida por vários Espíritos?

“Sim, existem sempre vários candidatos, mas não se aceitam todos.”

573. Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados?

“Em instruir os homens, em ajudá-los em seu progresso, em melhorar suas instituições através de meios diretos e materiais; mas as missões são mais ou menos gerais

e importantes: quem cultiva a terra cumpre u'a missão, como quem governa ou quem instrui. Tudo se encadeia na natureza; ao mesmo tempo que o Espírito se purifica através da encarnação, concorre, sob essa forma, para o cumprimento dos objetivos da Providência. Cada qual possui sua missão neste mundo, porque cada qual tem como ser útil em alguma coisa."

574. Qual missão pode ser a das pessoas inúteis por vontade própria na Terra?

"Existem efetivamente pessoas que vivem tão somente para si mesmas e não sabem fazer-se úteis para nada. São pobres seres que a gente deve lastimar, pois expiarão cruelmente sua voluntária inutilidade; e seu castigo começa muitas vezes a partir deste mundo, pelo tédio e pelo desgosto da vida."

— Uma vez que podiam escolher, por que preferiram uma vida que não lhes tinha como ser proveitosa?

"Entre os Espíritos, existem também os preguiçosos que recuam diante de uma vida de labor. Deus os deixa à vontade; eles compreenderão mais tarde e às suas custas os inconvenientes de sua inutilidade e serão os primeiros a pedir para recobrar o tempo perdido. Talvez, também, eles hajam escolhido uma vida mais útil, porém, uma vez com a mão na obra, recuam e se deixam arrastar pelas sugestões dos Espíritos que os encorajam em sua ociosidade."

575. As ocupações ordinárias nos parecem antes obrigações que missões propriamente ditas. A missão, de acordo com a ideia ligada a essa palavra, possui um caráter de importância menos exclusivo e sobretudo menos pessoal. A partir de tal ponto de vista, como se pode reconhecer que um homem tenha uma real missão na Terra?

"Pelos grandes feitos que realiza, pelo progresso que promove entre seus semelhantes."

576. Acham-se os homens que possuem uma importante missão predestinados a ela antes de seu nascimento, e disso têm conhecimento?

"Às vezes, sim; porém, o mais frequentemente eles o ignoram. Eles possuem apenas um objetivo vago ao virem para a Terra; sua missão se desenha após seu nascimento e conforme as circunstâncias. Deus os instiga na estrada em que têm que cumprir os desígnios dele."

577. Quando um homem realiza algo útil, trata-se sempre de u'a missão anterior e predestinada, ou pode ele receber u'a missão não prevista?

"Tudo o que um homem realiza não resulta de u'a missão predestinada; ele é amiúde o instrumento de que um Espírito se utiliza para fazer executar algo que crê útil. Por exemplo, um Espírito julga que seria bom escrever um livro que ele mesmo realizaria, caso se achasse encarnado; ele procura o escritor mais apto a compreender seu pensamento e a executá-lo; e lhe passa a ideia e o dirige na execução. Assim, tal homem de fato não veio à Terra com a missão de realizar essa obra. É o mesmo que se dá com certos trabalhos de arte e com certas descobertas. É preciso dizer ainda que, durante o sono de seu corpo, o Espírito encarnado trata diretamente com o Espírito errante, e que eles se entendem quanto à execução."

578. Pode o Espírito falhar em sua missão, por sua culpa?

“Sim, caso não seja um Espírito superior.”

— Quais são para ele as consequências?

“É preciso que recomece sua tarefa: eis aí sua punição; além disso, ele sofrerá as consequências pelo mal que houver causado.”

579. Uma vez que o Espírito recebe sua missão de Deus, como Deus pode confiar uma importante missão e de um interesse geral a um Espírito que nela poderia falhar?

“Não sabe Deus se seu general alcançará a vitória ou será vencido? Ele o sabe, estejam seguros disso, e seus planos, *quando são importantes*, não repousam em absoluto sobre os que podem abandonar sua obra no meio de seu trabalho. Toda a questão se acha, quanto a vocês, no conhecimento do futuro que Deus possui, mas que não lhes foi concedido.”

580. Apresenta o Espírito que se encarna para cumprir u’a missão o mesmo receio de quem o faz como provação?

“Não; ele possui a experiência.”

581. Os homens que são o luzeiro do gênero humano, que o iluminam com seu gênio, possuem certamente u’a missão; mas, nesse número, existem os que se enganam e que, ao lado de grandes verdades, espalham grandes erros. Como a gente deve considerar sua missão?

“Como falseada por eles mesmos. Eles se situam abaixo da tarefa que empreenderam. É preciso, não obstante, ter em conta as circunstâncias; os homens de gênio têm que falar de acordo com os tempos, e um tal ensinamento que parece errôneo ou pueril para uma época adiantada podia ser suficiente para seu século.”

582. Pode-se considerar a paternidade como u’a missão?

“Trata-se, sem controvérsia, de u’a missão; trata-se, ao mesmo tempo, de um dever muito grande, e que compromete, mais do que o homem imagina, sua responsabilidade para com o futuro. Deus colocou o filho sob a tutela de seus pais para que estes o conduzam na senda do bem, e facilitou a tarefa deles concedendo-lhe um organismo frágil e delicado, que lhe dá acesso a todas as sensações; porém, existem os que se ocupam mais com endireitar as árvores de seu jardim e com fazê-las produzir muitos frutos bons do que em endireitar o caráter de seu filho. Caso este sucumba por culpa deles, serão condenados, e os sofrimentos do filho na vida futura recairão sobre eles, pois não terão realizado o que deles dependia para seu adiantamento na senda do bem.”

583. Caso um filho se desencaminhe, malgrado os cuidados de seus pais, são estes responsáveis?

“Não; porém, mais as disposições do filho sejam ruins, mais a tarefa fica pesada e maior será o mérito caso tenham êxito em afastá-lo da senda do mal.”

— Caso um filho se torne um bom sujeito, malgrado a negligência ou os exemplos ruins de seus pais, estes colhem algum fruto disso?

“Deus é justo.”

584. Qual pode ser a natureza da missão do conquistador que visa apenas satisfazer sua ambição e que, para atingir tal objetivo, não recua diante de nenhuma das calamidades que ele provoca como consequência de sua atitude?

“Ele não passa, o mais das vezes, de um instrumento de que Deus se utiliza para o cumprimento de seus desígnios, e essas calamidades constituem, às vezes, um meio de promover o avanço mais rápido de um povo.”

— Quem se constitui em instrumento dessas calamidades passageiras permanece estranho ao bem capaz de resultar delas, porquanto ele havia proposto apenas um objetivo pessoal; não obstante, tirará ele proveito desse bem?

“Cada um é recompensado conforme suas obras, o bem que *quis* realizar e a lisura de suas intenções.”

Os Espíritos encarnados possuem ocupações inerentes à sua existência corpórea. No estado errante ou de desmaterialização, suas ocupações são proporcionais ao nível de seu adiantamento.

Uns percorrem os mundos, instruem-se e preparam-se para uma nova encarnação.

Outros, mais adiantados, se ocupam do progresso, supervisionando os eventos e sugerindo pensamentos propícios a eles; eles assistem aos homens de gênio que concorrem para o avanço da humanidade.

Outros se encarnam com u’ a missão de progresso.

Outros assumem a tutela de indivíduos, famílias, congregações, cidades e povos, de quem se constituem anjos guardiães, gênios protetores e Espíritos familiares.

Outros, enfim, presidem aos fenômenos da natureza, dos quais se constituem agentes diretos.

Os Espíritos comuns se imiscuem em nossas ocupações e em nossos lazeres.

Os Espíritos impuros ou imperfeitos ficam aguardando, em sofrimentos e agonias, o momento em que aprouver a Deus propiciar-lhes os meios de se adiantarem. Caso pratiquem o mal, trata-se de despeito do bem, por não serem capazes ainda dele usufruir.

## CAPÍTULO XI

# OS TRÊS REINOS

1. Os minerais e as plantas. — 2. Os animais e o homem. — 3. Metempsicose.

### Os minerais e as plantas.

585. Que pensam vocês da divisão da natureza em três reinos, ou bem em duas classes: os seres orgânicos e os seres inorgânicos? Alguns consideram a espécie humana uma quarta classe. Qual dessas divisões é preferível?

“Elas são todas boas; isso depende do ponto de vista. Sob o aspecto material, existem apenas seres orgânicos e seres inorgânicos; do ponto de vista moral, existem evidentemente quatro níveis.”

Esses quatro níveis possuem, com efeito, características bem delineadas; conquanto seus limites pareçam confundir-se; a matéria inerte, que constitui o reino mineral, tem em si apenas uma força mecânica; as plantas, compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade; os animais, compostos de matéria inerte, dotados de vitalidade, possuem a mais um tipo de inteligência instintiva, limitada, com a consciência de sua existência e de sua individualidade; o homem, possuindo tudo o que existe nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes através de uma inteligência especial, genérica, que lhe fornece a consciência de seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.

586. Possuem as plantas a consciência de sua existência?

“Não, elas não pensam; elas possuem apenas a vida orgânica.”

587. Experimentam as plantas sensações? Sofrem elas quando são mutiladas?

“As plantas recebem as impressões físicas que atuam sobre a matéria, porém, não têm percepções; conseqüentemente, não possuem o sentimento da dor.”

588. É independente de sua vontade a força que atrai as plantas umas para as outras?

“Sim, porquanto elas não pensam. É uma força mecânica da matéria que atua sobre a matéria: elas não poderiam opor-se a isso.”

589. Certas plantas, tais como a sensitiva e a dioneia, por exemplo, possuem movimentos que acusam uma grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, como a última, cujos lóbulos prendem a mosca que vem pousar sobre ela para colher seu suco, e à qual ela parece armar um alçapão para em seguida fazê-la morrer. Acham-se tais plantas dotadas da faculdade de pensar? Possuem elas uma vontade e formam uma classe intermediária entre a natureza vegetal e a natureza animal? São elas uma transição de uma para a outra?

“Tudo é transição na natureza, pelo fato mesmo de que nada se assemelha e, não obstante, tudo se entrelaça. As plantas não pensam e, por conseguinte, não possuem vontade. A ostra que se abre e todos os zoófitos não possuem em absoluto pensamento: só existe aí um instinto cego e natural.”

O organismo humano nos fornece exemplos de movimentos análogos, sem a participação da vontade, como nas funções digestivas e circulatórias; o piloro se fecha ao contato de certos corpos para lhes recusar a passagem. Deve dar-se o mesmo com a sensitiva, na qual os movimentos não implicam de forma alguma a necessidade de uma percepção e ainda menos de uma vontade.

590. Não existe nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação que as leva a procurar o que pode ser-lhes útil e a fugir do que pode prejudicá-las?

“Existe, se desejarem, um tipo de instinto; isso depende da extensão que se dê a essa palavra; mas é puramente mecânico. Quando, nos experimentos da química, vocês percebem dois corpos reunirem-se, é que eles combinam, o quer dizer que existe entre eles afinidade; vocês não chamam isso de instinto.”

591. Nos mundos superiores, são as plantas, como os outros seres, de natureza mais perfeita?

“Tudo é mais perfeito; mas as plantas são sempre plantas, como os animais são sempre animais e os homens, sempre homens.”

## Os animais e o homem.

592. Caso comparemos o homem e os animais sob o aspecto da inteligência, a linha de demarcação parece difícil de estabelecer, pois certos animais possuem, sob esse aspecto, uma superioridade notória sobre certos homens. É possível que essa linha de demarcação seja estabelecida de um modo preciso?

“Sobre esse ponto, seus filósofos não se acham de jeito algum de acordo; uns querem que o homem seja um animal, e outros, que o animal seja um homem; todos eles se enganam; o homem é um ser à parte que cai, às vezes, bem baixo ou que é capaz de se elevar bem alto. Quanto ao físico, o homem é como os animais, e menos bem provido que muitos dentre eles; a natureza concedeu a eles tudo o que o homem é obrigado a *inventar com sua inteligência* quanto a suas necessidades e a sua conservação; seu corpo se arruína como o dos animais, é verdade, mas seu Espírito possui um destino que só ele pode compreender, porque só ele é completamente livre. Pobres homens que caem abaixo do

bruto! Não sabem vocês distinguir-se deles? Reconheçam o homem ao pensarem em Deus.”

593. Pode-se dizer que os animais não agem senão por instinto?

“Existe também aí uma ideia formada. É bem verdade que o instinto domina junto à maior parte dos animais; mas não percebe você que agem com uma vontade determinada? Isso constitui inteligência, mas é limitada.”

Além do instinto, não se teria como denegar a certos animais uns atos combinados que denotam uma vontade de agir em um sentido determinado e conforme as circunstâncias. Logo, existe neles um tipo de inteligência, mas cujo exercício se acha mais exclusivamente concentrado nos meios de satisfazer suas necessidades físicas e de prover sua conservação. Neles, nenhuma criação, nenhum melhoramento; seja qual for a arte que admiramos em seus trabalhos, o que eles realizavam outrora continuam realizando hoje em dia, nem melhor nem pior, conforme formas e proporções constantes e invariáveis. O filhote isolado dos de sua espécie não deixa de construir seu ninho sob o mesmo modelo sem haver recebido ensinamento. Se alguns são suscetíveis de uma certa educação, seu desenvolvimento intelectual, sempre encerrado em limites estreitos, se deve à ação do homem sobre uma natureza flexível, pois não ocorre nenhum progresso que lhes seja próprio; mas esse progresso é efêmero e puramente individual, pois o animal largado a si mesmo não tarda a se situar nos limites traçados pela natureza.

594. Possuem os animais uma linguagem?

“Caso vocês estejam entendendo uma linguagem formada de palavras e de sílabas, não; mas um meio de se comunicarem entre si, sim; eles se dizem muito mais coisas do que vocês imaginam, mas a sua linguagem fica limitada, como suas ideias, a suas necessidades.”

— Existem animais que em absoluto apresentam voz; não parece que esses não possuem linguagem?

“Eles se entendem através de outros meios. Vocês mesmos, homens, possuem apenas a palavra para se comunicarem? E quanto aos mudos, que diz você a respeito? Achando-se os animais dotados da vida de relação, possuem meios de se advertir e de exprimir as sensações que provam. Pensa você que os peixes não se entendem entre si? Logo, o homem não possui de fato o privilégio exclusivo da linguagem; mas a dos animais é instintiva e limitada pelo círculo de suas necessidades e de suas ideias, ao passo que a do homem é perfectível e se presta para todas as concepções de sua inteligência.”

Os peixes, com efeito, que emigram em massa, bem como as andorinhas, que obedecem ao guia que as conduz, têm que ter meios de se advertir, de se entender e de se harmonizar. Talvez isso se dê através de uma vista mais aguda que lhes permita distinguir os sinais que emitem; talvez ainda a água constitua um veículo que lhes transmite certas vibrações. O que quer que seja, é incontestável que eles possuem um meio de se entender, do mesmo modo que todos os animais privados da voz e que trabalham juntos. É para se espantar, diante disso, que os Espíritos consigam comunicar-se entre si sem o concurso da palavra articulada? (282.)

595. Possuem os animais o livre-arbítrio de seus atos?

“Eles não constituem simples máquinas, como vocês imaginam; porém, sua liberdade de ação se acha circunscrita a suas necessidades, e não tem como ser comparada à do homem. Sendo muito inferiores a ele, não possuem os mesmos deveres. Sua liberdade se restringe aos atos da vida material.”

596. Donde vem a aptidão de certos animais para imitar a linguagem do homem, e por que tal aptidão se encontra nos pássaros de preferência ao macaco, por exemplo, cuja conformação possui mais analogia com a sua?

“Conformação particular dos órgãos da voz, secundada pelo instinto de imitação; o macaco imita os gestos, certos pássaros imitam a voz.”

597. Uma vez que os animais possuem uma inteligência que lhes proporciona uma certa liberdade de ação, existe neles um princípio independente da matéria?

“Sim, e que sobrevive ao corpo.”

— Constitui tal princípio uma alma semelhante à do homem?

“Trata-se também de uma alma, se quiserem assim; *isso depende do sentido que se atribua a essa palavra*; porém, ela é inferior à do homem. Existe entre a alma dos animais e a do homem tanta distância quanto entre a alma do homem e Deus.”

598. Conserva a alma dos animais, após a morte, sua individualidade e a consciência de si mesma?

“Sua individualidade, sim, mas não a consciência de seu *eu*. A vida inteligente fica em estado latente.”

599. Possui a alma das bestas a escolha de se encarnar em um animal de preferência a em um outro?

“Não; ela não possui o livre-arbítrio.”

600. Sobrevivendo a alma do animal ao corpo, permanece ela, após a morte, em um estado errante, como a do homem?

“Trata-se de um tipo de erraticidade, uma vez que não se encontra unida a um corpo, mas não se trata de um *Espírito errante*. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não possui a mesma faculdade; é a consciência de si mesmo o principal atributo do Espírito. O Espírito do animal é classificado após sua morte pelos Espíritos que tratam disso e é quase imediatamente utilizado; ele não tem a possibilidade de se colocar em contato com outras criaturas.”

601. Seguem os animais uma lei de progresso como os homens?

“Sim; eis porque, nos mundos superiores onde os homens são mais adiantados, os animais o são também, possuindo meios de comunicação mais desenvolvidos; porém, eles são sempre inferiores e se acham submetidos ao homem, constituindo-se para ele serviços inteligentes.”

Não existe nada aí de extraordinário; imaginemos nossos animais, os mais inteligentes, o cão, o elefante, o cavalo, com uma conformação adequada aos trabalhos manuais; que não poderiam eles fazer sob a direção do homem?

602. Progridem os animais, como o homem, por efeito de sua vontade, ou pela força das coisas?

“Pela força das coisas; eis porque não existe absolutamente para eles expiação.”

603. Nos mundos superiores, conhecem os animais a Deus?

“Não; o homem é um deus para eles, como outrora os Espíritos foram deuses para os homens.”

604. Sendo os animais, mesmo os evoluídos nos mundos mais adiantados, sempre inferiores aos homens, resultaria disso que Deus houvesse criado seres intelectuais

perpetuamente votados à inferioridade, o que parece em desacordo com a unidade de desígnios e de progresso que se observam em todas as suas obras?

“Tudo se encadeia na natureza através de elos que vocês não são capazes ainda de dominar, e as coisas mais díspares em aparência apresentam pontos de contato que o homem não chegará nunca a compreender em seu estado atual. Ele é capaz de entrevê-los por um esforço de sua inteligência, mas apenas quando essa inteligência houver conquistado todo o seu desenvolvimento e se houver livrado dos preconceitos do orgulho e da ignorância é que conseguirá ver claramente na obra de Deus; até lá, suas ideias circunscritas farão que veja as coisas de um ponto de vista mesquinho e acanhado. Compenetrem-se de que Deus não tem como contradizer-se e de que tudo, na natureza, se harmoniza através de leis gerais que não se separam nunca da sublime sabedoria do Criador.”

— Constitui a inteligência, assim, uma propriedade comum, um ponto de contato entre a alma das bestas e a do homem?

“Sim, mas os animais apresentam tão só a inteligência da vida material; junto aos homens, a inteligência propicia a vida moral.”

605. Caso a gente considere todos os pontos de contato que existem entre o homem e os animais, não se poderia pensar em que o homem possui duas almas: a alma animal e a alma espírita e que, se não tivesse esta última, poderia viver, mas como o bruto; ou, por outra, que o animal é um ser semelhante ao homem, menos quanto à alma espírita? Resultaria daí que os bons e os maus instintos do homem constituiriam o efeito da predominância de uma dessas duas almas.

“Não, o homem não possui duas almas; porém, o corpo possui seus instintos, que são a consequência da sensação dos órgãos. Tão somente existe nele uma dupla natureza: a natureza animal e a espiritual; através de seu corpo, ele participa da natureza dos animais e de seus instintos; através de sua alma, ele participa da natureza dos Espíritos.”

— Assim, além de suas próprias imperfeições, de que o Espírito tem que se despojar, é ele forçado ainda a lutar contra a influência da matéria?

“Sim, quanto mais ele é inferior, tanto mais os liames entre o Espírito e a matéria se acham apertados; vocês não enxergam isso? Não, o homem não possui duas almas; a alma é sempre única em um só ser. A alma do animal e a do homem são distintas uma da outra, de sorte que a de um não tem como animar o corpo criado para o outro. Mas, se o homem não possui alma animal que o ponha, através de suas paixões, ao nível dos animais, ele possui seu corpo, que o rebaixa amiúde até o nível daqueles, pois seu corpo é um ser dotado de vitalidade que possui instintos, mas sem inteligência e delimitados ao cuidado com sua conservação.”

O Espírito, ao se encarnar no corpo do homem, traz consigo o princípio intelectual e moral que o faz superior aos animais. As duas naturezas que se encontram no homem fornecem às suas paixões duas origens diferentes: umas provêm dos instintos da natureza animal, outras das impurezas do Espírito de que ele constitui a encarnação e que simpatiza mais ou menos com a grosseria dos apetites animais. O Espírito, ao se depurar, livra-se a pouco e pouco da influência da matéria; sob tal influência, ele se aproxima do bruto; desprendido de tal influência, ele se eleva para sua verdadeira destinação.

606. Onde colhem os animais o princípio inteligente que constitui a espécie particular de alma de que se acham dotados?

“No elemento inteligente universal.”

— Emanam, assim, a inteligência do homem e a dos animais de um princípio único?

“Sem dúvida alguma, mas no homem ela recebeu uma elaboração que a eleva acima da que dá vida ao bruto.”

607. Já se disse que a alma do homem, em sua origem, é o estado de infância da vida corpórea, que a sua inteligência mal está eclodindo e que ela está ensaiando para a vida (190); onde o Espírito cumpre essa primeira fase?

“Em uma série de existências que precedem o período a que vocês chamam humanidade.”

— Não pareceria, assim, haver possuído a alma o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?

“Nós não dissemos que tudo se encadeia na natureza e tende para a unidade? É em tais seres, a todos os quais vocês estão longe de conhecer, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza a pouco e pouco e se prepara para a vida, como nós dissemos. Trata-se, de certo modo, de um trabalho preparatório, como o de germinação, em decorrência do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna *Espírito*. Eis que, então, começa para ele o período de humanidade, e com ela a consciência de seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade de seus atos, como após o período da infância vem o da adolescência, depois a juventude e, enfim, a idade madura. Não existe, aliás, nada, nessa origem, que possa humilhar o homem. Ficam os grandes gênios humilhados por haverem sido fetos informes no ventre de sua mãe? Se algo existe que possa humilhá-lo é sua inferioridade diante de Deus, e sua impotência para sondar-lhe a profundidade dos desígnios e a sabedoria das leis que regem a harmonia do universo. Reconheçam a grandeza de Deus nessa admirável harmonia que faz que tudo seja solidário na natureza. Crer em que Deus fosse capaz de fazer qualquer coisa sem um fito e criar seres inteligentes sem futuro seria blasfemar sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas.”

— Começa esse período de humanidade em nossa Terra?

“A Terra não constitui o ponto de partida da primeira encarnação humana; o período da humanidade começa, em geral, em mundos ainda inferiores; essa, contudo, não é uma regra absoluta e poderia ocorrer que um Espírito, desde seu primórdio humano, estivesse apto a viver na Terra. Esse caso não é frequente e seria antes uma exceção.”

608. Tem o Espírito do homem, após sua morte, consciência das existências que precederam para ele o período de humanidade?

“Não, pois é apenas a partir desse período que começa para ele a vida de Espírito, e é mesmo com dificuldade que se lembra de suas primeiras existências como homem, exatamente como o homem não se lembra mais dos primeiros tempos de sua infância e ainda menos do tempo que passou no seio de sua mãe. Eis porque os Espíritos lhes dizem que não sabem como começaram (78).”

609. Entrando uma vez o Espírito no período da humanidade, conserva vestígios do que era precedentemente, quer dizer, do estado em que se achava no período que se poderia chamar de pré-humano?

“Isso se dá segundo a distância que separa os dois períodos e o progresso adquirido. Durante algumas gerações, ele é capaz de reter um reflexo mais ou menos nítido do estado primitivo, pois nada sucede na natureza através de brusca transição; existem sempre elos que prendem as extremidades da cadeia dos seres e dos eventos; mas aqueles vestígios se apagam com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos se fazem lentamente, porquanto não são ainda secundados pela vontade; eles vão seguindo uma progressão mais rápida, à medida que o Espírito vai adquirindo uma consciência mais perfeita de si mesmo.”

610. Enganaram-se, portanto, os Espíritos que disseram que o homem é um ser à parte na ordem da criação?

“Não, mas a questão não havia sido desenvolvida e existem, de resto, coisas que somente podem advir a seu tempo. O homem constitui, com efeito, um ser à parte, pois detém faculdades que o distinguem de todos os outros e uma outra destinação. A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres *que podem conhecê-lo.*”

### **Metempsicose.**

611. Não constitui a origem comum no princípio inteligente dos seres vivos a consagração da doutrina da metempsicose?

“Duas coisas podem ter a mesma origem e não se parecerem em nada mais tarde. Quem reconheceria a árvore, com suas folhas, suas flores e seus frutos, no germe informe contido no grão de onde ela saiu? A partir do momento em que o princípio inteligente atinge o ponto necessário para ser Espírito e entrar no período da humanidade, ele não mais mantém correlação com seu estado primitivo, e não mais é a alma de alimárias, como a árvore não mais é a semente. No homem, não existe do animal mais que o corpo, e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria. Não se pode, pois, dizer que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal e, por conseguinte, a metempsicose, tal como a gente a entende, não é exata.”

612. Poderia o Espírito que animou o corpo de um homem encarnar-se em um animal?

“Isso seria retrogradar, e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente.” (118.)

613. De todo errônea que seja a ideia ligada à metempsicose, não constituiria ela o resultado do sentimento intuitivo de diferentes existências do homem?

“Esse sentimento intuitivo a gente encontra nessa crença como em muitas outras; mas, como fez à maioria de suas ideias intuitivas, o homem a deturpou.”

A metempsicose seria verdadeira, caso se entendesse através dessa palavra a progressão da alma de um estado inferior para um estado superior, em que ela adquiriria desenvolvimentos que transformariam sua natureza; porém, ela é falsa, no sentido de transmigração direta do animal para o homem, e reciprocamente, o que implicaria a ideia de uma retrogradação ou de fusão; ora, não alcançando essa fusão efetuar-se entre os seres corpóreos de duas espécies, é um indício de que não se acham em níveis assimiláveis, e que deve ocorrer o mesmo aos Espíritos que os animam. Caso o mesmo Espírito pudesse animá-los alternando-os, redundaria uma identidade de natureza que se traduziria através da possibilidade da reprodução material.

A reencarnação ensinada pelos Espíritos se funda, ao contrário, na marcha ascendente da natureza e na progressão do homem em sua própria espécie, o que não lhe reduz em nada sua dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que faz das faculdades que Deus lhe concedeu para seu adiantamento. Seja como for, a ancianidade e a universalidade da doutrina da metempsicose e os homens eminentes que a professaram comprovam que o princípio da reencarnação possui suas raízes na natureza mesma; logo, esses são argumentos bem mais a seu favor do que lhe são contrários.

O ponto de partida do Espírito é uma dessas questões que se prendem ao princípio das coisas e permanecem como segredo de Deus. Não se concede ao homem conhecê-las de modo absoluto, e ele não é capaz de fazer a esse respeito senão suposições, de erigir sistemas mais ou menos prováveis. Os Espíritos, eles mesmos, se acham longe de tudo conhecer; sobre o que eles não sabem, podem também emitir opiniões pessoais mais ou menos plausíveis.

É assim, por exemplo, que nem todos pensam igualmente no que tange às relações que existem entre o homem e os animais. Segundo alguns, o Espírito somente chega ao período humano após ser constituído e individualizado nos diferentes níveis dos seres inferiores da criação. Segundo outros, o Espírito do homem pertenceria sempre à raça humana, sem passar pela experiência animal.

O primeiro desses sistemas apresenta a vantagem de atribuir um objetivo ao futuro dos animais, que formariam assim os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes; o segundo está mais de acordo com a dignidade do homem e pode assim resumir-se como segue.

As diferentes espécies de animais não procedem em absoluto *intelectualmente* umas das outras, por meio de progressão; assim, o espírito da ostra não se torna, de modo algum, sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano; cada espécie é um tipo *absoluto*, fisicamente e moralmente, cuja quantidade de princípio inteligente que lhe é necessária cada indivíduo recolhe na fonte universal, conforme a perfeição de seus órgãos e a obra que tem de realizar nos fenômenos da natureza, e que, quando de sua morte, ele devolve à massa. Os indivíduos dos mundos mais adiantados que o nosso (ver n.<sup>o</sup> 188) constituem igualmente raças distintas, adequadas às necessidades desses mundos e ao nível de adiantamento dos homens de quem são coadjuvantes, mas que não procedem, de maneira alguma, daqueles da Terra, espiritualmente falando. Não sucede o mesmo com o homem. Do ponto de vista físico, ele forma evidentemente um elo da cadeia dos seres vivos; mas, do ponto de vista moral, entre o animal e o homem, existe solução de continuidade; o homem possui, como propriedade sua, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe propicia o senso moral e um alcance intelectual que faltam aos animais; eis o que se constitui nele o ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo ao conservar sua individualidade. Qual é a origem do Espírito? Onde se situa seu ponto de partida? Forma-se ele a partir do princípio inteligente individualizado? Eis aí um mistério em que seria inútil buscar penetrar e sobre o qual, como nós dissemos, tão somente somos capazes de erigir sistemas. O que é constante e o que ressalta, de uma só vez, do raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, sua faculdade de progresso, seu estado feliz ou infeliz proporcional a seu avanço na estrada do bem, e todas as verdades morais que constituem a consequência desse princípio. Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, eis aí, nós o repetimos, o segredo de Deus, como muitas outras coisas cujo conhecimento *atual* não importa de forma alguma ao nosso adiantamento e nas quais seria inútil insistir.

LIVRO TERCEIRO

LEIS MORAIS

---

## CAPÍTULO PRIMEIRO

# LEI DIVINA OU NATURAL

1. Caracteres da lei natural. — 2. Fonte e conhecimento da lei natural. — 3. O bem e o mal. — 4. Divisão da lei natural.

### Caracteres da lei natural.

614. Que se deve entender por lei natural?

“A lei natural é a lei de Deus; é a única verdadeira para a felicidade do homem; ela lhe indica o que deve fazer ou não fazer; e ele é infeliz tão somente porque dela se afasta.”

615. A lei de Deus é eterna?

“Ela é eterna e imutável como o próprio Deus.”

616. É possível que Deus tenha prescrito aos homens em uma ocasião o que lhes teria proibido em uma outra?

“Deus não tem como se enganar; são os homens que se obrigam a mudar suas leis, que são imperfeitas; mas as leis de Deus são perfeitas. A harmonia que rege o universo material e o universo moral se fundamenta sobre as leis que Deus estabeleceu de toda a eternidade.”

617. Que objetos abrangem as leis divinas? Concernem elas a outra coisa além da conduta moral?

“Todas as leis da natureza são leis divinas, porque Deus é o autor de todas as coisas. O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda as da alma e as praticas.”

— Concede-se ao homem aprofundar umas e outras?

“Sim, *mas uma só existência não é suficiente.*”

Que representam, com efeito, alguns anos para adquirir tudo o que constitui o ser perfeito, caso se considere apenas a distância que separa o selvagem do homem civilizado? A mais longa existência possível é insuficiente, com mais forte razão quando ela se encurta, como sucede com um grande número de pessoas.

Entre as leis divinas, umas regem o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas; seu estudo é do domínio da ciência.

As outras concernem especialmente ao homem em si mesmo e em suas relações com Deus e com seus semelhantes. Elas compreendem as regras da vida do corpo assim como as da vida da alma: são as leis morais.

618. São as leis divinas as mesmas para todos os mundos?

“A razão afirma que elas têm que ser adequadas à natureza de cada mundo e proporcionais ao nível de adiantamento dos seres que os habitam.”

### Fonte e conhecimento da lei natural.

619. Propiciou Deus a todos os homens os meios de conhecerem sua lei?

“Todos alcançam conhecê-la, mas nem todos a compreendem; os que a compreendem melhor são os homens de bem e os que desejam analisá-la; entretanto, todos a compreenderão um dia, pois é preciso que o progresso se cumpra.”

A justiça das diversas encarnações do homem é uma consequência desse princípio, porque, a cada nova vida, seu intelecto fica mais desenvolvido e porque ele compreende melhor o que constitui o bem e o que constitui o mal. Caso tudo precisasse suceder para ele em uma única existência, qual seria o destino de tantos milhões de seres que perecem a cada jornada na brutalidade da selvageria, ou nas trevas da ignorância, sem que haja deles dependido esclarecerem-se? (171 e 222.)

620. Melhor compreende a alma a lei de Deus, antes de sua união com o corpo, do que após sua encarnação?

“Ela a compreende conforme o nível de perfeição ao qual haja chegado e dela conserva a reminiscência intuitiva após sua união com o corpo; mas os maus instintos do homem fazem-na amiúde esquecer-se dela.”

621. Onde se acha escrita a lei de Deus?

“Na consciência.”

— Uma vez que o homem leva na consciência a lei de Deus, que necessidade havia então de revelá-la a ele?

“Ele a havia esquecido e menosprezado: Deus desejou que ela lhe fosse recordada.”

622. Conferiu Deus a certos homens a missão de revelar sua lei?

“Sim, com certeza; em todos os tempos, certos homens receberam tal missão. São Espíritos superiores encarnados com o fito de fazerem a humanidade adiantar-se.”

623. Não se enganaram às vezes os que pretenderam instruir os homens na lei de Deus e não os desencaminharam amiúde por meio de falsos princípios?

“Os que não eram inspirados por Deus e os que se atribuíram, por ambição, uma missão que não possuíam com certeza alcançaram extraviá-los; no entanto, como efetivamente tratava-se de homens de gênio, mesmo no meio dos erros que ensinaram, encontram-se, com frequência, grandes verdades.”

624. Qual é o caráter do verdadeiro profeta?

“O verdadeiro profeta é um homem de bem inspirado por Deus. A gente consegue reconhecê-lo através de suas palavras e de suas ações. Deus não pode utilizar a boca do mentiroso para ensinar a verdade.”

625. Qual é o tipo mais perfeito que Deus ofertou ao homem para lhe servir de guia e de modelo?

“Vejam Jesus.”

Jesus constitui para o homem o tipo da perfeição moral a que é capaz de pretender a humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e do ser mais puro que apareceu na Terra.

Se alguns dos que pretenderam instruir o homem na lei de Deus o extraviaram, às vezes, através de falsos princípios, isso se deu por se deixarem dominar, eles mesmos, por sentimentos por demais terrestres, e por confundirem as leis que regem as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Foram muitos os que deram como leis divinas o que não passava de leis humanas criadas para servir às paixões e dominar os homens.

626. Não foram as leis divinas e naturais reveladas aos homens senão por Jesus e, antes dele, não se teve delas conhecimento senão através da intuição?

“Não dissemos nós que elas se acham escritas por toda a parte? Todos os homens que meditaram sobre a sabedoria puderam, portanto, compreendê-las e ensiná-las, desde os séculos mais recuados. Através de seus ensinamentos, mesmo incompletos, eles prepararam o terreno para receber a semente. Estando as leis divinas escritas no livro da natureza, o homem foi capaz de conhecê-las quando desejou analisá-las; eis porque os preceitos que elas consagram foram proclamados em todos os tempos pelos homens de bem, e eis também porque lhes são encontrados os elementos na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie, mas incompletos ou alterados pela ignorância e pela superstição.”

627. Uma vez que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, qual é a utilidade do ensinamento proporcionado pelos Espíritos? Possuem eles para nos ensinar alguma coisa a mais?

“A palavra de Jesus com frequência era alegórica e em parábolas, porque ele falava conforme os tempos e os lugares. É preciso agora que a verdade seja inteligível para todo o mundo. É preciso explicar bem e desenvolver essas leis, porque existem poucas pessoas que as compreendem e ainda menos que as praticam. Nossa missão consiste em chocar os olhos e os ouvidos para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas: os que afetam os exteriores da virtude e da religião para esconder suas torpezas. O ensino dos Espíritos tem que ser claro e sem equívoco, a fim de que ninguém possa pretextar ignorância e que cada um possa julgá-lo e apreciá-lo através de sua razão. Nós estamos encarregados de preparar o reino do bem anunciado por Jesus; eis porque é preciso que cada qual não tenha como interpretar a lei de Deus ao arbítrio de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e de caridade.”

628. Por que a verdade nem sempre esteve ao alcance de todo o mundo?

“É preciso que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: é preciso habituar-se a ela a pouco e pouco, caso contrário ela ofuscaria.

“Jamais aconteceu que Deus permitisse ao homem receber comunicações tão completas e tão instrutivas como as que lhe são permitidas receber hoje em dia. Bem que

existiam, como vocês sabem, nas antigas eras, alguns indivíduos que estavam de posse do que consideravam como uma ciência sagrada e da qual faziam mistério para os que, segundo eles, eram profanos. Vocês têm de compreender, com o que vocês conhecem das leis que regem tais fenômenos, que eles não recebiam senão algumas verdades esparsas no meio de um conjunto equívoco e, a na maior parte do tempo, emblemático. Todavia, não existe, para o homem de estudo, nenhum antigo sistema filosófico, nenhuma tradição, nenhuma religião que possa negligenciar, pois tudo encerra os germes de importantes verdades que, conquanto pareçam contraditórias umas perante as outras, esparsas, embora, no meio de minúcias sem fundamento, são muito fáceis de coordenar graças à chave que nos fornece o espiritismo de uma grande quantidade de coisas que puderam, até aqui, parecer-lhes desarrazoadas, e cuja realidade hoje em dia lhes é demonstrada de maneira irrecusável. Logo, não deixem de colher nesses materiais assuntos de estudo; eles são muito ricos e podem contribuir poderosamente para sua instrução.”

## O bem e o mal.

629. Qual definição se pode dar da moral?

“A moral é a regra para bem conduzir-se, quer dizer, para a distinção entre o bem e o mal. Ela se fundamenta na observação da lei de Deus. O homem apresenta boa conduta quando tudo faz no intento e para o bem de todos, pois, assim, ele está observando a lei de Deus.”

630. Como se pode distinguir o bem e o mal?

“O bem é tudo o que se acha conforme à lei de Deus, e o mal, tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é ajustar-se à lei de Deus; fazer o mal é infringir essa lei.”

631. Possui o homem por si mesmo os meios de distinguir o que é bem e o que é mal?

“Sim, quando ele crê em Deus e quando se esforça por saber. Deus lhe outorgou a inteligência para discernir um do outro.”

632. Não pode enganar-se o homem, que se acha sujeito ao erro, na apreciação do bem e do mal, e crer que pratica o bem quando, na realidade, pratica o mal?

“Jesus lhes disse: vejam o que vocês desejariam que se fizesse ou não se fizesse a vocês: tudo aí se acha. Vocês não se enganarão.”

633. A regra do bem e do mal, que se poderia chamar de *reciprocidade* ou de *solidariedade*, não tem como se aplicar à conduta pessoal do homem para consigo mesmo. Encontra ele na lei natural a regra de tal conduta e um guia seguro?

“Quando vocês comem demasiado, isso lhes faz mal. Muito bem! É Deus que lhes fornece a medida do que lhes é necessário. Quando vocês a ultrapassam, vocês são punidos. É o mesmo para com tudo. A lei natural traça para o homem o limite de suas necessidades; quando ele o ultrapassa, é punido através do sofrimento. Caso o homem

ouvisse em todas as coisas essa voz que diz *basta*, evitaria a maior parte dos males de que ele acusa a natureza.”

634. Por que o mal está na natureza das coisas? Eu falo do mal moral. Não poderia Deus ter criado a humanidade em condições melhores?

“Nós já lhe dissemos: os Espíritos foram criados simples e ignorantes (115). Deus deixa ao homem a escolha da rota; tanto pior para ele caso pegue a ruim: sua peregrinação será mais longa. Se não existissem montanhas, o homem não conseguiria compreender que se pode subir e descer, e, se não existissem rochas, ele não compreenderia que existem corpos duros. Precisa que o Espírito adquira experiência, e para isto precisa conhecer o bem e o mal; eis porque existe a união do Espírito e do corpo.” (119.)

635. As diferentes posições sociais criam necessidades novas que não são as mesmas para todos os homens. Não pareceria assim a lei natural não ser uma regra uniforme?

“Essas diferentes posições se acham na natureza e segundo a lei do progresso. Isso não impede a unidade da lei natural, que se aplica a tudo.”

As condições de subsistência do homem mudam conforme os tempos e os lugares; disso resultam para ele necessidades diferentes e posições sociais adequadas a tais necessidades. Uma vez que essa diversidade se acha na ordem das coisas, ela se ajusta à lei de Deus, e esta lei nem por isso deixa de ser una em seu princípio. Compete à razão distinguir as necessidades reais das necessidades artificiais ou de convenção.

636. São imperiosos o bem e o mal para todos os homens?

“A lei de Deus é a mesma para todos; mas o mal depende sobretudo da vontade que se tem de praticá-lo. O bem é sempre bem e o mal é sempre mal, qualquer que seja a posição do homem; a diferença se acha no nível de responsabilidade.”

637. É culpável o selvagem que cede a seu instinto ao se nutrir de carne humana?

“Eu disse que o mal depende da vontade. Muito bem! O homem é mais culpável à medida que ele vai sabendo melhor o que faz.”

As circunstâncias atribuem ao bem e ao mal uma gravidade relativa. O homem comete amiúde faltas que nem por serem consequentes da posição em que o colocou a sociedade são menos repreensíveis; mas a responsabilidade se dá em função dos meios que ele possui de compreender o bem e o mal. Eis como o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpável aos olhos de Deus que o selvagem ignorante que se abandona a seus instintos.

638. O mal parece, às vezes, ser uma consequência da força das coisas. Tal é, por exemplo, em certos casos, a necessidade de destruição, até de seu semelhante. Pode-se, assim, dizer que existe nisso prevaricação contra a lei de Deus?

“Isso não deixa de ser o mal, conquanto necessário; mas tal necessidade vai desaparecendo à medida que a alma vai purificando-se ao passar de uma existência a outra; e, então, o homem se torna mais culpável quando o comete, porque ele o compreende melhor.”

639. Não é muitas vezes o mal que se comete o resultado da posição em que nos colocaram os outros homens; e, nesse caso, quais são os mais culpáveis?

“O mal incide sobre quem o causa. Assim, o homem que é conduzido para o mal através da posição que lhe é oferecida por seus semelhantes é menos culpável do que os

que deram causa a isso; pois cada um carregará a pena não só do mal que houver praticado, mas ainda do que houver provocado.”

640. É culpável ao mesmo nível quem não pratica o mal mas se aproveita do mal praticado por outro?

“É como se ele o cometesse; tirar proveito é partilhar dele. Talvez ele recuasse diante da ação; mas, se, encontrando-a de todo realizada, dela se utiliza, sucede, então, que a aprova e que a teria praticado, ele mesmo, se lhe fosse possível ou *se houvesse ousado*.”

641. É o desejo do mal tão repreensível quanto o próprio mal?

“Aí depende; existe mérito em resistir por vontade própria ao mal cujo desejo se experimenta, quando sobretudo se possui a possibilidade de satisfazer tal desejo; se foi só a ocasião que faltou, a gente é culpável.”

642. Basta nunca praticar o mal para ser agradável a Deus e assegurar sua posição no futuro?

“Não; é preciso praticar o bem no limite de suas forças; pois cada um responderá por todo o mal que houver praticado *por causa do bem que não houver praticado*.”

643. Existem pessoas que, por sua posição, não tenham a possibilidade de praticar o bem?

“Não existe ninguém que não possa praticar o bem; o egoísta somente não encontra jamais a ocasião. Basta estar-se em relação com outros homens para descobrir como praticar o bem, e cada dia da vida proporciona essa possibilidade a quem quer que não esteja cego pelo egoísmo; pois praticar o bem não é somente ser caridoso, é ser útil na medida de sua força todas as vezes que sua ajuda possa ser necessária.”

644. Não constitui o meio em que certos homens se encontram colocados a fonte primária de muitos de seus vícios e de seus crimes?

“Sim, mas ainda aí reside uma provação escolhida pelo Espírito no estado de liberdade; ele desejou expor-se à tentação para obter o mérito da resistência.”

645. Quando o homem, de algum modo, se acha mergulhado na atmosfera do vício, não se transforma o mal para ele em um atrativo quase irresistível?

“Atrativo, sim; irresistível, não; pois, no meio dessa atmosfera do vício, você encontra às vezes grandes virtudes. São Espíritos que tiveram a força de resistir, e que tiveram ao mesmo tempo por missão exercer uma boa influência sobre seus semelhantes.”

646. Subordina-se o mérito do bem que se pratica a certas condições, isto é, existem diferentes níveis no mérito do bem?

“O mérito do bem está na dificuldade; não existe nenhum em praticar o bem sem sacrifício e quando não custa nada. Deus tem mais em conta o pobre que reparte seu único pedaço de pão do que o rico que dá apenas de seu supérfluo. Jesus falou disso a propósito do óbolo da viúva.”

## Divisão da lei natural.

647. Acha-se toda a lei de Deus contida na máxima do amor do próximo ensinada por Jesus?

“Certamente, essa máxima encerra todos os deveres dos homens entre si; mas precisa que se lhes mostre sua aplicação, caso contrário eles a negligenciarão, como o fazem hoje em dia; aliás, a lei natural compreende todas as circunstâncias da vida e essa máxima contém apenas uma parte dela. Precisam os homens de regras precisas; os preceitos gerais e demasiado vagos deixam muitas portas abertas à interpretação.”

648. Qual é o seu pensamento a respeito da divisão da lei natural em dez partes, compreendendo as leis *sobre a adoração, o trabalho, a reprodução, a conservação, a destruição, a sociedade, o progresso, a igualdade, a liberdade, enfim, a de justiça, de amor e de caridade?*

“Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e pode abranger todas as circunstâncias da vida, o que é essencial; logo, você pode segui-la, sem que ela tenha quanto a isso nada de absoluto, não mais que todos os outros sistemas de classificação que dependem do ponto de vista sob o qual se considera uma coisa. A última lei é a mais importante; é através dela que o homem é capaz de mais progredir na vida espiritual, pois ela resume todas.”

## CAPÍTULO II

# I. LEI DE ADORAÇÃO

1. Objetivo da adoração. — 2. Adoração exterior. — 3. Vida contemplativa. — 4. Da prece. — 5. Politeísmo. — 6. Sacrifícios.

### Objetivo da adoração.

649. Em que consiste a adoração?

“É a elevação do pensamento para Deus. Através da adoração, aproximamos dele nossa alma.”

650. É a adoração a consequência de um sentimento inato, ou é o produto de um ensinamento?

“Sentimento inato, como o da Divindade. A consciência de sua debilidade leva o homem a curvar-se diante de quem pode protegê-lo.”

651. Existiram povos desprovidos de todo sentimento de adoração?

“Não, pois jamais existiram povos de ateus. Todos compreendem que existe acima deles um ser supremo.”

652. Pode-se considerar a adoração como tendo sua origem na lei natural?

“Ela se encontra na lei natural, uma vez que é a consequência de um sentimento inato no homem; eis porque se encontra em todos os povos, posto que sob diferentes formas.”

### Adoração exterior.

653. Precisa a adoração de manifestações exteriores?

“A verdadeira adoração se acha no coração. Em todas as suas ações, calculem sempre que um senhor os fita.”

— É útil a adoração exterior?

“Sim, caso não seja um vão simulacro. É sempre útil oferecer um bom exemplo; mas os que o fazem tão só por afetação e amor-próprio, e cuja conduta desmente sua piedade aparente, proporcionam um exemplo mais ruim do que bom e causam mais mal do que pensam.”

654. Concede Deus uma preferência aos que o adoram de tal ou qual modo?

“Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, praticando o bem e evitando o mal, aos que creem honrá-lo através de cerimônias que não os tornam melhores para com seus semelhantes.

“Todos os homens são irmãos e filhos de Deus; ele chama para si todos os que seguem suas leis, seja qual for a forma com que se exprimam.

“Quem possui somente as aparências da piedade é um hipócrita; quem junto ao qual a adoração é apenas afetada e se acha em contradição com sua conduta oferece um mau exemplo.

“Quem professa adorar o Cristo mas é orgulhoso, invejoso e ciumento, é rude e implacável para com outrem, ou ambicioso pelos bens deste mundo, eu lhes afirmo que a religião se acha em seus lábios e não em seu coração; Deus, que vê tudo, dirá: aquele ali, que conhece a verdade, é cem vezes mais culpável do mal que pratica do que o ignorante selvagem do deserto, e ele será tratado conseqüentemente, no dia da justiça. Caso um cego os derrube ao passar, vocês o desculpam; mas caso seja um homem que vê claro, vocês se lastimam e têm razão.

“Logo, não perguntem se existe uma forma de adoração mais conveniente, pois seria o mesmo que perguntar se é mais agradável a Deus ser adorado em uma língua de preferência a uma outra; eu lhes afirmo ainda uma vez: os cânticos chegam até ele somente através da porta do coração.”

655. É repreensível praticar uma religião em que não se creia no fundo de sua alma, quando isso se dá por respeito humano e para não escandalizar os que pensam de modo contrário?

“A intenção, nisso como em muitas outras coisas, é a regra. Quem apenas objetiva respeitar as crenças de outrem não procede mal; ele procede melhor do que quem as tornasse ridículas, pois este faltaria com a caridade; mas quem pratica por interesse e por ambição é desprezível aos olhos de Deus e dos homens. Deus não tem como se agradar dos que aparentam humilhar-se diante dele para atrair a aprovação dos homens.”

656. É preferível a adoração em comum à adoração individual?

“Os homens reunidos através de uma comunhão de pensamentos e sentimentos possuem mais força para chamar para si os bons Espíritos. Sucede o mesmo quando se reúnem para adorar a Deus. Mas nem por isso creiam que a adoração particular seja menos boa, pois cada um pode adorar a Deus em pensando nele.”

## Vida contemplativa.

657. Possuem os homens que se consagram à vida contemplativa, não praticando nenhum mal e pensando tão somente em Deus, algum mérito a seus olhos?

“Não, pois, se eles não praticam o mal, não praticam o bem e são inúteis; de resto, não praticar o bem é já um mal. Deus deseja que se pense nele, mas não deseja que só se pense nele, uma vez que atribuiu ao homem deveres para cumprir na Terra. Quem se consome na meditação e na contemplação não realiza nada de meritório aos olhos de Deus, porque sua vida é toda pessoal e inútil para a humanidade e Deus lhe pedirá conta do bem que não houver praticado.” (640.)

## Da prece.

658. É a prece agradável a Deus?

“A prece é sempre agradável a Deus quando é ditada pelo coração, pois a intenção é tudo para ele, e a prece do coração é preferível à que você pode ler, quão bela seja, caso você a leia mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando é dita com fé, com fervor e sinceridade; mas não creia que ele seja tocado por aquela do homem vão, orgulhoso e egoísta, a menos que constitua da parte deste um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade.”

659. Qual é o caráter geral da prece?

“A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é colocar-se em comunicação com ele. Através da prece, a gente pode propor-se a três coisas: louvar, pedir, agradecer.”

660. Torna a prece o homem melhor?

“Sim, pois quem ora com fervor e confiança acaba mais forte contra as tentações do mal, e Deus lhe manda bons Espíritos para assisti-lo. É um auxílio que não se recusa jamais quando é solicitado com sinceridade.”

— Como se dá que certas pessoas que rezam bastante sejam, apesar disso, de um caráter muito ruim, ciumentas, invejosas, briguentas; que elas careçam de benevolência e de indulgência; que sejam mesmo às vezes viciosas?

“O essencial não é rezar muito, mas rezar bem. Tais pessoas creem que todo o mérito reside no comprimento da prece e cerram os olhos para seus próprios defeitos. A prece constitui, para elas, uma ocupação, um emprego do tempo, mas não *um estudo de si mesmas*. Não é o remédio que é ineficaz; é a maneira pela qual é ele utilizado.”

661. Pode-se rogar com sucesso que Deus nos perdoe nossas faltas?

“Deus sabe discernir o bem e o mal; a prece não esconde as faltas. Quem pede a Deus o perdão de suas faltas tão só o obtém mudando de conduta. As boas ações constituem a melhor das preces, pois as ações valem mais do que as palavras.”

662. Pode-se rogar com sucesso por outrem?

“O Espírito de quem roga age pela vontade de praticar o bem. Através da prece, ele atrai para si os bons Espíritos que se associam ao bem que deseja praticar.”

Nós possuímos em nós mesmos, através do pensamento e da vontade, um poder de ação que se estende bem além dos limites de nossa esfera corpórea. A prece por outrem é um ato dessa vontade. Caso ela seja ardente e sincera, é capaz de chamar para ajudá-lo os bons Espíritos, a fim de lhe sugerir bons pensamentos e de lhe propiciar a força do corpo e da alma de que tenha precisão. Mas ainda nisso a prece do coração é tudo; a dos lábios não é nada.

663. Alcançam as preces que nós fazemos por nós mesmos mudar a natureza de nossas provações e desviar seu curso?

“Suas provações se acham nas mãos de Deus e existem as que têm que ser padecidas até o fim, mas aí Deus leva sempre em conta a resignação. A prece chama a vocês os bons Espíritos que lhes dão a força de suportá-las com coragem, e elas lhes parecem menos rudes. Nós o dissemos: a prece não é inútil jamais quando é bem feita, porque fornece a força, e isso já constitui um importante resultado. Ajude-se, o Céu o ajudará; você sabe disso. De resto, Deus não tem como mudar a ordem da natureza ao arbítrio de cada um, pois o que constitui um grande mal de seu ponto de vista mesquinho e daquele de sua vida efêmera, amiúde, constitui um grande bem na ordem geral do universo; e, depois, quantos males existem de que o homem é o próprio autor por sua imprevidência ou por suas faltas! Ele é punido através do pecado mesmo. Entretanto, seus pedidos justos são mais frequentemente atendidos do que vocês imaginam; vocês creem que Deus não os ouviu, porque ele não praticou um milagre para vocês, enquanto ele os assiste através de meios tão naturais que lhes parecem o efeito do acaso ou da força das coisas; muitas vezes também, o mais das vezes mesmo, ele lhes suscita o pensamento necessário para que vocês mesmos resolvam seu problema.”

664. É útil rogar em favor dos mortos e dos Espíritos sofredores e, nesse caso, como alcançam nossas preces propiciar-lhes alívio e diminuir-lhes os sofrimentos; possuem elas o poder de fazer vergar a justiça de Deus?

“A prece não é capaz de obter o efeito de mudar os desígnios de Deus, mas a alma pela qual se roga sente com isso um alívio, porque se trata de um testemunho de interesse que lhe é oferecido e porque o infeliz fica sempre aliviado quando encontra almas caridosas que se compadeçam de seus sofrimentos. Por outro lado, através da prece, a gente o incita ao arrependimento e ao desejo de fazer o que seja preciso para ser feliz; é nesse sentido que se pode abreviar sua pena, caso, de seu lado, ele ajude através de sua boa vontade. Esse desejo de melhoria excitado pela prece atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores, que vêm para esclarecê-lo, para consolá-lo e para fornecer-lhe a esperança. Jesus rogava pelas ovelhas desgarradas; ele lhes demonstra assim que vocês serão culpáveis por não fazerem o mesmo por aqueles que disso têm mais precisão.”

665. Que pensar da opinião que rejeita a prece pelos mortos, em virtude de não se achar prescrita no Evangelho?

“O Cristo disse aos homens: ‘Amem-se uns aos outros.’ Tal recomendação encerra a de empregar todos os meios possíveis de lhes testemunhar a afeição, sem entrar, *ipso facto*, em nenhum pormenor sobre como atingir essa meta. Se é verdadeiro que nada é capaz de demover o Criador de aplicar a justiça, cujo paradigma é ele, a todas as ações do Espírito, não é menos verdadeiro que a prece que vocês lhe endereçam por quem lhes inspira afeição constitui para ele um testemunho de saudade que só pode contribuir para suavizar seus sofrimentos e para consolá-lo. Assim que ele testemunhe o menor arrependimento, e *somente* então, recebe ajuda; mas isso não o deixa de modo algum ignorar que uma alma simpática se ocupou dele, e isso lhe deixa o doce pensamento de que sua intercessão lhe foi útil. A partir disso, resulta necessariamente da parte dele um sentimento de reconhecimento e de afeição por quem lhe deu tal prova de apego ou de piedade; por conseguinte, o amor que recomendava o Cristo aos homens só aumenta entre eles; obedeceram, portanto ambos os dois à lei de amor e de união de todos os seres, lei divina que deve levar à unidade, fim último do Espírito.”<sup>7</sup>

666. Pode-se orar aos Espíritos?

“Pode-se orar aos bons Espíritos por serem os mensageiros de Deus e os executores de suas vontades; mas sua força se dá em função de sua superioridade e depende sempre do senhor de todas as coisas, sem cuja permissão nada se realiza; eis porque as preces que a gente lhes dirige são eficazes apenas caso sejam agraciadas por Deus.”

### Politeísmo.

667. Por que o politeísmo é uma das crenças mais antigas e mais difundidas, sendo falso?

“O pensamento de um Deus único não podia ser no homem senão a consequência do desenvolvimento de suas ideias. Incapaz em sua ignorância de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, atuando sobre a matéria, ele lhe deu os atributos da natureza corpórea, quer dizer, uma forma e uma figura, e, dali por diante, tudo o que lhe parecesse ultrapassar as proporções da inteligência ordinária virava para ele uma divindade. Tudo o que não compreendia tinha que ser obra de um poder sobrenatural, e daí a crer em tantos poderes distintos cujos efeitos ele percebia não havia mais que um passo. Mas, em todos os tempos, existiram homens esclarecidos que compreenderam a impossibilidade dessa infinidade de poderes para governar o mundo sem uma direção superior, e se guindaram ao pensamento de um Deus único.”

---

<sup>7</sup> Resposta oferecida pelo Espírito do Sr. Monot, pastor protestante de Paris, morto em abril de 1856. A resposta precedente, n.o 664, é do Espírito de São Luís.

668. Sendo os fenômenos espíritas produzidos em todos os tempos, e sendo conhecidos desde as primeiras eras do mundo, não é possível que tenham feito crer na pluralidade dos deuses?

“Sem dúvida, pois, chamando os homens *deus* a tudo o que era sobre-humano, os Espíritos eram para eles deuses, e eis porque, quando um homem se distinguiu entre todos os outros através de suas ações, de seu gênio ou de um poder oculto não compreendido pelo vulgo, a gente o transformava em um deus e lhe rendia um culto após sua morte.” (603.)

A palavra *deus* possuía entre os antigos uma acepção muito extensa; não era em absoluto, como em nossos dias, uma personificação do senhor da natureza; era uma qualificação genérica atribuída a todo ser fora das condições da humanidade; por isso, havendo as manifestações espíritas revelado a eles a existência de seres incorpóreos atuando como potência da natureza, eles os chamaram *deuses*, como nós os chamamos *Espíritos*; é uma simples questão de palavras, com esta diferença de que, em sua ignorância, mantida por deliberação dos que nela tinham interesse, eles lhes ergueram templos e altares muito lucrativos, ao passo que, para nós, eles são simples criaturas como nós, mais ou menos perfeitas, tendo despojado seu invólucro terrestre. Caso se estudem com cuidado os diversos atributos das divindades pagãs, a gente reconhecerá nelas sem esforço todos os de nossos Espíritos, em todos os níveis da escala espírita, seu estado físico nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e o papel que eles desempenham para as coisas da Terra.

O cristianismo, ao vir iluminar o mundo com sua luz divina, não conseguiu destruir uma coisa que se encontra na natureza, mas ele fez voltar a adoração àquele a quem ela competia. Quanto aos Espíritos, sua lembrança se perpetuou sob diversos nomes, conforme os povos, e suas manifestações, que não pararam jamais, foram divergentemente interpretadas e muitas vezes exploradas sob o encanto do mistério; enquanto a religião via nelas fenômenos miraculosos, os incrédulos viam charlatanice. Hoje, graças a estudos mais sérios realizados à luz do dia, o espiritismo, desatado das ideias supersticiosas que o obscureceram durante séculos, nos revela um dos maiores e mais sublimes princípios da natureza.

## Sacrifícios.

669. O costume dos sacrifícios humanos remonta à mais alta antiguidade. Como foi possível o homem ser levado a crer que semelhantes coisas pudessem ser agradáveis a Deus?

“No princípio, porque ele não compreendia Deus como sendo a fonte da bondade; nos povos primitivos, a matéria leva vantagem sobre o espírito; eles se abandonam aos instintos do bruto, eis porque são geralmente cruéis, porque o senso moral não se acha absolutamente ainda desenvolvido neles. Depois, os homens primitivos deviam acreditar naturalmente em que uma criatura animada tinha muito mais valor aos olhos de Deus que um corpo material. Eis o que os levou a imolar primeiro animais e mais tarde homens, uma vez que, em consequência de sua crença falsa, eles pensavam que o valor do sacrifício tinha relação com a importância da vítima. Na vida material, tal qual vocês em sua maioria a praticam, quando oferecem um presente a alguém, vocês o escolhem sempre com um valor tanto maior quanto mais vocês desejam testemunhar à pessoa amizade e consideração. Devia ser o mesmo entre homens ignorantes em relação a Deus.”

— Assim, teriam os sacrifícios de animais precedido os sacrifícios humanos?

“Isso não padece dúvida.”

— De acordo com tal explicação, os sacrifícios humanos não teriam sua origem em um sentimento de crueldade.

“Não, mas em uma ideia falsa de ser agradável a Deus. Vejam Abraão. Depois disso, os homens cometeram abusos ao imolar seus inimigos, mesmo seus inimigos particulares. De resto, Deus não exigiu jamais sacrifícios, nem o de animais, nem o de homens; ele não pode honrado com a destruição inútil de sua própria criatura.”

670. É possível que os sacrifícios humanos, feitos com uma intenção piedosa, tenham sido às vezes agradáveis a Deus?

“Não, jamais; mas Deus julga a intenção. Sendo os homens ignorantes, podiam crer que praticavam um ato louvável ao imolar um de seus semelhantes; nesse caso, Deus se prenderia apenas ao pensamento e não ao fato. Melhorando-se os homens, tinham de reconhecer seu erro e reprovar aqueles sacrifícios, que não podiam passar pela mente de espíritos esclarecidos; eu digo esclarecidos, porque os Espíritos se achavam então envoltos pelo véu material; mas, através do livre-arbítrio, eles alcançavam obter um resumo de sua origem e de seu fim, e muitos compreendiam já, por intuição, o mal que praticavam, mas eles não deixavam de efetivá-lo para satisfazerem suas paixões.”

671. Que devemos pensar das guerras chamadas de santas? O sentimento que leva os povos fanáticos a exterminar o mais possível, com o fito de serem agradáveis a Deus, os que não partilham de suas crenças, parece apresentar a mesma origem que aquele que os incitava outrora aos sacrifícios de seus semelhantes.

“Eles são estimulados pelos maus Espíritos, e, ao travarem guerra contra seus semelhantes, vão contra a vontade de Deus, que determina que o homem deve amar seu irmão como a si mesmo. Adorando todas as religiões, ou antes, todos os povos, um mesmo Deus, quer sob um nome quer sob um outro, por que travar uma guerra de extermínio só porque sua religião é diferente ou ainda não alcançou o progresso daquela dos povos esclarecidos? Os povos são justificáveis por não crerem na palavra de quem se achava animado pelo Espírito de Deus e enviado por ele, sobretudo quando não o viram e quando não foram testemunhas de seus atos; e como esperam vocês que eles criam nessa palavra de paz, quando vocês a levam a eles de espada em punho? Eles precisam esclarecer-se e nós temos que buscar dar-lhes a conhecer sua doutrina através da persuasão e da doçura, e não da força e do sangue. Em sua maioria, vocês não acreditam nas comunicações que mantemos com certos mortais; por que desejam que estranhos criam em vocês sob palavra, quando seus atos desmentem a doutrina que pregam?”

672. Apresentava a oferenda de frutos da terra feita a Deus mais mérito a seus olhos que o sacrifício de animais?

“Eu já lhes respondi ao lhes dizer que Deus julgava a intenção, e que o fato apresentava pouca importância para ele. Era, evidentemente, mais agradável a Deus ver que lhe ofereciam os frutos da terra que o sangue das vítimas. Como nós lhes dissemos e lhes repetimos sempre, a prece dita do fundo do coração é cem vezes mais agradável a Deus que todas as oferendas que vocês lhe fossem capazes de fazer. Eu repito que a intenção é tudo e o fato, nada.”

673. Não haveria um meio de tornar essas oferendas mais agradáveis a Deus, ao consagrá-las ao alívio daqueles a quem falta o necessário, e, nesse caso, o sacrifício de animais, efetivado com um fim útil, não seria ele meritório, enquanto era abusivo quando não servia para nada, ou só aproveitava às pessoas que não sentiam falta de nada? Não existiria alguma coisa de verdadeiramente piedoso em consagrar aos pobres as primícias dos bens que Deus nos concede na Terra?

“Deus abençoa sempre os que praticam o bem; aliviar os pobres e os aflitos é o melhor meio de honrá-lo. Eu não estou afirmando com isso que Deus desaprova as cerimônias que vocês realizam para orar a ele, mas existe aí muito dinheiro que poderia ser empregado de modo mais útil do que esse. O homem que se apega ao exterior e não ao coração é um espírito de visão estreita; analisem se Deus deve apegar-se mais à forma que ao fundo.”

## CAPÍTULO III

# II. — LEI DO TRABALHO

1. Necessidade do trabalho. — 2. Limite do trabalho. Repouso.

### Necessidade do trabalho.

674. Constitui a necessidade do trabalho uma lei da natureza?

“O trabalho é uma lei da natureza, *ipso facto*, ele é uma necessidade, e a civilização obriga o homem a mais trabalho, porque ela aumenta suas necessidades e seus prazeres.”

675. Deve-se entender como trabalho apenas as ocupações materiais?

“Não; o Espírito trabalha como o corpo. Toda ocupação útil é um trabalho.”

676. Por que o trabalho é imposto ao homem?

“Trata-se de uma consequência de sua natureza corpórea. É uma expiação e, ao mesmo tempo, um meio de aperfeiçoar sua inteligência. Sem o trabalho, o homem continuaria na infância da inteligência; eis porque ele deve seu alimento, sua segurança e seu bem-estar tão só a seu trabalho e a sua atividade. A quem é demasiado frágil de corpo, Deus concebeu a inteligência para contrabalançar; mas constitui sempre um trabalho.”

677. Por que a natureza provê por si mesma a todas as necessidades dos animais?

“Tudo trabalha na natureza; os animais trabalham como você, mas seu trabalho, como sua inteligência, limita-se ao cuidado com sua conservação; eis aí porque, entre os animais, ele não suscita o progresso, ao passo que, para o homem, ele apresenta uma dupla finalidade: a conservação do corpo e o desenvolvimento da mente, que é também uma necessidade e que o alça para cima de si mesmo. Quando eu afirmo que o trabalho dos animais se limita ao cuidado com sua conservação, eu estou referindo-me ao objetivo a que eles se propõem ao trabalhar; mas eles constituem, à revelia, enquanto se dão de todo

ao provimento de suas necessidades materiais, os agentes que secundam os desígnios do Criador, e seu trabalho não deixa de concorrer para a meta final da natureza, se bem que, muitíssimas vezes, vocês não percebam o resultado imediato dele.”

678. Nos mundos mais aperfeiçoados, submete-se o homem à mesma necessidade do trabalho?

“A natureza do trabalho se acha relacionada à natureza das necessidades; menos as necessidades são materiais, menos o trabalho é material; mas não creia por isso que o homem fique inativo e inútil: a ociosidade seria um suplício, em lugar de ser um benefício.”

679. Fica dispensado da lei do trabalho o homem que possui bens suficientes para assegurar sua existência?

“Do trabalho material, talvez, mas não da obrigação de se tornar útil, segundo seus meios, e de aperfeiçoar sua inteligência ou a dos outros, o que é também um trabalho. Se o homem a quem Deus repartiu bens suficientes para assegurar sua existência não se acha forçado a se alimentar do suor de sua fronte, a obrigação de ser útil a seus semelhantes é tanto maior para ele, quanto a parte que lhe foi dada antecipadamente lhe permite maiores folgas para praticar o bem.”

680. Não existem homens que se encontram na impossibilidade de trabalhar no que quer que seja, e cuja existência é inútil?

“Deus é justo; ele não condena senão aquele cuja existência seja inútil por sua própria vontade; pois esse vive às custas do trabalho dos outros. Ele deseja que cada qual se torne útil de acordo com suas faculdades.” (643.)

681. Determina aos filhos a lei da natureza a obrigação de trabalharem por seus pais?

“Certamente, como os pais têm que trabalhar por seus filhos; eis porque Deus fez do amor dos filhos e do amor dos pais um sentimento natural, a fim de que, através dessa afeição recíproca, os membros de u’a mesma família sejam levados a se ajudarem mutuamente; eis o que muitíssimas vezes não se reconhece em sua sociedade atual.” (205.)

### **Limite do trabalho. Repouso.**

682. Sendo o repouso uma necessidade após o trabalho, não constitui ele uma lei da natureza?

“Sem dúvida o repouso serve para reparar as forças do corpo, e é também necessário a fim de que se dê um pouco mais de liberdade à inteligência para se elevar acima da matéria.”

683. Qual é o limite do trabalho?

“O limite das forças; quanto ao mais, Deus deixa o homem livre.”

684. Que pensar dos que abusam de sua autoridade para impor a seus inferiores um excesso de trabalho?

“Trata-se de uma das piores ações. Todo homem que possui o poder de comando é responsável pelo excesso de trabalho que impõe a seus inferiores, pois ele transgride a lei de Deus.” (273.)

685. Tem direito o homem ao repouso em sua velhice?

“Sim, ele tão só se acha obrigado de acordo com suas forças.”

— Mas que saída tem o velho que necessita trabalhar para viver, e que não pode?

“O forte tem que trabalhar pelo fraco; na falta de família, a sociedade tem que assumir seu lugar: eis a lei de caridade.”

Não é suficiente dizer ao homem que ele tem que trabalhar; é preciso ainda que quem mantém sua existência com seu labor encontre o de que se ocupar, e é isso que nem sempre ocorre. Quando a falta de trabalho se generaliza, ela ganha as proporções de um flagelo como a penúria. A ciência econômica procura o remédio no equilíbrio entre a produção e o consumo; mas esse equilíbrio, imaginando-se que seja possível, terá sempre interrupções e, durante esses intervalos, o trabalhador não deixa de viver. Existe um elemento que não foi assaz colocado na balança e sem o qual a ciência econômica não é senão uma teoria: trata-se da *educação*; não a educação intelectual, mas a educação moral; não, porém, a educação moral através dos livros, mas a que constitui a *arte de formar caracteres*, a que *estabelece os hábitos*; pois a *educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*. Quando se pensa na massa de indivíduos jogados a cada dia na torrente da população, sem princípios, sem freio e abandonados a seus próprios instintos, deve-se espantar com as consequências desastrosas que resultam disso? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos *de ordem e de previdência* para consigo mesmo e os seus, *de respeito para com o que é respeitável*, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que tão só uma educação *bem entendida* é capaz de curar; aí se acha o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de *todos*.

## CAPÍTULO IV

### III. LEI DE REPRODUÇÃO

1. População do globo. — 2. Sucessão e aperfeiçoamento das raças. — 3. Obstáculos à reprodução.  
4. Casamento e celibato. — 5. Poligamia.

#### População do globo.

686. Constitui a reprodução dos seres vivos uma lei da natureza?

“Isso é evidente; sem a reprodução, o mundo corpóreo pereceria.”

687. Caso a população siga sempre a progressão crescente que nós verificamos, chegará um momento em que será superabundante na Terra?

“Não; Deus a isso provê e mantém sempre o equilíbrio; ele nada faz de inútil; o homem, que enxerga apenas uma nesga do quadro da natureza, não tem como julgar da harmonia do conjunto.”

#### Sucessão e aperfeiçoamento das raças.

688. Existem neste momento raças humanas que diminuem claramente; chegará um momento em que haverão desaparecido da face da Terra?

“Isso é verdadeiro, mas acontece que outras ocuparam seu lugar, como outras ocuparão o de vocês um dia.”

689. Constituem os homens atuais uma nova criação ou são os descendentes aperfeiçoados dos seres primitivos?

“São os mesmos Espíritos que *regressaram* para aperfeiçoar-se em novos corpos, mas que se acham ainda longe da perfeição. Assim, a raça humana atual que, por seu crescimento, tende a invadir toda a Terra e a substituir as raças que estão extinguindo-se, terá seu período de decréscimo e desaparecimento. Ela será substituída por outras raças mais depuradas que descenderão da raça atual, como os homens civilizados de hoje em dia descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos.”

690. Do ponto de vista puramente físico, constituem os corpos da raça atual uma criação especial ou procedem eles dos corpos primitivos por via de reprodução?

“A origem das raças se perde na noite dos tempos; mas, como elas todas pertencem à grande família humana, qualquer que seja a estirpe primitiva de cada uma, ela conseguiram aliar-se entre si e produzir tipos novos.”

691. Qual é, do ponto de vista físico, o caráter distintivo e dominante das raças primitivas?

“Desenvolvimento da força bruta às custas da força intelectual; agora ocorre o contrário: o homem produz mais através da inteligência que através da força física, e apesar disso ele produz cem vezes mais, porque soube tirar proveito das forças da natureza, o que não fazem os animais.”

692. É contrário à lei da natureza o aperfeiçoamento das espécies animais e vegetais através da ciência? Seria mais conforme a essa lei deixar as coisas seguirem seu curso normal?

“Deve-se fazer de tudo para chegar à perfeição, e o homem mesmo constitui um instrumento de que Deus se serve para chegar a seus fins. Constituindo a perfeição o objetivo a que se volta a natureza, é atender a tais desígnios favorecer essa perfeição.”

— Mas o homem em geral é movido em seus esforços para a melhora das raças tão só por um sentimento pessoal, não possuindo outro objetivo senão o aumento de seus prazeres; não diminui isso seu mérito?

“Que importa que seu mérito seja nulo, tendo em vista que o progresso se realize? Cabe a ele tornar seu trabalho meritório pela intenção. De resto, através desse trabalho ele exerce e desenvolve sua inteligência, e é sob tal perspectiva que ele aproveita o máximo.”

### **Obstáculos à reprodução.**

693. São contrários à lei da natureza as leis e os costumes humanos que têm por meta ou por efeito colocar obstáculos à reprodução?

“Tudo o que entrava a natureza em seu avanço é contrário à lei geral.”

— Entretanto, existem espécies de seres vivos, animais e plantas, cuja reprodução infinita seria nociva às outras espécies e das quais o homem mesmo logo seria vítima; comete ele uma ação repreensível interrompendo essa reprodução?

“Deus concedeu ao homem sobre todos os seres vivos um poder que ele tem de usar para o bem, mas não abusar. Ele pode reger a reprodução conforme as necessidades; ele não deve entravá-la sem precisar. A ação inteligente do homem constitui um contrapeso estabelecido por Deus para restaurar o equilíbrio entre as forças da natureza, e é ainda isso que o distingue dos animais, porquanto ele o faz com conhecimento de causa; mas os próprios animais concorrem também para esse equilíbrio, pois o instinto de destruição que lhes foi concedido faz que, provendo exclusivamente sua própria conservação, eles embarguem o desenvolvimento excessivo, e talvez perigoso, das espécies animais e vegetais de que se alimentam.”

694. Que se deve pensar dos usos que têm por efeito impedir a reprodução, tendo em vista satisfazer a sensualidade?

“Isso comprova a predominância do corpo sobre a alma, e quanto o homem se integra na matéria.”

### **Casamento e celibato.**

695. É o casamento, quer dizer, a união permanente de dois seres, contrário à lei da natureza?

“Trata-se de um progresso na marcha da humanidade.”

696. Qual seria o efeito da abolição do casamento sobre a sociedade humana?

“O retorno à vida dos animais.”

A união livre e fortuita dos sexos constitui o estado de natureza. O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque ele estabelece a solidariedade fraternal e existe em todos os povos, conquanto em diversas condições. A abolição do casamento seria, pois, o retorno à infância da humanidade e situaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe oferecem o exemplo de uniões perenes.

697. Acha-se a indissolubilidade absoluta do casamento na lei da natureza ou somente na lei humana?

“Trata-se de uma lei humana bastante contrária à lei da natureza. Mas os homens podem mudar suas leis: somente as da natureza são imutáveis.”

698. Constitui o celibato voluntário um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus?

“Não, e os que vivem assim por egoísmo desagradam a Deus e enganam todo o mundo.”

699. Não constitui o celibato, para certas pessoas, um sacrifício com o fito de se devotarem mais inteiramente ao serviço da humanidade?

“Isso é bem diferente; eu disse: por egoísmo. Todo sacrifício pessoal é meritório quando voltado para o bem; quanto maior é o sacrifício, tanto maior é o mérito.”

Deus não tem como contradizer-se nem como achar ruim o que fez; ele não pode, portanto, ver nenhum mérito na violação de sua lei; mas, se o celibato, por si mesmo, não é um estado meritório, não ocorre o mesmo quando

constitui, pela renúncia às alegrias da família, um sacrifício efetivado em proveito da humanidade. Todo sacrifício pessoal que vise ao bem, e *sem segunda intenção de egoísmo*, eleva o homem acima de sua condição material.

## Poligamia.

700. Constitui a igualdade numérica que existe, com pouca diferença, entre os sexos um indício da proporção segundo a qual eles devem ficar unidos?

“Sim, pois tudo possui um objetivo na natureza.”

701. Qual das duas, a poligamia ou a monogamia, é mais conforme à lei da natureza?

“A poligamia é uma lei humana, cuja abolição assinala um progresso social. O casamento, conforme os desígnios de Deus, deve fundamentar-se na afeição dos seres que se unem. Com a poligamia, não existe afeição real: só existe sensualidade.”

Caso a poligamia estivesse de acordo com a lei da natureza, teria que ser universal, o que seria materialmente impossível à vista da igualdade numérica dos sexos.

A poligamia deve ser considerada como um uso ou uma legislação particular adequada a certos costumes, e que o aperfeiçoamento social está fazendo a pouco e pouco desaparecer.

## CAPÍTULO V

# IV. LEI DE CONSERVAÇÃO

1. Instinto de conservação. — 2. Meios de conservação. — 3. Gozo dos bens terrestres. — 4. Necessário e supérfluo. — 5. Privações voluntárias. Mortificações.

### **Instinto de conservação.**

702. Constitui o instinto de conservação uma lei da natureza?

“Sem dúvida, ele foi concedido a todos os seres vivos, seja qual for o nível de sua inteligência; em uns, ele é puramente maquinal, e em outros, ele é racional.”

703. Com que fito propiciou Deus a todos os seres vivos o instinto de sua conservação?

“Porque todos têm que concorrer para os desígnios da Providência; eis porque Deus lhes proporcionou a necessidade de viver. E depois, a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres; eles o sentem instintivamente sem se renderem conta disso.”

### **Meios de conservação.**

704. Proporcionando Deus ao homem a necessidade de viver, forneceu-lhe sempre os meios para isso?

“Sim, e, caso ele não os encontre, é que não os compreende. Deus não teve como proporcionar ao homem a necessidade de viver sem lhe fornecer os meios; eis porque ele faz que a terra produza com que abastecer do necessário a todos os seus habitantes, pois apenas o necessário é útil; o supérfluo não o é jamais.”

705. Por que a terra nem sempre produz o bastante para abastecer do necessário o homem?

“É que o homem a negligencia, o ingrato! Ela é, no entanto, uma excelente mãe. Muitas vezes também, ele acusa a natureza daquilo que resulta de sua imperícia ou de sua imprevidência. A terra produziria sempre o necessário, caso o homem fosse capaz de se contentar com isso. Se ela não satisfaz a todas as necessidades, é que o homem aplica no supérfluo o que poderia ser dedicado ao necessário. Veja o árabe no deserto: ele encontra sempre com que viver, porque não cria necessidades artificiais; mas, quando a metade dos produtos é esbanjada para satisfazer fantasias, pode o homem espantar-se de nada encontrar no dia seguinte, e possui ele razão de se lamentar por estar desabastecido quando vem o tempo da penúria? Em verdade, eu lhes afirmo, não é a natureza que é imprevidente, é o homem que não sabe regrar-se.”

706. Somente se deve entender como os bens da terra os produtos do solo?

“O solo é a fonte primária de onde advêm todos os outros recursos, pois, deveras, esses recursos constituem tão só uma transformação dos produtos do solo; eis porque é preciso entender como os bens da terra tudo o que o homem é capaz de desfrutar neste mundo.”

707. Amiúde, fazem falta os recursos de subsistência a certos indivíduos, mesmo em meio da abundância que os rodeia; a que têm eles de atribuir isso?

“Ao egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que devem; em seguida, e o mais das vezes, a si mesmos. Busquem e vocês acharão; estas palavras não querem dizer em absoluto que baste olhar a terra para encontrar o que se deseja, mas que precisa procurar com ardor e perseverança, e não com indolência, sem se deixar desencorajar pelos obstáculos que, muitíssimas vezes, constituem apenas meios de colocar à prova sua constância, sua paciência e sua firmeza.” (534.)

Se a civilização multiplica as necessidades, ela multiplica também as fontes de trabalho e os meios de viver; mas é preciso convir que, sob esse aspecto, lhe resta ainda muito que fazer; quando ela houver completado sua obra, ninguém deverá poder dizer que lhe falte do necessário, caso isso não ocorra por sua culpa. A infelicidade, para muitos, se dá porque eles tomam um caminho que não é o que a natureza lhes traçou; é aí que a inteligência para obter sucesso lhes falta. Existe um lugar para todo o mundo ao sol, mas isso com a condição de ficar com o seu e não com o dos outros. A natureza não poderia ser responsável pelos vícios da organização social e pelas consequências da ambição e do amor-próprio.

Precisaria ser cego, no entanto, para não reconhecer o progresso realizado nesse aspecto junto aos povos mais adiantados. Graças aos louváveis esforços que a filantropia e a ciência reunidas não param de fazer para a melhora do estado material dos homens, malgrado o crescimento incessante das populações, a insuficiência da produção é atenuada em grande parte ao menos, e os anos mais calamitosos não têm nada de comparável aos de antigamente; a higiene pública, esse elemento tão essencial para a disposição e para a saúde, desconhecido de nossos pais, é objeto de uma solicitude esclarecida; o infortúnio e o sofrimento encontram locais de refúgio; por toda a parte, a ciência é convidada a contribuir para o aumento do bem-estar. É para dizer que se atingiu a perfeição? Oh! Com certeza, não; mas o que se realizou oferece-nos a medida do que se pode realizar com perseverança, caso o homem seja assaz prudente para buscar sua felicidade nas coisas práticas e sérias e não nas utopias que o fazem retroceder em lugar de avançar.

708. Não existem circunstâncias em que os meios de subsistência não dependem de forma alguma da vontade do homem e em que a privação do necessário mais premente é uma consequência da força das coisas?

“Trata-se de uma provação amiúde cruel que ele tem que sofrer e à qual sabia que seria exposto; seu mérito se acha na submissão à vontade de Deus, caso sua inteligência

não lhe forneça nenhum meio de escapar da dificuldade. Caso a morte tenha de alcançá-lo, ele terá de se determinar a isso sem murmurar, pensando que a hora da verdadeira libertação chegou e que *o desespero do derradeiro momento pode fazer que perca o fruto de sua resignação.*”

709. Cometeram um crime os que, em certas circunstâncias críticas, se acharam na contingência de sacrificar seus semelhantes para saciarem a fome? Caso seja isso crime, fica ele atenuado pela necessidade de viver que lhes proporciona o instinto de conservação?

“Eu já respondi ao dizer que existe mais mérito em sofrer todas as provações da vida com coragem e abnegação. Existe homicídio, um crime de lesa-natureza, falta que tem de ser duplamente punida.”

710. Nos mundos onde a organização é mais depurada, têm os seres vivos necessidade de alimentação?

“Sim, mas seus alimentos estão em correspondência com sua natureza. Tais alimentos não seriam em absoluto assaz substanciosos para seus estômagos grosseiros; assim como eles não seriam capazes de digerir os seus.”

## Gozo dos bens terrestres.

711. Constitui o uso dos bens terrestres um direito de todos os homens?

“Esse direito é a consequência da necessidade de viver. É impossível que Deus tenha imposto um dever sem ter fornecido o meio de realizá-lo.”

712. Com que objetivo Deus juntou um atrativo aos gozos dos bens materiais?

“Foi para incitar o homem ao cumprimento de sua missão e também para prová-lo através da tentação.”

— Qual o objetivo dessa tentação?

“Desenvolver-lhe a razão que tem de preservá-lo dos excessos.”

Caso o homem fosse incitado ao uso dos bens terrestres apenas à vista de sua utilidade, sua indiferença poderia comprometer a harmonia do universo: Deus lhe concedeu o atrativo do prazer que o impele ao cumprimento dos desígnios da Providência. Mas, através desse mesmo atrativo, Deus quis prová-lo pela tentação, que o arrasta para o abuso do qual sua razão tem de defendê-lo.

713. Possuem os gozos limites traçados pela natureza?

“Sim, para lhes indicar o limite do necessário; mas, através de seus excessos, vocês exageram e então se punem a si mesmos.”

714. Que pensar do homem que busca nos excessos de todo gênero um refinamento para seus prazeres?

“Pobre natureza que a gente tem de lamentar e não invejar, pois ele se acha bem próximo da morte!”

— É da morte física ou da morte moral que ele se aproxima?

“De uma e de outra.”

O homem que busca nos excessos de todo gênero um refinamento de prazeres situa-se abaixo do bruto, pois o bruto sabe parar com a satisfação da necessidade. Ele abdica a razão que Deus lhe concedeu por guia, e, quanto maiores são seus excessos, tanto mais ele proporciona à sua natureza animal o domínio sobre sua natureza espiritual. As moléstias, as enfermidades, a morte mesma, que são a consequência do abuso, constituem, ao mesmo tempo, a punição da transgressão da lei de Deus.

## Necessário e supérfluo.

715. Como consegue o homem conhecer o limite do necessário?

“O prudente conhece por intuição; muitos conhecem através da experiência e às próprias custas.”

716. Não traçou a natureza o limite de nossas necessidades através de nossa organização?

“Sim, mas o homem é insaciável. A natureza traçou o limite de suas necessidades através de sua organização, mas os vícios alteraram sua constituição e criaram-lhe necessidades que não constituem necessidades reais.”

717. Que pensar dos que açambarcam os bens terrenos para se conceder o supérfluo, em prejuízo daqueles a quem falta o necessário?

“Eles menosprezam a lei de Deus e haverão de responder pelas privações que tiverem feito padecer.”

O limite do necessário e do supérfluo não tem nada de absoluto. A civilização criou necessidades que não possui a selvageria, e os Espíritos que ditaram estes preceitos não pretendem que o homem civilizado tenha de viver como o selvagem. Tudo é relativo; compete à razão situar cada coisa. A civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade que conduz os homens a se prestarem um mútuo apoio. Os que vivem às custas das privações dos outros exploram os benefícios da civilização em seu proveito; eles possuem da civilização apenas o verniz, como existem pessoas que possuem da religião apenas a aparência.

## Privações voluntárias. Mortificações.

718. Obriga a lei de conservação a prover as necessidades do corpo?

“Sim, sem a disposição e a saúde o trabalho é impossível.”

719. É criticável o homem por se empenhar pelo bem-estar?

“O bem-estar é um desejo natural; Deus proíbe tão só o abuso, porque o abuso é contrário à conservação; ele não vê em absoluto um crime em se empenhar pelo bem-estar, caso esse bem-estar não seja adquirido às custas de ninguém, nem vá debilitar suas forças morais ou suas forças físicas.”

720. Apresentam as privações voluntárias, tendo em vista uma expiação igualmente voluntária, um mérito aos olhos de Deus?

“Façam o bem aos outros e vocês aumentarão seu mérito.”

— Existem privações voluntárias que sejam meritórias?

“Sim: a privação dos prazeres inúteis, porque desprende o homem da matéria e eleva sua alma. O que é meritório é resistir à tentação que incita aos excessos e ao prazer por coisas inúteis; é tirar de seu necessário para oferecer aos que não possuem o suficiente. Caso a privação seja apenas um vão simulacro, constitui uma zombaria.”

721. A vida de mortificações ascéticas foi praticada em toda a antiguidade e entre diferentes povos; é ela meritória sob um ponto de vista qualquer?

“Perguntem vocês a *quem* ela serve e terão a resposta. Caso ela sirva apenas a quem a pratica e o impede de realizar o bem, trata-se de egoísmo, seja qual for o pretexto com que seja colorida. Privar-se e trabalhar pelos outros constitui a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã.”

722. Acha-se fundada na razão a abstenção de certos alimentos prescrita entre diversos povos?

“Tudo o de que o homem seja capaz de se nutrir sem prejuízo para sua saúde é permitido; mas é possível que os legisladores tenham interditado certos alimentos com um fim útil, e, para atribuir mais crédito às suas leis, eles as apresentaram como vindas de Deus.”

723. Contraria a nutrição animal, quanto ao homem, a lei da natureza?

“Em sua constituição física, a carne nutre a carne, caso contrário, o homem definha. A lei de conservação atribui ao homem como dever conservar suas forças e sua saúde para cumprir a lei do trabalho. Logo, ele tem que se nutrir, conforme o que determina seu organismo.”

724. É meritória a abstenção de nutrição animal ou outra, como expiação?

“Sim, caso se prive o homem pelos outros; mas Deus não pode reconhecer u’*a* mortificação quando não existe privação *séria e útil*; eis porque nós afirmamos que os que se privam apenas em aparência são hipócritas.” (720.)

725. Que pensar das mutilações operadas no corpo do homem ou dos animais?

“Para que serve uma tal questão? Perguntem uma vez ainda se uma coisa é útil. O que é inútil não tem como ser agradável a Deus e o que é nocivo lhe é sempre desagradável; porquanto, compenetrem-se disto, Deus é sensível tão somente aos sentimentos que elevam a alma a ele; é praticando sua lei que vocês serão capazes de sacudir sua matéria terrestre, e não violando-a.”

726. Se os sofrimentos deste mundo nos elevam através do modo como são suportados, elevam-nos os que se criam por vontade própria?

“Os únicos sofrimentos que elevam são os sofrimentos naturais, porque eles provêm de Deus; os sofrimentos voluntários não servem para nada, quando não fazem nada pelo bem de outrem. Crê você que os que abreviam sua vida em rigores sobre-humanos, como fazem os bonzos, os faquires e certos fanáticos de diversas seitas,

avançam em seu caminho? Por que não trabalham, ao contrário, pelo bem de seus semelhantes? Que eles vistam o indigente; que eles consolem quem chora; que eles trabalhem pelo que está enfermo; que eles suportem privações para o alívio dos infelizes, então sua vida será útil e agradável a Deus. Quando, nos sofrimentos voluntários que se padece, apenas se tem em vista a si mesmo, trata-se de egoísmo; quando alguém sofre pelos outros, trata-se de caridade; tais são os preceitos do Cristo.”

727. Já que não se devem criar sofrimentos voluntários que não são de nenhuma utilidade para outrem, pode a gente preservar-se dos que se preveem ou que nos ameaçam?

“O instinto de conservação foi concedido a todos os seres contra os perigos e os sofrimentos. Fustiguem seu Espírito e não seu corpo, mortifiquem seu orgulho, sufoquem seu egoísmo semelhante a uma serpente que lhes corrói o coração, e vocês farão mais por seu adiantamento do que através de rigores que não são mais deste século.”

## CAPÍTULO VI

# V. — LEI DE DESTRUIÇÃO

1. Destruição necessária e destruição abusiva. — 2. Flagelos destruidores. — 3. Guerras. — 4. Homicídio. — 5. Crueldade. — 6. Duelo. — 7. Pena de morte.

### **Destruição necessária e destruição abusiva.**

728. Constitui a destruição uma lei da natureza?

“É preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar; pois o que vocês chamam de destruição não passa de uma transformação que possui por alvo a renovação e a melhoria dos seres vivos.”

— Teria assim o instinto de destruição sido proporcionado aos seres vivos dentro dos desígnios providenciais?

“As criaturas de Deus são os instrumentos de que ele se serve para chegar a seus fins. Para se nutrirem, os seres vivos se destroem entre si, e isso com o duplo fito de manter o equilíbrio da reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e de utilizar os despojos do invólucro exterior. Mas é sempre tão só o invólucro que se destrói e esse invólucro constitui apenas o acessório e não a parte essencial; é o princípio inteligente que é indestrutível, e que se elabora nas diferentes metamorfoses que sofre.”

729. Se a destruição é necessária para a regeneração dos seres, por que a natureza os rodeia de meios de preservação e de conservação?

“Isso se dá a fim de que a destruição não venha antes do tempo necessário. Toda destruição antecipada entrava o desenvolvimento do princípio inteligente; eis porque Deus concedeu a cada ser a necessidade de viver e de se reproduzir.”

730. Uma vez que a morte nos deve conduzir a uma vida melhor, que ela nos liberta dos males desta aqui e que ela é mais de se desejar do que de se recear, por que o homem possui por ela um horror instintivo que faz que ele tenha medo dela?

“Como nós o dissemos, o homem tem de buscar prolongar sua vida para cumprir sua obrigação; eis porque Deus o dotou com o instinto de conservação, e esse instinto o ampara em suas provações; sem isso, ele se deixaria com muita frequência cair no desencorajamento. A voz secreta que o faz rechaçar a morte lhe diz que ele pode ainda fazer algo por seu adiantamento. Quando um perigo o ameaça, é uma advertência para que ele aproveite a trégua que Deus lhe concede; mas, ingrato, ele, o mais das vezes, rende graças à sua estrela e não a seu Criador!”

731. Por que, ao lado dos meios de conservação, a natureza ao mesmo tempo põe os agentes destruidores?

“O remédio ao lado do mal; como nós o dissemos, é para manter o equilíbrio e servir de contrapeso.”

732. É a necessidade de destruição a mesma em todos os mundos?

“É proporcional ao estado mais ou menos material dos mundos; ela cessa com um estado físico e moral mais depurado. Nos mundos mais adiantados que o seu, as condições de existência são de todo outras.”

733. Sempre existirá a necessidade de destruição entre os homens na Terra?

“A necessidade de destruição vai reduzindo-se para o homem, à medida que o Espírito o vai sobrepondo à matéria; eis porque vocês observam que o horror da destruição acompanha o desenvolvimento intelectual e moral.”

734. Em seu estado atual, possui o homem um direito ilimitado de destruição sobre os animais?

“Esse direito é pautado pela necessidade de prover à sua nutrição e à sua segurança; o abuso não constituiu jamais um direito.

735. Que pensar da destruição que ultrapassa os limites das necessidades e da segurança; da caça, por exemplo, quando tem por fito apenas o prazer de destruir sem utilidade?

“Predominância da bestialidade sobre a natureza espiritual. Toda destruição que ultrapassa os limites da necessidade constitui uma violação da lei de Deus. Os animais tão só destroem em função de suas necessidades; mas o homem, que possui o livre-arbítrio, destrói sem necessidade; ele deverá dar conta do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois, então, é aos maus instintos que ele cede.”

736. Apresentam os povos que chegam ao extremo do escrúpulo no tocante à destruição dos animais um mérito especial?

“Trata-se de um excesso de um sentimento louvável em si mesmo, mas que se torna abusivo e cujo mérito fica neutralizado através de abusos de muitas outras espécies. Existe neles mais de medo supersticioso que de verdadeira bondade.”

## **Flagelos destruidores.**

737. Com que fito fere Deus a humanidade através de flagelos destruidores?

“Para fazer que se adiante mais depressa. Não dissemos nós que a destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos, os quais colhem em cada nova existência um novo nível de perfeição? Precisa observar o fim para avaliar os resultados. Vocês julgam tais fatos apenas de seu ponto de vista pessoal, e vocês os chamam de flagelos por causa dos prejuízos que eles lhes ocasionam; mas essas calamidades são muitas vezes necessárias para fazer chegar mais prontamente uma ordem de coisas melhor, e em alguns anos o que exigiria muitos séculos.” (744.)

738. Não poderia Deus empregar, para a melhoria a humanidade, outros meios que não os flagelos destruidores?

“Sim, e ele os emprega todos os dias, uma vez que concedeu a cada um os meios de progredir através do conhecimento do bem e do mal. É o homem que não tira proveito deles; é bem preciso castigá-lo em seu orgulho e fazê-lo sentir sua fragilidade.”

— Mas nesses flagelos o homem de bem sucumbe como o perverso; isso é justo?

“Durante a vida, o homem tudo relaciona com seu corpo, mas, após a morte, ele pensa diferentemente e como nós afirmamos: a vida do corpo representa pouca coisa; um século de seu mundo é *uma faísca na eternidade*; logo, os sofrimentos que perduram o que vocês denominam de alguns meses ou de alguns dias, não significam nada; trata-se de um ensinamento para vocês, e que lhes serve para o futuro. Os Espíritos, eis aqui o mundo real, preexistem e sobrevivem a tudo (85); são os filhos de Deus e o objeto de toda a sua solicitude; os corpos não passam de fantasias sob as quais eles aparecem no mundo. Nas grandes calamidades que dizimam os homens, acontece como um exército que, durante a guerra, observa suas roupas deterioradas, rasgadas ou destruídas. O general preocupa-se mais com seus soldados do que com os uniformes deles.”

— Mas nem por isso as vítimas desses flagelos deixam de ser vítimas.

“Caso se considerasse a vida pelo que ela significa e por quão pouca coisa ela representa perante o infinito, a gente lhe atribuiria menos importância. Essas vítimas encontrarão em uma outra existência uma larga compensação para seus infortúnios, caso elas consigam suportá-los sem murmúrio.”

Que a morte chegue através de um flagelo ou de uma causa ordinária, nem por isso se deixa de morrer quando a hora da partida é soada: a única diferença é que se parte em um maior número de cada vez.

Caso pudéssemos elevar-nos através do pensamento de modo a vislumbrar a humanidade e a abrangê-la toda inteira, esses flagelos tão terríveis não nos pareceriam mais que tempestades passageiras no fadário do mundo.

739. Apresentam esses flagelos destruidores uma utilidade do ponto de vista físico, malgrado os males que ocasionam?

“Sim, eles mudam às vezes o estado de uma região; mas o bem que resulta daí é percebido muitas vezes tão somente pelas gerações futuras.”

740. Não constituiriam os flagelos igualmente para o homem provações morais que o expõem às mais duras necessidades?

“Os flagelos constituem provações que fornecem ao homem a ocasião de exercer sua inteligência, de demonstrar sua paciência e sua resignação perante a vontade de Deus,

e que lhe permitem manifestar diretamente seus sentimentos de abnegação, de desinteresse e de amor ao próximo, caso não se ache dominado pelo egoísmo.”

741. Concede-se ao homem conjurar os flagelos com que é afligido?

“Sim, uma parte; mas não como se entende geralmente. Muitos dos flagelos decorrem de sua imprevidência; à medida que ele vai adquirindo conhecimentos e experiência, vai conseguindo conjurá-los, quer dizer, preveni-los, caso saiba encontrar-lhes as causas. Mas, entre os males que afligem a humanidade, existem os de caráter geral que se acham nos decretos da Providência e cujo contragolpe cada indivíduo recebe mais ou menos; a esses o homem é capaz de opor apenas a resignação à vontade de Deus; e ainda tais males são com frequência agravados por sua apatia.”

Entre os flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, é preciso dispor, na primeira fila, a peste, a miséria, as inundações, as intempéries fatais à produção da terra. Mas não encontrou o homem na ciência, nos trabalhos artísticos, no aperfeiçoamento da agricultura, nos rodízios das culturas e nas irrigações, no estudo das condições higiênicas, os meios de neutralizar ou ao menos de atenuar muitos desastres? Não se acham certas regiões outrora arrasadas por terríveis flagelos preservadas hoje em dia? Logo, que não fará o homem por seu bem-estar material, quando for capaz de se aproveitar de todos os recursos de sua inteligência e quando, ao cuidado de sua conservação pessoal, ele conseguir aliar o sentimento de uma verdadeira caridade por seus semelhantes? (707.)

## Guerras.

742. Qual é a causa que leva o homem à guerra?

“Predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e satisfação das paixões. No estado de barbárie, os povos reconhecem tão só o direito do mais forte; eis porque a guerra constitui para eles um estado normal. À medida que o homem vai progredindo, ela vai tornando-se menos frequente, porque ele susta suas causas; e, quando ela é necessária, ele consegue imprimir-lhe humanidade.”

743. Desaparecerá a guerra um dia da superfície da Terra?

“Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus; então, todos os povos serão irmãos.”

744. Qual foi o interesse da Providência ao tornar a guerra necessária?

“A liberdade e o progresso.”

— Se o efeito forçoso da guerra é conduzir à liberdade, como se dá que ela tenha muitas vezes como objetivo e como resultado a escravização?

“Escravização temporária para *amontoar* os povos, a fim de fazê-los obter sucesso mais rapidamente.”

745. Que pensar de quem suscita a guerra em seu proveito?

“Esse constitui o verdadeiro culpado e precisará *de muitas existências* para expiar todos os homicídios de que houver sido causa, pois ele responderá por todo homem cuja morte houver provocado para satisfazer sua ambição.”

## Homicídio.

746. Constitui o homicídio um crime aos olhos de Deus?

“Sim, um grande crime; pois quem tira a vida a seu semelhante corta *uma vida de expiação ou de missão*, e aí reside o mal.”

747. Existe no homicídio sempre o mesmo nível de culpabilidade?

“Nós já o afirmamos: Deus é justo; ele julga a intenção mais do que o fato.”

748. Desculpa Deus o homicídio em caso de legítima defesa?

“A necessidade unicamente o pode desculpar; mas, caso se possa preservar sua vida sem levar perigo à de seu agressor, tem-se que fazê-lo.”

749. É o homem culpado pelos homicídios que comete durante a guerra?

“Não, uma vez que se acha constrangido através da força; mas ele é culpado pelas crueldades que comete, e lhe será levada em conta sua humanidade.”

750. Qual é o mais culpável aos olhos de Deus: o parricídio ou o infanticídio?

“Ambos o são igualmente, pois todo crime constitui um crime.”

751. Donde provém o fato de que, junto a certos povos já adiantados do ponto de vista intelectual, o infanticídio se ache entre os costumes e seja consagrado pela legislação?

“O desenvolvimento intelectual não traz consigo a necessidade do bem; o Espírito superior em inteligência pode ser mau; trata-se de quem viveu bastante sem se melhorar: ele possui conhecimentos.”

## Crueldade.

752. É possível ligar-se o sentimento de crueldade ao instinto de destruição?

“Trata-se do instinto de destruição no que ele apresenta de pior, pois, se a destruição é às vezes necessária, a crueldade não o é jamais; ela é sempre o resultado de uma natureza ruim.”

753. Donde provém o fato de que a crueldade constitui o caráter dominante dos povos primitivos?

“Junto aos povos primitivos, como você os chama, a matéria excede o espírito; eles se abandonam aos instintos do bruto e, como não possuem outras necessidades senão as da vida do corpo, eles pensam apenas em sua conservação pessoal; eis o que os torna em geral cruéis. Além do mais, os povos cujo desenvolvimento é imperfeito ficam sob o império de Espíritos igualmente imperfeitos que lhes são simpáticos, até que povos mais adiantados venham destruir ou debilitar tal influência.”

754. Não corresponde a crueldade à ausência do senso moral?

“Diga que o senso moral não se acha desenvolvido, mas não diga que está ausente, pois ele existe em princípio em todos os homens; é esse senso moral que faz deles, mais tarde, seres bons e humanos. Logo, ele existe no selvagem, mas como o princípio do perfume no rebento da flor antes de desabrochar.”

Todas as faculdades existem no homem em estado rudimentar ou latente; elas se desenvolvem segundo lhes sejam as circunstâncias mais ou menos favoráveis. O desenvolvimento excessivo de umas paralisa ou neutraliza o das outras. A superexcitação dos instintos materiais asfixia, por assim dizer, o senso moral, como o desenvolvimento do senso moral vai debilitando a pouco e pouco as faculdades puramente animais.

755. Como se dá que, no seio da civilização mais adiantada, se encontrem seres às vezes tão cruéis quanto os selvagens?

“Como sobre uma árvore carregada de bons frutos se encontram temporãos. São eles, se você quiser, selvagens que possuem da civilização apenas a indumentária, lobos desgarrados no meio de carneiros. Espíritos de uma ordem inferior e muito atrasados conseguem encarnar-se entre os homens adiantados na esperança de eles mesmos se adiantarem; todavia, caso a provação seja muito pesada, a índole primitiva prevalece.”

756. Será a sociedade dos homens de bem, um dia, expurgada dos seres maléficos?

“A humanidade progride; os homens dominados pelo instinto do mal, e que se acham deslocados entre as pessoas de bem, irão desaparecendo a pouco e pouco, como o grão ruim se separa do bom depois que este é peneirado, mas para renascerem em um outro invólucro; e, como eles possuirão mais experiência, compreenderão melhor o bem e o mal. Você tem disso um exemplo nas plantas e nos animais para os quais o homem encontrou a arte de aperfeiçoar, e nos quais ele desenvolve qualidades novas. Muito bem! Somente após várias gerações é que o aperfeiçoamento se torna completo. Eis a imagem das diferentes existências do homem.”

## Duelo.

757. Pode o duelo ser considerado como um caso de legítima defesa?

“Não, constitui um homicídio e um hábito absurdo, digno dos bárbaros. Com uma civilização mais adiantada e *mais moral*, o homem compreenderá que o duelo é tão ridículo quanto os combates que se consideravam outrora como o julgamento de Deus.”

758. Pode o duelo ser considerado como um homicídio da parte de quem, conhecendo sua própria fraqueza, está quase seguro de sucumbir?

“Constitui um suicídio.”

— E quando as chances são iguais, trata-se de um homicídio ou de um suicídio?

“Trata-se de um e de outro.”

Em todos os casos, mesmo naquele em que as chances são iguais, o duelista é culpado, primeiro, porque ele atenta friamente e com intenção deliberada contra a vida de seu semelhante; segundo, porque expõe sua própria vida inutilmente e sem proveito para ninguém.

759. Qual é o valor do que se chama de *o ponto de honra* em matéria de duelo?

“O orgulho e a vaidade: duas feridas do gênero humano.”

— Mas não existem casos em que a honra se acha realmente comprometida e em que a recusa constituiria uma poltronice?

“Isso depende dos costumes e dos usos; cada país e cada século possuem sobre isso uma forma de ver diferente; quando os homens se acharem melhores e mais adiantados em moral, compreenderão que o verdadeiro ponto de honra se situa acima das paixões terrestres, e que não é de modo algum matando ou se deixando matar que se repara uma injustiça.”

Existe mais grandeza e verdadeira honra em se reconhecer culpado, caso se esteja errado, ou em perdoar, caso se tenha razão; e, em todos os casos, em menosprezar os insultos que não têm como nos atingir.

## Pena de morte.

760. Desaparecerá a pena de morte, um dia, da legislação humana?

“A pena de morte desaparecerá incontestavelmente, e sua supressão marcará um progresso na humanidade. Quando os homens forem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida da Terra; os homens não terão mais necessidade de ser julgados pelos homens. Eu falo de um tempo que se acha ainda assaz distante de vocês.”

O progresso social deixa sem dúvida ainda muito a desejar, mas a gente cometeria uma injustiça para com a sociedade moderna se não observasse um progresso nas restrições efetivadas em relação à pena de morte junto aos povos mais adiantados, e na natureza dos crimes a que se tem limitado sua aplicação. Caso se comparem as garantias através de que a justiça, junto a esses mesmos povos, se esforça por cercar o acusado, a humanidade que usa para com ele, mesmo quando é reconhecidamente culpado, com o que se praticava em tempos que não estão ainda muito distantes, não se pode ignorar a senda de progresso pela qual caminha a humanidade.

761. A lei de conservação concede ao homem o direito de preservar sua própria vida; não se utiliza ele desse direito quando suprime da sociedade um membro perigoso?

“Existem outros meios de se preservar do perigo que não o de matar. É preciso, de resto, abrir ao criminoso a porta ao arrependimento e não cerrá-la.”

762. Se a pena de morte pode ser banida das sociedades civilizadas, não constituiu uma necessidade em tempos menos adiantados?

“Necessidade não é a palavra; o homem sempre crê que uma coisa seja necessária quando não encontra nada melhor; à medida que vai esclarecendo-se, vai compreendendo melhor o que é justo ou injusto e repudia os excessos cometidos nos tempos de ignorância em nome da justiça.”

763. Constitui a restrição dos casos em que se aplica a pena de morte um indício de progresso na civilização?

“Pode você duvidar disso? Não se revolta o seu Espírito ao ler o relato das carnificinas humanas que se faziam outrora em nome da justiça e, amiúde, em honra da Divindade; das torturas que faziam suportar o condenado e mesmo o acusado, para lhe arrancar, através do excesso dos sofrimentos, a confissão de um crime que, com frequência, ele não havia cometido? Muito bem! Se você houvesse vivido naqueles tempos, teria achado aquilo de todo natural, e quem sabe você, sendo juiz, teria feito outro tanto. Eis como o que parece justo em um tempo parece bárbaro em um outro. As leis divinas são as únicas eternas; as leis humanas mudam com o progresso; elas mudarão ainda, até que sejam postas em harmonia com as leis divinas.”

764. Afirmou Jesus: *Quem matar pela espada perecerá pela espada*. Não constituem tais palavras a consagração da pena de talião, e a morte infligida ao homicida não constitui a aplicação dessa pena?

“Atenção! Vocês se enganam a respeito dessas palavras, *como a respeito de muitas outras*. A pena de talião constitui a justiça de Deus; é ele quem a aplica. Vocês todos suportam a cada instante essa pena, pois são punidos através daquilo em que pecaram, nesta vida *ou em uma outra*; quem fez sofrer seus semelhantes se achará em uma posição em que ele mesmo padecerá o que houver feito sofrer; eis o sentido dessas palavras de Jesus; mas ele não lhes disse também: Perdoem aos seus inimigos; e não lhes ensinou a pedir a Deus que lhes perdoe suas ofensas como vocês mesmos houverem perdoado; quer dizer, *na mesma proporção* em que houverem perdoado? Compenetrem-se disso.”

765. Que pensar da pena de morte infligida em nome de Deus?

“Consiste em tomar o lugar de Deus no âmbito da justiça. Os que agem assim demonstram quanto se acham longe de compreender Deus, e quantas coisas têm ainda para expiar. A pena de morte constitui um crime quando se aplica em nome de Deus, e os que a infligem são responsabilizados tanto quanto nos casos de homicídios.”

## CAPÍTULO VII

### VI. — LEI DE SOCIEDADE

1. Necessidade da vida social. — 2. Vida de isolamento. Voto de silêncio. — 3. Laços de família.

#### **Necessidade da vida social.**

766. Encontra-se a vida social na natureza?

“Certamente; Deus criou o homem para viver em sociedade. Deus não concedeu inutilmente ao homem a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação.”

767. É o isolamento absoluto contrário à lei da natureza?

“Sim, uma vez que os homens procuram a sociedade por instinto e que eles todos devem concorrer para o progresso, ajudando-se mutuamente.”

768. Obedece o homem, ao buscar a sociedade, tão somente a um sentimento pessoal, ou bem existe nesse sentimento um fito providencial mais genérico?

“O homem tem que progredir; sozinho, ele não consegue, porque não possui todas as faculdades; ele precisa do contato de outros homens. No isolamento, ele se embrutece e se estiola.”

Nenhum homem possui faculdades completas; através da união social, eles se completam uns aos outros para assegurar seu bem-estar e progredir: eis porque, tendo necessidade uns dos outros, eles foram criados para viver em sociedade e não isolados.

#### **Vida de isolamento. Voto de silêncio.**

769. Concebe-se que, como princípio geral, a vida em sociedade se ache nas leis da natureza; mas, como todos os gostos se acham também na natureza, por que o do isolamento absoluto seria condenável, se o homem encontra aí sua satisfação?

“Satisfação de egoísta. Existem também homens que encontram uma satisfação em se embebedar; você os aprova? Deus não tem como se agradar com uma vida pela qual o homem se condena a não ser útil a ninguém.”

770. Que pensar dos homens que vivem em reclusão absoluta para fugir do contato pernicioso do mundo?

“Duplo egoísmo.”

— Mas, caso esse retiro vise a uma expiação ao impor-se uma privação dolorosa, não é ele meritório?

“Fazer maior quantidade de bem que se tenha feito de mal é a melhor expiação. Ao evitar um mal, ele cai em um outro, porquanto se esquece da lei de amor e de caridade.”

771. Que pensar dos que fogem do mundo para se devotar ao consolo dos infelizes?

“Esses se elevam em se rebaixando. Eles possuem o duplo mérito de se colocar acima dos prazeres materiais, e de praticar o bem através do cumprimento da lei do trabalho.”

— E os que procuram no retiro a tranquilidade que certos trabalhos reclamam?

“Não se acha aí, de forma alguma, o retiro absoluto do egoísta; eles não se isolam da sociedade, uma vez que trabalham para ela.”

772. Que pensar do voto de silêncio prescrito por certas seitas desde a mais alta antiguidade?

“Perguntem antes se a palavra se acha na natureza e por que Deus a concedeu. Deus condena o abuso e não o uso das faculdades que outorgou. Entretanto, o silêncio é útil; pois no silêncio você se recolhe; sua mente se torna mais livre e é capaz então de entrar em comunicação conosco; mas voto de silêncio é uma estupidez. Sem dúvida, os que enxergam nessas privações voluntárias atos de virtude têm uma boa intenção; mas eles se enganam, porque não compreendem suficientemente as reais leis de Deus.”

O voto de silêncio absoluto, como o voto de isolamento, priva o homem das relações sociais que podem fornecer-lhe as ocasiões de praticar o bem e de cumprir a lei do progresso.

## Laços de família.

773. Por que, entre os animais, os pais e os filhos não mais se reconhecem, assim que estes não têm mais necessidade de cuidados?

“Os animais vivem uma vida material e não uma vida moral. A ternura da mãe por seus filhotes tem por princípio o instinto de conservação dos seres que ela deu à luz;

quando esses seres conseguem sustentar-se a si mesmos, sua tarefa está cumprida; a natureza não lhe pede mais nada; eis porque ela os abandona para se ocupar dos novos a caminho.”

774. Existem pessoas que inferem do abandono dos filhotes dos animais por seus pais, que, entre os homens, os laços de família são tão somente um resultado dos costumes sociais e não uma lei da natureza; que devemos pensar disso?

“O homem possui uma outra destinação que não a dos animais; por que, então, sempre deseja compará-lo a eles? Para o homem, existe algo mais que as necessidades físicas; existe a necessidade do progresso; os laços sociais são necessários ao progresso, e os laços de família estreitam os laços sociais: eis aí porque os laços de família constituem uma lei da natureza. Deus desejou que os homens aprendessem assim a se amar como irmãos.” (205.)

775. Qual seria para a sociedade o resultado da dissolução dos laços de família?  
“Uma recrudescência de egoísmo.”

## CAPÍTULO VIII

# LEI DO PROGRESSO

1. Estado de natureza. — 2. Marcha do progresso. — 3. Povos degenerados. — 4. Civilização. — 5. Progresso da legislação humana. — 6. Influência do espiritismo sobre o progresso.

### Estado de natureza.

776. O estado de natureza e a lei natural são a mesma coisa?

“Não; o estado de natureza é o estado primitivo. A civilização é incompatível com o estado de natureza, ao passo que a lei natural contribui para o progresso da humanidade.”

O estado de natureza é a infância da humanidade e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral. Sendo o homem perfectível e trazendo em si o germe de sua melhoria, de modo algum foi ele destinado a viver perpetuamente no estado de natureza, como também não foi destinado a viver perpetuamente na infância; o estado de natureza é transitório; o homem sai dele através do progresso e da civilização. A lei natural, ao contrário, rege a humanidade toda, e o homem vai melhorando-se à medida que a vai compreendendo melhor e praticando melhor essa lei.

777. No estado de natureza, tendo o homem menos necessidades, não passa por todas as tribulações que cria para si em um estado mais adiantado; que pensar da opinião dos que veem esse estado como o da mais perfeita felicidade na Terra?

“Mas que deseja você?! Trata-se da felicidade do bruto; existem pessoas que não compreendem outra. Consiste em ser feliz à maneira das bestas. As crianças também são mais felizes que os homens feitos.”

778. Pode o homem retrogradar para o estado de natureza?

“Não, o homem deve progredir sem cessar, e não pode retornar ao estado de infância. Se ele progride, é porque Deus o deseja assim; pensar que ele pode retrogradar para a sua condição primitiva seria negar a lei do progresso.”

## Marcha do progresso.

779. Extrai o homem de si a força do progresso, ou bem constitui o progresso apenas o produto de uma aprendizagem?

“O homem se desenvolve por si mesmo naturalmente; mas nem todos progredem ao mesmo tempo e da mesma forma; é quando os mais adiantados ajudam no progresso dos outros através do contato social.”

780. Segue sempre o progresso moral ao progresso intelectual?

“Ele é consequência dele, mas nem sempre o segue *imediatamente*.” (192 e 365.)

— Como consegue o progresso intelectual conduzir ao progresso moral?

“Em fazendo compreender o bem e o mal: o homem, assim, tem como escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio se segue ao desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade em relação às atitudes.”

— Como se dá então que os povos mais esclarecidos amiúde sejam os mais pervertidos?

“O progresso completo é a meta, mas os povos, como os indivíduos, só chegam a ele passo a passo. Até que o senso moral neles se haja desenvolvido, eles podem até servir-se da inteligência para praticar o mal. O moral e a inteligência são duas forças que se equilibram tão só após bastante tempo.” (365 e 751.)

781. É dado ao homem o poder de sustar a marcha do progresso?

“Não, mas o de entravá-la às vezes.”

— Que pensar dos homens que tentam sustar a marcha do progresso e fazer retrogradar a humanidade?

“Pobres seres que Deus castigará; eles serão arrastados pela torrente que desejam deter.”

Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não se acha no poder de ninguém opor-se a ele. Trata-se de uma *força viva* que leis ruins são capazes de atrasar, mas não de sufocar. Quando tais leis se tornam incompatíveis, ele as destrói juntamente com todos os que tentam mantê-las, e assim sucederá até que o homem haja posto suas leis em contato com a justiça divina, que deseja o bem de todos e não leis elaboradas pelo forte em prejuízo do fraco.

782. Não existem homens que entravam o progresso de boa-fé, crendo favorecê-lo porque o veem de seu ponto de vista, e muitas vezes lá onde ele não se encontra?

“Pequena pedra posta sob a roda de um enorme veículo, e que não o impede de avançar.”

783. Segue sempre o aperfeiçoamento da humanidade uma caminhada progressiva e lenta?

“Existe o progresso regular e lento que decorre da força das coisas; mas, quando um povo não avança assaz depressa, Deus lhe suscita, uma vez ou outra, uma convulsão física ou moral que o transforma.”

O homem não pode ficar perpetuamente na ignorância, porque tem que chegar ao objetivo assinalado pela Providência; ele se esclarece através da força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram a pouco e pouco nas ideias; elas germinam durante séculos, depois, de repente, explodem e fazem desmoronar o edifício carunchado do passado, que não se acha mais em harmonia com as necessidades novas e as aspirações novas.

O homem muitas vezes percebe tão só nessas comoções a desordem e a confusão temporárias que o ferem em seus interesses materiais; quem eleva seu pensamento acima da personalidade admira os desígnios da Providência, que do mal faz surgir o bem. São a tempestade e a tormenta que saneiam a atmosfera, após havê-la transtornado.

784. A perversidade do homem é imensa; não parece que ele caminha para trás em vez de avançar, ao menos do ponto de vista moral?

“Você se engana; observe bem o conjunto e você verá que o homem avança, porquanto compreende melhor o que é o mal, e a cada dia elimina abusos. Carece-se do excesso do mal para dar-se a compreender a necessidade do bem e das reformas.”

785. Qual é o maior obstáculo ao progresso?

“O orgulho e o egoísmo; eu desejo falar do progresso moral, pois o progresso intelectual está sempre em marcha; parece mesmo, à primeira vista, que o progresso intelectual propicia a esses vícios uma duplicação de atividade, ao desenvolver a ambição e o amor às riquezas, os quais, por seu turno, excitam o homem para as pesquisas que iluminam seu Espírito. Eis como tudo se encaixa no mundo moral tanto quanto no mundo físico, e como do mal mesmo pode surgir o bem; mas este estado de coisas será por pouco tempo; ele irá mudando à proporção que o homem for compreendendo melhor que existe, fora do gozo dos bens terrestres, uma felicidade infinitamente maior e infinitamente mais durável.” (Ver *Egoísmo*, cap. XII.)

Existem duas espécies de progresso que se proporcionam um mútuo amparo, contudo, não avançam conjuntamente; trata-se do progresso intelectual e do progresso moral. Nos povos civilizados, o primeiro recebe, no século atual, todos os encorajamentos desejáveis; por isso alcançou um nível desconhecido até nossos dias. Falta ao segundo estar no mesmo nível, todavia, caso se comparem os costumes sociais com os de alguns séculos atrás, é preciso ser cego para negar o progresso. Por que, então, o avanço ascendente do moral iria parar e não o da inteligência? Por que não iria existir, entre o décimo nono e o vigésimo quarto século, tanta diferença quanto entre o décimo quarto e o décimo nono? Duvidar disso seria pretender que a humanidade se ache no apogeu da perfeição, o que seria absurdo, ou que ela não seja moralmente perfectível, o que se desmente pela experiência.

## Povos degenerados.

786. A história nos mostra uma infinidade de povos que, após as convulsões que os transtornaram, recaíram na barbárie; onde se situa o progresso em tal caso?

“Quando a sua casa ameaça ruir, você a derruba para ali reconstruir outra mais sólida e mais cômoda; mas, até que se ache reconstruída, há agitação e confusão em sua residência.

“Compreenda ainda o seguinte: você era pobre e habitava uma mansarda; você fica rico e a deixa para habitar um palácio. Em seguida, um pobre diabo, como era você antes, vem tomar seu lugar em sua mansarda, e fica ainda muito contente, pois ele não possuía abrigo algum. Muito bem! Saiba, pois, que os Espíritos que se encarnam nesse povo degenerado não são os que o compunham nos tempos de seu esplendor; os de antes

que se adiantaram foram para habitações mais perfeitas e progrediram, enquanto outros menos adiantados tomaram seu lugar, que eles não de abandonar a seu turno.”

787. Não existem raças rebeldes ao progresso por sua natureza?

“Sim, porém elas vão desaparecendo a cada dia, *corporeamente*.”

— Qual será a sorte futura das almas que animam essas raças?

“Elas chegarão, como todas as outras, à perfeição, passando por outras existências: Deus não deserda ninguém.”

— Assim, é possível que os homens mais civilizados tenham sido selvagens e antropófagos?

“Você mesmo o foi mais de uma vez antes de ser o que você é.”

788. Os povos são individualidades coletivas que, como os indivíduos, passam através da infância, da idade madura e da decrepitude; não nos possibilita tal verdade confirmada pela história pensar em que os povos mais adiantados deste século terão seu declínio e seu fim, como os da antiguidade?

“Os povos que vivem tão só a vida do corpo, aqueles cuja grandeza se funda na força e na expansão, nascem, crescem e morrem, porque a força de um povo se exaure como a de um homem; aqueles cujas leis egoístas não combinam com o progresso das luzes e da caridade morrem, porque a luz mata as trevas e a caridade mata o egoísmo; mas existe para os povos, como para os indivíduos, a vida da alma; aqueles cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador viverão e serão o luzeiro de outros povos.”

789. Reunirá o progresso um dia todos os povos da Terra em uma única nação?

“Não; não em uma única nação; isso é impossível, pois da diversidade dos climas nascem costumes e necessidades diferentes, os quais constituem as nacionalidades; eis porque lhes serão precisas sempre leis adequadas a esses costumes e a essas necessidades; mas a caridade não conhece em absoluto latitudes e não faz distinção entre a cor dos homens. Quando a lei de Deus for por toda a parte a base da lei humana, os povos praticarão a caridade de um para outro, como os indivíduos, de homem para homem; então, eles viverão felizes e em paz, porquanto ninguém procurará cometer injustiça contra seu vizinho, nem viver à suas custas.”

A humanidade vai progredindo através dos indivíduos que se melhoram a pouco e pouco e se esclarecem; então, quando estes predominam em quantidade, assumem a dianteira e puxam os outros. De tempos em tempos, surgem entre eles homens de gênio que lhe fornecem um impulso; depois, homens com autoridade, instrumentos de Deus, que, em alguns anos, a fazem adiantar-se muitos séculos.

O progresso dos povos também faz avultar a justiça da reencarnação. Os homens de bem promovem louváveis esforços para provocarem o adiantamento moral e intelectual de uma nação; que a nação transformada será mais feliz neste mundo e no outro concebe-se. Mas, durante sua lenta caminhada através dos séculos, milhares de indivíduos morrem a cada dia; qual é o destino de todos esses que sucumbem durante o trajeto? Priva-os sua inferioridade relativa da felicidade reservada aos últimos? Ou é relativa sua felicidade? A justiça divina não teria como consagrar uma tal injustiça. Através da pluralidade das existências, o direito à felicidade é o mesmo para todos, pois ninguém se acha deserdado do progresso; podendo os que viveram no tempo da barbárie voltar ao tempo da civilização, para o mesmo povo ou para outro, resulta que todos tiram proveito da caminhada ascendente.

Mas o sistema de uma única existência apresenta aqui uma outra dificuldade. Com esse sistema, a alma é criada no instante do nascimento; logo, se um homem é mais adiantado que um outro, é que Deus criou para ele uma alma mais adiantada. Por que tal favor? Que mérito possui ele, ele que não viveu mais que um outro, frequentemente menos que um outro, para ser dotado de uma alma superior? Mas não reside aí a principal dificuldade. Uma nação passa, em mil anos, da barbárie à civilização. Caso os homens vivessem mil anos, a gente conceberia que, nesse intervalo, eles

tivessem tempo para progredir; mas todos os dias se morre em qualquer idade; os homens se renovam sem cessar, de tal sorte que a cada dia se veem aparecer e desaparecer. Ao cabo de mil anos, não existe traço algum dos antigos habitantes; a nação, de bárbara que era, ficou civilizada; quem é que progrediu? Foram os indivíduos outrora bárbaros? Mas eles estão mortos desde há muito. Foram os recém-chegados? Mas, se sua alma foi criada no instante de seu nascimento, tais almas não existiam no tempo da barbárie; é preciso, então, admitir que *os esforços envidados para civilizar um povo têm o poder, não de melhorar as almas imperfeitas, mas de fazer que sejam criadas por Deus almas mais perfeitas.*

Comparemos essa teoria do progresso com a que nos foi fornecida pelos Espíritos. As almas do tempo da civilização tiveram sua infância como todas as outras, porém, *elas já viveram* e estão vindo adiantadas por causa de um progresso anterior; elas vêm atraídas por um ambiente que lhes é simpático e que se acha em conformidade com seu estado atual; de sorte que os cuidados destinados para civilizar um povo não apresentam o efeito de promover a criação no futuro de almas mais perfeitas, mas de atrair as que já progrediram, seja as que já tenham vivido junto a esse mesmo povo no tempo de sua barbárie, seja as que venham de outra parte. Aí também se acha a chave do progresso da humanidade toda inteira; quando todos os povos estiverem no mesmo nível quanto ao sentimento do bem, a Terra será o ponto de encontro tão só de bons Espíritos, que viverão em fraterna união entre si, enquanto, vendo-se os maus rejeitados e deslocados, irão procurar nos mundos inferiores o meio que lhes convém, até que sejam dignos de voltar para o nosso já transformado. A teoria ordinária possui também como consequência que os trabalhos de melhora social aproveitam somente às gerações presentes e futuras; seu resultado é nulo para as gerações passadas, que incorreram no engano de vir muito cedo, e que fizeram o que podiam, sob o peso de seus atos de barbárie. Segundo a doutrina dos Espíritos, os progressos ulteriores aproveitam igualmente a essas gerações, que revivem em condições melhores e podem assim aperfeiçoar-se no bojo da civilização. (222.)

## Civilização.

790. Constitui a civilização um progresso, ou, conforme alguns filósofos, uma decadência da humanidade?

“Progresso incompleto; o homem não passa subitamente da infância à idade madura.”

— É justo condenar a civilização?

“Condenem de preferência os que dela abusam, e não a obra de Deus.”

791. Irá a civilização purificar-se um dia, de modo a fazer desaparecer os males que houver produzido?

“Sim, quando o moral se achar tão desenvolvido como a inteligência. O fruto não tem como vir antes da flor.”

792. Por que a civilização não realiza imediatamente todo o bem que poderia produzir?

“Porque os homens não estão ainda prontos nem dispostos a obter tal bem.”

— Não seria também porque, ao criar novas necessidades, ele sobreexcita paixões novas?

“Sim, e porque todas as faculdades do Espírito não progridem ao mesmo tempo; necessita-se de tempo para tudo. Vocês não podem esperar frutos perfeitos de uma civilização incompleta.” (751 e 780.)

793. Por quais indícios se pode reconhecer uma civilização completa?

“Vocês a reconhecerão pelo desenvolvimento moral. Vocês se julgam bem adiantados porque fizeram grandes descobertas e invenções maravilhosas; porque se

encontram melhor alojados e melhor vestidos que os selvagens; mas vocês terão realmente o direito de se dizer civilizados apenas quando tiverem banido de sua sociedade os vícios que a desonram, e quando vocês viverem entre si como irmãos, praticando a caridade cristã. Até lá, vocês são tão só povos esclarecidos, não tendo percorrido senão a primeira fase da civilização.”

A civilização apresenta seus graus como todas as coisas. Uma civilização incompleta é um estado de transição que engendra males especiais, desconhecidos no estado primitivo; mas, mesmo assim, ela constitui um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que provoca. À medida que a civilização vai aperfeiçoando-se, vai extinguindo alguns dos males que engendrou, males que desaparecerão com o progresso moral.

De dois povos no alto da escala social, somente pode dizer-se o mais civilizado, na real acepção da palavra, o que detém o mínimo de egoísmo, de cupidez e de orgulho; aquele cujos hábitos são mais intelectuais e morais que materiais; cuja inteligência é capaz de desenvolver-se com a maior liberdade; onde existe o máximo de bondade, de boafé, de benevolência e de generosidade recíprocas; cujos preconceitos de casta e de nascimento são enraizados ao mínimo, pois tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor ao próximo; cujas leis não consagram nenhum privilégio e são as mesmas para o último como para o primeiro; cuja justiça se exerce com a menor parcialidade; onde o fraco encontra sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e suas opiniões são respeitadas ao máximo; onde existe um mínimo de infelizes; e, enfim, onde todo homem de boa vontade se acha sempre seguro de nunca lhe faltar o necessário.

## Progresso da legislação humana.

794. Poderia a sociedade ser regida tão só através das leis naturais, sem o concurso das leis humanas?

“Poderia, caso fossem elas bem compreendidas e caso se tivesse vontade de praticá-las; elas seriam suficientes; mas a sociedade tem suas exigências e necessita de leis particulares.”

795. Qual é a causa da instabilidade das leis humanas?

“Nos tempos de barbárie, foram os mais fortes que elaboraram as leis, e eles as elaboraram para si. Foi preciso, porém, que se modificassem, à medida que os homens foram melhor compreendendo a justiça. As leis humanas vão ficando mais estáveis, conforme vão aproximando-se da verdadeira justiça, quer dizer, conforme vão sendo feitas para todos e conforme vão ajustando-se à lei natural.”

A civilização criou para o homem necessidades novas e tais necessidades são relativas à posição social a que ascendeu. Foi preciso estabelecer os direitos e os deveres dessa posição através de leis humanas; mas, sob a influência de suas paixões, o homem com frequência criou direitos e deveres imaginários, que a lei natural condena e que os povos suprimem de seus códigos à medida que progridem. A lei natural é imutável e única para todos; a lei humana é variável e progressiva; ela unicamente pôde consagrar, na infância da humanidade, o direito do mais forte.

796. Não constitui a severidade das leis penais uma necessidade no estado atual da sociedade?

“Uma sociedade depravada tem com certeza necessidade de leis mais severas; infelizmente, tais leis se atêm mais a punir o mal quando é praticado que a secar a fonte do mal. Nada há além da educação que possa reformar os homens; depois, eles não terão mais necessidade de leis tão rigorosas.”

797. Como poderá o homem ser levado a reformar suas leis?

“Isso vem naturalmente através da força das coisas e da influência da gente de bem que o conduz pela estrada do progresso. Muitas ele já reformou e reformará outras mais. Aguarde!”

### Influência do espiritismo sobre o progresso.

798. Irá tornar-se o espiritismo uma crença geral ou quedará um apanágio de algumas pessoas?

“Com certeza, ele se tornará uma crença geral e assinalará uma nova era na história da humanidade, porque ele faz parte da natureza e porque chegou a hora em que tem de assumir lugar entre os conhecimentos humanos; entretanto, terá de sustentar grandes lutas, muito mais contra o interesse que contra a convicção, pois não se tem como esconder que existem pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por razões de todo materiais; mas, ficando os contraditores mais e mais isolados, serão obrigados a pensar como todo o mundo, sob pena de se tornarem ridículos.”

As ideias transformam-se tão só com o transcorrer do tempo e jamais subitamente; elas vão enfraquecendo-se de geração em geração e acabam por desaparecer pouco a pouco com os que as professavam, e que são substituídos por outros indivíduos imbuídos de novos princípios, como sucede com as ideias políticas. Vejam o paganismo; não existe certamente ninguém hoje em dia que professe as ideias religiosas daquele tempo; contudo, muitos séculos após o advento do cristianismo, elas deixaram resquícios que unicamente a completa renovação das raças conseguiu extinguir. Sucederá o mesmo com o espiritismo; ele está progredindo muito, mas enfrentará ainda, durante duas ou três gerações, um fermento de incredulidade que só o tempo dissipará. Todavia, sua marcha será mais rápida que a do cristianismo, porque é o cristianismo mesmo que lhe abre os caminhos e sobre o qual ele se fundamenta. O cristianismo tinha que destruir; o espiritismo tem só que edificar.

799. De que maneira pode o espiritismo contribuir para o progresso?

“Ao destruir o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele oferece aos homens a compreensão de onde se situa seu verdadeiro interesse. Não se achando mais a vida futura encoberta pela dúvida, o homem compreenderá melhor que é capaz de assegurar seu futuro através do presente. Ao destruir os preconceitos das seitas, das castas e das cores, ele ensina aos homens a imensa solidariedade que os deve unir como irmãos.”

800. Não é para temer que o espiritismo não alcance triunfar da indiferença dos homens e de seu apego às coisas materiais?

“Seria bem pouco conhecer os homens, se se pensasse que uma causa qualquer pudesse transformá-los como por encanto. As ideias se modificam a pouco e pouco, de acordo com os indivíduos, e são necessárias gerações para se extinguirem completamente os resquícios dos velhos hábitos. A transformação não tem, pois, como operar-se a não ser com o decorrer do tempo, gradualmente, e de lugar em lugar; a cada geração, uma parte do véu se desfaz; o espiritismo vem rasgá-lo de vez; mas, por enquanto, tivesse ele tão somente por consequência, quanto a um homem, corrigi-lo de um único defeito, esse seria

um passo a que ele o obrigaria, o que, *ipso facto*, constituiria um grande bem, pois esse primeiro passo lhe faria os outros mais fáceis.”

801. Por que os Espíritos não ensinaram o tempo todo o que ensinam hoje em dia?

“Vocês não ensinam às crianças o que ensinam aos adultos nem oferecem ao recém-nascido um alimento que ele não consiga digerir; cada coisa tem seu tempo. Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou que desnaturaram, mas que são capazes de compreender agora. Através de seu ensinamento, mesmo incompleto, eles prepararam o terreno para receber a semente que hoje vai frutificar.”

802. Desde que o espiritismo tem de assinalar um progresso para a humanidade, por que os Espíritos não apressam esse progresso através de manifestações tão gerais e tão evidentes que a convicção se dê entre os mais incrédulos?

“Vocês estariam querendo milagres; mas Deus os semeia a mancheias sob seus passos e vocês possuem ainda homens que os renegam. Convenceu o próprio Cristo seus contemporâneos através dos prodígios que efetuou? Não veem vocês hoje em dia homens negarem os fatos mais evidentes que se passam sob seus olhos? Não têm vocês os que dizem que não criam mesmo quando vissem? Não; não é através de prodígios que Deus deseja reconduzir os homens; em sua bondade, ele deseja deixar-lhes o mérito de se convencerem por meio da razão.”

## CAPÍTULO IX

### VIII. LEI DE IGUALDADE

1. Igualdade natural. — 2. Desigualdade de aptidões. — 3. Desigualdades sociais. — 4. Desigualdade de riquezas. — 5. Provações da riqueza e da miséria. — 6. Igualdade de direitos do homem e da mulher. — 7. Igualdade diante do túmulo.

#### **Igualdade natural.**

803. São iguais todos os homens diante de Deus?

“Sim, todos tendem para o mesmo alvo e Deus fez suas leis para todo o mundo. Vocês dizem muitas vezes: O sol brilha para todos; e vocês dizem aí uma verdade maior e mais geral do que imaginam.”

Todos os homens se submetem às mesmas leis da natureza; todos nascem do mesmo modo frágeis, se sujeitam às mesmas dores, e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Logo, Deus não outorgou a nenhum homem superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos são iguais diante dele.

#### **Desigualdade de aptidões.**

804. Por que não outorgou Deus as mesmas aptidões a todos os homens?

“Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um deles viveu mais ou menos e, por conseguinte, obteve mais ou menos aprendizados; a diferença se situa no nível de sua experiência e em sua vontade, que é o livre-arbítrio: daí, alguns se aperfeiçoam mais rapidamente, o que lhes fornece aptidões diversas. A mescla de aptidões é necessária, a fim de que cada um possa concorrer para os propósitos da Providência no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais; o que um não faz, o outro faz; eis

como cada um exerce um papel útil. Depois, sendo todos os mundos *solidários uns aos outros*, é bem preciso que os habitantes dos mundos superiores, que, na maior parte, se criaram antes do seu, venham aí habitar para lhes dar o exemplo.” (361.)

805. Ao passar de um mundo superior para um mundo inferior, conserva o Espírito a íntegra das faculdades adquiridas?

“Sim, nós já o afirmamos, o Espírito que progrediu não recai nunca; ele pode escolher, no estado de Espírito, um invólucro mais insensível ou uma posição mais precária do que a que possuía, mas tudo isso sempre para lhe servir de ensinamento e para ajudá-lo a progredir.” (180.)

Assim, a diversidade de aptidões do homem não se atém à natureza íntima de sua criação, mas ao nível de aperfeiçoamento ao qual chegaram os Espíritos encarnados nele. Logo, Deus não criou a desigualdade das faculdades, mas permitiu que os diferentes níveis de desenvolvimento mantivessem contato, a fim de que os mais adiantados pudessem ajudar o progresso dos mais atrasados, e também a fim de que os homens, tendo necessidade uns dos outros, compreendam a lei de caridade que deve uni-los.

## Desigualdades sociais.

806. Constitui a desigualdade das condições sociais uma lei da natureza?

“Não, ela é obra do homem e não de Deus.”

— Desaparecerá um dia tal desigualdade?

“De eterno não existem senão as leis de Deus. Não vê você que tal desigualdade se extingue a pouco e pouco, a cada dia? Ela desaparecerá em conjunto com a predominância do orgulho e do egoísmo, e continuará apenas a desigualdade do mérito. Há de chegar um dia em que os membros da grande família dos filhos de Deus não se olharão mais como de sangue mais ou menos puro; só o Espírito é que é mais ou menos puro, e isso não depende da posição social.”

807. Que pensar dos que abusam da superioridade de sua posição social para oprimir o fraco em seu proveito?

“Esses merecem o anátema: pobres coitados! Eles serão oprimidos por seu turno e *renascerão* em uma existência em que padecerão tudo o que fizeram padecer.” (684.)

## Desigualdade das riquezas.

808. Não tem a desigualdade das riquezas sua fonte na desigualdade das faculdades, que concede a uns mais meios de adquirir que aos outros?

“Sim e não; e a artimanha e o furto, que você me diz disso?”

— A riqueza hereditária, todavia, não resulta de más paixões.

“Que sabe você a respeito? Suba à fonte e você verá se ela é sempre pura. Sabe você se, no princípio, não resultou ela de uma espoliação ou de uma injustiça? Mas, sem falar da origem, que pode ser má, crê você que a cobiça dos haveres, mesmo os mais bem adquiridos, e os desejos secretos que se concebem de possuí-los mais cedo, constituam sentimentos louváveis? Isso é o que Deus julga, e eu lhe asseguro que seu julgamento é mais severo que o dos homens.”

809. Caso uma fortuna tenha sido mal adquirida na origem, os que a herdaram mais tarde são responsáveis por isso?

“Sem dúvida eles não são responsáveis pelo mal que outros puderam ter praticado, menos ainda porque podem desconhecer o fato; mas compenetre-se de que amiúde uma fortuna cabe por sorte a um homem apenas para fornecer-lhe a oportunidade de reparar uma injustiça. Feliz dele caso o compreenda! E, se o faz em nome de quem cometeu a injustiça, será levada a reparação em conta para os dois, pois com frequência é este último quem a estimula.”

810. Sem sair da legalidade, pode-se dispor dos bens de um modo mais ou menos equitativo. É a pessoa responsável, após sua morte, pelas disposições que estabeleceu?

“Toda ação comporta seus frutos; os frutos das boas ações são doces; os das outras são sempre amargos; *sempre*, entendam bem isso.”

811. É possível a igualdade absoluta das riquezas, e ela alguma vez existiu?

“Não, não é possível. A diversidade das faculdades e dos caracteres se opõe a isso.”

— Contudo, existem homens que creem que nisso reside o remédio para os males da sociedade; que pensam vocês a respeito?

“Esses tais são sistemáticos ou ambiciosos ciumentos; eles não compreendem que a igualdade com que sonham seria cedo rompida pela força das coisas. Combatam o egoísmo, eis aí sua chaga social, e não vão em busca de quimeras.”

812. Se a igualdade das riquezas não é possível, sucede o mesmo com o bem-estar?

“Não, mas o bem-estar é relativo, e cada um poderia desfrutar dele, caso se compenetrasse bem disso... pois o real bem-estar consiste no emprego de seu tempo segundo sua vontade, e não em trabalhos pelos quais não se sente nenhum gosto; e como cada qual possui aptidões diferentes, nenhum trabalho útil deixaria de ser feito. O equilíbrio existe em tudo; é o homem quem deseja transtorná-lo.”

— É possível o entendimento?

“Os homens se entenderão quando praticarem a lei de justiça.”

813. Existem pessoas que caem na indigência e na miséria por sua falta; não pode a sociedade ser responsável por isso?

“Sim, nós já o afirmamos, ela é com frequência a causa primária dessas faltas; aliás, não tem ela que velar por sua educação moral? Foi muitas vezes a má educação que desvirtuou seu julgamento, em lugar de abafar-lhes as tendências perniciosas.” (685.)

## Provações da riqueza e da miséria.

814. Por que outorgou Deus a uns as riquezas e o poder, e a outros a miséria?

“Para provar cada um de um modo diferente. De resto, vocês o sabem, tais provações foram os Espíritos mesmos que as escolheram, e com frequência nelas sucumbem.”

815. Qual das duas provações é a mais temerária para o homem: a da infelicidade ou a da fortuna?

“Tanto uma quanto a outra; a miséria provoca o *murmúrio* contra a Providência; a riqueza excita a todos os excessos.”

816. Se o rico passa por mais tentações, não possui também mais recursos para praticar o bem?

“Eis justamente o que ele nem sempre faz; ele se torna egoísta, orgulhoso e insaciável; suas necessidades aumentam com sua fortuna, e ele acredita não possuir jamais o bastante para si exclusivamente.”

A distinção neste mundo e a autoridade sobre seus semelhantes são provações tão grandes e tão perigosas quanto a desgraça; pois, mais se é rico e poderoso, *mais obrigações para cumprir*, e mais abundantes os meios de praticar o bem e o mal. Deus prova o pobre através da resignação, e o rico, através do uso que faz de seus bens e de seu poder.

A riqueza e o poder dão origem a todas as paixões que nos atam à matéria e nos afastam da perfeição espiritual; eis porque Jesus afirmou: “Eu lhes digo, em verdade: é mais fácil a um camelo passar através do buraco de uma agulha que a um rico entrar no reino dos céus.” (266.)

## Igualdade de direitos do homem e da mulher.

817. São o homem e a mulher iguais diante de Deus e possuem os mesmos direitos?

“Não conferiu Deus a todos os dois o entendimento do bem e do mal e a faculdade de progredir?”

818. Donde provém a inferioridade moral da mulher em certas regiões?

“Isso sucede por causa do domínio injusto e cruel que o homem obteve sobre ela. Trata-se de um resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre os homens pouco adiantados do ponto de vista moral, a força gera o direito.”

819. Qual a razão de a mulher apresentar maior fraqueza física em comparação ao homem?

“Para lhe designar funções específicas. O homem é para os trabalhos rudes, por ser o mais forte; a mulher, para os trabalhos amenos; e todos os dois para se ajudarem a passar pelas provações de uma vida plena de amargura.”

820. A fragilidade física da mulher não a põe naturalmente sob a dependência do homem?

“Deus conferiu a uns a força para proteger o fraco e não para oprimi-lo.”

Deus adequou o organismo de cada ser às funções que ele tem de realizar. Se ele concedeu à mulher uma força física menor, concedeu-lhe, ao mesmo tempo, uma sensibilidade maior em harmonia com a delicadeza das funções maternas e a fragilidade dos seres confiados a seus cuidados.

821. Apresentam as funções a que a mulher foi destinada pela natureza uma importância tão grande quanto as que foram atribuídas ao homem?

“Sim, e maior ainda; é ela quem fornece a ele as primeiras noções da vida.”

822. Sendo os homens iguais diante da lei de Deus, devem eles sê-lo igualmente diante da lei dos homens?

“Eis o primeiro princípio de justiça: Não faça aos outros o que você não deseja que se lhe faça.”

— Sendo assim, deve uma legislação, para ser perfeitamente justa, consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher?

“De direitos, sim; de funções, não; é preciso que cada qual possua um lugar de sua preferência; que o homem se ocupe com o de fora e a mulher, com o de dentro; cada um segundo sua aptidão. A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade de direitos entre o homem e a mulher; todo privilégio outorgado a um ou a outro é contrário à justiça. *A emancipação da mulher segue o progresso da civilização*; sua servidão acompanha a barbárie. Os sexos, de resto, existem apenas através da organização física; uma vez que os Espíritos podem assumir um e outro, não existe em absoluto diferença entre eles nesse aspecto e, por conseguinte, eles têm que usufruir os mesmos direitos.”

### Igualdade diante do túmulo.

823. Donde provém o desejo de perpetuar a memória através de monumentos fúnebres?

“Derradeiro ato de orgulho.”

— Mas não constitui a suntuosidade dos monumentos fúnebres, o mais das vezes, a realização de parentes que desejam honrar a memória do defunto, e não do defunto propriamente?

“Orgulho dos parentes que desejam glorificar-se a si mesmos. Oh! Sim, nem sempre é pelo morto que se dão todas essas demonstrações: é por amor-próprio e pelo mundo, e para exibir sua riqueza. Crê você que a lembrança de um ser querido seja menos durável no coração do pobre, porque este pode pôr apenas uma flor sobre seu túmulo? Crê você que o mármore salva do esquecimento a quem foi inútil na Terra?”

824. Condenam vocês de um modo absoluto a pompa dos funerais?

“Não; quando ela honra a memória de um homem de bem, é justa e um bom exemplo.”

O túmulo é o ponto de encontro de todos os homens; ali findam cruelmente todas as distinções humanas. É em vão que o rico deseja perpetuar sua memória através de faustosos monumentos: o tempo os destruirá como o corpo; assim o determina a natureza. A lembrança de suas boas e de suas más ações será menos perecível que seu jazigo; a pompa dos funerais não o limpará de suas ignomínias e não o fará subir um degrau na hierarquia espiritual. (320 e seg.<sup>3</sup>)

## CAPÍTULO X

### IX. — LEI DE LIBERDADE

1. Liberdade natural. — 2. Escravidão. — 3. Liberdade de pensar. — 4. Liberdade de consciência. — 5. Livre-arbítrio. — 6. Fatalidade. — 7. Conhecimento do futuro. — 8. Resumo teórico do móvel das ações do homem.

#### **Liberdade natural.**

825. Existem situações no mundo em que o homem possa vangloriar-se de usufruir uma liberdade absoluta?

“Não, porque todos vocês têm necessidade uns dos outros, os pequenos como os grandes.”

826. Em que condição o homem poderia usufruir uma liberdade absoluta?

“O eremita em um deserto. Desde que existam dois homens juntos, eles têm direitos a respeitar e não têm mais, por conseguinte, liberdade absoluta.”

827. Suprime do homem a obrigação de respeitar os direitos de outrem o direito de mandar em si mesmo?

“De modo algum, pois se trata de um direito que ele obtém da natureza.”

828. Como conciliar as opiniões liberais de certos homens com o despotismo que exercem eles mesmos dentro de casa e sobre seus subordinados?

“Eles possuem o entendimento da lei natural, mas ele é contrabalançado pelo orgulho e pelo egoísmo. Eles compreendem como deve ser, quando seus princípios não constituem uma comédia representada por interesse, mas eles não fazem assim.”

— Serão levados em conta para eles, na outra vida, os princípios que professaram neste mundo?

“Mais se tenha inteligência para compreender um princípio, menos se é desculpável por não aplicá-lo a si mesmo. Eu lhes afirmo, em verdade, que o homem

simples, mas sincero, se encontra mais adiantado na senda de Deus do que quem deseja parecer o que não é.”

## Escravidão.

829. Existem homens que se acham devotados pela natureza a se constituírem em propriedade de outros homens?

“Toda sujeição absoluta de um homem a outro é contrária à lei de Deus. A escravidão é um abuso da força; ela desaparece com o progresso, como desaparecerão a pouco e pouco todos os abusos.”

A lei humana que consagra a escravidão é uma lei desnaturada, uma vez que confunde o homem com o bruto e o degrada moralmente e fisicamente.

830. Dado que a escravidão se acha nos costumes de um povo, são repreensíveis os que a professam, uma vez que eles mais não fazem do que se conformar a um uso que lhes parece natural?

“O mal é sempre o mal e todos os seus sofismas não farão que uma ação ruim se torne boa; mas a responsabilidade do mal é relativa aos recursos que se possuem para compreendê-lo. Quem tira proveito da lei da escravatura é sempre culpado de uma violação da lei da natureza; mas nisso, como em todas as coisas, a culpabilidade é relativa. Havendo a escravidão sido instituída nos costumes de certos povos, o homem pôde aproveitar-se dela de boa-fé, e como de uma coisa que lhe parecia natural; mas, desde que sua razão mais desenvolvida, e sobretudo esclarecida pelas luzes do cristianismo, lhe demonstrou no escravo um igual diante de Deus, ele não tem mais desculpa.”

831. Não coloca a desigualdade natural das aptidões certas raças humanas sob a dependência das raças mais inteligentes?

“Sim, para elevá-las e não para embrutecê-las ainda mais através da servidão. Os homens têm, por tanto tempo, visto certas raças humanas como animais trabalhadores munidos de braços e de mãos que se acreditaram no direito de vendê-las como bestas de carga. Eles se acreditam com um sangue mais puro; insensatos, que só veem a matéria! Não é o sangue que é mais ou menos puro, mas, sim, o Espírito.” (361 e 803.)

832. Existem homens que tratam seus escravos com humanidade; que não lhes deixam faltar nada e pensam que a liberdade os exporia a mais privações; o que dizem vocês a respeito disso?

“Eu digo que esses compreendem melhor seus interesses; eles têm também grande cuidado com seus bois e com seus cavalos, a fim de tirar mais proveito no mercado. Não são tão culpados quanto os que os maltratam, mas nem por isso deixam de dispor deles como uma mercadoria, privando-os do direito de mandar em si mesmos.”

## Liberdade de pensar.

833. Existe no homem algo que escape de toda coerção, e para o que ele usufrua uma liberdade absoluta?

“É no pensamento que o homem usufrui uma liberdade sem limite, pois ele não conhece entraves. Pode-se obstruir-lhe a manifestação, mas não destruí-lo.”

834. É o homem responsável por seu pensamento?

“É responsável por ele diante de Deus; podendo tão só Deus conhecê-lo, ele o condena ou absolve, segundo a justiça.

## Liberdade de consciência.

835. Constitui a liberdade de consciência uma consequência da liberdade de pensar?

“A consciência é um pensamento íntimo que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos.”

836. Possui o homem o direito de colocar entraves à liberdade de consciência?

“Não mais que à liberdade de pensar, pois a Deus unicamente pertence o direito de julgar a consciência. Se o homem regula, através de suas leis, as relações de homem a homem, Deus, através de suas leis da natureza, regula as relações do homem com Deus.”

837. Qual é o resultado dos entraves postos à liberdade de consciência?

“Constranger os homens a agir diferentemente a seu modo de pensar é fazer deles hipócritas. A liberdade de consciência é um dos caracteres da verdadeira civilização e do progresso.”

838. É respeitável toda crença, mesmo quando notoriamente falsa?

“Toda crença é respeitável quando é sincera e quando conduz à prática do bem. As crenças repreensíveis são as que conduzem ao mal.”

839. É censurável por escandalizar com sua crença quem não pensa como ele?

“Constitui falta de caridade e um atentado contra a liberdade de pensar.”

840. Constitui um atentado à liberdade de consciência colocar entraves às crenças cuja natureza perturbe a sociedade?

“A gente pode reprimir os atos, mas a crença íntima é inacessível.”

Reprimir os atos exteriores de uma crença, quando tais atos trazem um prejuízo qualquer a outrem, não constitui absolutamente um atentado à liberdade de consciência, pois essa repressão deixa à crença sua inteira liberdade.

841. Deve-se, por respeito para com a liberdade de consciência, deixar propagarem-se as doutrinas perniciosas, ou bem se pode, sem promover um atentado a essa liberdade, buscar trazer para a senda da verdade os que se extraviaram através de falsos princípios?

“Com certeza se pode e mesmo se deve; mas ensinem, pelo exemplo de Jesus, *através da doçura e da persuasão* e não da força, o que seria pior que a crença de quem se desejasse convencer. Se existe algo que se permite impor, é o bem e a fraternidade; mas nós não cremos que o meio de fazê-los aceitar seja agir com violência: a convicção não se impõe.”

842. Apresentando todas as doutrinas a pretensão de ser a única expressão da verdade, por quais indícios se pode reconhecer a que possui o direito de se mostrar como tal?

“A que faça o maior número de homens de bem e o menor de hipócritas, quer dizer, a que pratique a lei de amor e de caridade em sua maior pureza e em sua aplicação mais abrangente. Por esse indício, vocês reconhecerão que uma doutrina é boa, pois toda doutrina que tiver por consequência semear a desunião e estabelecer uma demarcação entre os filhos de Deus não pode ser senão falsa e perniciosa.”

### **Livre-arbítrio.**

843. Possui o homem livre-arbítrio em seus atos?

“Uma vez que possui a liberdade de pensar, possui a de agir. Sem livre-arbítrio, o homem seria u’*a máquina.*”

844. Desfruta o homem o livre-arbítrio desde seu nascimento?

“Existe liberdade de agir desde que exista vontade de fazer. Nos primeiros tempos da vida, a liberdade é quase nula; ela se desenvolve e muda de feição com as faculdades. Possuindo a criança pensamentos vinculados às necessidades de sua idade, ela aplica seu livre-arbítrio às coisas que lhe são necessárias.”

845. Não constituem as predisposições instintivas que o homem traz ao nascer um obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?

“As predisposições instintivas são as do Espírito antes de sua encarnação; conforme ele seja mais ou menos adiantado, elas podem requestá-lo para atos censuráveis, e ele será secundado nisso por Espíritos que simpatizem com tais disposições, mas absolutamente não existe incitação irresistível quando se possui a vontade de resistir. Lembrem-se de que querer é poder.” (361.)

846. Queda o organismo sem influência sobre os atos da vida, e, caso ele apresente uma influência, não é às custas do livre-arbítrio?

“O Espírito é certamente influenciado pela matéria, que pode entravá-lo em suas manifestações; eis aí porque, nos mundos onde os corpos são menos materiais que na

Terra, as faculdades se expandem com maior liberdade, mas o instrumento não cria a faculdade. Aliás, é preciso distinguir aqui as faculdades morais das faculdades intelectuais; caso um homem possua o instinto do homicida, é com certeza seu próprio Espírito que o possui e que o confere a ele, mas não seus órgãos. Quem aniquila seu pensamento para só se ocupar da matéria se torna semelhante ao bruto e, pior ainda, pois ele não pensa mais em se premunir contra o mal, e é nisso que ele falha, porquanto age assim por sua vontade.” (Ver n.ºs 367 e seguintes. *Influência do organismo.*)

847. A aberração das faculdades retira do homem o livre-arbítrio?

“Quem cuja inteligência se acha transtornada por uma causa qualquer não mais é o dono de seu pensamento, e por isso não tem mais liberdade. Tal aberração é amiúde uma punição para o Espírito que, em uma outra existência, pode ter sido vaidoso e orgulhoso e ter feito um mau uso de suas faculdades. Ele pode renascer no corpo de um idiota, como o déspota, no corpo de um escravo e o mau rico, no de um mendigo; porém, o Espírito sofre com essa coerção, da qual possui perfeita consciência; nisso se resume a ação da matéria.” (371 e seg.º)

848. Constitui a aberração das faculdades intelectuais através da embriaguez uma desculpa para os atos censuráveis?

“Não, pois o bêbedo se privou espontaneamente de sua razão para satisfazer a paixões animalescas: em vez de uma falta, com isso ele comete duas.”

849. Qual é, no homem em estado selvagem, a faculdade dominante: o instinto ou o livre-arbítrio?

“O instinto, o que não o impede de agir com uma inteira liberdade para certas coisas; mas, como a criança, ele dedica tal liberdade às suas necessidades, e ela se desenvolve com a inteligência; por conseguinte, você, que é mais esclarecido que um selvagem, você é também mais responsável pelo que faz.”

850. Não constitui a posição social, às vezes, um obstáculo à inteira liberdade dos atos?

“O mundo apresenta, sem dúvida, suas exigências; Deus é justo: ele leva tudo em conta, mas ele lhes deixa a responsabilidade pelo pouco de esforços que vocês fazem para ultrapassar os obstáculos.”

## Fatalidade.

851. Existe uma fatalidade nos eventos da vida, segundo o sentido atribuído a essa palavra, quer dizer, são todos os eventos predeterminados e, em tal caso, como fica o livre-arbítrio?

“A fatalidade não existe senão pela escolha que realizou o Espírito, ao se encarnar, de sofrer tal ou qual provação; ao escolhê-la, ele atribui a si uma espécie de destino que constitui a consequência mesma da situação em que se acha colocado; eu falo das

provações físicas, porque, no que tange às proações morais e às tentações, o Espírito, conservando o seu livre-arbítrio sobre o bem e sobre o mal, se acha sempre no domínio de ceder ou de resistir. Um bom Espírito, vendo-o fraquejar, pode vir em sua ajuda, mas não pode influir sobre ele de molde a controlar sua vontade. Um Espírito mau, quer dizer, inferior, demonstrando-lhe, exagerando-lhe um perigo físico, pode agitá-lo e atemorizá-lo; mas a vontade do Espírito encarnado nem por isso fica menos livre de todo estorvo.”

852. Existem pessoas que uma fatalidade parece perseguir independentemente de sua maneira de agir; está a infelicidade consignada em seu destino?

“Talvez sejam proações que elas têm que suportar e que elas escolheram; mas, ainda uma vez, vocês põem na conta do destino o que não passa muitas vezes de uma consequência de sua própria falta. Entre os males que afligem a você, esforce-se para que sua consciência se depure, e você ficará mais ou menos consolado.”

As ideias certas ou erradas que nós fazemos das coisas nos fazem ter sucesso ou fracasso, conforme nosso caráter e nossa situação social. Nós achamos mais simples e menos humilhante para nosso amor-próprio atribuir nossos malogros à sorte ou ao destino do que à nossa própria falta. Caso a influência dos Espíritos contribua às vezes para isso, nós podemos sempre subtrair-nos a ela, rejeitando as ideias que eles nos sugerem quando são ruins.

853. Certas pessoas só escapam a um perigo mortal para cair em um outro; parece que elas não vão conseguir escapar à morte. Não existe aí fatalidade?

“Só é fatal, no verdadeiro sentido da palavra, o instante da morte; quando esse momento chega, seja através de um meio ou de um outro, vocês não têm como fugir dele.”

— Assim, seja qual for o perigo que nos ameace, não morreremos, caso a hora não houver chegado?

“Não, você não perecerá, e você disso tem milhares de exemplos; mas, quando é chegada sua hora de partir, nada pode eximi-lo disso. Deus sabe antecipadamente de que gênero de morte você irá partir daqui, e com frequência seu Espírito o sabe também, pois isso lhe é revelado quando ele faz a escolha de tal ou qual existência.”

854. À vista da infalibilidade da hora da morte, segue-se que as precauções que se tomam para evitá-la sejam inúteis?

“Não, pois as precauções que vocês tomam lhes são sugeridas com o fito de evitar a morte que os ameaça; elas constituem um dos meios para que a morte não ocorra.”

855. Qual é o objetivo da Providência ao nos fazer correr perigos que não devem apresentar consequência?

“Quando sua vida é posta em perigo, trata-se de uma advertência que você mesmo desejou, a fim de apartá-lo do mal e de torná-lo melhor. Quando você escapa de tal perigo, ainda sob a influência do risco que correu, você pensa mais ou menos energicamente, segundo a ação mais ou menos enérgica dos bons Espíritos, em se tornar melhor. Sobrevindo o mau Espírito (eu digo mau, subentendendo o mal que se encontra ainda nele), você pensa que se livrará do mesmo jeito de outros perigos e você deixa de novo suas paixões desencadearem-se. Através dos perigos que vocês correm, Deus lhes lembra sua fraqueza e a fragilidade de sua existência. Caso se examinem a causa e a natureza do perigo, a gente verá que, o mais das vezes, as consequências constituíram a

punição de uma falta cometida ou *de um dever negligenciado*. Deus os adverte assim para meditem e se corrigirem.” (526 a 532.)

856. Sabe o Espírito, previamente, o tipo de morte a que deve sucumbir?

“Ele sabe que o tipo de vida que escolheu o expõe a morrer de tal modo de preferência a tal outro; mas ele sabe igualmente as lutas que deverá sustentar para evitá-lo, e que, caso Deus o permita, ele não sucumbirá.”

857. Existem homens que afrontam os perigos dos combates persuadidos de que sua hora não é chegada; existe algo que fundamente essa confiança?

“O mais das vezes o homem tem o pressentimento de seu fim, como pode ter o de que não morrerá ainda. Tal pressentimento lhe provém de seus Espíritos protetores, que desejam adverti-lo para se preparar para partir, ou que estimulam sua coragem nos momentos em que lhe é mais necessária. Pode vir-lhe ainda da intuição que ele tem da existência que escolheu, ou da missão que aceitou e que sabe que tem de cumprir.” (411 e 522.)

858. Donde provém o fato de que os que pressentem sua morte a temem geralmente menos que os outros?

“É o homem que teme a morte e não o Espírito; quem a presente pensa mais como Espírito do que como homem: ele compreende sua libertação, e espera.”

859. Se a morte não tem como ser evitada quando é chegada a hora, sucede o mesmo com todos os acidentes que nos acontecem no curso da vida?

“Eles constituem, muitas vezes, pequeninas coisas para que nós possamos preveni-los e, às vezes, fazer com que vocês os evitem orientando seu pensamento, porque nós não gostamos do sofrimento material. Mas isso é pouco importante para a vida que vocês escolheram. A fatalidade, realmente, consiste tão só na hora em que vocês devem aparecer e desaparecer neste mundo.”

— Existem fatos que têm que forçosamente acontecer e que a vontade dos Espíritos não consegue conjurar?

“Sim, mas que você, como Espírito, viu e pressentiu quando fez sua escolha. Todavia, não pense que tudo o que acontece esteja escrito, como dizem; um evento é, o mais das vezes, a consequência de uma coisa que você fez por um ato de sua livre vontade, de tal sorte que, se você não houvesse feito aquela coisa, o evento não se daria. Se você queima o dedo, isso não é nada; é o resultado de sua imprudência e consequência da matéria; tão somente as grandes dores, os eventos importantes e que podem influir no moral são previstos por Deus, porque são úteis à sua purificação e à sua instrução.”

860. É o homem, através de sua vontade e de seus atos, capaz de fazer que eventos que deveriam ocorrer não ocorram, e vice-versa?

“É, sim, caso essa mudança aparente possa inserir-se na vida que ele escolheu. Depois, para praticar o bem, por ser de rigor, e por ser o único alvo da vida, ele pode obstar o mal, sobretudo o que poderia contribuir para um mal maior.”

861. Sabe o homem que comete um homicídio, ao escolher sua existência, que se tornará assassino?

“Não; ele sabe que, escolhendo uma vida de luta, existe a *chance* para ele de matar um de seus semelhantes, mas ignora se o fará, pois quase sempre se instala nele uma deliberação antes de cometer o crime; ora, quem delibera sobre algo se acha livre sempre de realizá-la ou de não realizá-la. Caso o espírito saiba previamente que, como homem, ele deva cometer um homicídio, é que estaria predestinado a isso. Saibam, entretanto, que não existe ninguém predestinado ao crime, e que todo crime ou todo ato, qualquer que seja, constitui sempre o efeito da vontade e do livre-arbítrio.

“De resto, vocês confundem sempre duas coisas bem distintas: os eventos materiais da vida e os atos da vida moral. Se existe fatalidade às vezes, é nesses eventos materiais cuja causa se situa fora de vocês e que são independentes de sua vontade. Quanto aos atos da vida moral, eles emanam sempre do homem mesmo, que possui sempre, por consequência, a liberdade da escolha: para esses atos não existe, portanto, *jamaiz* fatalidade.”

862. Existem pessoas para as quais nada dá certo e que um mau gênio parece perseguir em todas as suas iniciativas; não é a isso que se pode chamar a fatalidade?

“Isso constitui, sim, a fatalidade, caso você deseje chamá-la assim, porém, ela se prende à escolha do tipo de existência, porque essas pessoas desejaram ser provadas através de uma vida de decepção, a fim de exercerem sua paciência e sua resignação. Todavia, não creia que tal fatalidade seja absoluta; ela é com frequência o resultado do falso caminho que as pessoas seguiram, e que não corresponde à sua inteligência e às suas aptidões. Quem deseja atravessar um rio a nado sem saber nadar tem uma grande probabilidade de se afogar; é assim que acontece na maioria dos eventos da vida. Caso o homem só empreendesse as coisas em correspondência com suas faculdades, ele obteria êxito quase sempre; o que o perde é seu amor-próprio e sua ambição, que o fazem sair de seu caminho e assumir por vocação a vontade de satisfazer certas paixões. Ele fracassa e por sua culpa; mas, em lugar de atribuir isso a si mesmo, prefere acusar disso sua estrela. Um que teria sido um bom operário e ganhado honradamente a vida, será um mau poeta e morrerá de fome. Existiria lugar para todo o mundo, caso cada um soubesse colocar-se em seu lugar.”

863. Não obrigam os costumes sociais frequentemente um homem a que siga um caminho em lugar de um outro, e não se acha ele submetido ao controle da opinião alheia na escolha de suas ocupações? Não constitui o que a gente chama de respeito humano um obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?

“São os homens que estabelecem os costumes sociais e não Deus; se eles se submetem, é que isso lhes convém e constitui ainda um ato de seu livre-arbítrio, uma vez que, se eles desejassem, poderiam libertar-se; então, por que lastimar? Não são os costumes sociais que eles têm de acusar, mas seu tolo amor-próprio, que os faz preferir morrer de fome a derogá-los. Ninguém lhes cobra esse sacrifício feito à opinião, ao passo que Deus lhes cobrará o sacrifício de sua vaidade. Isso não significa que se precisa contrariar a opinião desnecessariamente, como certas pessoas que possuem mais originalidade que verdadeira filosofia; existe tanto desatino em se deixar zombar publicamente ou em se deixar olhar como um animal esquisito, como existe de sabedoria

em descer espontaneamente e sem murmúrio, quando não se tem como manter-se no alto da escala social.”

864. Se existem pessoas para as quais a sorte é contrária, outras parecem ser favorecidas, pois tudo lhes dá certo; a que se liga isso?

“Isso muitas vezes se dá porque estas sabem ajustar-se melhor ao fado; mas isso pode ser também um tipo de provação; o sucesso as embriaga; elas se fiam em seu destino, e amiúde pagam mais tarde esses mesmos sucessos através de cruéis reveses, que teriam podido evitar em sendo prudentes.”

865. Como explicar o ensejo que favorece certas pessoas em circunstâncias em que nem a vontade nem a inteligência atuam: no jogo, por exemplo?

“Certos Espíritos escolheram previamente certos tipos de prazer; o ensejo que os favorece é uma tentação. Quem ganha como homem perde como Espírito: trata-se de uma provação para seu orgulho e sua cupidez.”

866. Seria, então, a fatalidade que parece presidir aos destinos materiais de nossa vida ainda o efeito de nosso livre-arbítrio?

“Você mesmo escolheu sua provação; mais ela seja rude, melhor você a suporte, mais você se eleva. Os que passam sua vida na abundância e na felicidade humana são Espíritos poltrões que permanecem estacionários. Por isso, o número dos infelizes excede de muito o dos felizes desse mundo, considerando que os Espíritos buscam, em sua maioria, a provação que lhes será a mais frutuosa. Eles observam muito bem a futilidade das grandezas e dos prazeres humanos. Aliás, a vida mais feliz é sempre agitada, sempre tumultuada, o que só aconteceria através da ausência da dor.” (525 e seg.<sup>s</sup>)

867. Donde provém a expressão: Nascer sob uma estrela ditosa?

“Velha superstição que aproximava as estrelas ao destino de cada homem; alegoria que certas pessoas cometem a tolice de tomar à letra.”

## Conhecimento do futuro.

868. Pode o futuro ser revelado ao homem?

“Em princípio, o futuro lhe fica encoberto, e não é senão em casos raros e excepcionais que Deus permite a revelação dele.”

869. Com que objetivo fica o futuro encoberto ao homem?

“Caso o homem conhecesse o futuro, ele negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade, porque seria dominado pelo pensamento de que, se algo tem que suceder, ele não precisa ocupar-se com isso, ou bem procuraria obstá-lo. Deus não desejou que fosse assim, a fim de que cada um concorresse para o cumprimento das coisas, *mesmo daquelas às quais desejaria opor-se*; assim, você mesmo prepara muitas vezes, sem se aperceber disso, os eventos que sobrevirão no curso de sua vida.”

870. Uma vez que é útil que o futuro fique encoberto, por que Deus lhe permite, às vezes, a revelação?

“É quando esse acontecimento prévio pode facilitar o cumprimento da coisa em lugar de entravá-lo, incitando a agir diferentemente do que se fosse sem isso. E, depois, amiúde se trata de uma provação. A perspectiva de um evento pode despertar pensamentos mais ou menos bons; caso um homem deva saber, por exemplo, que receberá uma herança com a qual não conta, ele poderá ser requestado pelo sentimento da cupidez, pela satisfação de aumentar seus prazeres terrestres, pelo desejo de entrar na posse mais cedo desejando, talvez, a morte de quem lhe deva deixar sua fortuna; ou bem tal perspectiva despertará nele bons sentimentos e pensamentos generosos. Caso a previsão não se cumpra, trata-se de uma outra provação; aquela do modo pelo qual ele suportará a decepção; mas nem por isso deixará de possuir o mérito ou o demérito dos pensamentos bons ou maus que a crença no evento fez nascer nele.”

871. Uma vez que Deus sabe tudo, sabe igualmente se um homem pode ou não sucumbir em uma provação; daí, qual é a necessidade dessa provação, um vez que ela nada pode informar a Deus que ele já não saiba sobre a condição daquele homem?

“Seria o mesmo que perguntar por que Deus não criou o homem perfeito e completo (119); por que o homem passa pela infância antes de chegar ao estado de adulto (379). A provação não tem por alvo esclarecer a Deus o mérito daquele homem, pois Deus sabe perfeitamente o que ele vale, mas deixar àquele homem toda a responsabilidade de sua ação, já que ele é livre de praticá-la ou de não praticá-la. Possuindo o homem a escolha entre o bem e o mal, a provação tem como efeito pô-lo às voltas com a tentação do mal e de lhe deixar todo o mérito da resistência; por isso, embora Deus saiba muito bem previamente se ele terá êxito ou não, ele não pode, em sua justiça, nem puni-lo nem recompensá-lo por um ato que ele não levou a termo.” (258.)

É o mesmo entre os homens. Por mais capaz que seja um candidato, por mais certeza que se tenha de vê-lo obter sucesso, ninguém lhe confere qualquer grau sem exame, quer dizer, sem prova; assim, o juiz só condena um acusado por um ato consumado e não pela previsão de que ele pode ou deve consumir tal ato.

Quanto mais a gente reflete sobre as consequências que resultariam para o homem do conhecimento do futuro, mais vê quanto a Providência foi prudente ao escondê-lo dele. A certeza de um evento feliz o mergulharia na inércia; a de um evento infeliz, no desencorajamento; em um ou outro caso, suas forças ficariam paralisadas. Eis porque o futuro se mostra ao homem apenas como *um alvo* que ele deve atingir através de seus esforços, mas sem conhecer a prova pela qual ele tem que passar para atingi-lo. O conhecimento de todos os incidentes do caminho lhe retiraria sua iniciativa e a utilização de seu livre-arbítrio; ele se deixaria arrastar ao precipício fatal dos eventos sem exercer suas faculdades. Quando o sucesso de uma coisa se acha assegurado, a gente não se preocupa mais.

## Resumo teórico do móvel das ações do homem.

872. A questão do livre-arbítrio pode resumir-se assim: o homem não é em absoluto fatalmente conduzido ao mal; as ações que realiza absolutamente não se acham escritas previamente; os crimes que comete não constituem de forma alguma o cumprimento de um mandato do destino. Ele pode, como provação e como expiação,

escolher uma existência em que terá os impulsos para o crime, seja através do ambiente onde esteja situado, seja das circunstâncias que sobrevêm, mas ele é livre sempre para agir ou não agir. Assim, o livre-arbítrio existe, no estado de Espírito, em função da escolha da existência e das provações, e, no estado corpóreo, em função da faculdade de ceder ou de resistir aos impulsos aos quais nós nos submetemos espontaneamente. Compete à educação combater essas más tendências; ela o fará eficazmente quando for fundamentada no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Através do conhecimento das leis que regem essa natureza moral, a gente alcançará modificá-la, como modifica a inteligência através da instrução e o caráter através da higiene mental.

O Espírito desprendido da matéria e no estado errante exerce a escolha de suas existências corpóreas futuras conforme o nível de perfeição a que chegou, e é nisso, como nós dissemos, que consiste sobretudo seu livre-arbítrio. Essa liberdade não é em absoluto anulada pela encarnação; se ele cede à influência da matéria, é que sucumbe sob as provações mesmas que escolheu, e é para ajudá-lo a sobrepujá-las que ele pode invocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos. (337.)

Sem o livre-arbítrio, o homem não possui demérito no mal, nem mérito no bem; e isso é de tal forma reconhecido que, no mundo, se confere sempre a crítica ou o elogio à intenção, quer dizer, à vontade; ora, quem diz vontade diz liberdade. O homem não poderia, pois, buscar uma desculpa de seus erros em seu organismo, sem abdicar de sua razão e de sua condição de ser humano, para se confundir com o bruto. Se assim se passa em relação ao mal, seria o mesmo em relação ao bem; mas, quando o homem pratica o bem, ele tem bastante zelo em se atribuir um mérito e não cuida de agradecer a seus órgãos, o que comprova que instintivamente ele não renuncia, apesar da opinião de alguns sistemáticos, ao mais belo privilégio de sua espécie: a liberdade de pensar.

A fatalidade, tal qual é entendida comumente, pressupõe a decisão irrevogável de todos os eventos da vida, seja qual for sua importância. Caso tal fosse a ordem das coisas, o homem se constituiria em u'a máquina sem vontade. Para que lhe serviria sua inteligência, uma vez que se acharia invariavelmente subjugado em todos os seus atos pela força do destino? Uma tal doutrina, caso fosse verdadeira, seria a destruição de toda liberdade moral; não existiria mais para o homem responsabilidade, e, por conseguinte, nem bem, nem mal, nem crimes, nem virtudes. Deus, supremamente justo, não poderia castigar sua criatura por faltas que não teria dependido dela cometê-las, nem recompensá-la por virtudes cujo mérito não lhe coubesse. Uma lei dessas constituiria, ao contrário, a negação da lei do progresso, pois o homem que esperasse tudo da sorte não tentaria nada para melhorar sua situação, uma vez que ele não iria valer nem mais nem menos.

A fatalidade não é, no entanto, um termo vazio; ela existe em função da posição que ocupa o homem na Terra e das funções que ele cumpre aí, em consequência do tipo de existência cuja escolha seu Espírito realizou, como *provação*, *expição* ou *missão*; ele sofre fatalmente todas as vicissitudes dessa existência, e todas as *tendências* boas ou más que lhe são inerentes; mas aí para a fatalidade, pois depende de sua vontade ceder ou não a tais tendências. *O pormenor dos eventos se subordina às circunstâncias que ele mesmo provoque através de seus atos*, e sobre os quais conseguem influir os Espíritos através dos pensamentos que lhe sugerem. (459.)

A fatalidade se acha, pois, nos eventos que se apresentam, uma vez que constituem a consequência da escolha da existência feita pelo Espírito; ela pode não se achar no resultado desses eventos, uma vez que pode depender do homem mudar-lhe o curso através de sua prudência; *ela não se acha jamais nos atos da vida moral.*

É na morte que o homem se submete de um modo absoluto à inexorável lei da fatalidade, pois ele não pode escapar do mandato que fixa o final de sua existência, nem ao tipo de morte que tem de interromper-lhe o curso.

Conforme a doutrina ordinária, o homem extrairia todos os seus instintos de si mesmo; eles proviriam, seja de seu organismo físico, pelo qual não poderia ser responsável, seja de sua própria natureza, na qual pode buscar uma desculpa a seus próprios olhos, afirmando que não constitui culpa sua se ele é desse jeito. A doutrina espírita é evidentemente mais moral: ela admite para o homem o livre-arbítrio em toda sua plenitude; e, ao dizer-lhe que, caso pratique o mal, está cedendo a uma ruim sugestão alheia, ela lhe deixa toda a responsabilidade disso, uma vez que lhe reconhece a força de resistir, coisa evidentemente mais fácil do que se precisasse lutar contra sua própria natureza. Assim, conforme a doutrina espírita, não existe impulso irresistível: o homem pode sempre fechar o ouvido à voz oculta que o incita para o mal em seu foro íntimo, como ele pode fechá-lo à voz material de quem lhe fala; ele pode fazê-lo através de sua vontade, solicitando a Deus a força necessária, e reclamando para esse efeito a assistência dos bons Espíritos. Eis o que Jesus nos ensina no sublime rogo da oração dominical, quando nos faz dizer: “Não nos deixe cair em tentação, mas livre-nos do mal.”

Essa teoria da causa excitante de nossos atos sobressai claramente de todo o ensinamento dado pelos Espíritos; não somente ela é sublime quanto à moralidade, mas nós cresceremos que eleva o homem a seus próprios olhos; ela o mostra livre para sacudir um jugo obsessor, como ele é livre para fechar a porta de sua casa aos importunos; não se trata mais de u’á máquina agindo através de uma impulsão independente de sua vontade; trata-se de um ser racional que escuta, que julga e que escolhe livremente entre dois conselhos. Acresçamos que, apesar disso, o homem não se acha em absoluto privado de sua iniciativa; ele não atua menos através de sua própria ação, uma vez que, definitivamente, ele constitui apenas um Espírito encarnado que conserva, sob o invólucro corpóreo, as qualidades e os defeitos que apresentava como Espírito. As faltas que nós cometemos têm, assim, sua origem primária na imperfeição de nosso próprio Espírito, que não alcançou ainda a superioridade moral que terá um dia, mas que nem por isso possui menos livre-arbítrio; a vida corpórea lhe é propiciada para se purgar de suas imperfeições através das provações que aí padece, e são precisamente tais imperfeições que o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que se aproveitam disso para procurar fazê-lo sucumbir na luta que empreendeu. Caso saia vitorioso dessa luta, ele se eleva; caso saia derrotado, ele permanece como era, nem pior, nem melhor: é uma provação a recomençar, e isso pode durar muito tempo ainda. Mais ele se purifica, mais esses aspectos fracos diminuem e menos se deixa dominar pelos que o incitam para o mal; sua força moral cresce na proporção de sua elevação e os maus Espíritos se afastam dele.

Todos os Espíritos mais ou menos bons, uma vez que estejam encarnados, constituem a espécie humana; e, como nossa Terra é um dos mundos menos adiantados, aqui se encontram mais Espíritos ruins que bons; eis aí porque nós verificamos nela tanta

perversidade. Façamos, portanto, todos os nossos esforços para não voltar para cá após esta parada, e para merecer ir repousarmo-nos em um mundo melhor, em um desses mundos privilegiados onde o bem reina sem discriminação e onde nós nos lembraremos de nossa passagem por este mundo apenas como de um tempo de exílio.

## CAPÍTULO XI

# X. LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE

1. Justiça e direitos naturais. — 2. Direito de propriedade. Roubo. — 3. Caridade e amor ao próximo. — 4. Amor materno e filial.

### Justiça e direitos naturais.

873. Acha-se o sentimento de justiça na natureza ou é o resultado de ideias adquiridas?

“Ele está tão arraigado na natureza que vocês se revoltam ao pensamento de uma injustiça. O progresso moral desenvolve sem dúvida esse sentimento, mas não o confere: Deus o colocou no coração do homem; eis aí porque vocês encontram muitas vezes junto aos homens simples e primitivos noções da justiça mais exatas do que junto aos que possuem muito saber.”

874. Se a justiça é uma lei da natureza, como se dá que os homens a entendam de um modo tão diferente, e que um ache justo o que parece injusto ao outro?

“É que a ela se misturam amiúde paixões que adulteram esse sentimento, como sucede à maioria dos outros sentimentos naturais, e fazem ver as coisas sob um falso ponto de vista.”

875. Como se pode definir a justiça?

“A justiça consiste no respeito aos direitos de cada um.”

— O que determina tais direitos?

“Eles são determinados por duas coisas: a lei humana e a lei natural. Havendo os homens elaborado leis adequadas a seus costumes e a seu caráter, tais leis estabeleceram direitos que puderam variar com o progresso das luzes. Vejam se suas leis de hoje, sem serem perfeitas, consagram os mesmos direitos que na Idade Média; esses direitos ultrapassados, que lhes parecem monstruosos, se afiguravam justos e naturais naquela

época. O direito estabelecido pelos homens nem sempre, pois, se acha conforme à justiça; ele rege, aliás, apenas certas convenções sociais, ao passo que, na vida privada, existe uma grande quantidade de atos que são unicamente da alçada do tribunal da consciência.”

876. Fora do direito consagrado pela lei humana, qual é a base da justiça fundada na lei natural?

“O Cristo lhes afirmou: *Desejar para os outros o que vocês desejariam para vocês mesmos*. Deus colocou no coração do homem a regra de toda verdadeira justiça, através do desejo que cada qual possui de ver respeitados seus direitos. Na incerteza do que ele tem que fazer no interesse de seu semelhante, em uma dada circunstância, que o homem se pergunte como desejaria que se procedesse para com ele em uma situação parecida: Deus não podia fornecer-lhe um guia mais seguro do que sua própria consciência.”

O critério da verdadeira justiça reside, com efeito, em desejar para os outros o que se desejaria para si mesmo, e não em desejar para si o que se desejaria para os outros, o que não é absolutamente a mesma coisa. Como não é natural desejar para si o mal, ao tomar seu desejo pessoal por modelo ou ponto de partida, fica-se certo de sempre desejar-se tão só o bem para seu próximo. O tempo todo e em todas as crenças, o homem buscou sempre fazer prevalecer seu direito pessoal; *o sublime da religião cristã foi pegar o direito pessoal para base do direito do próximo*.

877. Traz ao homem a necessidade que tem de viver em sociedade obrigações particulares?

“Sim, e a primeira de todas é respeitar os direitos de seus semelhantes; quem respeitar esses direitos será sempre justo. Em seu mundo, onde tantos homens não praticam a lei de justiça, cada um usa de represálias, e é isso que causa a agitação e a confusão de sua sociedade. A vida social atribui direitos e impõe deveres recíprocos.”

878. Sendo o homem capaz de se iludir quanto ao alcance de seu direito, o que pode dar-lhe a conhecer seu limite?

“O limite do direito que ele reconhece da parte de seu semelhante para consigo, na mesma circunstância e reciprocamente.”

— Mas, caso cada um se atribua os direitos de seu semelhante, como fica a subordinação para com os superiores? Não constitui isso a anarquia de todos os poderes?

“Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde o menor até o maior; Deus não criou uns de um barro mais puro do que os outros e todos são iguais diante dele. Esses direitos são eternos; os que o homem estabeleceu perecem com suas instituições. De resto, cada um sente bem sua força ou sua fraqueza, e poderá sempre conferir uma espécie de deferência para quem o merecer por sua virtude e sua sabedoria. É importante deixar isso registrado, a fim de que os que se creem superiores conheçam seus deveres para merecer tais deferências. A subordinação não ficará comprometida, quando se atribuir a autoridade à sabedoria.”

879. Qual seria o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza?

“O do verdadeiro justo, a exemplo de Jesus; pois ele praticaria também o amor do próximo e a caridade, sem os quais não existe verdadeira justiça.”

## Direito de propriedade. Roubo.

880. Qual é o primeiro de todos os direitos naturais do homem?

“É o de viver; eis porque ninguém possui o direito de atentar contra a vida de seu semelhante ou de fazer nada que possa comprometer sua existência corpórea.”

881. Concede ao homem o direito de viver o direito de acumular o de que viver, para descansar quando não puder mais trabalhar?

“Sim, mas ele tem que fazê-lo em família, como a abelha, através de um trabalho honesto, e não acumular como um egoísta. Até mesmo certos animais lhe oferecem o exemplo da previdência.”

882. Possui o homem o direito de defender o que acumulou através do trabalho?

“Não disse Deus: Você nunca roubará; e Jesus: É preciso restituir a César o que pertence a César?”

O que o homem amealha através de um trabalho *honesto* é uma propriedade legítima, que ele possui o direito de defender, pois a propriedade que é o fruto do trabalho constitui um direito natural tão sagrado quanto o de trabalhar e o de viver.

883. É natural o desejo de possuir?

“Sim; mas quando é para si só e para sua satisfação pessoal, trata-se de egoísmo.”

— Não obstante, não é legítimo o desejo de possuir, uma vez que quem possui o de viver não está sobrecarregando ninguém?

“Existem homens insaciáveis e que acumulam sem proveito para ninguém ou para satisfazer suas paixões. Acredita você que isso seja bem-visto por Deus? Quem, ao contrário, amealha através de seu trabalho, com o fito de vir em ajuda de seus semelhantes, pratica a lei de amor e de caridade, e seu trabalho é abençoado por Deus.”

884. Qual é o caráter da propriedade legítima?

“Não existe propriedade legítima senão a que foi adquirida sem prejuízo para outrem.” (808.)

Proibindo a lei de amor e de justiça que se faça a outrem o que nós não desejaríamos que nos fosse feito, condena, *ipso facto*, todo meio de adquirir que seja contrário a essa lei.

885. É indefinido o direito de propriedade?

“Sem dúvida, tudo o que se adquiriu legitimamente constitui uma propriedade; mas, como nós dissemos, sendo a legislação dos homens imperfeita, consagra amiúde direitos de convenção que a justiça natural reprova. Eis porque eles vão reformando suas leis à medida que o progresso vai cumprindo-se e que vão compreendendo melhor a justiça. O que parece perfeito em um século afigura-se bárbaro no século seguinte.” (795.)

## Caridade e amor ao próximo.

886. Qual é o verdadeiro sentido da palavra *caridade*, tal qual a entendia Jesus?

“Benevolência para com todo o mundo, indulgência para com as imperfeições de outrem, perdão às ofensas.”

O amor e a caridade constituem o complemento da lei de justiça, pois amar a seu próximo é fazer-lhe todo o bem que está em nosso poder e que nós desejaríamos que fosse feito a nós mesmos. Tal é o sentido das palavras de Jesus: *Amem-se uns aos outros, como irmãos.*

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola; ela abarca todas as relações que temos com nossos semelhantes, sejam nossos inferiores, nossos iguais ou nossos superiores. Ela nos recomenda a indulgência, porque nós mesmos precisamos de indulgência; ela nos proíbe de humilhar a desgraça, ao contrário do que se faz muito frequentemente. Quando uma pessoa rica se apresenta, têm-se para com ela mil atenções, mil considerações; caso seja pobre, parece que não se tem necessidade de se preocupar com ela. Mais sua situação é para lamentar, mais se deve temer, ao contrário, aumentar sua infelicidade através da humilhação. O homem verdadeiramente bom busca elevar o inferior a seus próprios olhos, diminuindo a distância entre eles.

887. Jesus disse também: *Amem até mesmo a seus inimigos*. Ora, não é o amor a nossos inimigos contrário às nossas tendências naturais, e não provém a inimizade de uma ausência de simpatia entre os Espíritos?

“Sem dúvida, não se pode ter por seus inimigos um amor terno e apaixonado; não foi isso que ele quis dizer; amar a seus inimigos é perdoá-los e retribuir-lhes o mal com o bem; esse o meio de se tornar superior; através da vingança, a gente se situa abaixo deles.”

888. Que pensar da esmola?

“O homem reduzido a pedir esmola degrada-se quanto ao moral e ao físico: ele se embrutece. Em uma sociedade sedimentada sobre a lei de Deus e a justiça, deve ser provida a existência do *fraco*, sem humilhação para ele. A sociedade deve assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem deixar sua vida à *mercê do acaso* e da boa vontade.”

— Quer dizer que vocês desaprovam a esmola?

“Não; não é a esmola que é reprovável, é muitas vezes a maneira pela qual ela é oferecida. O homem de bem, que compreende a caridade segundo Jesus, vai ao encontro do infeliz sem esperar que lhe estenda a mão.

“A verdadeira caridade é sempre boa e benevolente; ela se acha tanto na maneira quanto no fato. Um serviço prestado com delicadeza dobra de valor; se for prestado com arrogância, a necessidade pode fazer que seja aceito, mas o coração pouco se comove.

“Lembrem-se também de que a ostentação desfaz aos olhos de Deus o mérito do benefício. Jesus disse: Que sua mão esquerda não saiba o que dá sua mão direita. Ele lhes ensina assim a nunca ofuscar a caridade através do orgulho.

“É preciso distinguir a esmola propriamente dita da beneficência. O mais necessitado nem sempre é quem pede; o receio de uma humilhação detém o verdadeiro pobre, que amiúde sofre sem se lamentar; eis a quem o homem verdadeiramente humano sabe ir buscar sem ostentação.

“Amem-se uns aos outros; aqui está toda a lei; lei divina através da qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados; a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

“Não se esqueçam jamais de que o Espírito, seja qual for seu nível de adiantamento, sua condição de reencarnação ou erraticidade, se acha *sempre* situado

entre um superior que o guia e o aperfeiçoa, e um inferior diante do qual possui os mesmos deveres que cumprir. Sejam, pois, caridosos, não somente desta caridade que os leva a retirar de sua bolsa o óbolo que oferecem friamente a quem ousa pedir-lhes, mas vão ao encontro das misérias escondidas. Sejam indulgentes para com as falhas de seus semelhantes; em vez de menosprezar a ignorância e o vício, instruem-nos e moralizem-nos; sejam complacentes e benévolos para com todo aquele que lhes é inferior; sejam assim também em relação aos seres mais ínfimos da criação, e vocês terão obedecido à lei de Deus.”

SÃO VICENTE DE PAULO.

889. Não existem homens reduzidos à mendicância por culpa sua?

“Sem dúvida, mas, caso uma boa educação moral lhes tivesse ensinado a praticar a lei de Deus, eles não cairiam nos excessos que provocam sua perda; é disso sobretudo que depende a melhoria de seu globo.” (707.)

### **Amor materno e filial.**

890. Constitui o amor materno uma virtude ou um sentimento instintivo, comum aos homens e aos animais?

“Ambos. A natureza concedeu à mãe o amor a seus filhos no interesse da conservação deles; mas, no animal, esse amor é limitado às necessidades materiais: ele cessa quando os cuidados se tornam inúteis; no homem, ele persiste a vida toda e comporta um devotamento e uma abnegação que constituem a virtude; ele sobrevive mesmo à morte, e segue o filho para além do túmulo; vocês bem percebem que existe nele algo que não existe no do animal.” (205 e 385.)

891. Uma vez que o amor materno se acha na natureza, por que existem mães que odeiam seus filhos, e isso com frequência, a partir do nascimento?

“Trata-se, às vezes, de uma provação escolhida pelo Espírito do filho, ou de uma expiação, caso ele mesmo tenha sido mau pai, mãe ou filho em uma outra existência (392). Em todos os casos, a má progenitora só pode se achar animada por um mau Espírito, que se esforça por embarçar o do filho, a fim de que sucumba sob a provação que ele desejou; mas essa violação das leis da natureza não ficará impune, e o Espírito do filho será recompensado à vista dos obstáculos que houver sobrepujado.”

892. Quando pais possuem filhos que lhes causam desgostos, não merecem eles escusa por não terem para com estes a ternura que haveriam tido no caso contrário?

“Não, pois isso constitui um encargo que lhes foi confiado, e sua missão consiste em fazer todos os seus esforços para orientá-los para o bem (582 e 583). Mas esses desgostos são amiúde a consequência do mau hábito que eles deixaram que criassem desde o berço; eles estão colhendo, então, o que semearam.”

## CAPÍTULO XII

# PERFEIÇÃO MORAL

1. As virtudes e os vícios. — 2. Das paixões. — 3. Do egoísmo. — 4. Características do homem de bem. — 5. Conhecimento de si mesmo.

### **As virtudes e os vícios.**

893. Qual é a mais meritória de todas as virtudes?

“Todas as virtudes têm seu mérito, porque todas constituem sinais de progresso na senda do bem. Existe virtude todas as vezes que existe resistência espontânea ao incentivo dos maus pendores; mas o sublime da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal em função do bem de seu próximo, sem segunda intenção; a mais meritória é a que se fundamenta na caridade mais desinteressada.”

894. Existem pessoas que praticam o bem por um movimento espontâneo, sem que precisem vencer nenhum sentimento contrário; têm elas tanto mérito quanto as que têm de lutar contra sua própria natureza e que a subjugam?

“As que não precisam lutar absolutamente é que nelas o progresso se completou: elas lutaram outrora e triunfaram; eis porque os bons sentimentos não lhes custam nenhum esforço, e suas ações lhes parecem todas simples: o bem se tornou para elas um hábito. Deve-se, pois, honrá-los como a velhos guerreiros que conquistaram suas patentes.

“Como vocês se acham ainda longe da perfeição, esses exemplos os assombram através do contraste, e vocês os admiram tanto mais quanto mais raros sejam; mas compenetrem-se de que, nos mundos mais adiantados que o seu, o que entre vocês constitui uma exceção lá é a regra. O sentimento do bem ali é por toda a parte espontâneo, porque eles são habitados apenas por bons Espíritos, e uma só má intenção seria uma exceção monstruosa. Eis aí porque os homens ali são felizes; há de ser assim na Terra,

quando a humanidade se tiver transformado e quando compreender e praticar a caridade em sua real acepção.”

895. À parte os defeitos e os vícios sobre os quais ninguém poderia enganar-se, qual é o sinal mais característico da imperfeição?

“É o interesse pessoal. As qualidades morais são amiúde como o dourado que se põe sobre um objeto de cobre e que não resiste à pedra de toque. Um homem é capaz de possuir qualidades reais que fazem dele, para todo o mundo, um homem de bem; mas tais qualidades, conquanto constituam um progresso, nem sempre suportam certas provações, e é suficiente, às vezes, tanger a corda do interesse pessoal para colocar o íntimo à mostra. O verdadeiro desinteresse constitui mesmo coisa tão rara na Terra que a gente o admira como a um fenômeno, quando ele se apresenta.

“O apego às coisas materiais é um sinal claro de inferioridade, porque, mais o homem se agarra aos bens deste mundo, menos compreende sua destinação; através do desinteresse, ao contrário, ele comprova que descortina o futuro de um ponto mais elevado.”

896. Existem pessoas desinteressadas sem discernimento que prodigalizam seus bens sem proveito real, por falta de lhes dar um uso racional; possuem elas um mérito qualquer?

“Possuem o mérito do desinteresse, mas não possuem o do bem que poderiam praticar. Se o desinteresse é uma virtude, a prodigalidade irrefletida constitui sempre, no mínimo, uma falha de julgamento. A fortuna não é concedida a alguns para ser jogada ao vento, como a outros para ser abandonada em um cofre-forte; trata-se de um depósito cuja conta eles terão que prestar contas, pois terão que responder por todo o bem que estava em seu poder praticar, e que não houverem praticado; e por todas as lágrimas que eles teriam podido secar com o dinheiro que ofereceram aos que dele não tinham necessidade.”

897. É censurável quem pratica o bem sem ter em vista uma recompensa na Terra, mas na esperança de que ele lhe será levado em conta na outra vida, e que sua situação ali será bastante melhor, e é nocivo tal pensamento para seu adiantamento?

“É preciso praticar o bem por caridade, quer dizer, com desinteresse.”

— Contudo, cada um tem o desejo bem natural de se adiantar para sair do estado penoso desta vida; os Espíritos mesmos nos ensinam a praticar o bem com esse objetivo; constitui, assim, um mal pensar que, em praticando o bem, a gente pode esperar algo melhor do que na Terra?

“Não, com certeza; mas quem pratica o bem sem segunda intenção, e pelo único prazer de ser agradável a Deus e a seu próximo sofredor, se acha já em um certo nível de adiantamento que lhe permitirá chegar muito mais cedo à felicidade que seu irmão que, mais positivo, pratica o bem através de raciocínio, e não é impelido pelo calor natural de seu coração.” (894.)

— Não existe aqui uma distinção a ser feita entre o bem que se pode praticar a seu próximo e o cuidado que se propõe para corrigir os próprios defeitos? Nós concordamos que praticar o bem com o pensamento de que será levado em conta na outra

vida seja pouco meritório; mas emendar-se, vencer suas paixões, corrigir seu caráter com vista a se aproximar dos bons Espíritos e a se elevar, constitui igualmente um sinal de inferioridade?

“Não, não; por praticar o bem nós queremos dizer ser caridoso. Quem calcula o que cada boa ação lhe pode render na vida futura, tanto quanto na vida terrena, age de forma egoísta; mas não existe nenhum egoísmo em se melhorar com vista a se aproximar de Deus, uma vez que essa é a meta para a qual cada um deve pender.”

898. Uma vez que a vida corpórea não é senão uma paragem temporária neste mundo, e que nosso futuro deve ser nossa principal preocupação, é útil esforçar-se por adquirir conhecimentos científicos que só afetem as coisas e as necessidades materiais?

“Sem dúvida; primeiro, isso os põe a pique de socorrer seus irmãos; depois, seu Espírito se elevará mais rápido, caso tenha já progredido em inteligência; no intervalo das encarnações, vocês aprenderão em uma hora o que lhes demandaria anos em sua Terra. Nenhum conhecimento é inútil; todos contribuem, mais ou menos, para o adiantamento, porque o Espírito perfeito tem de saber tudo, e porque, tendo o progresso de se cumprir em todos os sentidos, todas as ideias adquiridas facilitam o desenvolvimento do Espírito.”

899. De dois homens ricos, um nasceu na opulência e não conheceu jamais a necessidade; o outro deve sua fortuna a seu trabalho; ambos a utilizam exclusivamente em sua satisfação pessoal; qual é o mais culpado?

“Quem conheceu os sofrimentos; ele sabe o que é sofrer; ele conhece a dor que ele não atenua, mas sucede muito frequentemente com ele que não se lembra mais dela.”

900. Quem acumula sem parar e sem favorecer a ninguém, encontra uma desculpa válida no pensamento de que amealha para deixar mais a seus herdeiros?

“Trata-se de um compromisso com uma consciência ruim.”

901. De dois avaros, o primeiro se nega o necessário e morre à míngua sobre seu tesouro; o segundo não é avaro senão em relação aos outros: ele é pródigo consigo mesmo; enquanto recua diante do mais ligeiro sacrifício para fazer um favor ou realizar algo útil, não lhe custa nada satisfazer seus gostos e suas paixões. Caso se peça a ele um obséquio, está sempre ocupado; deseja ele realizar uma fantasia, está sempre pronto. Qual é o mais culpado, e qual ocupará o pior lugar no mundo do Espíritos?

“Quem usufrui: ele é mais egoísta que avaro; o outro já encontrou uma parte de sua punição.”

902. É repreensível ambicionar a riqueza quando é pelo desejo de praticar o bem?

“O sentimento é louvável, sem dúvida, quando é puro; mas é esse desejo sempre bem desinteressado e não esconde nenhuma segunda intenção pessoal? A primeira pessoa a quem se aspira praticar o bem não é amiúde ela mesma?”

903. É culpável a gente por estudar os defeitos dos outros?

“Caso seja para criticá-los e divulgá-los, é muito culpável, pois se trata de falar com a caridade; caso seja para alcançar um proveito pessoal e evitá-los em si mesmo, isso pode ser útil às vezes; mas é preciso não esquecer que a indulgência para com os defeitos de outrem constitui uma das virtudes compreendidas na caridade. Antes de assacar aos

outros uma repreensão por suas imperfeições, veja se não se pode dizer de você a mesma coisa. Esforce-se, portanto, por obter as qualidades opostas aos defeitos que você critica nos outros; eis o meio de se tornar superior; você os repreende por serem avaros, seja generoso; por serem orgulhosos, seja humilde e honesto; por serem duros, seja brando; por agirem com pequenez, seja grande em todas as suas ações; em suma, faça de forma que não se possam aplicar-lhe esta observação de Jesus: Ele vê uma palha no olho de seu vizinho, e não vê uma trave no seu.”

904. É culpável a pessoa por sondar as chagas da sociedade e por desvendá-las?

“Isso depende do sentimento que a conduz; caso o escritor não vise senão produzir escândalo, trata-se de um prazer pessoal que ele propicia a si mesmo ao apresentar quadros que constituem quase sempre mais um mau que um bom exemplo. O Espírito está avaliando, mas pode ser punido por esse tipo de satisfação que sente em revelar o mal.”

— Como, nesse caso, julgar da pureza das intenções e da sinceridade do escritor?

“Isso nem sempre é útil; caso ele escreva boas coisas, vocês devem tirar proveito delas; caso sejam ruins, é uma questão de consciência que afeta a ele. De resto, caso se atenha a comprovar sua sinceridade, compete a ele abonar o preceito através de seu próprio exemplo.”

905. Certos autores publicaram obras muito bonitas e de muita moralidade, que ajudam o progresso da humanidade, mas de que eles mesmos não tiraram nenhum proveito; será creditado em sua conta, como Espíritos, o bem que suas obras promoveram?

“A moral sem as ações é a semente sem o trabalho. De que lhes serve a semente, caso vocês não façam que frutifique para nutri-los? Esses homens são mais culpados, porque possuíam inteligência para compreender; ao não praticarem as máximas que proporcionavam aos outros, eles renunciaram a colher os frutos delas.”

906. É quem pratica o bem repreensível por possuir consciência dele e por atribuí-lo a si mesmo?

“Uma vez que ele pode possuir a consciência do mal que praticar, ele deve possuir também a do bem, a fim de saber se está agindo bem ou mal. É ao sopesar todas as suas ações na balança da lei de Deus, e sobretudo na da lei de justiça, de amor e de caridade, que ele poderá compenetrar-se de que estejam sendo boas ou más, aprovando-as ou desaprovando-as. Ele não pode, portanto, ser repreendido por reconhecer que triunfou das tendências ruins e por estar satisfeito por causa disso, enquanto não fizer disso motivo de vaidade, pois, então, cairia em uma outra infração.” (919.)

## Das paixões.

907. Uma vez que o princípio das paixões se encontra na natureza, é ele mau em si mesmo?

“Não; a paixão está no excesso jungido à vontade, pois o princípio foi concedido ao homem para o bem, e elas são capazes de levá-lo a grandes feitos; é o abuso que ele perpetra com elas que causa o mal.”

908. Como estabelecer o limite em que as paixões deixam de ser boas ou más?

“As paixões são como um cavalo que é útil quando é conduzido, e que é perigoso quando é ele que conduz. Reconheçam, portanto, que uma paixão se torna perniciosa no momento em que não lhes é mais possível governá-la, e quando apresenta como resultado um prejuízo qualquer para vocês ou para outrem.”

As paixões são alavancas que multiplicam por dez as forças do homem e o ajudam a cumprir os desígnios da Providência; mas, se, em lugar de as dirigir, o homem se deixa dirigir por elas, ele cai nos excessos e a força mesma, que, em sua mão, podia praticar o bem, incide sobre ele e o abate.

Todas as paixões têm seu princípio em um sentimento ou necessidade da natureza. O princípio das paixões não constitui, portanto, um mal, uma vez que repousa sobre uma das condições providenciais de nossa existência. A paixão, propriamente dita, é a exageração de uma necessidade ou de um sentimento; ela se acha no excesso e não na causa; e esse excesso se torna um mal quando tem por consequência um mal qualquer.

Toda paixão que aproxima o homem da natureza animal o afasta da natureza espiritual.

Todo sentimento que eleva o homem acima da natureza animal anuncia a predominância do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.

909. Poderia o homem vencer sempre seus maus pendores através de seus esforços?

“Sim, e às vezes através de pequenos esforços; é a vontade que lhe falta. Coitados! Quão poucos de vocês fazem esforços!”

910. Pode o homem encontrar nos Espíritos uma assistência eficaz para suplantar suas paixões?

“Se ele orar a Deus e a seu bom gênio com sinceridade, os bons Espíritos virão com certeza ajudá-lo, pois essa é a missão deles.” (459.)

911. Não há paixões de tal forma vivas e irresistíveis que a vontade é impotente para suplantá-las?

“Existem muitas pessoas que dizem: *Eu quero*; mas a vontade se acha tão só nos lábios; elas querem, e elas estão bem contentes de que aquilo não aconteça. Quando se pensa que não se é capaz de vencer suas paixões, é que o Espírito se compraz nelas, em consequência de sua inferioridade. Quem busca reprimi-las compreende sua natureza espiritual; vencê-las é para ele um triunfo do Espírito sobre a matéria.”

912. Qual é o meio mais eficaz de combater a predominância da natureza corpórea?

“Levar a efeito a abnegação de si mesmo.”

## Do egoísmo.

913. Entre os vícios, qual é aquele que se pode considerar como radical?

“Nós o afirmamos repetidas vezes: é o *egoísmo*; daí advém todo o mal. Estudem todos os vícios e vocês perceberão que no fundo de todos existe o egoísmo; vocês haverão por bem combatê-los, mas vocês não chegarão a extirpá-los enquanto não atacarem o mal pela raiz, enquanto não destruírem a causa. Que todos os seus esforços se dirijam, pois, para esse alvo, pois lá se acha a verdadeira chaga da sociedade. Quem quer que deseje aproximar-se, nesta vida, da perfeição moral tem que extirpar de seu coração todo sentimento de egoísmo, pois o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade: ele neutraliza todas as outras qualidades.”

914. Achando-se o egoísmo fundamentado sobre o sentimento do interesse pessoal, parece bem difícil extirpá-lo inteiramente do coração do homem; chegar-se-á a isso?

“À medida que os homens se esclarecem a respeito das coisas espirituais, eles atribuem menos importância às coisas da matéria; e depois, é preciso reformar as instituições humanas que o mantêm e o excitam. Isso depende da educação.”

915. Sendo o egoísmo inerente à espécie humana, não se constituirá sempre em um obstáculo ao reinado do bem absoluto na Terra?

“É certo que o egoísmo é seu maior mal, porém, ele se vincula à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra e não à humanidade em si mesma; ora, depurando-se os Espíritos através de encarnações sucessivas, eles perdem o egoísmo como perdem suas outras impurezas. Não possuem vocês na Terra nenhum homem desprovido de egoísmo e praticante da caridade? Há mais do que vocês imaginam, mas vocês conhecem poucos, porque a virtude não busca a luz do dia; se existe um, por que não existiriam dez? Se existem dez, por que não existiriam mil? E assim por diante.”

916. O egoísmo, longe de diminuir, cresce com a civilização, que parece excitá-lo e mantê-lo; como poderá a causa destruir o efeito?

“Maior é o mal, mais se torna horrendo; precisava que o egoísmo causasse muito mal para dar a compreender a necessidade de extirpá-lo. Quando os homens se houverem despojado do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, não praticando nenhum mal entre si, ajudando-se reciprocamente através do sentimento mútuo da *solidariedade*; então, o forte será o apoio e não o opressor do fraco, e não se verá mais faltar aos homens o necessário, porque todos praticarão a lei de justiça. Eis o reino do bem que os Espíritos estão encarregados de preparar.” (784.)

917. Qual é o meio de destruir o egoísmo?

“De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desarraigá-lo é o egoísmo, porque se vincula à influência da matéria, da qual o homem, *ainda demasiado próximo de sua origem*, não conseguiu livrar-se, e tal influência tudo concorre para manter: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material, e sobretudo com o entendimento que o espiritismo propicia a vocês de seu estado futuro *real*, e não adulterado através das ficções alegóricas; o espiritismo bem compreendido, assim que estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, os usos, as relações sociais. O egoísmo se fundamenta na importância da personalidade; ora, o espiritismo bem compreendido, eu o repito, dando a

perceber as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece de algum modo diante da imensidão. Destruindo essa importância, ou ao menos fazendo ver por que existe, o espiritismo combate necessariamente o egoísmo.

“É o desgosto que o homem padece com o egoísmo dos outros que amiúde o torna, ele mesmo, egoísta, porque sente a necessidade de se manter na defensiva. Ao ver que os outros pensam em si mesmos e não nele, é levado a se ocupar mais de si do que dos outros. Quando o princípio da caridade e da fraternidade for a base das instituições sociais, das relações *legais* de povo a povo e de homem a homem, o homem pensará menos em sua pessoa, por ver que os outros estão pensando assim; ele se renderá à influência moralizante do exemplo e do contato. Diante deste transbordar de egoísmo de agora, precisa-se de uma real virtude para abnegar a própria personalidade em favor dos outros que, quase sempre, não demonstram nenhuma satisfação com isso; é sobretudo a esses que possuem tal virtude que o reino dos céus se abre; a esses sobretudo se reserva a felicidade dos eleitos, pois eu lhes digo em verdade que, na hora da justiça, quem quer que haja pensado só em si mesmo será posto de lado e sofrerá com seu desamparo.” (785.)

FÉNELON.

Realizam-se sem dúvida louváveis esforços para fazer avançar a humanidade; encorajam-se, estimulam-se, honram-se os bons sentimentos mais que em nenhuma outra época, e, no entanto, o verme roedor do egoísmo constitui sempre a praga social. É um mal de fato que jorra sobre todo o mundo, do qual cada um é mais ou menos vítima. É preciso, pois, combatê-lo, como se combate uma doença epidêmica. Para isso, é necessário proceder à moda dos médicos: subir à fonte. Que se busquem, assim, em todos os setores da organização social, desde a família até as populações, desde a palhoça até o palácio, todas as causas, todas as influências patentes ou ocultas que excitam, mantêm e desenvolvem o sentimento do egoísmo; uma vez conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo; não restará mais que combatê-las, se não todas de uma vez, ao menos parcialmente, e a pouco e pouco o veneno será extirpado. A cura poderá ser demorada, pois as causas são numerosas, mas não é impossível. Não se alcançará tal objetivo, de resto, senão atacando o mal em sua raiz, quer dizer, através da educação; não essa educação que se dedica a formar homens instruídos, mas a que se dedica a formar homens de bem. A educação, caso seja bem entendida, constitui a chave do progresso moral; quando se conhecer a arte de manipular os caracteres, como se conhece a de manipular as inteligências, poderão eles ser endireitados, como se endireitam as plantas novas; mas essa arte demanda muito tato, muita experiência e uma profunda observação; é um grave erro crer em que seja suficiente possuir a ciência para exercê-la com proveito. Quem quer que siga o filho do rico tão bem quanto o do pobre, desde o instante de seu nascimento, e observe todas as influências perniciosas que atuam sobre ele em consequência da fragilidade, da incúria e da ignorância dos que o educam, e quão frequentemente os meios que se empregam para moralizá-lo levam ao fracasso, não pode espantar-se por encontrar no mundo tantos desvios. Que se faça pelo moral quanto se faz pela inteligência e se verá que, se existem naturezas refratárias, existem mais do que se crê as que não demandam senão uma boa cultura para produzir bons frutos. (872.)

O homem deseja ser feliz; esse sentimento se acha em sua natureza; eis porque ele trabalha sem cessar para melhorar sua situação na Terra; ele busca as causas de seus males a fim de remediá-los. Quando se compenetrar de que o egoísmo é uma dessas causas, a que engendra o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, com que a cada instante é ofendido, a que leva a perturbação a todas as relações sociais, provoca as dissensões, destrói a confiança, obriga a manter-se continuamente na defensiva para com seu próximo, a que, enfim, do amigo faz um inimigo, então ele compreenderá também que esse vício é incompatível com sua própria felicidade; nós acrescentamos mesmo: com sua própria segurança; mais houver sofrido, mais sentirá a necessidade de combatê-lo, como combate a peste, os animais nocivos e todos os outros flagelos; ele a isso será instigado por seu próprio interesse. (784.)

O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade é a fonte de todas as virtudes; destruir um, desenvolver a outra, tal deve ser o objetivo de todos os esforços do homem, caso deseje assegurar sua felicidade neste mundo tanto quanto no futuro.

## Características do homem de bem.

918. Por que sinais se pode reconhecer em um homem o progresso real que deve elevar seu Espírito na hierarquia espírita?

“O Espírito comprova sua elevação quando todos os atos de sua vida corpórea formam a prática da lei de Deus e quando compreende por antecipação a vida espiritual.”

O autêntico homem de bem é o que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. Caso interrogue sua consciência sobre seus feitos, ele se perguntará se nunca violou essa lei; se nunca praticou o mal; se praticou todo o bem *que pôde*; se ninguém teve de que se queixar dele; enfim, se fez a outrem tudo o que havia desejado que se fizesse a ele.

O homem impregnado pelo sentimento de caridade e de amor ao próximo pratica o bem pelo bem, sem esperar retribuição, e sacrifica seu interesse ao da justiça.

É bom, humano e benevolente para com todo o mundo, porque vê irmãos em todos os homens sem preferência de raças nem de crenças.

Caso Deus lhe tenha concedido o poder e a riqueza, ele vê essas coisas como um DEPÓSITO que deve usar para o bem; não se envaidece com isso, pois sabe que Deus, que lhas concedeu, pode tirá-las dele.

Caso a ordem social tenha colocado homens sob sua dependência, ele os trata com bondade e benevolência, porque são seus iguais diante de Deus; ele usa de sua autoridade para soerguer seu moral e não para abatê-los através de seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas de outrem, porque sabe que ele mesmo precisa de indulgência e se lembra desta alocução do Cristo: *Que aquele que esteja sem pecado lhe jogue a primeira pedra.*

Nunca é vingativo: a exemplo de Jesus, perdoa as ofensas para se recordar apenas dos benefícios; pois sabe que *ele será perdoado como ele mesmo houver perdoado.*

Respeita em seus semelhantes todos os direitos que outorgam as leis da natureza, como desejaria que fossem respeitados em relação a si.

## Conhecimento de si mesmo.

919. Qual é o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao fascínio do mal?

“Um sábio da antiguidade lhes disse: *Conheça-se a si mesmo.*”

— Nós percebemos toda a sabedoria dessa máxima, mas a dificuldade se acha precisamente em se conhecer a si mesmo; qual é o meio de logrã-lo?

“Faça o que eu mesmo fazia em minha vida terrena: ao final da jornada, eu interrogava minha consciência, passava em revista o que havia realizado e me perguntava se não havia faltado a nenhum dever; se ninguém tinha de que se queixar de mim. Era assim que eu conseguia saber de mim e perceber o que precisava reformar em mim. Quem, a cada noite, rememorasse todas as suas ações da jornada e se inquirisse o que praticou de bem ou de mal, rogando a Deus e a seu anjo guardião para o esclarecerem, adquiriria uma grande força para aperfeiçoar-se; pois, creia-me, Deus o assistirá. Logo, proponha-se questões e pergunte o que você fez e com que objetivo agiu em tal circunstância, caso tenha feito algo que você censuraria em outrem, caso tenha feito uma ação que não ousaria confessar. Pergunte ainda o seguinte: caso aprovesse a Deus chamar-me neste momento, teria eu, ao adentrar o mundo dos Espíritos, onde nada se esconde, o que temer sob o olhar de qualquer um? Examine o que você pode haver feito

contra Deus, depois contra seu próximo e, finalmente, contra você mesmo. As respostas constituirão um repouso para sua consciência, ou a indicação de um mal que é preciso curar.

“O conhecimento de si mesmo é, pois, a chave da melhoria individual; mas, perguntará você, como fazer para se julgar? Não se possui a ilusão do amor-próprio, que minimiza as faltas e as faz desculpar? O avaro se crê simplesmente econômico e providente; o orgulhoso crê possuir apenas dignidade. Isso é muitíssimo verdadeiro, mas você possui um meio de controle que não tem como enganá-lo. Quando você se acha indeciso do valor de uma de suas ações, inquiria-se de como a qualificaria se praticada por outra pessoa; caso você a critique em outro, ela não poderá ser mais legítima para você, pois Deus não possui duas medidas para a justiça. Busque também saber o que pensam os outros e não despreze a opinião de seus inimigos, pois estes não têm nenhum interesse em disfarçar a verdade, e amiúde Deus os põe a seu lado como um espelho para adverti-lo com mais franqueza do que o faria um amigo. Quem possui séria vontade de se melhorar que examine, pois, sua consciência, a fim de arrancar-lhe os maus pendores, como arranca as más ervas de seu jardim; que faça o balanço de sua jornada moral, como o negociante faz de suas perdas e lucros, e eu lhe asseguro que uma lhe renderá mais que a outra. Caso ele possa asseverar a si mesmo que sua jornada foi boa, pode dormir em paz e esperar sem medo o despertar de uma outra vida.

“Proponha, assim, questões claras e precisas e não tema multiplicá-las: a gente pode muito bem abrir mão de alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalha você todos os dias em vista de amealhar o que lhe proporcione o repouso para seus dias de velho? Não constitui tal repouso o objeto de todos os seus desejos, a meta que faz que sofra as fadigas e as privações transitórias? Muito bem! O que é esse repouso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo, ao lado daquele que espera pelo homem de bem? Para isso não vale a pena fazer alguns esforços? Eu sei que muitos dizem que o presente é real e o futuro, incerto; ora, eis aí, precisamente, o pensamento que nos encarregamos de destruir-lhe, pois nós desejamos fazê-lo compreender esse futuro de modo que não possa restar nenhuma dúvida em sua alma; eis porque primeiro nós chamamos sua atenção para os fenômenos da natureza capazes de chocar seus sentidos; depois nós lhe fornecemos instruções que cada um de vocês está encarregado de espalhar. Eis nosso objetivo ao ditarmos *O Livro dos Espíritos*.”

SANTO AGOSTINHO.

Muitas das faltas que nós cometemos passam despercebidas para nós; caso, de fato, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais amiúde nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem perceber, por falta de não perscrutar a natureza e o móvel de nossos atos. A forma interrogativa possui algo de mais preciso que u'a máxima que, quase sempre, a gente não se aplica. Ela exige respostas categóricas, através de um sim ou de um não, que não deixam alternativa; elas constituem outros tantos argumentos pessoais, e, através da soma das respostas, se tem como calcular a soma do bem e do mal que se acha em nós.

LIVRO QUARTO

## ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

---

## CAPÍTULO PRIMEIRO

# CASTIGOS E GOZOS TERRESTRES

1. Felicidade e infelicidade relativas. — 2. Perda de pessoas amadas. — 3. Decepção. Ingratidão. Afeições rompidas. — 4. Uniões antipáticas. — 5. Receio da morte. — 6. Desgosto da vida. Suicídio.

### Felicidade e infelicidade relativas.

920. Pode o homem usufruir na Terra de uma felicidade completa?

“Não, uma vez que a vida lhe foi concedida como provação ou expiação; mas depende dele suavizar seus males e ser tão feliz quanto se possa na Terra.”

921. Concebe-se que o homem será feliz na Terra, quando a humanidade se houver transformado, mas, entretanto, é possível cada um assegurar-se de uma felicidade relativa?

“O homem é o mais das vezes o artífice de sua própria infelicidade. Ao praticar a lei de Deus, ele se poupa de muitos males e se propicia uma felicidade tão grande quanto o comporte sua existência grosseira.”

O homem que se acha bem compenetrado de sua destinação futura vê na existência corpórea apenas uma paragem temporária. Ela é para ele uma estada rápida em uma hotelzinho ruim; ele se consola facilmente de algumas contrariedades passageiras de uma viagem que deve conduzi-lo a uma posição tanto melhor quanto melhor ele tiver feito antecipadamente seus preparativos.

Nós somos punidos a partir desta vida pela infração às leis da existência corpórea através dos males que constituem a consequência dessa infração e de nossos próprios excessos. Caso nós remontemos a pouco e pouco à origem do que chamamos de desgraças terrestres, nós veremos a maioria delas como a consequência de um primeiro desvio do caminho reto. Por causa desse desvio, nós penetramos em uma via ruim e, de consequência em consequência, tombamos na infelicidade.

922. A felicidade terrena é relativa à posição de cada um; o que basta para a felicidade de um constitui a infelicidade de outro. Existe, porém, u’á medida de felicidade comum a todos os homens?

“Para a vida material, é a posse do necessário; para a vida moral: a consciência tranquila e a fé no futuro.”

923. O que seria supérfluo para um não se torna necessário para outro, e reciprocamente, conforme a posição?

“Sim, segundo suas ideias materiais, seus preconceitos, sua ambição e todas as suas fantasias ridículas, cujo futuro justificará quando vocês compreenderem a verdade. Sem dúvida, quem possuísse cinquenta mil libras de renda e se ache reduzido a dez, julga-se infelicíssimo, porque já não pode representar uma tão grande figura, manter o que ele chama de sua classe, possuir cavalos, lacaios, satisfazer a todas as suas paixões etc. Ele crê faltar o necessário; mas, francamente, acha você que ele deve ser lastimado, quando, ao lado dele, existem os que morrem de fome e de frio, e não têm um abrigo para repousar a cabeça? O sábio, para ser feliz, olha para baixo de si e jamais para cima, a não ser para elevar sua alma ao infinito.” (715.)

924. Existem males que independem do modo de agir e que atingem o mais justo dos homens; não existe algum meio de se preservar disso?

“Ele tem que se resignar e suportar *sem murmúrio*, caso deseje progredir; mas extrai sempre uma consolação em sua consciência, a qual lhe propicia a esperança de um futuro melhor, se fizer o necessário para obtê-lo.”

925. Por que Deus favorece com dons da fortuna a certos homens que não parecem possuir tal merecimento?

“Trata-se de um favor aos olhos dos que veem apenas o presente; mas compenetrem-se disto: a fortuna é uma provação frequentemente mais perigosa que a miséria.” (814 e seg.<sup>s</sup>)

926. Ao criar a civilização necessidades novas, não dá ela origem a aflições novas?

“Os males deste mundo se acham em proporção às necessidades *factícias* que vocês criam para si. Quem sabe limitar seus desejos e vê sem inveja o que está acima de si, poupa-se bastante das contrariedades nesta vida. O mais rico é quem tem o mínimo de necessidades.

“Vocês invejam os gozos dos que lhes parecem os felizardos do mundo; mas sabem o que está reservado a eles? Caso desfrutem apenas para si, são egoístas; então, ocorrerá o reverso. Eles são mais dignos de lástima. Deus permite, às vezes, que o mau prospere, mas sua felicidade não é para invejar, pois ele pagará com lágrimas amargas. Se o justo é infeliz, trata-se de uma provação que lhe será levada em conta, caso saiba suportá-la com coragem. Lembrem-se destas palavras de Jesus: Bem-aventurados os que sofrem, pois serão consolados.”

927. O supérfluo não é com certeza indispensável à felicidade; mas não é assim quanto ao necessário; ora, não é real a infelicidade dos que se acham privados do necessário?

“O homem só é verdadeiramente infeliz quando sofre a falta do que é necessário à vida e à saúde do corpo. Tal privação talvez seja culpa sua; então, ele deve acusar-se disso apenas a si mesmo; caso a culpa seja de outrem, a responsabilidade recai sobre quem a está causando.”

928. Através da especificidade das aptidões naturais, Deus indica claramente nossa vocação neste mundo. Não advêm muitos males do fato de que não seguimos essa vocação?

“É verdade, e são quase sempre os pais que, por orgulho ou avareza, fazem que os filhos saiam da via traçada pela natureza e, através desse desvio, comprometem sua felicidade; eles serão responsabilizados por isso.”

— Assim, vocês considerariam justo que o filho de um homem altamente posicionado no mundo fabricasse tamancos, por exemplo, caso tivesse aptidão para isso?

“Não é preciso cair no absurdo nem exagerar nada: a civilização tem suas necessidades. Por que o filho de um homem altamente posicionado, como você diz, faria tamancos, se ele pode fazer outra coisa? Ele poderá sempre tornar-se útil de acordo com suas faculdades, caso não sejam aplicadas em sentido contrário. Assim, por exemplo, em lugar de um mau advogado, talvez ele pudesse tornar-se um bom mecânico etc.”

O desvio dos homens de sua esfera intelectual é seguramente uma das causas mais frequentes de decepção. A inaptidão em relação à carreira abraçada é uma fonte inexaurível de reveses; depois, vindo o amor-próprio juntar-se a isso, impede o homem caído de buscar um recurso em uma profissão mais humilde e lhe mostra o suicídio como remédio para escapar do que ele crê uma humilhação. *Caso uma educação moral o houvesse elevado acima dos tolos preconceitos do orgulho, ele não seria jamais pego de improviso.*

929. Existem pessoas que, desprovidas de todos os recursos, quando mesmo a abundância reina ao redor delas, têm tão só a morte como perspectiva; que decisão devem tomar? Devem deixar-se morrer de fome?

“Não se deve jamais criar a ideia de se deixar morrer de fome; a gente encontraria sempre meios de se alimentar, caso o orgulho não se interpusesse entre a necessidade e o trabalho. Diz-se com frequência: Não existe nenhuma profissão ridícula; não é a situação social que desonra; isso a gente diz para os outros e não para si.”

930. Está claro que, sem os preconceitos sociais pelos quais a gente se deixa dominar, sempre se acharia um trabalho qualquer que poderia ajudar a viver, ainda que alijado de sua posição; mas, entre as pessoas que não têm quaisquer preconceitos ou que os põem de lado, não existem as impossibilitadas de acudir a suas necessidades, em consequência de doenças ou de outras causas independentes de sua vontade?

“Em uma sociedade organizada de acordo com a lei do Cristo, ninguém tem que morrer de fome.”

Com uma organização social sábia e providente, o homem não tem como carecer do necessário senão por culpa sua; mas suas culpas são em geral o resultado do ambiente em que se acha situado. Quando o homem praticar a lei de Deus, alcançará uma ordem social fundamentada na justiça e na solidariedade e ele mesmo também será melhor. (793.)

931. Por que, na sociedade, as classes sofredoras são mais numerosas que as classes felizes?

“Nenhuma é perfeitamente feliz, e o que se crê ser a felicidade com frequência esconde acerbos desgostos: o sofrimento está por toda a parte. Contudo, para responder a seu pensamento, eu direi que as classes que você chama de sofredoras são mais numerosas porque a Terra é um lugar de expiação. Quando o homem a houver tornado a morada do bem e dos bons Espíritos, ele aí não estará mais infeliz e ela será para ele o paraíso terrestre.”

932. Por que, no mundo, os maus levam vantagem tão amiúde sobre os bons quanto à influência?

“Isso se dá pela fraqueza dos bons; os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos; quando estes o desejarem, prevalecerão.”

933. Se o homem é tantas vezes o artífice de seus sofrimentos materiais, ocorre o mesmo quanto aos sofrimentos morais?

“Mais ainda, pois os sofrimentos materiais, às vezes, são independentes da vontade; mas o orgulho ferido, a ambição frustrada, a ânsia da avareza, a inveja, o ciúme, todas as paixões, em suma, são torturas da alma.

“A inveja e o ciúme! Felizes os que não conhecem esses dois vermes corrosivos! Com a inveja e o ciúme, nada de calma, nada de repouso possível para quem está atacado desse mal: os objetos de sua cobiça, de seu ódio e de seu despeito se põem diante dele como fantasmas que não lhe dão trégua e o perseguem até em seu sono. O invejoso e o ciumento ficam em um estado de febre contínua. Constitui essa uma situação desejável? Não compreendem vocês que, com suas paixões, o homem cria para si suplícios voluntários e que a Terra se torna para ele um verdadeiro inferno?”

Muitas expressões pintam energicamente os efeitos de certas paixões; diz-se: inchar de orgulho, morrer de inveja, secar de ciúme ou de despeito, ficar tão absorto a ponto de se esquecer de si etc.; esse quadro é bastante verdadeiro. Às vezes mesmo, o ciúme não apresenta objeto determinado. Existem pessoas por natureza ciumentas de tudo o que se eleva, de tudo o que sai do ramerrão comum, mesmo quando não tenham nenhum interesse direto, mas unicamente porque não lhes é possível chegar ali; tudo o que parece acima do horizonte as ofusca, e, caso estivessem em maioria na sociedade, desejariam trazer tudo até seu nível. Eis o ciúme junto com a mediocridade.

Muitas vezes, o homem só é infeliz pela importância que atribui às coisas deste mundo; a vaidade, a ambição e a cupidez malogradas é que fazem sua infelicidade. Caso ele se ponha acima do círculo estreito da vida material, caso eleve seus pensamentos para o infinito, que constitui sua destinação, então as vicissitudes da humanidade lhe parecerão mesquinhas e pueris, como as mágoas da criança que se aflige com a perda de um brinquedo de que fazia sua felicidade suprema.

Quem enxerga a felicidade apenas na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros fica infeliz quando não tem como satisfazê-los, ao passo que quem não pede nada ao supérfluo fica feliz com o que outros consideram como calamidades.

Nós falamos do homem civilizado, pois o selvagem, possuindo necessidades mais limitadas, não apresentam as mesmas causas de cobiça e de angústias: seu modo de ver as coisas é de todo outro. Na condição de civilizado, o homem racionaliza sua infelicidade e a analisa; eis porque ele é mais afetado por ela; mas é ele capaz também racionalizar e analisar os meios de consolação. Tal consolação ele a colhe *no sentimento cristão, que lhe propicia a esperança de um futuro melhor, e no espiritismo, que lhe propicia a certeza desse futuro.*

## Perda de pessoas amadas.

934. Não constitui a perda de pessoas que nos são queridas uma das que nos causam um desgosto tanto mais legítimo quanto tal perda é irreparável e independente de nossa vontade?

“Essa causa de desgosto alcança o rico como o pobre; constitui uma provação ou expiação, e a lei comum; mas é uma consolação poder comunicar-se com seus amigos

através dos meios que vocês têm, *enquanto aguardam que venham a ter outros mais diretos e mais acessíveis a seus sentidos.*”

935. Que pensar da opinião das pessoas que acham as comunicações de além-túmulo como uma profanação?

“Não pode existir profanação nisso, quando existe recolhimento e quando a evocação é realizada com respeito e de forma conveniente; comprova-o o fato de que os Espíritos que se afeiçoam a vocês se apresentam com prazer; eles ficam felizes com sua lembrança e por conversarem consigo; existiria profanação em fazê-lo levemente.”

A possibilidade de entrar em comunicação com os Espíritos é uma consolação bem doce, uma vez que nos fornece o meio de conversar com nossos parentes e nossos amigos que deixaram a Terra antes de nós. Através da evocação, nós os aproximamos de nós, eles ficam ao nosso lado, nos ouvem e nos respondem; não existe mais, por assim dizer, separação entre eles e nós. Eles nos ajudam com seus conselhos, nos testemunham sua afeição e o contentamento que sentem com nossa lembrança. É para nós uma satisfação saber que são felizes, receber através deles mesmos os pormenores de sua nova existência e adquirir a certeza de nos juntarmos a eles por nossa vez.

936. Como as dores inconsoláveis dos sobreviventes afetam os Espíritos que lhes dão causa?

“O Espírito é sensível à lembrança e às mágoas dos que amou, mas uma dor incessante e desarrazoada o afeta penosamente, porque ele percebe nessa dor excessiva uma falta de fé no futuro e de confiança em Deus, e, por consequência, um obstáculo ao adiantamento e, talvez, à reunião.”

Achando-se o Espírito mais feliz do que na Terra, lastimar-lhe a vida perdida é lastimar que esteja feliz. Dois amigos estão presos e trancafiados na mesma cela; os dois, um dia, devem alcançar sua liberdade, mas um deles a obtém antes do outro. Seria caridoso da parte de quem resta aborrecer-se porque seu amigo se libertou antes dele? Não existiria mais egoísmo que afeição de sua parte em desejar que compartilhe seu cativeiro e seus sofrimentos tanto tempo quanto ele? Ocorre o mesmo entre dois seres que se amam na Terra; quem parte primeiro é o primeiro que se liberta, e nós devemos felicitá-lo por isso, aguardando com paciência o momento em que nós nos libertaremos por nossa vez.

Nós faremos sobre este assunto uma outra comparação. Você possui um amigo que, perto de você, se acha em uma situação muito penosa; sua saúde ou seu interesse exige que ele vá a um outro país, onde ficará melhor em todos os aspectos. Ele não estará mais perto de você temporariamente, mas você estará sempre correspondendo-se com ele; a separação será apenas material. Ficarão você aborrecido com seu afastamento, uma vez que é para o bem dele?

A doutrina espírita, através das provas claras que nos fornece da vida futura, da presença em torno de nós dos que nós amamos, da permanência de sua afeição e de sua solicitude, através dos contatos em que nos põe diretamente a conversar com eles, oferece-nos um supremo consolo em um dos motivos mais legítimos de dor. Com o espiritismo, não existe mais solidão, não existe mais abandono. O homem mais isolado possui sempre amigos junto a si, com os quais pode conversar.

Nós suportamos com impaciência as tribulações da vida; elas nos parecem tão intoleráveis que nós não percebemos que somos capazes de suportá-las; entretanto, caso as tenhamos suportado com coragem, caso tenhamos sabido impor silêncio a nossos murmúrios, nós nos felicitaremos quando nos acharmos fora desta prisão terrestre, como o paciente que sofre se felicita, quando se restabelece, por se haver resignado a um tratamento doloroso.

## **Decepção. Ingratidão. Afeições rompidas.**

937. Não constituem as decepções que a ingratidão e a fragilidade dos vínculos da amizade nos fazem sentir uma fonte de amargura também para o homem de brio?

“Sim, mas nós lhes ensinamos a lamentar os ingratos e os amigos infiéis: eles serão mais infelizes que vocês. A ingratidão é filha do egoísmo, e o egoísta achará mais tarde corações insensíveis como foi o dele mesmo. Pensem em todos os que praticaram o bem mais que vocês, que valiam mais que vocês, e que foram pagos com a ingratidão. Pensem em que Jesus mesmo foi ridicularizado e menosprezado durante a vida, tratado de trapaceiro e de impostor, e não se espantem de que ocorra o mesmo a vocês. Que o bem que vocês tenham feito seja sua recompensa neste mundo, e não olhem para o que dizem os que os receberam. A ingratidão constitui uma provação para sua persistência em praticar o bem; isto será contado em seu favor, e os que os menosprezaram serão punidos tanto mais quanto maior tiver sido sua ingratidão.”

938. Não acontecem as decepções causadas pela ingratidão com o fito de endurecer o coração e fechá-lo à sensibilidade?

“Isso seria um erro; pois o homem de brio, como você diz, fica sempre feliz com o bem que pratica. Ele sabe que, caso não se lembrem disso nesta vida, irão lembrar em uma outra, e o ingrato terá vergonha e remorsos por isso.”

— Tal pensamento não impede que seu coração fique ulcerado; ora, não é possível que isso faça nascer-lhe a ideia de que seria mais feliz caso fosse menos sensível?

“Sim, caso prefira a felicidade do egoísta; é uma triste felicidade essa aí! Que ele saiba, pois, que os amigos ingratos que o abandonam não são dignos de sua amizade e que se enganou a respeito deles; a partir daí, não tem mais que lastimá-los. Mais tarde, ele achará os que poderão melhor compreendê-lo. Lamentem os que procedem mal para com vocês, como vocês não fizeram por merecer, pois existirá para eles uma triste compensação; mas não se deixem afetar por isso: é o meio de vocês os sobrepujarem.”

A natureza conferiu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Uma das maiores alegrias que lhe são outorgadas na Terra é encontrar corações que simpatizem com o seu; ela lhe oferece, assim, as primícias da felicidade que lhe está reservada no mundo dos Espíritos perfeitos, onde tudo é amor e benevolência: eis uma alegria que se recusa ao egoísta.

## Uniões antipáticas.

939. Uma vez que os Espíritos simpáticos são levados a se unir, como sucede que, entre os Espíritos encarnados, a afeição só se ache muitas vezes de um lado, e que o amor mais sincero seja acolhido com indiferença e até com repulsa? Como, por outro lado, a afeição mais viva entre dois seres pode mudar em antipatia e, às vezes, em ódio?

“Você não compreende que se trata de uma punição, conquanto seja tão só passageira. Depois, quantos existem que creem amar perdidamente, porque só julgam as aparências, e, quando são obrigados a viver com as pessoas, não tardam a reconhecer que não se tratava senão de um interesse material! Não basta estar apaixonado por uma pessoa que lhes agrada e que vocês acreditam com belas qualidades; ao viver realmente com ela é que vocês são capazes de avaliá-la. Quantas uniões existem também que, no início, pareciam não vir a ser simpáticas jamais e, quando um e outro passam a bem se

conhecer e a bem se estudar, acabam por se amar com um amor terno e durável, porque repousa na estima! Não se pode esquecer que é o Espírito que ama e não o corpo, e, quando se dissipa a ilusão material, o Espírito vê a realidade.

“Existem duas formas de afeições: a do corpo e a da alma, e se toma muitas vezes uma pela outra. A afeição da alma, quando é pura e correspondida, é duradoura; a do corpo é perecível: eis aí porque quase sempre os que imaginam amar-se com um amor eterno odeiam-se quando a ilusão desaparece.”

940. Não constitui igualmente a falta de simpatia entre os seres destinados a viver juntos uma fonte de desgostos, tanto mais amargos quando envenenam toda a existência?

“Muito amargos, com efeito; mas constituem uma dessas desgraças cuja causa primária, o mais das vezes, são vocês; primeiro, são suas leis que estão erradas, pois como pode acreditar você que Deus o obriga a ficar com os que o desagradam? E depois, nessas uniões, vocês procuram em geral mais a satisfação de seu orgulho e de sua ambição que a felicidade de uma afeição mútua; vocês sofrem então a consequência de seus preconceitos.”

— Mas, nesse caso, não existe quase sempre **uma vítima inocente**?

“Sim, e trata-se para ela de uma dura expiação; mas a responsabilidade de sua infelicidade recairá sobre os que lhe deram causa. Caso a luz da verdade haja penetrado em sua alma, ela colherá sua consolação em sua fé no futuro; de resto, à medida que os preconceitos forem enfraquecendo, as causas dessas mágoas íntimas irão desaparecendo também.”

### Receio da morte.

941. O receio da morte é para muita gente uma causa de perplexidade; donde provém esse receio, uma vez que se tem diante de si o futuro?

“Não se justifica que os homens possuam esse receio; mas que deseja você?! Busca-se persuadi-los, em sua juventude, de que existem um inferno e um paraíso, mas que é mais certo que irão para o inferno, porque lhes afirmam que o que é próprio da natureza é um pecado mortal para a alma: então, quando se tornam adultos, caso tenham um pouco de descortino, não conseguem admitir isso e se tornam ateus ou materialistas; eis como são levados a crer que, fora da vida presente, não existe mais nada. Quanto aos que persistiram em suas crenças da infância, têm medo desse fogo eterno que deve queimá-los sem aniquilá-los.

“A morte não inspira no justo nenhum temor, porque, com *a fé*, ele tem a certeza do futuro; *a esperança* faz que aguarde uma vida melhor, e *a caridade*, cuja lei ele praticou, lhe fornece a segurança de que não reencontrará, no mundo em que vai entrar, nenhum ser cujo olhar ele tenha de temer.” (730.)

O homem carnal, mais apegado à vida corpórea que à vida espiritual, possui, na Terra, sofrimentos e alegrias materiais; sua felicidade se acha na satisfação fugidia de todos os seus desejos. Sua alma, continuamente preocupada e

afetada pelas vicissitudes da vida, fica em uma ansiedade e em um tormento perpétuos. A morte o apavora, porque ele duvida de seu futuro e porque deixa na Terra todas as suas afeições e todas as suas esperanças.

O homem moral, que se elevou acima das necessidades factícias criadas por suas paixões, possui, a partir deste mundo, alegrias desconhecidas pelo homem material. A moderação de seus desejos proporciona a seu Espírito a calma e a serenidade. Feliz do bem que pratica, não existem para ele decepções, e as contrariedades escorrem por sua alma sem deixar nela impressão dolorosa.

942. Não considerarão certas pessoas estes conselhos para se ser feliz na Terra um pouco banais; não enxergarão aqui o que chamam de lugares-comuns, de verdades batidas; e não afirmarão que definitivamente o segredo para se ser feliz consiste em saber suportar sua infelicidade?

“Existem as que afirmarão isso, e muitas; mas acontece com elas como com certos doentes a quem o médico prescreve a dieta: eles desejariam ser curados sem remédios e continuando a se propiciar indigestões.”

### Desgosto da vida. Suicídio.

943. Donde provém o desgosto da vida que se apossa de certos indivíduos sem motivos aceitáveis?

“Efeito da ociosidade, da falta de fé e frequentemente da saciedade.

“Para quem exerce suas faculdades com um objetivo útil e *de acordo com suas aptidões naturais*, o trabalho não apresenta nada de árido e a vida se escoia mais rapidamente; ele sofre aí as vicissitudes tanto mais paciente e resignadamente, quanto age em vista da felicidade mais sólida e mais durável que espera por ele.”

944. Possui o homem o direito de dispor de sua própria vida?

“Não; Deus somente possui esse direito. O suicídio voluntário constitui uma transgressão dessa lei.”

— Não é o suicídio sempre voluntário?

“O louco que se mata não sabe o que está fazendo.”

945. Que pensar do suicídio causado pelo desgosto da vida?

“Insensatos! Por que não estavam trabalhando? A existência não lhes teria sido um peso!”

946. Que pensar do suicídio que tem por fim fugir das misérias e das decepções deste mundo?

“Pobres Espíritos que não possuem a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda os que sofrem e não os que não têm nem força nem coragem. As tribulações da vida são provações ou expiações; felizes os que as suportam sem murmurar, pois eles serão recompensados! Infelicidade, ao contrário, para os que aguardam sua salvação no que, em sua impiedade, chamam de acaso ou sorte! O acaso ou a sorte, para me servir de sua linguagem, podem, com efeito, favorecê-los por um instante, mas é para fazê-los sentir mais tarde e mais cruelmente, o nada dessas palavras.”

— Sofrerão as consequências disso os que conduziram um infeliz a esse ato de desespero?

“Oh! Esses aí, ai deles, infelizes, pois responderão por isso como por um homicídio!”

947. Pode considerar-se como suicida o homem que se acha nas malhas da necessidade e se deixa morrer de desespero?

“Trata-se de um suicida, mas os que lhe deram causa ou que poderiam impedi-lo são mais culpados que ele, e por ele a indulgência espera. Todavia, não creiam que ele se ache inteiramente absolvido, caso lhe tenha faltado firmeza e perseverança, e caso não tenha usado toda a sua inteligência para se livrar da encrenca. Ai dele, sobretudo, caso seu desespero nasça do orgulho; eu quero dizer, caso ele seja desses homens em quem o orgulho paralisa os recursos da inteligência, que se envergonhariam por dever sua existência ao trabalho de suas mãos e que preferem morrer de fome a aviltar o que chamam de sua posição social! Não há cem vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em desafiar a crítica de um mundo fútil e egoísta, que apenas possui boa vontade para com quem nada falta, e que lhes vira as costas quando vocês necessitam dele? Sacrificar sua vida à consideração desse mundo é uma coisa estúpida, pois ele não liga nunca para isso.”

948. É o suicídio que tem por fim fugir da vergonha de uma ação ruim tão repreensível quanto o que é causado pelo desespero?

“O suicídio não elimina a falta; ao contrário, existem duas em vez de uma. Quando se teve a coragem de praticar o mal, era preciso ter a de sofrer-lhe as consequências. Deus julga e, conforme a causa, pode às vezes suavizar sua severidade.”

949. É desculpável o suicídio quando tem por fim impedir a vergonha de recair sobre os filhos ou a família?

“Quem age assim não procede bem, mas ele o crê, e Deus lhe leva isso em conta, pois se trata de uma expiação que se impôs a si mesmo. Ele atenua sua falta através da intenção, mas não deixa de cometer uma falta. De resto, extingam os abusos de sua sociedade e seus preconceitos, e vocês não terão mais desses suicídios.”

Quem tira de si a vida para escapar da vergonha de uma ação ruim, comprova que se apega mais à estima dos homens que à de Deus, pois vai reentrar na vida espiritual onerado com suas iniquidades, e ainda tirou de si os meios de repará-las durante a vida. Deus é geralmente menos inexorável que os homens; ele perdoa o arrependimento sincero e nos leva em conta a reparação; o suicídio não repara nada.

950. Que pensar de quem tira de si a vida com a esperança de chegar mais cedo a uma outra melhor?

“Outra loucura! Que ele pratique o bem e ficará mais seguro de chegar aí; pois retarda sua entrada em um mundo melhor, e ele mesmo pedirá para vir *terminar essa vida* que deteve por causa de uma ideia falsa. Uma falta, qualquer que seja, não abre jamais o santuário dos eleitos.”

951. Não é às vezes meritório o sacrifício da própria vida, quando tem por fim salvar a de outrem ou ser útil a seus semelhantes?

“Isso é sublime, segundo a intenção, e o sacrifício da própria vida deixa de ser um suicídio; mas Deus se opõe a um sacrifício inútil e não tem como vê-lo com prazer, caso se ache empanado pelo orgulho. Um sacrifício só é meritório pelo desinteresse, e quem o cumpre possui às vezes uma segunda intenção que lhe diminui o valor aos olhos de Deus.”

Todo sacrifício realizado às custas de sua própria felicidade constitui um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, pois se trata da prática da lei de caridade. Ora, sendo a vida o bem terrestre a que o homem atribui o maior valor, quem renuncia a ela pelo bem de seus semelhantes não comete em absoluto um atentado: trata-se de um sacrifício que ele cumpre. Mas, antes de cumpri-lo, deve refletir se sua vida não pode ser mais útil que sua morte.

952. Comete um suicídio o homem que perece vítima do abuso das paixões que ele sabe capazes de apressar seu fim, mas às quais ele não possui mais o poder de resistir, porque o hábito fez delas verdadeiras necessidades físicas?

“Trata-se de um suicídio moral. Não compreendem vocês que o homem é duplamente culpado nesse caso? Existem nele ausência de coragem e bestialidade, e, além do mais, olvido de Deus.”

— É ele mais ou menos culpado do que quem tira de si a vida por desespero?

“Ele é mais culpado, porque tem tempo de refletir sobre seu suicídio; em quem o pratica de súbito, existe às vezes um tipo de perturbação próximo da loucura; o outro será muito mais castigado, pois os sofrimentos são sempre proporcionais à consciência que se possui das faltas cometidas.”

953. Quando uma pessoa se depara com u’a morte inevitável e terrível, é ela culpada por abreviar de alguns instantes seus sofrimentos através de u’a morte voluntária?

“Sempre se é culpado por não aguardar o término fixado por Deus. Acha-se a pessoa, aliás, bem certa de que esse término haja chegado apesar das aparências, e não pode ela receber um socorro inesperado no último instante?”

— Concebe-se que, nas circunstâncias ordinárias, o suicídio seja censurável, mas nós imaginamos o caso em que a morte é inevitável, e em que a vida é abreviada apenas por alguns instantes.

“Trata-se sempre de uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador.”

— Quais são, nesse caso, as consequências dessa ação?

“Uma expiação proporcional à gravidade da falta, conforme as circunstâncias, como sempre.”

954. É passível de censura uma imprudência que compromete a vida sem necessidade?

“Não existe culpabilidade quando não existe intenção ou consciência efetiva de praticar o mal.”

955. Podem as mulheres que, em certos países, se incineram voluntariamente sobre os corpos de seus maridos ser consideradas como suicidas e disso sofrem as consequências?

“Elas obedecem a um preconceito, e com frequência mais pela força que por sua própria vontade. Elas creem cumprir um dever, e não se acha aí a característica do suicídio.

Sua desculpa se encontra na nulidade moral da maior parte delas e em sua ignorância. Esses usos bárbaros e estúpidos desaparecem com a civilização.”

956. Alcançam seu objetivo os que, não podendo suportar a perda de pessoas que lhes são caras, se matam na esperança de irem juntar-se a elas?

“O resultado para eles é de todo outro do que esperam, e, em lugar de serem reunidos ao objeto de sua afeição, eles se apartam por um tempo ainda maior, pois Deus não tem como recompensar um ato de poltronice e o insulto que lhe é feito ao se duvidar de sua providência. Eles pagarão esse instante de loucura através de desgostos ainda mais intensos do que os que acreditavam diminuir, e não terão para compensá-los a satisfação que esperavam.” (934 e seg.<sup>s</sup>)

957. Quais são, em geral, as consequências do suicídio sobre o estado do Espírito?

“As consequências do suicídio são bastante diversas; não existem penas fixas e, em todos os casos, elas correspondem sempre às causas que o provocaram; mas uma consequência a que o suicida não tem como escapar é o *desapontamento*. De resto, a sina não é a mesma para todos: ela depende das circunstâncias; alguns expiam sua falta imediatamente, outros em uma nova existência que será pior que aquela cujo curso eles interromperam.”

A observação demonstra, de fato, que os efeitos do suicídio nem sempre são os mesmos; mas existem os que são comuns a todos os casos de morte violenta e à consequência da interrupção brusca da vida. Em primeiro lugar, vem a persistência mais prolongada e mais tenaz do liame que une o Espírito e o corpo; esse liame se acha quase sempre no ápice de sua força no momento em que foi rompido, ao passo que, na morte natural, ele vai enfraquecendo-se gradualmente, e muitas vezes se desata antes que a vida esteja completamente extinta. As consequências desse estado de coisas são a dilação do distúrbio espírita, após a ilusão que, durante um tempo mais ou menos longo, faz crer ao Espírito que se acha ainda no número dos vivos. (155 e 165.)

A afinidade que persiste entre o Espírito e o corpo produz, em alguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo sobre o Espírito, que sente assim, malgrado seu, os efeitos da decomposição, e experimenta com isso uma sensação plena de angústias e de horror, e esse estado pode persistir tanto tempo quanto deveria durar a vida que eles interromperam. Tal efeito não é geral; mas, de qualquer modo, o suicida não escapa das consequências de sua falta de coragem e, cedo ou tarde, ele expia sua falta, de um jeito ou de outro. Eis como certos Espíritos, que foram infelizes na Terra, disseram que se suicidaram em sua existência precedente e que se achavam espontaneamente submetidos a novas provações, para tentar suportá-las com maior resignação. Em alguns, representa uma espécie de apego à matéria, da qual buscam em vão desembaraçar-se para voarem para mundos melhores, mas cujo acesso lhes está interdito; para a maioria, representa o remorso por terem feito uma coisa inútil, uma vez que com isso eles têm apenas decepção.

A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário à lei da natureza; todas nos afirmam, em princípio, que ninguém possui o direito de abreviar voluntariamente sua vida; mas por que não se tem esse direito? Por que a gente não está livre para pôr um fim a seus sofrimentos? Estava reservado ao espiritismo demonstrar, através do exemplo dos que cederam, que não se trata tão só de uma falta como infração a uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas de um ato estúpido, uma vez que não se ganha nada com isso, longe daí; isso não tem que ver com a teoria que ele nos ensina, mas com os fatos que nos põe debaixo dos olhos.

## CAPÍTULO II

# CASTIGOS E GOZOS FUTUROS

1. O nada. Vida futura. — 2. Intuição dos castigos e gozos futuros. — 3. Intervenção de Deus nos castigos e recompensas. — 4. Natureza dos castigos e gozos futuros. — 5. Castigos temporários. — 6. Expição e arrependimento. — 7. Duração dos castigos futuros. — 8. Ressurreição da carne. — 9. Paraíso, inferno e purgatório.

### O nada. Vida futura.

958. Por que apresenta o homem instintivamente horror ao nada?  
“Porque o nada não existe.”

959. Onde provém para o homem o sentimento instintivo da vida futura?  
“Nós já o dissemos: antes de sua encarnação, o Espírito conhecia todas essas coisas, e a alma guarda uma vaga lembrança do que ela sabe e do que ela viu em seu estado espiritual.” (393.)

Em todos os tempos, o homem se preocupou com seu futuro de além-túmulo, e isso é muitíssimo natural. Seja qual for a importância que atribua à vida presente, ele não pode impedir-se de considerar quanto ela é curta e, sobretudo, precária, uma vez que pode ser cortada a cada instante, e que ele jamais está seguro do amanhã. Em que se transforma ele após o instante fatal? A questão é grave, pois não se trata de alguns anos, mas da eternidade. Quem tem de passar longos anos em um país estrangeiro se inquieta com a situação em que se achará; como, então, não nos preocuparíamos com a situação em que nos acharemos ao deixar este mundo, uma vez que é para sempre?

A ideia do nada contém algo que repugna à razão. O homem mais sossegado durante sua vida, chegando ao momento supremo, interroga-se a respeito do que vai tornar-se, e espontaneamente cria uma esperança.

Crer em Deus sem admitir a vida futura seria um contrassenso. O sentimento de uma existência melhor está no foro íntimo de todos os homens; Deus não podia colocá-lo aí à toa.

A vida futura implica a conservação de nossa individualidade após a morte; que nos importaria, de fato, sobreviver a nosso corpo, caso nossa essência moral tivesse de perder-se no oceano do infinito? As consequências para nós seriam as mesmas que o nada.

## Intuição dos castigos e gozos futuros.

960. Donde provém a crença, que a gente encontra em todos os povos, nos castigos e nas recompensas futuras?

“Trata-se sempre da mesma coisa: pressentimento da realidade trazido ao homem pelo Espírito nele encarnado; pois, compenetrem-se disso, não é à toa que uma voz interior lhes fala; seu erro consiste em não escutá-la o bastante. Caso vocês pensassem bem nisso e com frequência, vocês se tornariam melhores.”

961. No instante da morte, qual é o sentimento que predomina junto à maior parte dos homens: é a dúvida, o medo ou a esperança?

“A dúvida, para os cétricos endurecidos; o medo, para os culpados; a esperança, para os homens de bem.”

962. Por que existem cétricos, uma vez que a alma traz ao homem o sentimento das coisas espirituais?

“Existem menos do que se crê; muitos afetam que os Espíritos são fortes, durante sua vida, por orgulho, mas, no instante de morrer, eles não são tão fanfarrões.”

A consequência da vida futura constitui a responsabilidade dos nossos atos. A razão e a justiça nos afirmam que, na repartição da felicidade a que todo homem aspira, os bons e os maus não teriam como ser confundidos. Não é possível que Deus deseje que uns desfrutem sem faina os bens que os outros conseguem tão só com esforço e perseverança.

A ideia que Deus nos proporciona de sua justiça e de sua bondade, através da sabedoria de suas leis, não nos permite crer em que o justo e o mau se achem no mesmo nível a seus olhos, nem duvidar de que eles não recebam, um dia, um a recompensa, o outro o castigo pelo bem ou pelo mal que houverem praticado; eis porque o sentimento inato que nós possuímos da justiça nos propicia a intuição dos castigos e das recompensas futuras.

## Intervenção de Deus nos castigos e recompensas.

963. Ocupa-se Deus pessoalmente de cada homem? Não é ele demasiado grande e nós demasiado pequenos, para que cada indivíduo em particular possua alguma importância a seus olhos?

“Deus se ocupa de todos os seres que criou, por menores que sejam; nada é muito pouco para sua bondade.”

964. Tem Deus necessidade de se ocupar de cada um de nossos atos para nos recompensar ou nos punir, e não é insignificante para ele a maioria desses atos?

“Deus possui suas leis, que regulam todas as ações de vocês; caso as transgridam, é sua a culpa. Sem dúvida, quando um homem comete um excesso, Deus não forma um juízo contra ele para lhe dizer, por exemplo: Você foi guloso, eu vou puni-lo; porém, ele traçou um limite; as doenças e muitas vezes a morte são a consequência dos excessos: eis aí a punição; ela constitui o resultado da infração da lei. É o que sucede com tudo.”

Todas as nossas ações estão sujeitas às leis de Deus; não existe nenhuma, *por mais insignificante que ela nos pareça*, que não possa constituir uma violação sua. Caso soframos as consequências dessa violação, nós só devemos culpar a nós mesmos, que nos tornamos, assim, os próprios artífices de nossa felicidade ou de nossa infelicidade futura.

Essa verdade se torna perceptível através do apólogo seguinte:

“Um pai proporcionou a seu filho a educação e a instrução, quer dizer, os meios para saber conduzir-se. Ele lhe cede um campo para cultivar e lhe diz: Eis aqui a orientação a seguir e todos os instrumentos necessários para tornar este campo fértil e garantir sua existência. Eu lhe ofereci a instrução para compreender esta orientação. Caso você a siga, seu campo lhe produzirá muito e lhe propiciará o repouso em seus dias de velhice; caso contrário, ele não lhe produzirá nada e você morrerá de fome. Dito isso, ele o deixa agir à sua vontade.”

Não é verdade que esse campo produzirá de acordo com os cuidados prestados à cultura e que toda negligência reverterá em detrimento da colheita? O filho será, pois, em seus dias de velhice, feliz ou infeliz, conforme houver seguido ou negligenciado a orientação traçada por seu pai. Deus é ainda mais providente, pois ele nos adverte a cada instante, caso pratiquemos o bem ou o mal; ele nos envia os Espíritos para nos inspirarem, porém, nós não os escutamos. Existe ainda esta diferença, que Deus concede sempre ao homem o recurso de suas novas existências, para reparar seus erros passados, ao passo que o filho de que nós falamos não possui mais nada, caso empregue mal seu tempo.

## Natureza dos castigos e gozos futuros.

965. Possuem algo de material os castigos e os gozos da alma após a morte?

“Eles não têm como ser materiais, uma vez que a alma não é matéria: o bom senso o afirma. Esses castigos e esses gozos não possuem nada de carnal, todavia, são mil vezes mais vivos que os que vocês experimentam na Terra, porque o Espírito, uma vez desprendido, é mais sensível: a matéria não embota mais suas sensações.” (237 a 257.)

966. Por que o homem cria para si uma ideia amiúde tão grosseira e tão absurda dos castigos e dos gozos da vida futura?

“Inteligência que não se acha ainda assaz desenvolvida. Compreende a criança como o adulto? De resto, isso depende também do que lhe ensinaram: eis o que precisa de uma reforma.

“Sua linguagem é muito incompleta para exprimir o que existe fora de seu âmbito; então, foram necessárias comparações, e foram essas imagens e essas figuras que vocês tomaram pela realidade; mas, à medida que o homem vai esclarecendo-se, seu pensamento vai compreendendo as coisas que sua linguagem não tem como comportar.”

967. Em que consiste a felicidade dos bons Espíritos?

“Em conhecer todas as coisas; em não ter nem ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem nenhuma das paixões que fazem a infelicidade dos homens. O amor que os une é para eles a fonte de uma suprema felicidade. Eles não experimentam nem as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material; eles são felizes com o bem que praticam; de resto, a felicidade dos Espíritos é sempre proporcional à sua elevação. Os puros Espíritos, só eles, usufruem, na verdade, a felicidade suprema, mas nem todos os outros são infelizes. Entre os maus e os perfeitos, existe uma infinidade de níveis em que os gozos mantêm relação com o estado moral. Os que são muito adiantados compreendem a felicidade dos que avançaram mais que eles: eles aspiram a ela; mas isso

constitui para eles um motivo de emulação e não de ciúme; eles sabem que depende deles atingi-la e trabalham para esse fim, mas com a calma da consciência serena, e ficam felizes por não terem de sofrer o que padecem os maus.”

968. Vocês põem a ausência das necessidades materiais no número das condições de felicidade para os Espíritos; mas não constitui a satisfação dessas mesmas necessidades, para o homem, uma fonte de gozos?

“Sim, os gozos do animal; e, quando você não tem como satisfazer essas necessidades, é uma tortura.”

969. Que se deve entender quando se diz que os puros Espíritos se reúnem no seio de Deus e se ocupam em cantar seus louvores?

“É uma alegria que descreve o entendimento que possuem das perfeições de Deus, porque eles o veem e o compreendem, porém, não se deve tomá-la à letra, como tantas outras. Tudo na natureza, desde o grão de areia, canta, quer dizer, proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus; mas não creia que os Espíritos bem-aventurados permaneçam em contemplação durante a eternidade; essa seria uma felicidade estúpida e monótona; essa seria, além do mais, a felicidade do egoísta, uma vez que sua existência seria de uma inutilidade sem termo. Eles não têm mais as tribulações da existência corpórea: trata-se já de uma fruição; e depois, como nós dissemos, eles conhecem e sabem todas as coisas; eles tiram proveito da inteligência que adquiriram, para ajudar no progresso dos outros Espíritos: é essa sua ocupação e, ao mesmo tempo, uma fruição.”

970. Em que consistem os sofrimentos dos Espíritos inferiores?

“Eles são tão variados quanto as causas que os produziram e proporcionais ao nível de inferioridade, como os gozos são proporcionais ao nível de superioridade; é possível resumi-los assim: invejar tudo o que lhes falta para serem felizes e não poder obtê-lo; perceber a felicidade e não poder alcançá-la; desgosto, ciúme, raiva, desespero pelo que os impede de serem felizes; remorso, ansiedade moral indefinível. Eles possuem o desejo de todos os gozos e não conseguem realizá-los; e é isso que os tortura.”

971. É sempre boa a influência que os Espíritos exercem uns sobre os outros?

“Sempre boa da parte dos bons Espíritos, nem precisa dizer, mas os Espíritos perversos buscam desviar da rota do bem e do arrependimento os que creem suscetíveis de se deixarem arrastar, e que, amiúde, arrastaram para o mal durante a vida.”

— Assim, não nos livra a morte da tentação?

“Não; mas a ação dos maus Espíritos é muito menor sobre os outros Espíritos que sobre os homens, porque não têm como coadjuvantes as paixões materiais.” (996.)

972. Como fazem os maus Espíritos para tentar os outros Espíritos, uma vez que não possuem o recurso das paixões?

“Se as paixões não existem materialmente, existem ainda no pensamento dos Espíritos atrasados; os maus preservam tais pensamentos ao arrastar suas vítimas aos lugares em que encontram o espetáculo dessas paixões e de tudo o que possa excitá-las.”

— Mas qual é a utilidade dessas paixões, uma vez que lhes falta o objeto real?

“Eis precisamente aí seu suplício: o avaro vê o ouro que não lhe é possível possuir; o debochado, as orgias em que não lhe é possível tomar parte; o orgulhoso, as honras que inveja e que não lhe é possível fruir.”

973. Quais são os maiores sofrimentos que são capazes de suportar os maus Espíritos?

“Não existe descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes; até quem as padece teria trabalho para lhes dar uma ideia; mas seguramente a mais pavorosa é o pensamento que tem de ser condenado para sempre.”

O homem faz dos castigos e dos gozos da alma após a morte uma ideia mais ou menos elevada, conforme a condição de sua inteligência. Mais ele se desenvolve, mais essa ideia se purifica e se desvincula da matéria; ele compreende as coisas de um ponto de vista mais racional e para de tomar à letra as imagens de uma linguagem figurada. Ensinando-nos a razão mais esclarecida que a alma é um ser de todo espiritual, afirma-nos, *ipso facto*, que ela não pode ser afetada pelas sensações que só agem na matéria; mas não se segue por isso que ela esteja isenta de sofrimentos, nem que não receba a punição por suas faltas. (237.)

As comunicações espíritas têm como resultado demonstrar-nos o estado futuro da alma, não mais como uma teoria, mas como uma realidade; elas põem sob nossos olhos todas as peripécias da vida de além-túmulo; porém, elas nos demonstram ao mesmo tempo tais peripécias como consequências perfeitamente lógicas da vida terrestre, e, conquanto despojadas do aparato fantástico criado pela imaginação dos homens, não são menos penosas para os que fizeram um mau uso de suas faculdades. A diversidade dessas consequências é infinita; mas se pode dizer em tese: cada um é punido através daquilo em que pecou; eis como uns o são pela visão contínua do mal que praticaram; outros através das mágoas, do medo, da vergonha, da dúvida, do isolamento, das trevas, da separação dos seres que lhes são caros etc.

974. Onde provém a doutrina do fogo eterno?

“Imagem, como tantas outras coisas, dada como realidade.”

— Mas não pode esse medo alcançar um bom resultado?

“Verifique se ele reprime a muitos, mesmo entre os que o pregam. Caso vocês ensinem coisas que a razão rejeite mais tarde, vocês causarão uma impressão que não será nem durável nem salutar.”

O homem, impotente para estabelecer, através de sua linguagem, a natureza desses sofrimentos, não achou comparação mais enérgica que a do fogo, pois para ele o fogo constitui o tipo do mais cruel suplício e o símbolo da ação mais enérgica; eis porque a crença no fogo eterno remonta à mais alta antiguidade, e os povos modernos a herdaram dos povos antigos; eis porque também, em sua linguagem figurada, ele diz: o fogo das paixões; queimar de amor, de ciúme etc., etc.

975. Compreendem os Espíritos inferiores a felicidade do justo?

“Sim, e é isso que constitui seu suplício, pois eles compreendem que se acham privados dela por culpa sua; eis porque o Espírito, desprendido da matéria, aspira por uma nova existência corpórea, porque cada existência consegue abreviar a duração desse suplício, *caso seja bem empregada*. É então que ele procede à escolha das provações através das quais poderá expiar suas faltas; pois, compenetrem-se disto, o Espírito sofre por todo o mal que praticou ou do qual tenha sido a causa voluntária, por todo o bem que poderia ter praticado e que não praticou, *e por todo o mal que resulte do bem que não realizou*.

O Espírito errante não possui mais véu; *ele se sente como se saísse da névoa* e percebe o que o aparta da felicidade; então, ele sofre mais ainda, pois compreende quanto foi culpado. Para ele, *não existe mais a ilusão*: ele enxerga a realidade das coisas.”

O Espírito, no estado errante, abarca, de um lado, todas as suas existências passadas; do outro, ele vislumbra o futuro prometido, e compreende o que lhe falta para alcançá-lo. Tal qual um viajante que, quando chega ao cimo de uma montanha, vê a rota percorrida e a que falta percorrer para chegar a seu objetivo.

976. Não constitui para os bons a visão dos Espíritos que sofrem uma causa de aflição, e então como fica sua felicidade se tal felicidade é conturbada?

“Não se trata em absoluto de uma aflição, uma vez que eles sabem que o mal terá um fim; eles ajudam os outros a se melhorarem e lhes estendem a mão: eis aí sua ocupação, e uma alegria quando têm sucesso.”

— Isso se concebe da parte dos Espíritos estranhos ou indiferentes; mas a visão das tristezas e dos sofrimentos dos que eles amaram na Terra não conturba sua felicidade?

“Caso eles não vissem tais sofrimentos, é que lhes seriam estranhos após a morte; por isso, a religião lhes afirma que as almas veem a vocês; porém, eles consideram suas aflições de um outro ponto de vista; eles sabem que esses sofrimentos são úteis para seu adiantamento, caso os suportem com resignação; logo, eles se afligem mais com a falta de coragem que os retarda do que com os sofrimentos em si mesmos, que são tão somente passageiros.”

977. Não podendo os Espíritos esconder reciprocamente seus pensamentos e sendo todos os atos da vida conhecidos, seguir-se-ia que o culpado está em perpétua presença de sua vítima?

“Isso não pode ser de outra forma, o bom senso o afirma.”

— Essa divulgação de todos os nossos atos censuráveis e a perpétua presença dos que lhes foram as vítimas constituem um castigo para o culpado?

“Maior do que se pensa, mas somente até que ele haja expiado suas faltas, seja como Espírito, seja como homem em novas existências corpóreas.”

Quando nós mesmos estivermos no mundo dos Espíritos, estando todo o nosso passado a descoberto, o bem e o mal que tivermos praticado serão igualmente conhecidos. É em vão que quem praticou o mal desejará fugir da vista de suas vítimas: a presença inevitável delas será para ele um castigo e um remorso incessante, até que ele haja expiado seus erros, enquanto o homem de bem, ao contrário, achará por toda a parte apenas olhares amigos e benévolos.

Para o mau, não existe maior tormento na Terra que a presença de suas vítimas; eis porque ele as evita sempre. Que acontecerá quando, estando dissipada a ilusão das paixões, ele compreender o mal que praticou, ele vir seus atos mais secretos desvelados, sua hipocrisia desmascarada e que ele não tem como subtrair-se à sua vista?

Enquanto a alma do homem perverso é presa da vergonha, da consternação e do remorso, a do justo usufrui uma serenidade perfeita.

978. Não lhe conturba a felicidade, mesmo após se haver purificado, a lembrança das faltas que a alma tenha podido cometer, quando era imperfeita?

“Não, porque ela resgatou as suas faltas e porque saiu vitoriosa das provações a que se sujeitou *com esse objetivo*.”

979. Não constituem para a alma as provações que restam para sofrer a fim de encerrar a purificação uma penosa apreensão que conturba sua felicidade?

“Para a alma que se acha ainda manchada, sim; eis porque ela tão só pode usufruir uma felicidade perfeita quando estiver de todo pura; mas, para a que já se elevou, o pensamento das provações que lhe restam para sofrer não apresentam nada de penoso.”

A alma que atingiu um certo nível de pureza usufrui já a felicidade; um sentimento de doce satisfação a penetra: ela se sente feliz com tudo o que vê, com tudo que a envolve; ergue-se o véu para ela dos mistérios e as maravilhas da criação e as perfeições divinas lhe aparecem em todo o seu esplendor.

980. Constitui o liame simpático que une os Espíritos da mesma ordem uma fonte de felicidade para eles?

“A união dos Espíritos que se simpatizam *para o bem* constitui, para eles, uma das maiores alegrias; pois eles não temem ver essa união conturbada pelo egoísmo. Eles formam, no mundo de todo espiritual, famílias de mesmo sentimento, e é nisso que consiste a felicidade espiritual, como em seu mundo vocês se agrupam por categorias, e desfrutam um certo prazer quando se reúnem. A afeição pura e sincera que eles sentem e de que são o motivo constitui uma fonte de felicidade, pois lá não existem absolutamente falsos amigos nem hipócritas.”

O homem usufrui as primícias dessa felicidade na Terra, quando reencontra almas com as quais lhe é possível juntar-se em uma união pura e santa. Em uma vida mais purificada, essa alegria será inefável e sem limites, porque ele não encontrará senão almas simpáticas que *o egoísmo não resfriará*; pois tudo é amor na natureza: o egoísmo é que o mata.

981. Existe, para o estado futuro do Espírito, uma diferença entre quem, quando vivo, temia a morte, e quem a vê com indiferença, e mesmo com alegria?

“A diferença pode ser muito grande; todavia, ela se desfaz muitas vezes diante das causas que proporcionam esse medo ou esse desejo. Seja porque a tema, seja porque a deseje, é possível emocionar-se através de sentimentos muito diversos, e são esses sentimentos que influenciam sobre o estado do Espírito. É claro, por exemplo, que quem deseja a morte unicamente porque vê nela o término de suas tribulações pratica uma espécie de murmúrio contra a Providência e contra as provações que tem de sofrer.”

982. É necessário professar o espiritismo e crer nas manifestações para assegurar nossa sina na vida futura?

“Se fosse assim, seguir-se-ia que todos os que não creem ou que não se acharam em condições de se esclarecer estejam deserdados, o que seria um absurdo. É o bem que assegura a sina futura; ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que conduza a ele.” (165 e 799.)

A crença no espiritismo ajuda a se melhorar ao fixar as ideias em certos pontos do futuro; ela acelera o avanço dos indivíduos e das massas, porque permite dar-nos conta do que seremos um dia: ele constitui um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O espiritismo ensina a suportar as provações com paciência e resignação; ele remove os atos que podem retardar a felicidade futura; eis como contribui para essa felicidade, mas ele não afirma que sem isso não se possa alcançá-la.

### **Castigos temporários.**

983. Não padece o Espírito que expia suas faltas em uma nova existência sofrimentos materiais? Daí, não é correto afirmar que, após a morte, a alma padece apenas sofrimentos morais?

“É bem verdade que, quando a alma se reencarna, as tribulações da vida constituem para ela um sofrimento; mas é só o corpo que sofre materialmente.

“Vocês dizem frequentemente que quem está morto não tem mais o que sofrer; nem sempre isso é verdadeiro. Como Espírito, ele não apresenta mais dores físicas, mas, conforme as faltas que cometeu, é possível que apresente dores morais mais cruciantes e, em uma nova existência, é possível que venha a ser ainda mais infeliz. O mau rico aí pedirá esmola e estará sujeito a todas as privações da miséria; o orgulhoso, a todas as humilhações; quem abusa de sua autoridade e trata seus subordinados com menosprezo e dureza aí será forçado a obedecer a um patrão mais duro do que ele foi. Todos os padecimentos e as tribulações da vida constituem a expiação das faltas de uma outra existência, quando não são a consequência das faltas da vida atual. Quando vocês saírem daqui, vocês o compreenderão. (273, 393 e 399.)

“O homem que se crê feliz na Terra, porque é capaz de satisfazer suas paixões, é quem faz menos esforços para se melhorar. Ele amiúde expia a partir desta vida essa felicidade efêmera, porém, ele a expiará com certeza em uma outra existência igualmente material.”

984. Constituem sempre as vicissitudes da vida a punição das faltas atuais?

“Não; nós já o afirmamos: trata-se de proações impostas por Deus, ou escolhidas por vocês mesmos no estado de Espírito e antes de sua reencarnação, para expiar as faltas cometidas em uma outra existência; pois jamais a infração às leis de Deus, e sobretudo à lei de justiça, resta impune; caso isso não se dê nesta vida, dar-se-á necessariamente em uma outra; eis porque quem é justo a seus olhos se acha com frequência ferido em função de seu passado.” (393.)

985. Constitui a reencarnação da alma em um mundo menos grosseiro uma recompensa?

“Trata-se da consequência de sua depuração; pois, à medida que os Espíritos vão depurando-se, eles vão encarnando-se em mundos mais e mais perfeitos, até que hajam despido toda a matéria e lavado todas as suas nódoas, para fruírem eternamente a felicidade dos puros Espíritos no seio de Deus.”

Nos mundos onde a existência é menos material que neste, as necessidades são menos rústicas e todos os sofrimentos físicos, menos intensos. Os homens não conhecem mais as paixões ruins, as quais, nos mundos inferiores, os tornam inimigos uns dos outros. Não tendo nenhuma razão de ódio ou de ciúme, eles vivem em paz entre si, porque praticam a lei de justiça, de amor e de caridade; eles não conhecem absolutamente os desassossegos e as preocupações que nascem da inveja, do orgulho e do egoísmo, e que fazem o tormento de nossa existência terrestre. (172 e 182.)

986. Pode o Espírito que progrediu em sua existência terrestre reencarnar-se, às vezes, no mesmo mundo?

“Sim, caso não lhe tenha sido possível cumprir sua missão, e ele mesmo seja capaz de pedir para completá-la em uma nova existência; mas, então, não se trata mais para ele de uma expiação.” (173.)

987. Que sucede ao homem que, sem praticar o mal, não faz nada para sacudir a influência da matéria?

“Uma vez que ele não está dando nenhum passo rumo à perfeição, tem de recomeçar uma existência da natureza da que ele está deixando; ele permanece estacionário; eis como consegue prolongar os sofrimentos da expiação.”

988. Existem pessoas cuja vida escoar em perfeita calma, as quais, não tendo necessidade de fazer nada para si mesmas, se acham isentas de preocupações. Constitui essa existência feliz uma prova de que não têm nada para expiar de uma existência anterior?

“Conhece você muitas dessas? Caso acredite nisso, você se engana; com frequência, a calma é apenas aparente. Elas podem ter escolhido essa existência, mas, quando a deixam, percebem que ela não lhes serviu de modo algum para progredir; e então, como o preguiçoso, lastimam o tempo perdido. Compenetrem-se de que o Espírito somente pode adquirir conhecimento e se elevar através da atividade; caso ele durma tranquilo, não avança. É semelhante a quem tem necessidade (conforme seus usos) de trabalhar e que vai passear ou se deitar, e isso com a intenção de não fazer nada. *Compenetrem-se também de que cada qual terá de prestar conta da inutilidade voluntária de sua existência; tal inutilidade é sempre fatal para a felicidade futura.* A quantidade da felicidade futura está na razão da quantidade do bem que se tenha praticado; a da infelicidade, na razão do mal e dos desgraçados que se tenham produzido.”

989. Existem pessoas que, sem serem positivamente más, fazem infelizes todos os que as cercam, através de seu caráter; qual é para elas a consequência disso?

“Essas pessoas, seguramente, não são boas e elas vão expiar através da visão dos que fizeram infelizes, e isso constituirá para elas uma acusação; depois, em uma outra existência, elas padecerão o que fizeram padecer.”

### Expição e arrependimento.

990. Ocorre o arrependimento no estado corpóreo ou no estado espiritual?

“No estado espiritual; mas é possível também que ele se dê no estado corpóreo, quando vocês compreenderem bem a diferença do bem e do mal.”

991. Qual é a consequência do arrependimento no estado espiritual?

“O desejo de uma nova encarnação para purificar-se. O Espírito compreende as imperfeições que o impedem de ser feliz; eis porque ele aspira a uma nova existência em que poderá expiar suas faltas.” (332 e 975.)

992. Qual é a consequência do arrependimento no estado corpóreo?

“Adiantar-se *a partir da vida presente*, caso haja tempo para reparar suas faltas. Quando a consciência promove uma acusação e demonstra uma imperfeição, é sempre possível melhorar-se.”

993. Não existem homens que possuem tão somente o instinto do mal e são inacessíveis ao arrependimento?

“Eu lhe disse que se pode progredir sem parar. Quem, nesta vida, possui apenas o instinto do mal terá o do bem, em uma outra, *e é para isso que ele renasce diversas vezes*; pois é preciso que todos avancem e atinjam o objetivo, somente uns em um tempo mais curto e outros em um tempo mais longo, conforme sua vontade; quem possui apenas o

instinto do bem já se acha purificado, pois é possível que houvesse tido o do mal em uma existência anterior.” (804.)

994. Reconhece sempre suas faltas após sua morte o homem perverso que não as reconheceu em absoluto durante sua vida?

“Sim, ele as reconhece sempre, e então sofre ainda mais, pois *sente todo o mal que praticou* ou de que foi a causa voluntária. Contudo, o arrependimento nem sempre é imediato; existem Espíritos que teimam no mau caminho, malgrado seus sofrimentos; mas, cedo ou tarde, eles reconhecerão a falsa rota na qual penetraram, e o arrependimento virá. É para esclarecê-los que trabalham os bons Espíritos, e que vocês mesmos podem trabalhar.”

995. Existem Espíritos que, sem serem maus, sejam indiferentes em relação a seu destino?

“Existem Espíritos que não se ocupam com nada de útil: eles ficam na expectativa; mas sofrem, nesse caso, proporcionalmente; e como deve haver progresso em tudo, tal progresso se manifesta através da dor.”

— Não têm eles a vontade de abreviar seus sofrimentos?

“Eles a têm, sem dúvida, mas não possuem suficiente energia para desejar o que poderia aliviá-los. Quantas pessoas existem entre vocês que preferem morrer na miséria a trabalhar?!”

996. Uma vez que os Espíritos percebem o mal que resulta para eles de suas imperfeições, como se dá que existam os que agravam sua situação e prolongam o seu estado de inferioridade praticando o mal como Espíritos, em afastando os homens do bom caminho?

“São os cujo arrependimento é tardio que agem assim. O Espírito que se arrepende pode em seguida deixar-se arrastar de novo para o caminho do mal por outros Espíritos ainda mais atrasados.” (971.)

997. A gente percebe Espíritos de uma inferioridade notória acessíveis aos bons sentimentos e tocados pelas preces que se fazem por eles. Como se dá que outros Espíritos, que se deveriam crer mais esclarecidos, demonstrem um endurecimento e um cinismo sobre que nada conseguem triunfar?

“A prece tem efeito apenas em favor do Espírito que se arrepende; quem, incitado pelo orgulho, se revolta contra Deus e persiste em seus extravios, exagerando-os ainda mais, como fazem os Espíritos infelizes, sobre esses tais a prece nada pode e não poderá nada até o dia em que uma centelha de arrependimento se houver manifestado nele.” (664.)

A gente não deve perder de vista que o Espírito, após a morte do corpo, não se transforma de súbito; caso sua vida tenha sido repreensível, é porque era imperfeito; ora, a morte não o torna de imediato perfeito; é possível que ele persista em seus erros, em suas falsas opiniões, em seus preconceitos, até que se esclareça através do estudo, da reflexão e do sofrimento.

998. Cumpre-se a expiação no estado corpóreo ou no estado de Espírito?

“A expiação se cumpre durante a existência corpórea através das provações a que o Espírito está sujeito, e na vida espiritual através dos sofrimentos morais ligados ao estado de inferioridade do Espírito.”

999. É suficiente o arrependimento sincero durante a vida para apagar as faltas e fazer encontrar graça diante de Deus?

“O arrependimento ajuda na melhoria do Espírito, mas o passado tem que ser expiado.”

— Caso, de acordo com isso, um criminoso afirmasse que, uma vez que tem, de qualquer modo, de expiar seu passado, ele não necessita de arrependimento, que resultaria daí para ele?

“Se ele se enrijece no pensamento do mal, sua expiação será mais longa e mais penosa.”

1000. Podemos nós, a partir desta vida, resgatar nossas faltas?

“Sim, reparando-as; mas não criam resgatá-las através de algumas privações pueris, ou doando após sua morte, quando vocês não tiverem mais necessidade de nada. Deus não leva em nenhuma conta um arrependimento estéril, sempre fácil, e que não custa senão o trabalho de se bater no peito. A perda de um dedinho ao prestar um serviço desfaz mais faltas que o suplício da carne suportado durante anos sem outro alvo que *si mesmo*. (726.)

“O mal é reparado apenas através do bem, e a reparação não apresenta nenhum mérito caso não atinja o homem *nem em seu orgulho, nem em seus interesses materiais*.

“De que lhe serve, para sua justificação, restituir após sua morte o bem mal adquirido, quando lhe é inútil e de que se aproveitou?

“De que lhe serve a privação de alguns prazeres fúteis e de algumas coisas supérfluas, se o mal que praticou contra outrem resta o mesmo?

“De que lhe serve, enfim, humilhar-se perante Deus, se conserva seu orgulho perante os homens?” (720 e 721.)

1001. Não existe mérito algum em assegurar para após nossa morte um emprego útil para os bens que possuímos?

“Mérito algum não é a expressão; isso sempre há de valer mais que nada; mas o mal consiste em que, com frequência, quem não doa senão para após sua morte é mais egoísta que generoso; ele deseja ter a glória do bem sem ter o trabalho. Quem se priva quando vivo tem duplo proveito: o mérito do sacrifício e o prazer de ver os que ele torna felizes. Mas o egoísmo lá está a lhe dizer: O que você doa é o tanto que retira de seus gozos; e como o egoísmo grita mais forte que o desinteresse e a caridade, ele poupa, sob pretexto de suas necessidades e das obrigações de sua posição. Ah! Deplorem quem não conhece o prazer de doar; este se encontra verdadeiramente deserdado de uma das mais puras e das mais suaves alegrias. Deus, ao submetê-lo à provação da fortuna, tão acidentada e tão perigosa para o seu futuro, desejou conceder-lhe como compensação a ventura da generosidade, cujo gozo ele pode obter já neste mundo.” (814.)

1002. O que deve fazer quem, no capítulo da morte, reconhece suas faltas mas não tem tempo para repará-las? É suficiente arrepender-se neste caso?

“O arrependimento acelera sua reabilitação, mas não o absolve. Não possui ele diante de si o futuro, que não se fecha jamais para ele?”

### **Duração dos castigos futuros.**

1003. É arbitrária a duração dos sofrimentos do culpado, na vida futura, ou se acha subordinada a uma lei qualquer?

“Deus não age jamais por capricho e tudo no universo se rege através de leis onde se revelam sua sabedoria e sua bondade.”

1004. Em que se baseia a duração dos sofrimentos do culpado?

“No tempo necessário à sua melhoria. Sendo o estado de sofrimento e de felicidade proporcional ao nível de depuração do Espírito, a duração e a natureza de seus sofrimentos dependem do tempo que ele dedica a melhorar-se. À medida que ele vai progredindo e que seus sentimentos vão depurando-se, seus sofrimentos vão diminuindo e mudando de natureza.”

SÃO LUÍS.

1005. Para o Espírito sofredor, parece o tempo tão longo ou menos longo do que se estivesse vivo?

“Parece-lhe antes mais longo: o sono não existe para ele. Somente para os Espíritos que chegam a um certo grau de pureza é que o tempo se desfaz, por assim dizer, diante do infinito.” (240.)

1006. Tem como ser eterna a duração dos sofrimentos do Espírito?

“Sem dúvida, se ele fosse eternamente mau, quer dizer, caso ele não pudesse jamais arrepender-se nem melhorar-se, sofreria eternamente; mas Deus não criou seres para que sejam votados ao mal pela perpetuidade; ele os criou tão só simples e ignorantes, e todos devem progredir em um tempo mais ou menos longo, segundo sua vontade. A vontade pode ser mais ou menos tardia, como existem crianças mais ou menos precoces, mas ela chega cedo ou tarde através da irresistível necessidade que sente o Espírito de sair de sua inferioridade e de ser feliz. A lei que rege a duração dos castigos é, pois, eminentemente sábia e benevolente, uma vez que subordina essa duração aos esforços do Espírito; ela não lhe suprime jamais seu livre-arbítrio: caso faça um mau uso dele, sofre-lhe as consequências.”

SÃO LUÍS.

1007. Existem Espíritos que não se arrependem jamais?

“Existem os cujo arrependimento é muito tardio; mas pretender que não se melhorarão jamais seria negar a lei do progresso, e dizer que a criança não pode transformar-se em adulto.”

SÃO LUÍS.

1008. Depende sempre a duração dos castigos da vontade do Espírito, e não existem os que lhe são impostos por um tempo determinado?

“Sim, é possível que os castigos lhe sejam impostos por um tempo, mas Deus, que só deseja o bem para suas criaturas, acolhe sempre o arrependimento, e o desejo de melhorar-se não é jamais estéril.”

SÃO LUÍS.

1009. À vista disso, não seriam os castigos impostos jamais para a eternidade?

“Consultem seu bom senso, sua razão, e perguntem se uma condenação perpétua, por alguns momentos de erro, não seria a negação da bondade de Deus. Que é, de fato, a duração da vida, fosse ela de cem anos, em confronto com a eternidade? Eternidade! Compreendem bem essa palavra? Sofrimentos, torturas sem fim, sem esperança, por algumas faltas! Não repele seu juízo um tal pensamento? Que os antigos tenham visto no senhor do universo um deus terrível, invejoso e vingativo, isso se concebe; em sua ignorância, eles emprestaram à divindade as paixões dos homens; mas esse não é o Deus dos cristãos, que coloca o amor, a caridade, a misericórdia, o esquecimento das ofensas na categoria das virtudes primaciais: poderiam faltar a ele mesmo as qualidades de que faz um dever? Não existe contradição em lhe atribuir a bondade infinita e a vingança infinita? Vocês afirmam que, antes de tudo, ele é justo, e que o homem não compreende sua justiça, mas a justiça não exclui a bondade, e ele não seria bom caso votasse aos castigos horríveis, perpétuos, a maior parte de suas criaturas. Poderia ele tornar a justiça para seus filhos uma obrigação, caso não lhes houvesse outorgado os meios de compreendê-la? Aliás, não é o sublime da justiça, unida à bondade, fazer depender a duração dos castigos dos esforços do culpado para melhorar-se? Reside aí a verdade desta expressão: “A cada um segundo as suas obras.”

SANTO AGOSTINHO.

“Empenhem-se, através de todos os meios que se acham em seu poder, em combater, em aniquilar a ideia da eternidade dos castigos, pensamento blasfematório para com a justiça e a bondade de Deus, fonte, a mais fecunda, da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiram as massas desde quando sua inteligência começou a desenvolver-se. O Espírito, pronto para se esclarecer, não estando mesmo desbastado, logo apreendeu a monstruosa injustiça; sua razão a repulsa, e então raramente deixa de misturar em um mesmo ostracismo o castigo que o revolta e Deus, a quem ele o atribui; daqui os males sem conta que se abateram sobre vocês e aos quais nós viemos trazer remédio. A tarefa que nós lhes assinalamos lhes será tanto mais fácil quanto as autoridades todas sobre que se apoiam os defensores dessa crença evitaram de se pronunciar formalmente; nem os concílios, nem os Pais da Igreja destrinçaram essa importante questão. Se, conforme os próprios evangelistas, e tomando ao pé da letra as palavras emblemáticas do Cristo, ele ameaçou os culpados com um fogo que não se extingue, com um fogo eterno, não existe absolutamente nada em suas palavras que prove que ele os tenha condenado *eternamente*.

“Pobres ovelhas desgarradas, possam vocês perceber que lhes está vindo o Bom Pastor, que, longe de desejar bani-los para todo o sempre de sua presença, vem ele mesmo a seu encontro, para conduzi-los à casa paterna. Filhos pródigos, abandonem seu exílio

voluntário; voltem seus passos para o lar paterno: o pai lhes estende os braços e se põe sempre pronto para festejar seu regresso à família.”

LAMENNAIS.

“Guerras de palavras! Guerras de palavras! Não têm vocês derramado sangue suficiente?! Precisam ainda reacender as fogueiras?! Discute-se a respeito das expressões eternidade dos castigos, eternidade das punições; não sabem que aquilo que vocês entendem hoje em dia por *eternidade* os antigos não entendiam como vocês? Que o teólogo consulte as fontes e, como vocês todos, ele descobrirá que o texto hebreu não dava à palavra que os gregos, os latinos e os modernos traduziram por *castigos sem fim, irremissíveis*, a mesma significação. Eternidade das punições corresponde à eternidade do mal. Sim, enquanto o mal existir entre os homens, as punições subsistirão; é no sentido relativo que importa interpretar os textos sagrados. A eternidade dos castigos é, pois, tão somente relativa e não absoluta. Que um dia advenha em que todos os homens se vestirão, através da contrição, com a roupa da inocência, e nesse dia não haverá mais gemidos, não haverá mais rilar de dentes. Sua razão humana é limitada, é verdade, mas tal qual é constitui um presente de Deus e, com essa ajuda da razão, não existe um só homem de boa-fé que compreenda diversamente a eternidade das punições. A eternidade das punições! Como?! Precisaríamos, então, admitir que o mal será eterno. Apenas Deus é eterno e não teria como criar o mal eterno, com o que seria preciso arrancar-lhe o mais magnífico de seus atributos: o soberano poder, pois não é soberanamente poderoso quem é capaz de criar um elemento destruidor das próprias obras. Humanidade! Humanidade! Não mergulhe mais seus olhares melancólicos nas profundezas da terra, para aí procurar as punições. Chore, confie, expie e refugie-se no pensamento de um Deus infinitamente bom, absolutamente poderoso e essencialmente justo.”

PLATÃO.

“Gravitar para a unidade divina, tal é a meta da humanidade; para alcançá-la, três coisas são necessárias: a justiça, o amor e a ciência; três coisas são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a injustiça. Muito bem! Eu lhes afirmo, em verdade, que vocês degeneraram esses princípios fundamentais ao comprometerem a ideia de Deus através do exagero de sua severidade; vocês a comprometem duplamente, deixando que se insinue no Espírito da criatura o pensamento de que existe nela mais clemência, mansuetude, amor e verdadeira justiça do que vocês atribuem ao ser infinito; vocês destroem até mesmo a ideia do inferno, ao torná-la ridícula e inadmissível em suas crenças, como é para seus corações o pavoroso espetáculo das execuções, das fogueiras e das torturas da Idade Média! O quê?! É quando a era das cegas represálias se baniu para sempre das legislações humanas que vocês esperam mantê-la no ideal?! Oh! Creiam-me, creiam-me, irmãos em Deus e em Jesus Cristo, creiam-me ou resignem-se a deixar perecer em suas mãos todos os seus dogmas, de preferência a deixá-los adulterarem-se, ou bem revivifiquem-nos, abrindo-os aos benéficos eflúvios que os Bons vertem sobre eles neste momento. A ideia do inferno com suas fornalhas ardentes, com suas caldeiras borbulhantes, foi possível tolerar, ou melhor, perdoar em um século insensível; mas, no século dezenove, isso não é mais que um vão fantasma, adequado quando muito para apavorar as criancinhas, e no qual as crianças não creem mais quando são grandes. Ao persistirem nessa mitologia apavorante,

vocês engendram a incredulidade, mãe de toda desorganização social; pois eu tremo ao ver toda uma ordem social abalada e ruindo sobre sua base por falta de sanção penal. Homens de fé ardente e viva, guarda avançada do dia da luz, à obra, portanto! Não para manter as fábulas velhas e, doravante, sem crédito, mas para reavivar e revivificar a verdadeira sanção penal, sob formas em correlação com seus costumes, seus sentimentos e com as luzes de sua época.

“Quem é, de fato, o culpado? Quem, através de um desvio, de um falso movimento da alma, se afasta do alvo da criação, que consiste no culto harmonioso do belo, do bem, idealizados pelo modelo humano, pelo Homem-Deus, por Jesus Cristo.

“Qual é a punição? A consequência natural provinda desse falso movimento; uma soma de dores necessárias para desgostá-lo de sua deformidade, através da experiência do sofrimento. A punição constitui o agulhão que excita a alma, através da amargura, a se debruçar sobre si mesma e a volver à margem da salvação. A finalidade da punição não é outra senão a reabilitação, a libertação. Desejar que a punição seja eterna, por uma falta que não é eterna, é negar-lhe toda a razão de existir.

“Oh! Eu lhes afirmo em verdade, parem, parem de colocar em paralelo, em sua eternidade, o Bem, essência do Criador, com o Mal, essência da criatura; isso seria criar ali uma penalidade injustificável. Asseverem, ao contrário, o amortecimento gradual das punições e dos castigos, através das transmigrações, e vocês consagrarão, com a razão unida ao sentimento, a unidade divina.”

PAULO, APÓSTOLO.

A gente deseja excitar o homem para o bem e afastá-lo do mal através do chamariz das recompensas e do medo das punições; mas se tais punições são apresentadas de maneira que a razão se recuse a nelas acreditar, não terão sobre ele nenhuma influência; longe disso, ele rejeitará tudo: a forma e o fundo. Que se apresente a ele, ao contrário, o futuro de um modo lógico, e então ele não o repulsará. O espiritismo lhe fornece tal explicação.

A doutrina da eternidade dos castigos, em sentido absoluto, faz do ser supremo um deus implacável. Seria lógico afirmar de um soberano que ele é muito bom, muito benevolente, muito indulgente, que só deseja a felicidade dos que o cercam, mas que, ao mesmo tempo, é invejoso, vingativo, inflexível em seu rigor, e que pune com o último dos suplícios três quartos de seus súditos por uma ofensa ou uma infração a suas leis, mesmo os que faliram por não as haver conhecido? Não haveria aí uma contradição? Ora, é possível que Deus seja pior que um homem?

Uma outra contradição se apresenta aqui. Uma vez que Deus sabe tudo, ele sabia, portanto, ao criar uma alma, que ela iria falir; ela estava, pois, desde sua formação, votada à infelicidade eterna: isso é possível, racional? Com a doutrina dos castigos relativos, tudo se justifica. Deus sabia, sem dúvida, que ela iria falir, porém ele lhe fornece os meios de se esclarecer por sua própria experiência, por suas próprias faltas; é necessário que ela expie seus erros para se consolidar melhor no bem, mas a porta da esperança não lhe é fechada jamais, e Deus faz depender o momento de sua libertação dos esforços que ela faz para chegar lá. Eis aqui o que todo o mundo é capaz de compreender, o que a lógica mais meticulosa é capaz de admitir. Caso os castigos futuros tivessem sido apresentados sob esse ponto de vista, existiriam bem menos cétricos.

A palavra *eterno* é com frequência empregada na linguagem coloquial, figuradamente, para designar uma coisa de longa duração e da qual não se prevê o término, conquanto se saiba muito bem que esse término existe.

Nós dizemos, por exemplo, os gelos eternos das altas montanhas, dos polos, posto que nós saibamos, de um lado, que o mundo físico pode ter um fim e, de outro, que o estado dessas regiões pode mudar através do deslocamento normal do eixo ou de um cataclismo. A palavra eterno, nesse caso, não quer dizer, portanto, perpétuo até o infinito. Quando nós sofremos de uma longa doença, dizemos que nosso mal é eterno; que existe, pois, de assombroso no fato de que os Espíritos que sofrem há muitos anos, séculos, milhares de anos mesmo, digam outro tanto? Não nos esqueçamos sobretudo de que, não lhes permitindo sua inferioridade ver a extremidade da rota, eles creem sofrer para sempre, o que lhes constitui uma punição.

De resto, a doutrina do fogo material, das fornalhas e das torturas tomadas por empréstimo ao Tártaro do paganismo, se acha hoje em dia completamente abandonada pela alta teologia e é tão somente nas escolas que esses apavorantes quadros alegóricos são ainda expostos como verdades positivas por alguns homens mais zelosos do que esclarecidos, e isso de modo bem errôneo, pois essas jovens imaginações, uma vez despertadas de seu terror, poderão

aumentar o número dos incrédulos. A teologia reconhece hoje que a palavra *fogo* é empregada de forma figurada, e deve entender-se como um fogo moral (974). Os que seguiram, como nós, as peripécias da vida e dos sofrimentos de alémtúmulo, nas comunicações espíritas, puderam convencer-se de que, só pelo fato de não apresentarem nada de material, não sejam elas menos pungentes. À vista mesmo de sua duração, certos teólogos começam a admitir o sentido restritivo indicado acima, e pensam que, de fato, a palavra *eterno* pode estender-se aos castigos em si mesmos, como consequentes de uma lei imutável e não de sua aplicação a cada indivíduo. No dia em que a religião admitir esta interpretação, assim como algumas outras que são igualmente a consequência do progresso das luzes, ela reunirá muitas ovelhas desgarradas.

## Ressurreição da carne.

1010. Constitui o dogma da ressurreição da carne a consagração daquele da reencarnação ensinada pelos Espíritos?

“Como esperam vocês que seja de outra forma?! Sucede com essas palavras como com tantas outras que parecem desarrazoadas aos olhos de certas pessoas apenas porque as tomam à letra; eis porque elas conduzem à incredulidade; mas atribuam-lhes uma interpretação lógica, e esses que vocês chamam de livres-pensadores as aceitarão sem dificuldade, precisamente porque eles reflexionam; pois, não se enganem, esses livres-pensadores não querem outra coisa senão crer; eles apresentam, como os outros, quiçá mais que os outros, sede de futuro, mas não têm como aceitar o que a ciência considera inventado. A doutrina da pluralidade de existências está conforme à justiça de Deus; só ela é capaz de explicar o que, sem ela, é inexplicável. Como quereriam vocês que o princípio não se achasse na própria religião?”

— Assim, a Igreja, através do dogma da ressurreição da carne, ensina, ela mesma, a doutrina da reencarnação?<sup>8</sup>

“Isso é evidente; essa doutrina é, aliás, a consequência de muitas coisas que passaram despercebidas e que o homem não tardará a compreender nesse sentido; falta pouco para que se reconheça que o espiritismo ressaí a cada passo do texto mesmo das Escrituras Sagradas. Os Espíritos não vêm, pois, subverter a religião, como alguns o pretendem; eles vêm, ao contrário, confirmá-la, sancioná-la através de provas irrecusáveis; mas, como chegou o tempo de não mais empregar a linguagem figurada, eles se exprimem sem alegoria; e dão às coisas um sentido claro e preciso que não possa ser motivo de nenhuma falsa interpretação. Eis aí porque em breve vocês encontrarão mais pessoas sinceramente religiosas e crentes do que vocês encontram hoje em dia.”

SÃO LUÍS.

A ciência, com efeito, demonstra a impossibilidade da ressurreição conforme a ideia popular. Se os restos do corpo humano continuassem homogêneos, conquanto dispersos e reduzidos a pó, a gente conceberia ainda sua reunião em um certo tempo; mas as coisas não se passam absolutamente assim. O corpo é formado de elementos diversos: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono etc.; através da decomposição, tais elementos se dispersam, mas para servirem à formação de novos corpos, de sorte que a mesma molécula, de carbono, por exemplo, entrará na composição de milhares e milhares de corpos diferentes (nós só estamos falando dos corpos humanos, sem contar todos os dos animais); de sorte que um tal indivíduo talvez tenha em seu corpo moléculas pertencentes aos homens das primeiras eras; de sorte

---

<sup>8</sup> A questão não se acha numerada nas edições francesas. A falta de uma questão de número 1011 faz supor que esta pudesse corresponder a tal número. (Nota do tradutor.)

que essas mesmas moléculas orgânicas que vocês absorvem em sua alimentação talvez provenham do corpo de um outro indivíduo que vocês conheceram, e assim por diante. Sendo a matéria em quantidade definida e suas transformações em quantidades indefinidas, como poderia cada um desses corpos reconstituir-se com os mesmos elementos? Existe aí uma impossibilidade material. Só se pode, pois, racionalmente, aceitar a ressurreição da carne, como um figura que simboliza o fenômeno da reencarnação, e então nada haverá que choque a razão, nada que se ache em contradição com os dados da ciência.

É verdade que, segundo o dogma, essa ressurreição só deve acontecer no fim dos tempos, ao passo que, segundo a doutrina espírita, acontece todos os dias; mas não existe ainda, nesse quadro do julgamento final, uma grande e bela figura que esconde, sob o véu da alegoria, uma dessas verdades imutáveis que não encontrará mais céticos quando for reduzida à sua verdadeira significação? Que se haja por bem meditar sobre a teoria espírita quanto ao futuro das almas e quanto à sua sorte decorrente das diferentes provações que têm de sofrer, e se verá que, com exceção da simultaneidade, o julgamento que as condena ou que as absolve não constitui em absoluto uma ficção, assim como o pensam os incrédulos. Observemos ainda que ela constitui a consequência natural da pluralidade dos mundos, hoje em dia perfeitamente admitida, ao passo que, segundo a doutrina do julgamento final, a Terra é considerada o único mundo habitado.

## Paraíso, inferno e purgatório.

1012. Está reservado um lugar circunscrito no universo para os castigos e para os gozos dos Espíritos, segundo seus méritos?

“Nós já respondemos a essa questão. Os castigos e os gozos são inerentes ao nível de perfeição dos Espíritos; cada um recolhe de si mesmo o princípio de sua própria felicidade ou infelicidade; e como eles se acham em toda a parte, nenhum lugar circunscrito nem fechado está reservado a um de preferência ao outro. Quanto aos Espíritos encarnados, são mais ou menos felizes ou infelizes, conforme o mundo em que habitam seja mais ou menos adiantado.”

— Sendo assim, não existiriam o inferno e o paraíso tais como o homem os representa para si?

“Trata-se apenas de figuras: existem por toda a parte Espíritos felizes e infelizes. Contudo, como nós também o dissemos, os Espíritos da mesma ordem se reúnem por simpatia; porém, eles podem reunir-se onde queiram, quando são perfeitos.”

A localização absoluta dos lugares de castigos e de recompensas existe tão só na imaginação do homem; ela provém da tendência para *materializar* e para *circunscrever* as coisas cuja essência infinita ele não é capaz de compreender.

1013. O que se deve entender pelo *purgatório*?

“Dores físicas e morais: constitui o tempo da expiação. É quase sempre na Terra que vocês constroem seu purgatório e que Deus os faz expiar suas faltas.”

O que o homem chama de *purgatório* constitui, da mesma forma, uma figura através da qual se deve entender, não um lugar determinado qualquer, mas o estado de Espíritos imperfeitos que se acham em expiação até a purificação completa que deve elevá-los à categoria de Espíritos bem-aventurados. Uma vez que se efetiva tal purificação em diversas encarnações, o purgatório consiste nas provações da vida corpórea.

1014. Como se dá que Espíritos que, através de sua linguagem, revelam sua superioridade hajam respondido a pessoas muito sérias sobre o inferno e o purgatório, conforme a ideia que deles se faz comumente?

“Eles falam uma linguagem compreensível pelas pessoas que os interrogam; quando tais pessoas se acham demasiado imbuídas de certas ideias, eles não gostam de contradizê-las assaz bruscamente, para não melindrar suas convicções. Se um Espírito fosse dizer, sem precauções oratórias, a um muçulmano que Maomé não é um profeta, seria muito mal recebido.”

— Concebe-se que possa ser assim da parte dos Espíritos que desejam instruir-nos; mas como se dá que Espíritos interrogados a respeito de sua situação hajam respondido que estavam sofrendo as torturas do inferno ou do purgatório?

“Quando são inferiores, e não completamente desmaterializados, eles conservam uma parte de suas ideias terrestres e descrevem suas impressões através dos termos que lhes são familiares. Eles se acham em um ambiente que lhes permite apenas pela metade sondar o futuro; eis a causa de os Espíritos errantes, ou recém-desprendidos, com frequência falarem como o teriam feito quando vivos. *Inferno* pode traduzir-se por uma vida de provação extremamente penosa, com a *incerteza* de melhoria; *purgatório*, uma vida também de provação, mas com a consciência de um futuro melhor. Quando você experimenta uma grande dor, não diz para si mesmo que está sofrendo como um condenado? São tão somente palavras, e sempre no sentido figurado.”

1015. O que se deve entender por uma alma penada?

“Uma alma errante e sofredora, incerta de seu futuro, e à qual vocês podem propiciar um alívio que, com frequência, ela solicita ao vir comunicar-se consigo.” (664.)

1016. Em que sentido se deve entender a palavra *céu*?

“Crê você que se trate de um lugar, como os campos elísios dos antigos, onde todos os bons Espíritos estão amontoados em desordem, sem outro cuidado que o de saborear durante a eternidade uma felicidade passiva? Não; trata-se do espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores onde os Espíritos usufruem todas as suas faculdades, sem apresentar as tribulações da vida material, nem as angústias inerentes à inferioridade.”

1017. Houve Espíritos que afirmaram habitar o quarto, o quinto céu etc.; o que entendiam eles por isso?

“Vocês lhes perguntam qual céu eles habitam, porque vocês têm a ideia de diversos céus colocados como os andares de uma casa; então, eles lhes respondem segundo a linguagem de vocês; mas, para eles, as expressões quarto, quinto céu exprimem diferentes níveis de depuração, e por consequência de felicidade. É rigorosamente como quando se pergunta a um Espírito se ele se encontra no inferno; caso seja infeliz, ele afirmará que sim, porque, para ele, *inferno* é sinônimo de sofrimento; mas ele sabe muito bem que não se trata de uma fornalha. Um pagão teria afirmado estar no *Tártaro*.”

Sucedo o mesmo com outras expressões análogas, tais como cidade das flores, cidade dos eleitos, primeira, segunda ou terceira esfera etc., que não passam de alegorias empregadas por certos Espíritos, seja como figuras, seja, às vezes, por ignorância da realidade das coisas e mesmo das mais simples noções científicas.

De acordo com a ideia restrita que se fazia outrora dos lugares de castigos e de recompensas, e sobretudo de acordo com a opinião de que a Terra era o centro do universo, que o céu formava uma abóbada e que ali existia uma região de estrelas, colocava-se *o céu no alto e o inferno em baixo*; daí as expressões: subir ao céu, estar no mais alto dos céus, ser precipitado nos infernos. Hoje em dia, quando a ciência demonstrou que a Terra não passa de um dos menores mundos entre tantos milhões de outros, sem importância especial; quando traçou a história de sua formação e descreveu

sua constituição, tendo provado que o espaço é infinito, que não existe nem alto nem baixo no universo, é bem preciso renunciar a situar o céu acima das nuvens e o inferno nos lugares baixos. Quanto ao purgatório, nenhum lugar lhe tinha sido assinalado. Estava reservado ao espiritismo fornecer sobre todas essas coisas a mais racional explicação, a mais grandiosa e, ao mesmo tempo, a mais consoladora para a humanidade. Assim, pode-se dizer que nós trazemos em nós mesmos nosso inferno e nosso paraíso: quanto a nosso purgatório, nós o encontramos em nossa encarnação, em nossas vidas corpóreas ou físicas.

1018. Em que sentido é preciso entender estas palavras do Cristo: Meu reino não é deste mundo?

“O Cristo, ao responder assim, falava em sentido figurado. Ele queria dizer que reina tão só sobre os corações puros e desinteressados. Ele se acha por toda a parte em que predomine o amor do bem, mas os homens ávidos das coisas deste mundo e apegados aos bens da Terra não ficam com ele.”

1019. Poderá o reino do bem instalar-se na Terra para sempre?

“O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que vêm habitá-la, os bons forem mais numerosos que os maus; então, eles farão que reine o amor e a justiça, que constituem a fonte do bem e da felicidade. É através do progresso moral e da prática das leis de Deus que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos, e que dela afastará os maus; mas os maus não a deixarão senão quando ele houver banido o orgulho e o egoísmo.

“A transformação da humanidade foi predita e vocês estão alcançando esse momento em que se apressam todos os homens que auxiliam o progresso; ela se cumprirá através da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma nova geração. Então, os Espíritos dos maus, que a morte ceifa a cada dia, e todos os que tentam sustar a marcha das coisas serão dela excluídos, pois ficariam deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade conturbariam. Eles irão para mundos novos, menos adiantados, realizar missões *penosas*, onde poderão trabalhar por seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo que estarão trabalhando para o adiantamento de seus irmãos ainda mais atrasados. Não veem vocês, nessa exclusão da Terra transformada, a sublime figura do *paraíso perdido* e, no homem que veio à Terra em parelhas condições e trazendo em si a semente de suas paixões e os traços de sua inferioridade primitiva, a figura não menos sublime do *pecado original*? O pecado original, considerado sob tal ponto de vista, vincula-se à natureza ainda imperfeita do homem, que é assim responsável apenas por si mesmo e por suas próprias faltas, e não por aquelas de seus pais.

“Vocês todos, homens de fé e de boa vontade, trabalhem, pois, com zelo e coragem para a grande obra da regeneração, pois vocês recolherão ao cêntuplo o grão que houverem semeado. Desgraça aos que fecham os olhos à luz, pois preparam para si longos séculos de trevas e de decepções; desgraça aos que depositam todas as suas alegrias nos bens desse mundo, pois sofrerão mais privações do que houverem tido de alegrias; desgraça, sobretudo, aos egoístas, pois não acharão ninguém para ajudá-los a carregar o fardo de suas misérias.”

SÃO LUÍS.

# CONCLUSÃO

---

## I

Quem conhecesse, de fato, do magnetismo terrestre apenas o brinquedo dos patinhos imantados que a gente faz movimentar sobre a água de uma bacia, dificilmente conseguiria compreender que essa brincadeira encerra o segredo do mecanismo do universo e do movimento dos mundos. Sucede o mesmo com quem conhece do espiritismo apenas o movimento das mesas; ele vê ali somente uma diversão, um passatempo de sociedade, e não compreende que tal fenômeno tão simples e tão comum, conhecido da antiguidade e mesmo dos povos semi-selvagens, seja capaz de se correlacionar às questões mais graves da ordem social. Para o observador superficial, com efeito, qual relação u'a mesa que gira pode ter com a moral e o futuro da humanidade? Mas quem quer que reflexione lembra-se de que, de uma simples panela que, também ela, borbulhou por toda a antiguidade surgiu o possante motor com o qual o homem franqueia o espaço e suprime as distâncias. Muito bem! Vocês que não creem em nada além do mundo material, saibam que, dessa mesa que gira e provoca seus sorrisos desdenhosos, surgiu toda uma ciência, assim como a solução de problemas que nenhuma filosofia havia ainda podido resolver. Eu apelo a todos os adversários de boa-fé e eu lhes rogo que digam se se deram ao trabalho de estudar o que criticam; pois, em boa lógica, a crítica tem valor apenas quando quem a pratica conhece aquilo de que trata. Ridicularizar uma coisa que não se conhece, que não se sondou com o escalpelo do observador consciencioso, não é criticar, é dar prova de leviandade e oferecer uma pobre ideia de seu próprio julgamento. Seguramente, se nós tivéssemos apresentado esta filosofia como sendo a obra de um cérebro humano, ela teria conhecido menos desdém e teria alcançado as honras de um exame dos que pretendem dirigir a opinião pública; contudo, ela provém dos Espíritos; que absurdo! Mal-e-mal ela merece um de seus olhares; julgam-na pelo título, como o macaco da fábula julgava a noz pela casca. Façam, se vocês desejarem, abstração da origem; suponham que este *livro* seja a obra de um homem e digam em sua alma e consciência se, após o haver lido *seriamente*, vocês aqui encontraram matéria para caçoada.

## II

O espiritismo é o antagonista mais temível do materialismo; assim, não é de espantar que ele tenha os materialistas como adversários; mas, como o materialismo é uma doutrina que se ousa a custo confessar (prova de que os que as professam não se creem bem fortes e que se acham dominados por sua consciência), ele se cobre com o manto da razão e da ciência; e, coisa bizarra, os mais céticos falam mesmo em nome da religião, que eles não conhecem e não compreendem melhor que o espiritismo. O ponto em que miram é sobretudo o *maravilhoso* e o *sobrenatural*, que eles não admitem; por isso, segundo eles, estando o espiritismo assentado sobre o maravilhoso, somente pode ser uma suposição ridícula. Eles não reflexionam que, ao instaurarem, sem restrições, o processo contra o maravilhoso e o sobrenatural, estão instaurando o processo contra a religião; de fato, a religião se fundamenta na revelação e nos milagres; ora, o que é a revelação se não forem comunicações extra-humanas? Todos os autores sacros, desde Moisés, falaram dessas formas de comunicações. Que são os milagres se não forem fatos maravilhosos e sobrenaturais por excelência, porque são, no sentido litúrgico, derrogações das leis da natureza? Portanto, ao rejeitarem o maravilhoso e o sobrenatural, eles rejeitam as bases mesmas da religião. Mas não é sob tal ponto de vista que nós devemos encarar a coisa. O espiritismo não tem de examinar se existem ou não milagres, quer dizer, se Deus teve, em certos casos, como derogar as leis eternas que regem o universo; ele permite, quanto a isso, total liberdade de crença; ele afirma e comprova que os fenômenos sobre os quais se apoia apenas possuem de sobrenatural a aparência; tais fenômenos não são vistos assim pelos olhos de certas pessoas porque são insólitos e estão fora dos fatos conhecidos; mas não são mais sobrenaturais do que todos os fenômenos cuja solução a ciência nos fornece hoje e que pareciam maravilhosos em uma outra época. Todos os fenômenos espíritas, *sem exceção*, são a consequência de leis gerais; eles nos revelam um dos poderes da natureza, poder desconhecido, ou melhor, incompreendido até agora, mas que a observação demonstra achar-se na ordem das coisas. Logo, o espiritismo repousa menos sobre o maravilhoso e o sobrenatural que a própria religião; os que o atacam nesse aspecto é porque não o conhecem, e, fossem eles os homens mais sábios, nós lhes diríamos: se sua ciência, que lhes ensinou tantas coisas, não lhes ensinou que o domínio da natureza é infinito, vocês são sábios tão só pela metade.

## III

Vocês desejam, dizem vocês, curar seu século de u'a mania que ameaça invadir o mundo. Prefeririam vocês que o mundo fosse invadido pela incredulidade, que vocês buscam propagar? Não é à ausência de toda crença que se deve atribuir o relaxamento dos

laços de família e a maior parte das desordens que minam a sociedade? Ao demonstrar a existência e a imortalidade da alma, o espiritismo reanima a fé no futuro, soergue os corações abatidos, faz suportar com resignação as vicissitudes da vida; ousariam vocês chamar a isso um mal? Duas doutrinas se confrontam: uma que nega o futuro, outra que o proclama e o comprova; uma que não explica nada, outra que explica tudo e por isso mesmo se endereça à razão; uma é a sanção do egoísmo, a outra fornece uma base à justiça, à caridade e ao amor a seus semelhantes; a primeira mostra apenas o presente e aniquila toda a esperança, a segunda consola e aponta para o vasto campo do futuro; qual é a mais perniciosa?

Certas pessoas, e entre as mais céticas, passam-se por apóstolos da fraternidade e do progresso; mas a fraternidade pressupõe o desinteresse, a abnegação da personalidade; com a verdadeira fraternidade, o orgulho constitui uma anomalia. Com que direito impõem vocês um sacrifício a quem afirmam que, quando estiver morto, tudo se finda para ele; que amanhã talvez ele não venha a ser mais que uma velha máquina quebrada e jogada à margem? Que razão tem ele para se impor uma privação qualquer? Não é mais natural que, durante os curtos instantes que vocês lhe concedem, ele busque viver o melhor possível? Daqui, o desejo de muito possuir para melhor usufruir; desse desejo nasce o ciúme contra os que possuem mais que ele; e desse ciúme à vontade de pegar o que os outros têm não existe mais que um passo. O que é que o retém? É a lei? Mas a lei não alcança todos os casos. Dirão vocês que é a consciência, o sentimento do dever? Mas sobre que baseiam vocês o sentimento do dever? Tem origem tal sentimento na crença de que tudo finda com a vida? Com esta crença, uma só máxima é racional: cada um por si; os ideais de fraternidade, de consciência, de dever, de humanidade e de progresso mesmo, não passam de vãs palavras. Oh! Vocês que proclamam tais doutrinas, vocês não sabem todo o mal que causam à sociedade, nem de quantos crimes assumem a responsabilidade! Mas que direi eu sobre responsabilidade? Para o cético, ela absolutamente não existe; ele tão somente rende homenagem à matéria.

#### IV

O progresso da humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, de amor e de caridade; essa lei se fundamenta na certeza do futuro; retirem essa certeza, e vocês lhe retirarão sua pedra fundamental. Dessa lei derivam todas as outras, pois ela contém todas as condições da felicidade do homem; só ela é capaz de curar as chagas da sociedade, e a gente tem como avaliar, através da comparação das eras e *dos povos*, o quanto sua condição vem progredindo, à medida que essa lei vem sendo melhor compreendida e melhor praticada. Se uma aplicação parcial e incompleta produz um bem real, que sucederá, então, quando ela houver constituído a base de todas suas instituições sociais? Isso é possível? Sim; pois, uma vez que se deram dez passos, se podem dar vinte, e assim por diante. Logo, pode-se avaliar o futuro através do passado. Nós já percebemos

que estão apagando-se, a pouco e pouco, as antipatias de povo a povo; as barreiras que os separavam estão baixando diante da civilização; eles estão dando-se a mão de um extremo do mundo a outro; uma justiça maior preside às leis internacionais; as guerras se tornam mais e mais raras, e elas em absoluto não excluem os sentimentos de humanidade; a uniformidade se estabelece nas relações; as distinções de raças e de castas se desfazem, e os homens de crenças diferentes fazem calar os preconceitos das seitas para se fundirem na adoração de um só Deus. Nós falamos dos povos que caminham na vanguarda da civilização (789 a 793). Sob todos esses aspectos, a gente se acha ainda longe da perfeição e existem ainda muitas velhas ruínas para serem demolidas, até que hajam desaparecido os últimos vestígios da barbárie; mas poderão tais ruínas antepor-se ao poder irresistível do progresso, e a esta força viva que é, ela mesma, uma lei da natureza? Se a geração presente é mais adiantada que a geração passada, por que a que nos sucederá não seria mais que a nossa? Ela o será pela força das coisas; primeiro, porque, com as gerações, desaparecem, a cada dia, alguns paladinos dos velhos abusos, e porque, assim, a sociedade se vai, a pouco e pouco, formando de elementos novos, que se acham despojados dos velhos preconceitos; segundo, porque, desejando o progresso, o homem estuda os obstáculos e se empenha em destruí-los. Dado que o movimento progressivo é incontestável, o progresso vindouro não poderia estar em dúvida. O homem deseja ser feliz; isto está na natureza; por isso, ele só procura o progresso para aumentar a soma de sua felicidade, sem o que o progresso seria sem sentido; onde ficaria o progresso para ele, caso esse progresso não devesse melhorar sua situação? Mas, quando possuir a soma de alegrias que é capaz de proporcionar o progresso intelectual, ele perceberá que não possui completa felicidade; ele reconhecerá que tal felicidade é impossível sem a segurança das relações sociais; e esta segurança ele não poderá encontrá-la senão no progresso moral; logo, pela força das coisas, ele incitará o progresso para esse caminho, e o espiritismo lhe oferecerá a mais possante alavanca para alcançar esse objetivo.

## V

Aqueles que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo proclamam-lhe *ipso facto* o poder, pois uma ideia sem fundamento e desprovida de lógica não poderia tornar-se universal; logo, se o espiritismo se implanta por toda a parte, se faz seu recrutamento sobretudo nas classes esclarecidas, tanto que todo o mundo o reconhece, é que ele possui um fundo de verdade. Contra esta tendência, todos os esforços dos seus detratores serão baldados, e o que o comprova é que o ridículo mesmo com que buscaram cobri-lo, longe de parar seu desenvolvimento, parece haver-lhe dado uma nova vida. Esse resultado justifica plenamente o que nos têm afirmado inúmeras vezes os Espíritos: “Não se preocupem com a oposição; tudo o que se fará contra vocês retornará em favor de vocês, e *seus maiores adversários servirão à sua causa sem querer*. Contra a vontade de Deus, a má vontade dos homens não poderá prevalecer.”

Através do espiritismo, a humanidade deve entrar em uma nova fase: a do progresso moral, que é a consequência inevitável dele. Parem, portanto, de se espantar com a rapidez com que se propagam as ideias espíritas; a causa disso se acha na satisfação que elas oferecem a todos os que as aprofundam e que aí enxergam outra coisa além de um fútil passatempo; Ora, como a gente deseja a própria felicidade antes de tudo, não é de espantar que se apegue a uma ideia que a torna feliz.

O desenvolvimento dessas ideias apresenta três períodos distintos: o primeiro é o da curiosidade provocada pela raridade dos fenômenos que se produzem; o segundo, o da reflexão e da filosofia; o terceiro, o da aplicação e das consequências. O período da curiosidade passou; a curiosidade é temporária: uma vez satisfeita, a gente larga o objeto para passar a um outro; não sucede o mesmo com o que se endereça ao pensamento sério e ao entendimento. O segundo período começou; o terceiro virá em seguida inevitavelmente. O espiritismo progrediu sobretudo após ter sido melhor compreendido em sua essência íntima, após se ter percebido seu alcance, porque ele tange a corda mais sensível do homem: a de sua felicidade, ainda que neste mundo; aqui se acha a causa de sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar. Ele torna felizes os que o compreendem, até que sua influência chegue às massas. Mesmo quem não haja testemunhado nenhum fenômeno material de manifestação afirma: Afora esses fenômenos, existe a filosofia; essa filosofia me explica o que NENHUMA outra me havia explicado; eu encontro aí, através somente do raciocínio, uma demonstração *racional* dos problemas que interessam ao máximo ao meu futuro; ela me fornece a calma, a segurança, a confiança; ela me liberta do tormento da incerteza: a par disso, a questão dos fatos materiais se torna uma questão secundária. Vocês todos que atacam o espiritismo desejam um meio de atacá-lo com êxito? Ei-lo aqui. Substituam-no por algo melhor; encontrem uma solução MAIS FILOSÓFICA para todas as questões que ele resolve; propiciem ao homem uma OUTRA CERTEZA que o faça mais feliz, e compreendam bem o alcance da palavra *certeza*, pois o homem aceita como *certo* apenas o que lhe parece *lógico*; não se contentem com dizer: isso não acontece; o que é demasiado fácil; comprovem, não através de uma negação, mas através de fatos que isso não acontece, jamais aconteceu e não PODE acontecer; se isso não acontece, digam sobretudo o que deveria acontecer em seu lugar; comprovem, enfim, que as consequências do espiritismo não tornam melhores os homens e, por conseguinte, mais felizes, através da prática da mais pura moral evangélica, moral que se elogia muito mas se pratica tão pouco. Quando vocês tiverem feito isso, vocês terão o direito de atacá-lo. O espiritismo é forte porque se apoia sobre as bases mesmas da religião: Deus, a alma, os castigos e as recompensas futuras; porque, sobretudo, demonstra que esses castigos e essas recompensas são as consequências naturais da vida terrestre, e que nada, no quadro que ele oferece do futuro, pode ser desaprovado pela razão mais exigente. Vocês, cuja doutrina inteira consiste na negação do futuro, que compensação oferecem para os sofrimentos deste mundo? Vocês se apoiam na incredulidade, ele se apoia na confiança em Deus; enquanto ele convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade, vocês, vocês lhe oferecem o NADA por perspectiva e o EGOÍSMO por consolação; ele explica tudo, vocês não explicam nada; ele comprova através dos fatos, e vocês não comprovam nada; como esperam vocês que se hesite entre as duas doutrinas?

## VI

Seria fazer uma ideia bem falsa do espiritismo crer em que ele haure sua força na prática das manifestações materiais e que, desse modo, ao se entravarem tais manifestações, se consegue miná-lo em sua base. Sua força se acha em sua filosofia, no apelo que faz à razão e ao bom senso. Na antiguidade, ele era o tema de estudos misteriosos, cuidadosamente escondidos do vulgo; hoje em dia, ele não tem segredos para ninguém; ele fala uma linguagem clara, sem ambiguidade; nele, nada de místico, absolutamente nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações; ele deseja ser compreendido por todos, porque é chegado o tempo de dar a conhecer a verdade aos homens; longe de se opor à difusão da luz, ele a deseja para todo o mundo; ele não reivindica uma crença cega, ele deseja que se saiba por que se crê; ao apoiar-se na razão, ele será sempre mais forte que os que se apoiam no nada. Poderiam os entraves que se tentassem trazer à liberdade das manifestações abafá-las? Não, pois eles produziriam o efeito de todas as perseguições: o de excitar a curiosidade e o desejo de conhecer o que estaria proibido. Por outro lado, caso as manifestações espíritas fossem o privilégio pessoal de um único homem, ninguém duvida que, colocando-se esse homem de lado, não se coloca um fim nas manifestações; infelizmente para os adversários, elas estão à disposição de todo o mundo e usam-nas desde o menor até ao maior, desde o palácio até à cabana. A gente consegue interditar-lhe o exercício público; mas se sabe precisamente que não é em público que elas se produzem melhor: é na intimidade; ora, podendo cada qual ser médium, quem pode impedir uma família em sua casa, um indivíduo no silêncio de seu gabinete, o prisioneiro sob os ferrolhos, de obterem comunicações com os Espíritos, à revelia e mesmo à face dos verdugos? Caso sejam proibidas em um país, seriam impedidas nos países vizinhos, no mundo inteiro, uma vez que não existe uma região, nos dois continentes, em que não existam médiuns?! Para encarcerar todos os médiuns, precisaria encarcerar a metade do gênero humano; vindo-se mesmo, o que não seria mais nem um pouco fácil, a queimar todos os livros espíritas, no dia seguinte eles seriam reproduzidos, porque sua fonte é inexpugnável, e porque não se consegue nem encarcerar nem queimar os Espíritos, que são seus verdadeiros autores.

O espiritismo não constitui a obra de um homem; ninguém pode dizer-se seu criador, pois ele é tão antigo quanto a criação; ele se encontra por toda a parte, em todas as religiões e na religião católica mais ainda, e com mais autoridade do que em todas as outras, pois nela se encontra o princípio de tudo: os Espíritos de todos os níveis, seus contatos ocultos e patentes com os homens, os anjos guardiães, a reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, as visões, as manifestações de todo tipo, as aparições tangíveis. No que concerne aos demônios, não passam de maus Espíritos e, salvo a crença de que os primeiros estão votados ao mal perpetuamente, ao passo que a

senda do progresso não se interdita aos outros, não existe entre eles senão uma diferença de nome.

Que faz a ciência espírita moderna? Ela reúne em um corpo o que se achava esparso; ela explica, em termos próprios, o que estava tão só em linguagem alegórica; ela apara o que a superstição e a ignorância engendraram, para só deixar a realidade e o evidente: eis aí seu papel; mas o de fundadora não lhe pertence; ela demonstra o que existe, ela coordena, porém, não cria nada, pois suas bases se acham em todos os tempos e em todos os lugares; assim, quem ousaria crer-se assaz forte para sufocá-la sob os sarcasmos e mesmo sob a perseguição? Caso a gente a expulse de um lugar, ela renascerá em outros, no terreno mesmo de onde tiver sido banida, porque ela permanece na natureza e não é dado ao homem anular um poder da natureza, nem sobrepor seu *veto* nos decretos de Deus.

Que interesse, de resto, haveria em entravar a propagação das ideias espíritas? Essas ideias, é verdade, se levantam contra os abusos que nascem do orgulho e do egoísmo; mas esses abusos, de que alguns tiram proveito, prejudicam o povo; ele terá, pois, em seu favor, o povo e apenas terá por adversários sérios os que estão interessados em que se mantenham esses abusos. Por sua influência, ao contrário, essas ideias, tornando os homens melhores uns para com os outros, menos ávidos quanto aos interesses materiais e mais resignados quanto aos decretos da Providência, constituem uma cautela de ordem e de tranquilidade.

## VII

O espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o fenômeno das manifestações, os princípios de filosofia e de moral que dele decorrem e a aplicação desses princípios; daqui, três classes, ou antes, três níveis entre os adeptos: 1.º) os que creem nas manifestações e se limitam a constatá-las; constitui para eles uma ciência de experimentação; 2.º) os que compreendem suas consequências morais; 3.º) os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral. Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob que se encaram esses fenômenos estranhos, cada qual compreende que é toda uma nova ordem de ideias que surge, cujas consequências não podem constituir senão uma profunda modificação no estado da humanidade, e cada qual compreende também que tal modificação só pode ocorrer no sentido do bem.

Quanto aos adversários, a gente pode também classificá-los em três categorias: 1.ª) Os que negam sistematicamente tudo o que é novo ou não provém deles, e que falam a respeito disso sem conhecimento de causa. A esta classe pertencem todos os que não admitem nada além do testemunho dos sentidos; eles não viram nada, não desejam ver nada, e menos ainda investigar; eles ficariam mesmo aborrecidos de ver demasiado claro, por medo de serem forçados a concordar que não têm razão; para eles, o espiritismo é

uma quimera, uma loucura, uma utopia; ele não existe: para dizer logo tudo. Estes são os incrédulos de opinião formada. Ao lado deles, podem ser colocados os que se dignaram dar-lhe uma olhada para desobrigar sua consciência, a fim de poder dizer: Eu quis ver e eu não vi nada; eles não compreendem que seja preciso mais de u'a meia hora para se dar conta de toda uma ciência. — 2.<sup>a</sup>) Os que, sabendo muito bem em que têm de se apegar quanto à realidade dos fatos, os combatem, apesar de tudo, por razões de interesse pessoal. Para eles, o espiritismo existe, mas têm medo de suas consequências; eles o atacam como a um inimigo. — 3.<sup>a</sup>) Os que encontram na moral espírita uma censura por demais severa para com seus atos ou suas tendências. O espiritismo levado a sério os constrangeria; eles não o rejeitam nem o aprovam; preferem cerrar os olhos. — Os primeiros são guiados através do orgulho e da presunção; os segundos, através da ambição; os terceiros, através do egoísmo. A gente concebe que essas causas de oposição, não apresentando nada de sólido, têm de desaparecer com o tempo, pois nós buscaríamos em vão uma quarta classe de antagonistas, a que se apoiaria em provas contrárias patentes, e atestando um estudo consciencioso e laborioso da questão; todos lhe opõem tão só a negação, nenhum traz demonstração séria e irrefutável.

Seria pretender demais da natureza humana crer em que ela possa transformar-se subitamente através das ideias espíritas. Sua ação não é, seguramente, nem a mesma, nem do mesmo nível em todos os que as professam; mas, seja qual for o resultado, ainda que seja fraco, constitui sempre uma melhoria, não fosse ela senão a de fornecer a prova da existência de um mundo extracorpóreo, o que implica a negação das doutrinas materialistas. Isto constitui a própria consequência da observação dos fatos; mas para os que compreendem o espiritismo filosófico e nele veem outra coisa além de fenômenos mais ou menos curiosos, existem outros efeitos; o primeiro e mais geral é desenvolver o sentimento religioso em quem, mesmo sem ser materialista, dedica apenas indiferença às coisas espirituais. Disto resulta nele o menosprezo pela morte; nós não dizemos o desejo da morte, longe disso, pois o espírita defenderá sua vida como um outro qualquer, mas uma indiferença que faz aceitar, sem murmúrio e sem mágoa, u'a morte inevitável, como algo antes feliz que temível, através da certeza do estado que lhe sucede. O segundo efeito, quase tão geral quanto o primeiro, é a resignação às vicissitudes da vida. O espiritismo faz ver as coisas de tão alto que, perdendo a vida terrena três quartos de sua importância, a gente não se afeta mais tanto com as tribulações que a acompanham; daí, mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos; daí também o afastamento do pensamento de encurtar seus dias, pois a ciência espírita ensina que, através do suicídio, se perde sempre o que se esperava ganhar. A certeza de um futuro que depende de nós para ser feliz, a possibilidade de estabelecer relações com os seres que nos são queridos, oferecem ao espírita um supremo consolo; seu horizonte cresce até o infinito pelo espetáculo incessante que ele apresenta da vida de além-túmulo, cujas misteriosas profundezas ele tem como sondar. O terceiro efeito é excitar a indulgência para com os defeitos de outrem; mas, é bem preciso dizê-lo, o princípio egoísta e tudo quanto decorre dele constituem o que existe de mais tenaz no homem e, por conseguinte, mais difícil de se desenraizar; a gente faz voluntariamente sacrifícios, desde que não custem nada, e sobretudo não privem de nada; o dinheiro contém ainda para a maioria uma irresistível

atração, e bem poucos compreendem a palavra supérfluo, quando se trata de sua pessoa; assim, a abnegação da personalidade é o sinal mais eminente do progresso.

## VIII

Ensinam os Espíritos, como afirmam certas pessoas, uma nova moral, algo superior ao que afirmou o Cristo? Caso essa moral não seja outra senão a do Evangelho, para que serve o espiritismo? Tal argumento se assemelha especialmente ao do califa Omar falando da biblioteca de Alexandria: “Caso ela não contenha, afirmava ele, senão o que existe no Corão, é inútil; logo, é preciso queimá-la; caso ela encerre outra coisa, é má; logo, é preciso ainda mais queimá-la.” Não, o espiritismo não encerra u’a moral diferente da de Jesus; mas nós perguntaremos, por nosso turno, se, antes do Cristo, os homens não possuíam a lei outorgada por Deus a Moisés. Sua doutrina não se acha no decálogo? Dir-se-á por isso que a moral de Jesus era inútil? Nós perguntaremos ainda aos que negam a utilidade da moral espírita por que a do Cristo é tão pouco praticada e por que aqueles mesmos que lhe proclamam, a justo título, a sublimidade são os primeiros a violar a primeira de suas leis: *A Caridade Universal*. Os Espíritos não vêm tão somente confirmá-la, mas nos demonstram sua utilidade prática; eles tornam inteligíveis e patentes as verdades que haviam sido ensinadas apenas sob a forma alegórica; e, ao lado da moral, vêm enunciar os problemas mais abstratos da psicologia.

Jesus veio mostrar aos homens a rota do verdadeiro bem; por que Deus, que o havia enviado para recordar sua lei esquecida, não enviaria hoje os Espíritos para lembrá-la a eles, de novo, e com mais necessidade agora que a olvidam para tudo sacrificar ao orgulho e à cupidez? Quem ousaria estabelecer limites ao poder de Deus e lhe traçar seus caminhos? Quem diz que, como afirmam os Espíritos, os tempos preditos não se cumpriram, e que nós não estamos chegando àqueles em que as verdades mal compreendidas ou falsamente interpretadas têm de ser ostensivamente reveladas ao gênero humano para apressar seu adiantamento? Não existe qualquer coisa de providencial nessas manifestações que se produzem simultaneamente em todos os pontos do globo? Não é só um homem, um profeta, que vem advertir-nos; é por toda a parte que a luz surge; é todo um mundo novo que se desvela a nossos olhos. Como a invenção do microscópio nos descobriu o mundo dos infinitamente pequenos de que nem suspeitávamos; como o telescópio nos descobriu milhares de mundos de que não suspeitávamos ainda mais; as comunicações espíritas nos revelam o mundo invisível que nos cerca, nos acotovela sem parar e toma, à nossa revelia, parte em tudo o que fazemos. Algum tempo ainda e a existência desse mundo, que é o que aguarda por nós, será tão incontestável quanto a do mundo microscópico e o dos globos perdidos no espaço. Portanto, não significa nada nos terem feito conhecer todo um mundo; nos haverem iniciado nos mistérios da vida de além-túmulo? É verdade que tais descobertas, se podemos dar-lhes esse nome, contrariam de algum modo certas ideias assentadas; mas

não sucede que todas as grande descobertas científicas igualmente mudaram, subverteram mesmo as ideias mais acreditadas, e não foi preciso que nosso amor-próprio se curvasse perante a evidência? Será o mesmo em relação ao espiritismo e, em breve, ele terá direito de cidadania entre os conhecimentos humanos.

As comunicações com os seres de além-túmulo tiveram como resultado fazer-nos compreender a vida futura, fazer-nos percebê-la, iniciar-nos nos castigos e nos gozos que lá aguardam por nós, conforme nossos méritos, e, *ipso facto*, conduzir ao *espiritualismo* os que viam em nós apenas a matéria, apenas um organismo mecânico; por isso, tivemos razão ao dizer que o espiritismo matou o materialismo através dos fatos. Não houvesse ele produzido senão esse resultado, a ordem social lhe deveria reconhecimento; contudo, ele faz mais: ele mostra os inevitáveis efeitos do mal e, por conseguinte, a necessidade do bem. O número dos que ele conduziu a sentimentos melhores, cujas más tendências neutralizou e afastou do mal, é maior do que se crê, e aumenta todos os dias; sucede que, para eles, o futuro não mais se acha vazio; não mais constitui uma simples esperança; trata-se de uma verdade que se compreende, que se explica, quando se *veem* e quando se *ouvem* os que nos deixaram lamentar-se ou felicitar-se pelo que realizaram na Terra. Quem quer que seja disso testemunha se põe a reflexionar, e sente a necessidade de se conhecer, de se julgar e de se emendar.

## IX

Os adversários do espiritismo não deixaram de se armar contra ele com algumas divergências de opinião, quanto a certos pontos da doutrina. Não é para admirar que, no início de uma ciência, quando as observações se acham ainda incompletas e cada um as encara de seu ponto de vista, sistemas contraditórios tenham podido produzir-se; mas já três quartos desses sistemas caíram hoje diante de um estudo mais aprofundado, a começar por aquele que atribuía todas as comunicações ao Espírito do mal, como se fosse impossível a Deus enviar aos homens bons Espíritos: doutrina absurda, porque era desmentida pelos fatos; ímpia, porque constitui a negação do poder e da bondade do Criador. Os Espíritos sempre nos afirmaram para não nos inquietar com essas divergências, e que a unidade se daria: ora, a unidade já se deu quanto à maioria dos pontos e as divergências tendem, a cada dia, a desaparecer. A esta questão: Na expectativa de que a unidade se dê, sobre que pode basear-se o homem imparcial e desinteressado para constituir um parecer? — eis aqui sua resposta:

“A luz mais pura não se deixa obscurecer por nenhuma nuvem; o diamante sem jaça é o que possui maior valor; julguem, então, os Espíritos pela pureza de seu ensinamento. Não esqueçam que, entre os Espíritos, existem os que ainda não se despiram em absoluto das ideias da vida terrestre; saibam distingui-los por sua linguagem; julguem-nos pelo conjunto do que eles lhes dizem; vejam se existe encadeamento lógico nas ideias; se nada aí demonstra ignorância, orgulho ou maldade; em suma, se suas palavras se acham

sempre marcadas com o selo da sabedoria que demonstra a verdadeira superioridade. Caso seu mundo fosse inacessível ao erro, seria perfeito, porém, ele se acha longe daí; vocês se encontram ainda aprendendo a distinguir o erro da verdade; são-lhes necessárias as lições da experiência para exercer seu julgamento e fazê-los avançar. A unidade se dará do lado em que o bem jamais esteve mesclado ao mal; é desse lado que os homens se unirão através da força das coisas, pois eles julgarão que ali se acha a verdade.

“Que importam, aliás, algumas dissidências que estão mais na forma que no fundo?! Observem que os princípios fundamentais são por toda a parte os mesmos e devem uni-los em um pensamento comum: o amor a Deus e a prática do bem. Quaisquer que sejam, pois, o modo de progresso que se presuma ou as condições normais da existência futura, o objetivo final é o mesmo: praticar o bem; ora, não existem duas maneiras de praticá-lo.”

Se, entre os adeptos do espiritismo, existe quem tenha diferente opinião sobre alguns pontos da teoria, todos concordam sobre os pontos fundamentais; existe, portanto, unidade, a não ser da parte daqueles, em muito pequeno número, que não admitem ainda a intervenção dos Espíritos nas manifestações, e que as atribuem a causas puramente físicas, o que contraria este axioma: Todo efeito inteligente deve possuir uma causa inteligente; ou ao reflexo de nosso próprio pensamento, o que é desmentido pelos fatos. Os outros pontos são apenas secundários e não afetam em nada as bases fundamentais. Podem, portanto, existir escolas que buscam esclarecer-se sobre as partes ainda controversas da ciência; não devem existir seitas rivais umas às outras; deveriam existir antagonismos apenas entre os que desejam o bem e os que praticassem ou desejassem o mal: ora, não existe um espírita sincero e compenetrado das grandes máximas morais ensinadas pelos Espíritos que possa desejar o mal ou querer o mal a seu próximo, sem distinção de opinião. Se uma das escolas estiver errada, a luz, cedo ou tarde, há de se fazer para ela, caso a busque de boa-fé e sem prevenção; entretantes, todas possuem um liame comum que deve uni-las em um mesmo pensamento; todas possuem um mesmo objetivo; pouco importa, portanto, o caminho, desde que ele conduza para lá; nenhuma deve impor-se pelo constrangimento material ou moral e somente esta estaria em erro, lançando o anátema a outra, pois ela agiria claramente sob a ação de maus Espíritos. A razão deve ser o argumento supremo e a moderação assegurará o triunfo da verdade melhor que as diatribes envenenadas pela inveja e o ciúme. Os bons Espíritos pregam apenas a união e o amor do próximo e jamais um pensamento malévolos ou contrário à caridade foi capaz de surgir de uma fonte pura. Escutemos sobre este assunto, para terminar, os conselhos do Espírito de Santo Agostinho.

“Por muito tempo, os homens se estraçalharam e se lançaram anátema em nome de um Deus de paz e de misericórdia, e Deus se ofende com um tal sacrilégio. O espiritismo é o liame que os unirá um dia, porque lhes mostrará onde se acha a verdade e onde se acha o erro; mas por muito tempo ainda existirão escribas e fariseus que o negarão, como negaram o Cristo. Desejam vocês saber sob a influência de quais Espíritos se encontram as diversas seitas que repartem o mundo entre si? Julguem-nas por suas obras e por seus princípios. Jamais os bons Espíritos se constituíram em instigadores do mal; jamais eles aconselharam nem legitimaram o homicídio e a violência; jamais eles excitaram os ódios de

partidos nem a sede de riquezas e de honrarias, nem a avidez dos bens da Terra; somente os que são bons, humanos e benévolos com todo o mundo são seus preferidos e são também os preferidos de Jesus, pois eles seguem o caminho que ele lhes mostrou para chegarem a ele.”

SANTO AGOSTINHO.

# ÍNDICE

---

INTRODUÇÃO  
PROLEGÔMENOS

## LIVRO PRIMEIRO AS CAUSAS PRIMÁRIAS

CAPÍTULO I — DEUS  
Deus e o infinito  
Provas da existência de Deus  
Atributos da Divindade  
Panteísmo

CAPÍTULO II — ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO  
Conhecimento do princípio das coisas  
Espírito e matéria  
Propriedades da matéria  
Espaço universal

CAPÍTULO III — CRIAÇÃO  
Formação dos mundos  
Formação dos seres vivos  
Povoamento da Terra. Adão  
Diversidade das raças humanas  
Pluralidade dos mundos  
Considerações e concordâncias bíblicas tocantes à criação

CAPÍTULO IV — PRINCÍPIO VITAL  
Seres orgânicos e inorgânicos  
A vida e a morte  
Inteligência e instinto

## LIVRO SEGUNDO MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO I — DOS ESPÍRITOS  
Origem e natureza dos Espíritos  
Mundo normal primitivo

Forma e ubiquidade dos Espíritos  
Perispírito  
Diferentes ordens de Espíritos  
Escala espírita  
Progressão dos Espíritos  
Anjos e demônios

#### CAPÍTULO II — ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Objetivo da encarnação  
Da alma  
Materialismo

#### CAPÍTULO III — RETORNO DA VIDA CORPÓREA À VIDA ESPIRITUAL

A alma após a morte; sua individualidade. Vida eterna  
Separação da alma e do corpo  
Perturbação espírita

#### CAPÍTULO IV — PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

Da reencarnação  
Justiça da reencarnação  
Encarnação nos diferentes mundos  
Transmigração progressiva  
Destino das crianças após a morte  
Sexos dos Espíritos  
Parentesco, filiação  
Semelhanças físicas e morais  
Ideias inatas

#### CAPÍTULO V — CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

#### CAPÍTULO VI — VIDA ESPÍRITA

Espíritos errantes  
Mundos transitórios  
Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos  
Ensaio teórico sobre a sensação entre os Espíritos  
Escolha das provações  
Relações de além-túmulo  
Relações simpáticas e antipáticas dos Espíritos. Metades eternas  
Lembrança da existência corpórea  
Comemoração dos mortos. Funerais

#### CAPÍTULO VII — RETORNO À VIDA CORPÓREA

Prelúdios do retorno  
União da alma com o corpo. Aborto  
Faculdades morais e intelectuais do homem  
Influência do organismo  
Idiotismo, loucura  
Da infância  
Simpatias e antipatias terrestres  
Esquecimento do passado

CAPÍTULO VIII — EMANCIPAÇÃO DA ALMA

O sono e os sonhos  
Visitas espíritas entre pessoas vivas  
Transmissão oculta do pensamento  
Letargia, catalepsia. Mortes aparentes  
Sonambulismo  
Êxtase  
Dupla vista  
Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista

CAPÍTULO IX — INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPÓREO

Penetração de nosso pensamento pelos Espíritos  
Influência oculta dos Espíritos sobre nossos pensamentos e sobre nossas ações  
Dos possessos  
Convulsionários  
Afeição dos espíritos por certas pessoas  
Anjos guardiães; Espíritos protetores, familiares ou simpáticos  
Pressentimentos  
Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida  
Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza  
Os Espíritos durante os combates  
Dos pactos  
Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros  
Bênção e maldição

CAPÍTULO X — OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO XI — OS TRÊS REINOS

Os minerais e as plantas  
Os animais e o homem  
Metempsicose

LIVRO TERCEIRO

LEIS MORAIS

CAPÍTULO I — LEI DIVINA OU NATURAL

Caracteres da lei natural  
Fonte e conhecimento da lei natural  
O bem e o mal  
Divisão da lei natural

CAPÍTULO II — LEI DE ADORAÇÃO

Objetivo da adoração  
Adoração exterior  
Vida contemplativa  
Da prece  
Politeísmo  
Sacrifícios

- CAPÍTULO III — LEI DO TRABALHO
  - Necessidade do trabalho
  - Limite do trabalho. Repouso
- CAPÍTULO IV — LEI DE REPRODUÇÃO
  - População do globo
  - Sucessão e aperfeiçoamento das raças
  - Obstáculos à reprodução
  - Casamento e celibato
  - Poligamia
- CAPÍTULO V — LEI DE CONSERVAÇÃO
  - Instinto de conservação
  - Meios de conservação
  - Gozo dos bens terrestres
  - Necessário e supérfluo
  - Privações voluntárias. Mortificações
- CAPÍTULO VI — LEI DE DESTRUIÇÃO
  - Destruição necessária e destruição abusiva
  - Flagelos destruidores
  - Guerras
  - Homicídio
  - Crueldade
  - Duelo
  - Pena de morte
- CAPÍTULO VII — LEI DE SOCIEDADE
  - Necessidade da vida social
  - Vida de isolamento. Voto de silêncio
  - Laços de família
- CAPÍTULO VIII — LEI DO PROGRESSO
  - Estado de natureza
  - Marcha do progresso
  - Povos degenerados
  - Civilização
  - Progresso da legislação humana
  - Influência do espiritismo sobre o progresso
- CAPÍTULO IX — LEI DE IGUALDADE
  - Igualdade natural
  - Desigualdade de aptidões
  - Desigualdades sociais
  - Desigualdade de riquezas
  - Provações da riqueza e da miséria
  - Igualdade de direitos do homem e da mulher
  - Igualdade diante do túmulo
- CAPÍTULO X — LEI DE LIBERDADE
  - Liberdade natural

Escravidão  
Liberdade de pensar  
Liberdade de consciência  
Livre-arbítrio  
Fatalidade  
Conhecimento do futuro  
Resumo teórico do móvel das ações do homem

CAPÍTULO XI — LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE

Justiça e direito naturais  
Direito de propriedade. Roubo  
Caridade e amor ao próximo  
Amor materno e filial

CAPÍTULO XII — PERFEIÇÃO MORAL

As virtudes e os vícios  
Das paixões  
Do egoísmo  
Características do homem de bem  
Conhecimento de si mesmo

LIVRO QUARTO

ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

CAPÍTULO I — CASTIGOS E GOZOS TERRESTRES

Felicidade e infelicidade relativas  
Perda de pessoas amadas  
Decepções. Ingratidão. Afeições rompidas  
Uniões antipáticas  
Receio da morte  
Desgosto da vida. Suicídio

CAPÍTULO II — CASTIGOS E GOZOS FUTUROS

O nada. Vida futura  
Intuição dos castigos e dos gozos futuros  
Intervenção de Deus nos castigos e recompensas  
Natureza dos castigos e dos gozos futuros  
Castigos temporários  
Expição e arrependimento  
Duração dos castigos futuros  
Ressurreição da carne  
Paraíso, inferno e purgatório.

CONCLUSÃO